

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FÁBIO HENRIQUE GULO

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E JUVENTUDE: UM  
ESTUDO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS NO BRASIL  
(2000-2004)**

Presidente Prudente  
2011

FÁBIO HENRIQUE GULO

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E JUVENTUDE: UM  
ESTUDO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS NO BRASIL  
(2000-2004)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, campus de Presidente Prudente, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Processos formativos, diferença e valores.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Salum Moreira.

Presidente Prudente  
2011

G983e Gulo, Fábio Henrique.  
Educação sexual na escola e juventude : um estudo das pesquisas acadêmicas no Brasil (2000-2004) / Fábio Henrique Gulo. - Presidente Prudente : [s.n], 2011  
xii, 289 f.

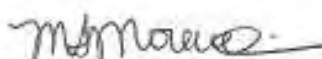
Orientador: Maria de Fátima Salum Moreira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Inclui bibliografia

1. Juventude. 2. Educação Sexual. 3. Cultura organizacional escolar. I. Autor. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

CDD 370.15

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação – Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação - UNESP, Campus de Presidente Prudente.

BANCA EXAMINADORA



PROFA. DRA. MARIA DE FATIMA SALUM MOREIRA  
(ORIENTADORA)

  
PROFA. DRA. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA  
(BAURU/UNESP)



PROFA. DRA. MARY NEIDE DAMICO FIGUEIRO  
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA,)

  
FABIO HENRIQUE GULO

PRESIDENTE PRUDENTE (SP), 17 DE DEZEMBRO DE 2010.

RESULTADO: Aprovado

## **AGRADECIMENTOS**

Apesar de utilizar, em grande parte desta dissertação, a primeira pessoa do singular como forma de me comprometer com os resultados nela apresentados, entendo que, em nenhum momento, esse trabalho foi solitário ou independente de outras pessoas, que colaboraram das mais diversas formas, desde o desenvolvimento do projeto inicial, até as últimas etapas de correção e adequação do texto final. Também por isso, considero-as mais que colaboradoras, mas co-autoras, cada uma, de uma parte deste percurso e desta produção acadêmica. Agradeço, assim, a todos os que tiveram alguma participação nesse processo, e mais especificamente:

A meus pais, que acreditaram no meu trabalho e acompanharam, mesmo que à distância, cada etapa de minha vida, pessoal e acadêmica, me apoiando nos momentos mais difíceis e comemorando ao meu lado as vitórias.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Salum Moreira, pelo auxílio, orientação, dedicação e importantes sugestões e intervenções na elaboração deste trabalho, pelas palavras de incentivo e principalmente pela compreensão no tocante aos vários obstáculos que marcaram o andamento desta pesquisa.

Às professoras Mary Neide Damico Figueiró e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, pelas importantes sugestões e contribuições prestadas, tanto no momento da qualificação e da defesa, quanto anterior e posteriormente a esses momentos.

Aos amigos Mariana, Maytê, Marcos, Taluana, Thiago e Vagner, que dedicaram parte de seu tempo a questões diretamente ligadas a esta pesquisa, seja pelo auxílio na busca e concessão de parte da bibliografia necessária à sua

realização, seja pelas sugestões e contribuições que direcionaram, complementaram e possibilitaram o andamento desta pesquisa.

A todos os que, principalmente pela compreensão de que algumas abdições são elementos indissociáveis de um curso de pós-graduação em nível de Mestrado, se demonstraram legitimamente meus amigos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT – UNESP), *campus* de Presidente Prudente, pela confiança nas contribuições que esta pesquisa poderia proporcionar, assim como no pesquisador que a propusera.

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT – UNESP), principalmente aos que tive a honra de conviver nesses últimos anos, profissionais que me ajudaram a compreender conceitos, construir conhecimento e adquirir maturidade necessários à adequada realização deste trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca, do Departamento de Educação e da Seção de Pós-graduação da FCT-UNESP, pelos diversos momentos em que puderam colaborar, de diversas formas, com esta pesquisa.

A Deus, principalmente, por interceder em favor de minha plena realização pessoal, acadêmica e profissional, disponibilizando os amigos, os pais, os professores, os profissionais e todas as pessoas que, de alguma forma, tiveram participação na realização deste trabalho e em minha vida acadêmica, direta ou indiretamente.

Escola é...  
O lugar onde se faz amigos  
Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
Programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
Gente que trabalha, que estuda,  
Que se alegra, se conhece, se estima.

Paulo Freire

## RESUMO

Inserido na Linha de Pesquisa “Processos formativos, diferença e valores”, este estudo surgiu da aparente necessidade de se organizarem as dissertações e teses que evidenciam as temáticas da Educação Sexual, escola e juventude. Sustenta-se inicialmente na emergência de uma base de dados que trouxe para o meio acadêmico, entre outras contribuições, uma ampla gama de possibilidades de se discutirem essas questões, como também na observação de que se faz necessária a organização de conceitos, abordagens e teorias que se confundem em meio à vasta e aparentemente desordenada produção brasileira sobre tais temáticas. Objetivou-se analisar, entre resumos de produções acadêmicas nacionais publicadas no período 2000-2004, questões relacionadas à cultura organizacional escolar, as abordagens da Educação Sexual, eixos temáticos, conceituações de Educação e Orientação Sexual e as áreas da pesquisa nas quais foram produzidas. As análises efetuadas estão embasadas na teoria bakhtiniana, nas teorizações sobre cultura organizacional escolar e na teoria do Construtivismo Social, além de aproximações com os estudos críticos através dos quais se defende uma abordagem Emancipatória da Educação Sexual. Os resultados desta pesquisa, no que se refere à cultura organizacional escolar, demonstraram haver uma acentuada concentração de trabalhos com foco na “cultura na escola”, enquanto poucos mantiveram o foco na “cultura da escola” e na “cultura escolar”. As abordagens da Educação Sexual que prevalecem são a médica e a pedagógica, enquanto às abordagens políticas (emancipatória e pós-estruturalista/*queer*), se somadas, correspondem apenas 23% dos trabalhos. Quando analisados os eixos temáticos, grande parte dos resumos apontaram para trabalhos que privilegiam discussões sobre gravidez e saúde sexual/reprodutiva, seguidos pelos que discutem representações, concepções e práticas e pelos que discutem políticas, currículo e discurso, enquanto poucos discutem identidade e diversidade sexuais e formação docente. Quanto à denominação dos processos escolares intencionais que privilegiam discussões sobre sexualidade, os resumos dividem-se entre os que privilegiam a expressão “Educação Sexual” e “Orientação Sexual”. Por fim, observou-se que grande parte dos trabalhos provêm de cursos de Pós-graduação na área da Educação. As principais conclusões deste trabalho apontam para: a) a necessidade de se pensar os resumos como elementos fundamentais dos trabalhos acadêmicos, os quais têm se apresentado, em sua maioria, com informações incompletas, insuficientes ou ausentes b) a urgência em se padronizar alguns conceitos que têm gerado inúmeras polêmicas no meio acadêmico, c) a importância de se conciliar uma base teórica evidentemente sólida às questões práticas nas quais se estruturam as pesquisas; d) uma acentuada concentração de obras que se propõem analisar aspectos culturais que se constituem no exterior das escolas enquanto são escassas as que analisam as dinâmicas do trabalho escolar como constituintes de uma cultura que se origina e se transmite em seu interior.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Cultura organizacional escolar. Juventude. Estado da arte.



## ABSTRACT

Wrote in the "formative processes, difference and values" Research Line, this study arose from the apparent need to organize the dissertations and theses that presented the issues of sexual education, school and youth. Based in the emergence of a database that brought to the academy, among other contributions, a wide range of opportunities to discuss these issues, and in the observation that was needed to organize concepts, approaches and theories that were mingled in the vast and seemingly disordered Brazilian production about these themes. It was aimed to analyze, among academic abstracts of the Brazilian production in the years from 2000 to 2004, issues related to school organizational culture the approaches of Sexual Education, the themes, the concepts of Sexual Education and Sexual Orientation and the research areas in which they were produced. The analyses are based on Bakhtinian theory, in the theories about school organizational culture and in the theory of social constructivism and the critical studies by which is defended an Emancipatory approach to Sexual Education. The results of this research, with regard to the school organizational culture, showed a concentration of the works that are focused on the "culture in school," while a few remained focused on the "culture of the school" and "school culture". The approaches to sexual education that prevail are the medical and educational, while the policy approaches (Post-structuralist/queer and emancipatory), if combined, represent only 23% of the works. When analyzing the themes, most of the abstracts point to works that emphasized the pregnancy and sexual/reproductive health, followed by the ones that discuss the concepts and practices and by the works that discuss policy, curriculum and discourse, while few discuss sexual identity and diversity and teacher training. As for the name of the school processes that emphasize intentional discussions about sexuality, the abstracts are divided between those that favor the term "Sexual Education" and "Sexual Orientation". Finally, it was observed that most works came from the Education Postgraduate courses. The main conclusions of this study point to: a) the need to consider the resumes as important elements of academic works, which have been presented, mostly with incomplete, inadequate or absent information; b) the urgent need to standardize some concepts that have generated numerous controversies in the academic studies, c) the importance of combine a solid theoretical basis to the practical questions which structure the research, d) a high concentration of works that are designed to analyze cultural aspects that are outside the schools as there are few that examine the school work dynamics as constituents of a culture that originates and spreads in its interior.

Keywords: Sexuality. Sexual Education. School organizational culture. Youth. State of the art.

## I. LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLE	Congresso de leitura do Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEB	Empréstimo entre bibliotecas
Enad	Exame nacional de desempenho de estudantes
Enem	Exame nacional do Ensino Médio
ES	Educação sexual
FCT	Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
Neppei	Núcleo de estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação sobre a Infância e suas Instituições Educacionais
OS	Orientação Sexual
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pisa	Programme for international student assessment (programa internacional de avaliação de alunos)
PNE	Plano Nacional de Educação

Pnld	Programa Nacional do Livro Didático
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Rcnei	Referencial curricular nacional para a educação infantil
Saeb	Sistema de avaliação da educação básica
Saresp	Sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo
SciELO	Scientific Electronic Library Online
Sinaes	Sistema nacional de avaliação da educação superior
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

**II. LISTA DE ABREVIATURAS**

Concep.	Concepções
Educ.	Educação
Ens.	Ensino
Est.	Estado ou Estadual
Estrut.	Estruturalista
Filos.	Filosofia
Fund.	Fundação
Hist.	História
Orient.	Orientação
Represent.	Representações
Univ.	Universidade ou universitário(a)

### III. LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1: **Quadro total de publicações por tipo. Período 1990-2006.** Contém informações referentes ao número total de publicações constantes na base distribuídos entre dissertações, teses, artigos e trabalhos de livre docência. Não foram feitos, nesta etapa, recortes de qualquer natureza. Pág. 114
- Gráfico 2: **Quadro total de publicações por ano. Período 1990-2006.** Gráfico com o total de publicações constantes na base Ariadne (dissertações, teses, artigos e trabalhos de livre docência) distribuídas por ano, além de trabalhos cuja data de publicação não constavam na base citada. Não foram feitos, nessa etapa, recortes de qualquer natureza. Pág. 115
- Gráfico 3: **Quadro de publicações com recorte a partir do tema e natureza dos trabalhos. Período 1990-2006.** Resultado do recorte pelo tipo de trabalho/natureza (dissertações e teses) e por tema (sexualidade e educação), classificados por ano entre todo o período abrangido pela base. Pág. 122
- Gráfico 4: **Sujeitos das pesquisas de acordo com a classificação etária e relação com os processos da educação escolar.** Contém quantidade de obras que tomam os diferentes sujeitos como participantes, foco de análise e/ou público alvo. São classificados de acordo com aspectos biopsicossociais e/ou etários (criança, adolescente, jovem ou adulto) e suas relações com os processos da educação escolar (alunos, professores ou outros). Esse gráfico representa de forma concisa os dados apresentados na Tabela 2. Pág. 126
- Gráfico 5: **Quadro de publicações a partir do recorte temático, temporal, espacial e de sujeito.** Gráfico com número de publicações selecionadas a partir do recorte por tipo de trabalho (dissertações e teses), por tema (sexualidade e educação) e por período (2000 a 2004), para compor as análises do Capítulo 3. Os títulos que compõem esse gráfico derivaram das análises que compuseram o Pág. 129

gráfico 4, porém após novo refinamento a partir dos sujeitos das pesquisas (jovens / adolescentes) e do espaço analisado nos estudos (escola).

Gráfico 6: **Distribuição dos resumos: Cultura organizacional escolar.** Gráfico demonstrativo da organização dos resumos a partir do foco atribuído à cultura, podendo ela se classificar em: a) cultura na escola; b) cultura da escola; c) cultura escolar. Pág. 137

Gráfico 7: **Distribuição dos resumos: Eixos temáticos.** Gráfico demonstrativo da organização dos resumos a partir dos eixos temáticos que se dividem em: a) Políticas, currículo e discursos; b) Representações, concepções e práticas; c) Identidade e diversidade sexual; d) Formação docente; e) Gravidez e saúde sexual/reprodutiva. Pág. 153

Gráfico 8: **Distribuição dos resumos: Conceitos de Educação e Orientação Sexual.** Gráfico demonstrativo da organização dos resumos a partir dos conceitos atribuídos aos processos de educação escolar, intencionais e sistematizados, que compreendem discussões sobre sexualidade, podendo ser denominados: a) Educação Sexual; b) Orientação Sexual; c) Educação e Orientação Sexual. Pág. 156

Gráfico 9: **Distribuição dos resumos: Áreas do conhecimento.** Gráfico demonstrativo da distribuição dos resumos a partir das áreas do conhecimento às quais pertencem, tendo sido classificados de acordo com as seguintes áreas: a) Educação; b) Psicologia; c) Saúde; d) Sexologia; e) Ciências Sociais; f) Sociologia e Antropologia; g) Ensino, Filosofia e História das Ciências; h) outros. Pág. 158

#### IV. LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: **Abordagens da Educação Sexual.** Quadro com propostas de três diferentes autores para classificação das abordagens da Educação Sexual: Figueiró (1995), Nunes (1996) e Furlani (2005). Pág. 60
- Tabela 2: **Reorganização das abordagens da Educação Sexual.** Quadro com proposta de reorganização das abordagens apresentadas pelos autores citados, adequando-as às análises realizadas nesta dissertação. São elas: a) Abordagem Médico-biologista; b) Abordagem Religiosa; c) Abordagem Pedagógica; d) Abordagem Emancipatória; e) Abordagem Pós-estruturalista e *Queer*. Pág. 77
- Tabela 3: **Descritores utilizados na pesquisa.** Quadro originalmente utilizado na pesquisa que culminou com a construção da base de dados Ariadne, utilizado como fonte dos principais descritores que direcionaram a seleção das obras também nesta pesquisa. Pág. 118
- Tabela 4: **Sujeitos das pesquisas.** Contém quantidade de obras que tomam os diferentes sujeitos como participantes, foco de análise e/ou público alvo. São classificados de acordo com aspectos biopsicossociais e/ou etários (criança, adolescente, jovem ou adulto) e suas relações com os processos da educação escolar (alunos, professores ou outros). Pág. 124
- Tabela 5: **Distribuição das abordagens da Educação Sexual.** Quadro originalmente utilizado na dissertação de Mestrado de Figueiró (1995), traz os resultados das classificações realizadas naquela pesquisa. Pág. 144
- Tabela 6: **Distribuição das abordagens da Educação Sexual, considerando-se resumos não classificados.** Quadro com os resultados das classificações dos resumos, nesta dissertação, realizadas a partir da reorganização das abordagens da Educação Sexual. Nesse quadro, além das abordagens citadas na tabela 2, são Pág. 145

considerados também os resumos não classificados.

Tabela 7: **Distribuição das abordagens da Educação Sexual, desconsiderando-se resumos não classificados.** Idem ao anterior, porém sem que se considerassem os resumos não classificados. Pág. 145

Tabela 8: **Quadro síntese das análises.** Quadro síntese que compõe o Apêndice H, com síntese dos resultados apresentados nesta dissertação. Pág. 285



## SUMÁRIO

I. Lista de siglas .....	VI
II. Lista de abreviaturas .....	VIII
III. Lista de gráficos .....	IX
IV. Lista de tabelas .....	XI
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Educação escolar e Educação Sexual</b> .....	<b>13</b>
1.1. Escola, educação e cultura: abordagens teóricas das instituições e ..... contextos escolares .....	14
1.2. Histórico da Educação Sexual escolar no Brasil .....	24
1.3. Tendências teóricas, temas e abordagem da sexualidade e da ..... Educação Sexual .....	36
<b>CAPÍTULO 2 – Juventude e Educação Sexual</b> .....	<b>91</b>
2.1. Conceitos de adolescência e juventude .....	94
2.2. A Educação Sexual para jovens na escola .....	101
<b>CAPÍTULO 3 – Caminhos metodológicos</b> .....	<b>109</b>
3.1. Da base de dados .....	110
3.2. Da opção pela análise de resumos .....	111
3.3. Da natureza dos trabalhos e ano de publicação .....	114
3.4. Da escola e apropriação dos descritores: sexualidade, educação ..... escolar e juventude .....	116

3.5. Do espaço escolar e dos participantes das pesquisas e/ou público ..... ao qual se destinam .....	123
3.6. Das categorias de análise .....	130
3.7. Da metodologia de análise dos resumos .....	132
<b>CAPÍTULO 4 – Resultado das análises .....</b>	<b>135</b>
4.1. Cultura organizacional escolar .....	135
4.2. Abordagens da Educação Sexual .....	144
4.3. Outras análises .....	151
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>168</b>

<b>APÊNDICES</b> .....	183
Apêndice A. <b>Relação de obras sobre sexualidade e educação</b> .....	184
Apêndice B. <b>Relação de obras com recorte temporal e temático: Educação escolar, sexualidade e juventude</b> .....	209
Apêndice C. <b>Cultura organizacional escolar</b> .....	256
Apêndice D. <b>Abordagens da Educação Sexual</b> .....	261
Apêndice E. <b>Eixos temáticos</b> .....	267
Apêndice F. <b>Conceituação de Educação Sexual e Orientação Sexual</b> ....	273
Apêndice G. <b>Áreas do conhecimento</b> .....	279
Apêndice H. <b>Quadro síntese das análises</b> .....	285

## INTRODUÇÃO

Apesar de suas origens remeterem ao século XIX, foi principalmente no século seguinte, devido sobretudo às relações historicamente estabelecidas em processos sociais e culturais, que as discussões sobre sexualidade se fortaleceram em diversas áreas do conhecimento. Segundo Werebe (1998), a história da investigação científica sobre tais questões é relativamente recente e “põe em evidencia os obstáculos que os pesquisadores enfrentaram, em todos os tempos e por toda parte” (p. 07). Ainda segundo a autora (idib.) as primeiras pesquisas nesta área resultaram de interesses clínicos, baseando-se na observação de pacientes e tratavam-se especificamente de discussões biológicas e fisiológicas. Tais estudos, entretanto, abriram espaço para novas discussões no campo da psiquiatria, da psicologia, da sociologia, da história e da pedagogia, entre outras áreas, cujos estudiosos têm se dedicado a compreender as questões que a envolvem a partir de diversas possibilidades de se abordar seus conceitos, processos e saberes. No campo da educação, essas discussões foram traçadas paralelamente a outras, como as que evidenciam as diversas culturas que constituem os espaços de escolarização, atribuindo características particulares a esses estudos.

Em meio a tais discussões, diversos são os participantes das pesquisas ou os públicos para os quais são direcionadas. No contexto educacional escolar, dentre os diversificados grupos e agentes que os compõem, os jovens há muito são o foco das análises elaboradas por estudiosos que adentram no campo da educação em conjunção com a sexualidade.

Tomando como base as discussões e o público apresentados, proponho, como objetivo geral, um mapeamento do conjunto da produção acadêmica, no campo da Educação Sexual (ES), entre os anos 2000-2004<sup>1</sup>. Para isso, realizo o reconhecimento, nas pesquisas que visam discutir os processos

---

<sup>1</sup> O período recortado (2000 – 2004) refere-se ao período em que a produção acadêmica sobre os temas citados foi mais significativa dentre aqueles anos compreendidos pela base de dados utilizada como fonte principal, que inicia-se em 1990 e se conclui em 2006. Esse último ano refere-se exclusivamente ao conteúdo da base, visto que os trabalhos de coleta e organização documental encerraram-se no ano de 2007.

educacionais escolares envolvidos com as questões da sexualidade juvenil, de alguns elementos que constituem as análises sobre a Educação Sexual, como seus temas, conceitos e abordagens, além daqueles que constituem as próprias pesquisas, como sua natureza e seus resultados.

Com esse propósito, em um estudo de caráter documental bibliográfico, após intenso caminho empreendido no levantamento, seleção e organização das obras, mantenho a atenção no tema da Educação Sexual e no segmento juvenil dos estudantes, assim como apresento algumas discussões sobre as articulações propostas pelos pesquisadores, entre este tema e a análise das questões culturais que envolvem a dinâmica da vida escolar, tais como as suas práticas de (re)produção social e cultural e o seu funcionamento institucional e organizacional.

As análises pretendidas são feitas com base em dois objetivos específicos e complementares. São eles:

- 1) Compreender qual foi a ênfase atribuída à cultura organizacional e ao estudo das dinâmicas especificamente escolares, evidenciadas nos resumos da produção acadêmica do período 2000-2004.
- 2) Analisar os resumos das dissertações e teses de acordo com as abordagens, os eixos temáticos, a conceituação de Educação Sexual e Orientação Sexual, e as áreas da pesquisa nas quais tais trabalhos foram produzidos.

Para sustentar tal investigação considero, para fins metodológicos, que os significados dos saberes apresentados podem se fazer mais explícitos justamente a partir de uma análise transversal que permita observar os pontos em que eles se cruzam e interpenetram. Entendo que, nestes pontos, é possível levantar quais são os centros organizadores do conjunto dos enunciados, pressupondo, como afirma Bakhtin (1990), que tais “centros” correspondem ao (e “falam” do) meio em que os sujeitos se inserem. Para esse autor, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior, está situado no meio social que envolve o indivíduo” (p. 121).

Os objetivos apresentados foram delineados a partir da constatação de quatro principais fatores, que justificam o interesse pela temática proposta e a importância de tais discussões: o interesse particular em analisar problemáticas com as quais me deparo cotidianamente no cumprimento de minhas atividades profissionais em escolas da rede estadual de ensino público vinculadas à Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, onde atuo desde o ano de 2003 com alunos jovens do ensino regular, como professor da área de linguagens, códigos e suas tecnologias (língua portuguesa e língua estrangeira moderna – inglês); a importância e necessidade de exploração da base de dados Ariadne<sup>2</sup>, recentemente disponibilizada e que representa importante fonte para diversos segmentos do meio acadêmico; a oportunidade de complementação de, e participação em, outros estudos desenvolvidos, ou em desenvolvimento, que se propõem analisar a citada base nas diversas vertentes das temáticas abrangidas por essa fonte; e o interesse pessoal por ampliação de pesquisa já concluída que suscitou novos questionamentos e possibilidades de análise (GULO, 2007).

Trata-se, nesse último ponto, de uma pesquisa desenvolvida para ser apresentada como monografia de conclusão de curso de especialização em Educação Especial, através da qual analisei alguns estudos sobre a gravidez na juventude e sua relação com a educação escolar. Buscava, até então, uma proposta de intervenção para as questões referentes à sexualidade juvenil, tida como um “grave problema social”, e para a gravidez entre jovens, pensada como “indesejada”, “não planejada”, “problema” etc. As taxas de natalidade entre mulheres nessa faixa etária, principalmente as pertencentes às classes sociais mais baixas, foram suficientes pretextos, durante muitos anos, de minhas preocupações movidas por tal problemática.

De modo geral, o que pude verificar após a conclusão dessa monografia é que, de alguma forma, todos os fatores ligados à sexualidade juvenil, assim como a cultura, os discursos e as representações sociais acerca da problematização da gravidez na juventude, interferem na vida dos/as jovens, inclusive o que se constrói e/ou se fortalece nos contextos escolares. Muitos

---

<sup>2</sup> A base de dados Ariadne é resultado da pesquisa “Democratizando o conhecimento: o estado da arte sobre gênero, sexualidade e educação formal”, que será mais bem apresentada no Capítulo 3 – Caminhos metodológicos – nesta dissertação.

estudos analisados, porém, não apresentaram maiores avanços, permanecendo apenas nestas constatações, enquanto pouco pude observar de enfoques sobre como as questões da sexualidade estão relacionadas com os modos de organização escolares e das práticas sociais e culturais ali criadas, vivenciadas e difundidas, entre jovens e os demais atores da escola. Isto é, o sistema cultural das organizações escolares pouco foi analisado, embora as pesquisas tivessem como sujeitos estudantes adolescentes, situados em diferentes escolas e níveis de ensino (GULO, *ibid.*).

Destaco que tais constatações, entretanto, resultaram de uma pesquisa inicial que se limitou a uma base de dados extremamente pequena, motivo pelo qual se tornaram restritas suas fontes documentais e o alcance inicialmente pretendido na análise<sup>3</sup>. Diante dessa realidade, tal pesquisa foi concluída com a observação de quatro obras: duas monografias e duas dissertações, procedentes de programas diversos de pós-graduação (Psicologia Social, Ensino de Ciências, Saúde Pública e Educação)<sup>4</sup>.

Naquela pesquisa tomei como base as conclusões levantadas por Calazans (2000), para quem temas relacionados às discussões sobre gravidez entre jovens são habitualmente frutos de pesquisas nas áreas da Sociologia, da Psicologia ou da Saúde, reduzindo-se assim as expectativas de encontrar-se quantidade e variedade equivalentes desses trabalhos na área da educação<sup>5</sup>. A partir dessas afirmações, procurei investigar como os estudos que abordam a gravidez na adolescência, mesmo que decorrentes de diferentes áreas do conhecimento, discutiam os processos educacionais

---

<sup>3</sup> A pesquisa inicial operou junto à base de dados "Athena", que abrange os títulos disponíveis nas bibliotecas dos *campi* da UNESP.

<sup>4</sup> Essas pesquisas correspondem, na sequência em que são citadas, às seguintes obras: Calazans (2000), Barbosa et al. (2001), Belentani (2002) e Quintana (2004). Apenas a monografia de Belentani e a de Barbosa et al. correspondem a produções de alunos da UNESP. A dissertação de Calazans, apesar de constar na Base Athena, foi fruto de pesquisa realizada na PUC/SP enquanto a dissertação de Quintana provém de pesquisa junto à UERJ. Essa última, entretanto, não consta na base de dados citada, e foi adquirida por indicação de minha orientadora, Profa. Dra. Maria de Fátima Salum Moreira e da Profa. Ma. Taluana Lais Martins Torres, membro da banca que avaliaria minha pesquisa e que possuía exemplar de tal obra que se adequava aos critérios estipulados para seleção da fonte principal de análise, exceto no que se refere à base de dados citada.

<sup>5</sup> Tal constatação feita pela autora não pôde ser, pela monografia citada, alvo de análises mais detalhadas, haja vista a fonte documental utilizada não tinha a abrangência necessária para tal constatação. Através da pesquisa que apresento nesta dissertação, entretanto, pude observar que tal conclusão da autora pode ser questionada, visto que se evidenciaram, em minhas análises, diversos títulos entre dissertações e teses que abordaram tais temáticas, produzidos à época em que a autora publicara seu trabalho.

escolares. Não encontrei, porém, nos resultados dessas pesquisas, muitos dados frutos de discussões e questionamentos mais aprofundados sobre as práticas docentes ou sobre os modos como as organizações escolares estão comprometidas com a problemática da gravidez. Na essência da produção acadêmica analisada, observei apenas denúncias culpabilizando a escola e seus agentes pela precariedade no envolvimento, ou inexistência dele, com tal problemática da vida dos jovens.

Foi a partir desse estudo que surgiram novas questões, as quais me motivaram a lhe dar prosseguimento. Dentre os principais questionamentos estão os que se referem às diferentes abordagens da Educação Sexual propostas pelos estudos acadêmicos, às principais temáticas evidenciadas nessas obras e às dinâmicas culturais e organizacionais que são atribuídas às instituições de ensino. Essas considerações me instigaram a analisar as tentativas de compreensão e/ou solução das questões que há tempos são apresentadas, e para as quais, até então, acreditava não existirem muitas iniciativas concretas na busca por respostas.

Ao iniciar a pesquisa representada por esta dissertação, a minha primeira expectativa era a de abordar uma temática mais abrangente sobre a sexualidade dos jovens. Isso culminou na proposta de uma dimensão mais ampla de análise, que partiu da seleção dos títulos que evidenciam os temas da Educação Sexual para jovens na escola, para concluir-se na discussão dos elementos constituintes de seus resumos.

Para atingir tais expectativas e como um dos procedimentos adotados, esta dissertação amplia o quadro de fontes documentais ao âmbito nacional, o que foi possível a partir da apropriação dos resultados da pesquisa que levantou, organizou, selecionou e analisou a produção acadêmica que evidencia, entre outros temas, a sexualidade e a educação escolar (SCHILING et al., 2007). Como resultado da citada pesquisa, foi construída a base de dados "Ariadne", fruto de projeto denominado "Democratizando o conhecimento: o estado da arte sobre gênero, sexualidade e educação formal", financiado pelo CNPq e coordenado por Flavia Inês Schilling, na FEUSP<sup>6</sup>. Na

---

<sup>6</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq (CNPq/Pr-SMT 402924/2005-3 Ed 452005), concluída em 2007. Pesquisadoras responsáveis: Flávia Inês Schilling (coordenadora), Cláudia Pereira Vianna e Marília Pinto de Carvalho da Faculdade de Educação da USP, e Maria de Fátima



citada base está sistematizada a produção acadêmica nacional e se encontram disponibilizados 1.213 títulos entre artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado e de livre docência.

Como um dos desdobramentos da iniciativa que resultou nessa base, surgiu a pesquisa “Escola e sexualidade: objetos, problemas e abordagens nas pesquisas educacionais (1995-2006)”<sup>7</sup>, que visou levantar e analisar os trabalhos que investigaram a sexualidade sob a perspectiva dos processos de escolarização, com ênfase no estudo das práticas e relações entre os agentes escolares e nos modos como são discutidas as intersecções entre sexualidade e a cultura escolar. Com esse projeto, pretende-se discutir as principais abordagens teóricas, temas e problemáticas de teses e dissertações no campo educacional escolar<sup>8</sup>.

Esta dissertação é parte do citado projeto, porém a pesquisa coordenada pela pesquisadora Maria de Fátima Salum Moreira trata de período mais abrangente, representado por todo conteúdo da base de dados, sem as delimitações que proponho neste estudo, quais sejam: foca-se, nesta dissertação, a análise dos resumos de dissertações e teses que, de alguma forma, remetem ao público jovem das instituições escolares, além de estar delimitado pelo período 2000-2004.

Naquela ocasião, sabendo-se que um dos objetivos do projeto citado era o de analisar os dados contidos na base e traçar um panorama da produção acadêmica nacional no período por ela abrangido, foram apresentados e publicados trabalhos em eventos científicos, com a finalidade de compartilhamento dos resultados e informações até então obtidos. Entre eles, destaque o artigo “Escola, sexualidade e exclusão: as diferenças em debate nos saberes em educação” (MOREIRA e GULO, 2009), publicado nos anais do XVII Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e que apresenta dados preliminares que influenciaram e direcionaram o andamento desta dissertação, como a tabulação dos dados contidos na base de acordo com os participantes

---

Salum Moreira da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente.

<sup>7</sup> Projeto Coordenado pela professora Maria de Fátima Salum Moreira, iniciado em 2009, do qual participo juntamente com a pesquisadora Taluana Laiz Martins Torres.

<sup>8</sup> Texto extraído do Currículo Lattes da coordenadora do projeto. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4510140191730970>> acesso em: 23 mar. 2010.

das pesquisas e dados referentes às publicações, como ano, instituição de origem e região geográfica do país<sup>9</sup>.

Pretendo que, com as delimitações propostas, esta investigação possa integrar-se tanto às pesquisas das quais esse trabalho se desdobra, como a outras que se proponham tabular, analisar e complementar a Base de Dados Ariadne. O trabalho inicial de apropriação dessa base resultou, como será demonstrado no decorrer desta dissertação, em complementações de seus dados, ao mesmo tempo em que utilizei esses resultados como indicadores do percurso que seria percorrido.

Entendo também que é bastante relevante a possibilidade de contribuição desta pesquisa para outras que pretendam abordar as questões por ela propostas. Por um lado, através da disponibilização dos dados e resultados obtidos a partir da tabulação, organização e análise dos resumos utilizados como fonte documental neste estudo. Por outro, pela discussão e análise dos principais temas e abordagens levantados, além dos campos de pesquisa e das áreas de conhecimento que têm se destacado nos estudos, com suas especificidades conceituais, teóricas e explicativas. Mais especificamente, pretendo produzir subsídios para novos estudos que se proponham investigar as relações entre sexualidade na juventude e educação escolar.

Antes, porém, a fim de apresentar as abordagens, metodologias, materiais e métodos, temas e objetos citados nesta pesquisa, apresento um breve apontamento do conteúdo de cada capítulo, assim como algumas considerações tidas como importantes para cada uma de suas partes, suas divisões e subdivisões.

Devido à extensão e densidade das discussões sobre aporte teórico e conceitual, os dois primeiros capítulos são a elas destinados e abrangem, desde a revisão bibliográfica sobre as temáticas da educação, da juventude e da sexualidade, até uma reorganização de algumas teorias, temas e abordagens, propostas por pesquisadores dessas áreas, para que se

---

<sup>9</sup> Alguns dos dados do citado artigo, do qual fui coautor, que contribuíram de forma significativa para a definição das fontes e elaboração do corpus desta pesquisa, referem-se à tabulação de acordo com os participantes das pesquisas. Tais resultados são apresentados no Capítulo 3 – Caminhos metodológicos - como justificativa a alguns dos recortes efetuados e à seleção das obras a serem analisadas.

procedam, nos capítulos seguintes, as discussões metodológicas, as análises da fonte documental desta dissertação e as conclusões. Ao final, encontram-se os Apêndices com relação dos títulos e resumos, organizados de acordo com as diversas análises que se efetuaram nesta pesquisa. Tais partes constituintes desta dissertação se apresentam da seguinte forma:

**Capítulo 1 – Educação escolar e Educação Sexual.** Nesse ponto busco argumentos que justifiquem a importância da abordagem de temas relacionados à sexualidade em situações formais de educação e os sentidos que lhe podem ser atribuídos. Trata-se de pensar não apenas nas significações que a Educação Sexual pode ter para os diversos agentes escolares ou para a pesquisa em si, mas principalmente daqueles que podem ser enfatizados a partir das diferentes compreensões presentes nas obras analisadas nesta dissertação. Com esses propósitos, a escola é pensada em suas várias dimensões, assim como o são os demais tópicos citados, sem que se considerem recortes mais específicos, como os temporais e de sujeitos. Desse modo, não é privilegiada a temática da juventude, o que ocorre no capítulo seguinte.

Início a partir de discussões que envolvem a cultura organizacional escolar, tanto em uma visão multiculturalista que evidencia, isoladamente, os diversos agentes que compõem os espaços educacionais, como a partir de um olhar da escola como possuidora de uma cultura própria, a qual é constituída historicamente, e que se cria e se transmite dentro de seus espaços.

Em seguida, insere-se nessas discussões a temática da Educação Sexual, a partir de um olhar histórico que se inicia na observação de iniciativas, projetos e políticas públicas que marcaram a inserção desse modelo educacional no Brasil, e se encerra com a retomada de alguns estudos do tipo Estado da Arte que levantaram a produção acadêmica sobre essa temática nos vinte anos que precedem o período compreendido pelo recorte temporal desta dissertação.

Algumas discussões mais amplas sobre Sexualidade prosseguem, ao passo que se privilegia a compreensão de epistemologias como o Construtivismo, o Construcionismo Social, o socioconstrutivismo e o

Construtivismo social, que se fundam em diferentes ideais e compreendem a sexualidade de diversas formas.

Encerram esse capítulo as discussões sobre abordagens da Educação Sexual, a partir de conceituações elaboradas por alguns autores que se dedicaram a tal temática, ao mesmo tempo que as aproximo e reorganizo de forma que se adéquem ao propósito de analisá-las a partir de resumos de dissertações e teses, assim como as aproximo das epistemologias apresentadas anteriormente e das temáticas diversas que circundam as discussões sobre Educação Sexual escolar no meio acadêmico.

**Capítulo 2 – Juventude e Educação Sexual.** Esse capítulo tem como foco algumas das principais discussões sobre a educação escolar e sexualidade juvenil. Parto de uma breve apresentação do tema e da bibliografia que aborda, entre outras discussões, a importância atribuída ao público jovem nas diferentes áreas da pesquisa. Em seguida, discuto os conceitos de “adolescência” e “juventude” da forma como são pensados por autores diversos, o que se faz, principalmente, a partir de questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Nesse ponto, são questionadas as diferentes possibilidades de se compreender tais conceituações, a partir de onde passo a privilegiar, em minhas inserções, o termo “Jovem” ao termo “Adolescente”. Por fim são discutidos os sentidos que a Educação Sexual pode ter para essa parcela da população e para os demais agentes escolares que com ela se envolvem.

**Capítulo 3 – Caminhos metodológicos.** Nesse capítulo apresento a base de dados Ariadne, os descritores através dos quais se estruturou esta pesquisa, os critérios de seleção da fonte documental, os métodos empregados em cada etapa, com destaque para a metodologia utilizada na análise dos resumos, baseada nas contribuições da teoria bakhtiniana, assim como as categorias de análise elencadas e as classificações que se evidenciaram em cada uma delas.

**Capítulo 4 – Resultados das análises.** Nesse ponto, apresento os resultados dos processos de levantamento, organização e análise da fonte

documental, em cada uma das seguintes categorias: a) Cultura organizacional escolar; b) Abordagens da Educação Sexual; c) Eixos temáticos; d) Conceitos de Educação Sexual e Orientação Sexual; e) Áreas do conhecimento. Trata-se, principalmente, de evidenciar quais são os principais conceitos, temas e abordagens que compõem a produção acadêmica em questão e suas possíveis relações com a cultura e com a Educação Sexual que são vivenciadas nas escolas.

Segue-se ao capítulo 4, as conclusões e as referências, para que, nos Apêndices, se conclua a apresentação dos resultados das análises efetuadas, através da organização dos títulos e resumos que compõem a fonte documental desta dissertação. O conteúdo de cada Apêndice é estruturado da seguinte forma:

**Apêndice A** – Relação das obras sobre sexualidade e educação. Neste apêndice é apresentada a relação dos cento e dezenove títulos selecionados a partir do refinamento pelo tipo de trabalho, e que contenham os descritores relacionados à “educação” e à “sexualidade”. Trata-se, portanto, de todas as dissertações e teses constantes da base de dados Ariadne, em todo o período de sua abrangência, que contenham tais temáticas. O trabalho de organização desses títulos precedeu o de classificação dos participantes das pesquisas e o de refinamento a partir dos descritores relacionados especificamente à educação escolar, portanto, há nessa lista títulos de trabalhos que contemplem o público infantil, juvenil e adulto, além de destacarem-se, em suas análises, ambientes como universidades e (outros) espaços de formação docente.

**Apêndice B** – Relação de resumos com recorte temporal e temático: Educação, sexualidade e juventude. Neste apêndice são apresentados os sessenta e quatro títulos e resumos que compõem a fonte documental desta dissertação. Tratam-se de estudos que, assim como os apresentados no apêndice A, foram selecionados a partir do recorte temático “educação e sexualidade”, porém com a menção direta à escola de Ensino Fundamental e/ou Médio e ao público jovem. Considerou-se também, na elaboração dessa fonte, o ano de publicação das obras, que compreende o período entre os anos

2000 e 2004. Tratam-se, portanto, de todos os trabalhos publicados no período delimitado, com menção ao público jovem e que compreendam diretamente as temáticas da “educação escolar” e da “sexualidade”. Tais resumos estão acompanhados de uma numeração de referência, a qual é citada nas análises e em outros apêndices a fim de se evitar repetições desnecessárias e de facilitar a localização do resumo quando necessárias confirmações pelo leitor.

**Apêndice C** – Cultura organizacional escolar. São apresentados, nesse apêndice, os resultados das análises que se evidenciaram a partir de aspectos culturais presentes nos textos analisados. São apresentados, nesse ponto, os títulos das 64 dissertações e teses, organizados de acordo com as classificações, que se basearam na leitura dos resumos, e que se dividem em “cultura na escola”, “cultura da escola” e “cultura escolar”.

**Apêndice D** – Abordagens da Educação Sexual. Nesse apêndice estão organizados os títulos das dissertações e teses cujos resumos compõem a fonte documental, classificados de acordo com as abordagens da Educação Sexual privilegiadas, as quais se dividem, nesse estudo, em: Médico-biologista, Religiosa, Pedagógica, Emancipatória e Pós-estruturalista/*Queer*. São, por fim, indicados os títulos dos resumos que não apresentaram informações suficientes para que fossem classificados.

**Apêndice E** – Eixos temáticos. Estão, nesse apêndice, organizados os títulos de acordo com eixos temáticos previamente definidos. São eles: a) Políticas, currículo e discursos; b) Representações, concepções e práticas; c) Identidade e diversidade sexual; d) Formação docente; e) Gravidez e saúde sexual/reprodutiva.

**Apêndice F** – Conceituação de Educação Sexual e Orientação Sexual. Neste apêndice estão organizados os títulos dos trabalhos em cujos resumos se evidenciaram a utilização do termo Educação Sexual ou Orientação Sexual para se referirem ao processo ensino-aprendizagem das questões referentes à sexualidade, realizado intencionalmente nas escolas. Além dessas duas classificações, também foram organizados os títulos dos trabalhos que

entendem essas denominações como sinônimas e os que não continham, nos resumos, informações suficientemente claras que possibilitassem os classificar.

**Apêndice G** – Áreas do conhecimento. Estão organizados, nesse apêndice, os títulos dos trabalhos de acordo com as áreas do conhecimento às quais se relacionam. Foram elencadas apenas aquelas que se evidenciaram nos arquivos contidos na base de dados, acompanhando os resumos que compõem a fonte documental desta dissertação. São elas: a) Educação; b) Psicologia; c) Saúde; d) Sexologia; e) Ciências Sociais e Serviço Social; f) Sociologia e Antropologia; g) Ensino, Filosofia e História das Ciências; h) outros. Nesse último grupo estão classificados os programas de Pós-Graduação dos quais provém, cada um deles, apenas um trabalho.

**Apêndice H** – Quadro síntese das análises. Nesse, que é o último apêndice, apresento um quadro com uma síntese de todas as análises efetuadas. Assim, através de um número de referência, é possível localizar os resumos na íntegra no apêndice B, além de observar todas as classificações feitas para cada um deles, no que se refere à (ao): Cultura organizacional escolar, abordagem da Educação Sexual, eixo temático, conceituação de Educação Sexual / Orientação Sexual e área do conhecimento.

## CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO SEXUAL

Existem, entre os estudos que buscam conexões entre os campos da sexualidade e da educação escolar, algumas diferenças teóricas e conceituais que devem ser inicialmente compreendidas para que, em seguida, seja possível pensar nas contribuições que cada um deles pode trazer para esta e para outras pesquisas. Trata-se, em primeiro lugar, das conceituações indicadas, nos resumos, como organizadoras dos estudos propostos, e que estão sendo aqui investigados, isto é, “educação”, “escola” e “sexualidade”<sup>10</sup>.

No tocante à escola, destaco algumas compreensões dos processos, da organização e da cultura escolares visando indicar a sua presença ou sinalizações nos estudos abordados. Neste campo de análise, destaco as diferentes formas de pensar e abordar a cultura e a organização do trabalho escolar pelos teóricos de diversos campos de pesquisa.

Quanto às conjunções entre escola e sexualidade, novamente se faz necessária uma análise teórica e conceitual que contemple as diferentes compreensões dessa temática. Há diferenças significativas nesses pontos, principalmente na conceituação das intersecções entre a sexualidade e a educação escolar, que ora é entendida como “Educação Sexual”, ora como “Orientação Sexual”.

Observo ainda que a forma como essas compreensões da sexualidade são concebidas corresponde aos diversos campos científicos (Medicina, Psicologia, Sociologia etc.) ou institucionais (igreja, escola etc.) que as influenciam ou onde foram produzidas e/ou desenvolvidas. Desse modo, destacam-se diferentes abordagens da sexualidade no campo médico, religioso, pedagógico, político etc.

Pensando nessa diversidade de compreensões dos processos que abrangem as discussões sobre a escola e sobre a sexualidade nos espaços escolares, principalmente aquela dirigida para uma prática intencional e

---

<sup>10</sup> A temática da juventude, apesar de compor as principais análises desta dissertação, será inserida no Capítulo 2 – Juventude e Educação Sexual –, enquanto neste serão abordadas apenas a educação escolar e a sexualidade.



planejada, a qual passarei a denominar “Educação Sexual” por razões que serão mais bem apresentadas no decorrer deste capítulo, faço, a seguir, uma discussão que busca contemplar algumas das mais representativas correntes teóricas, compreensões, concepções e abordagens das temáticas em questão.

### **1.1. Escola, educação e cultura: abordagens teóricas das instituições e contextos escolares.**

A educação, segundo Carvalho (2006), é considerada unanimemente um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Para o autor, “inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir” (ibid., p. 01).

As discussões sobre a escola e sua cultura organizacional, entretanto, apenas tomaram força na segunda metade do século XX. A partir da década de 1970, segundo Faria Filho et al. (2004) e Torres (2005), a crise dos sistemas educacionais ganhou grande destaque nas pesquisas em educação que, além de sustentarem a necessidade de reformas educativas, buscavam agregar novos referenciais teóricos que possibilitassem a compreensão do universo escolar. O modelo escolar até então vigente, alvo de duras críticas, começa a ser repensado e reestruturado, nos moldes de uma empresa.

Segundo Torres (ibid.), a origem desse novo modelo remete a uma forma de gestão econômico-empresarial implantada no sistema educacional dos Estados Unidos após acusações de que a perda de competitividade desse país para outros países industrializados estava diretamente relacionada ao declínio da qualidade da educação pública americana, o que exigia uma ampla reforma educativa.

A crise económica, ao sugerir uma crise mais profunda no domínio da educação, transformou os problemas ligados à produtividade e eficácia económica em problemas ligados à produtividade e eficácia escolar, transpondo para este último contexto (as escolas) as mesmas lógicas, modelos, estratégias e paradigmas da gestão económico-empresarial<sup>11</sup> (id. p. 154).

---

<sup>11</sup> A grafia utilizada nesta citação está de acordo com o original de origem portuguesa.

Dessa forma, algumas das principais discussões traçadas no campo educacional nesse período, traziam uma particular característica empresarial, enquanto a educação se tornava uma mercadoria.

De olhos postos na educação escolar, sector apontado como responsável em primeira mão pela crise económica, supostamente por ter falhado na produção de mão-de-obra suficientemente qualificada, adaptável e flexível às reais necessidades ditadas pelo mercado de trabalho, as forças políticas hegemónicas [...] passam a defender a reorganização das instituições educativas à luz das necessidades estritamente económicas. (id., p. 155)

Ainda segundo a autora (ibid.), foi instituída, neste período, forte pressão política, social e econômica sobre a instituição escolar, para que esta adotasse modelos de administração e gestão típicas de empresas, com fins a suprir o mercado de trabalho em suas novas exigências. Esse novo modelo educacional, por sua vez,

arrastou consigo todo um movimento investigativo que passa a colocar no centro das suas prioridades teóricas o estudo das dimensões culturais da escola, fundamentalmente numa perspectiva gestionária e instrumental. [...] À semelhança do que se vai passando nos contextos empresariais, desenvolvem-se nos contextos escolares estudos sobre a cultura organizacional que visam ensaiar fórmulas de gestão da cultura, que garantam a efectiva concretização dos objectivos da eficácia e excelência escolar. E, assim, a cultura constitui-se como uma forte aliada das referidas ideologias políticas dominantes, especificamente nos países onde aquelas se manifestaram de uma forma mais acentuada. (id., p. 156-157)

Alguns estudiosos, entretanto, questionavam esse modelo, e apontavam para a necessidade da modernização da escola e adequação dos estudos sobre a cultura das organizações escolares. No campo dos estudos históricos, esse debate despontou nos anos 1980 e na década seguinte se fortaleceu e se estabeleceu. Nesses estudos aparecia uma crescente discussão sobre cultura, pois cada vez mais se interrogava sobre as práticas culturais como constitutivas da sociedade e não somente como produtos das relações socioeconômicas.

Os estudos sobre cultura também sensibilizaram “linguistas, filósofos, historiadores e sociólogos [...] abarcando diferentes perspectivas teóricas e metodológicas”, sendo apropriadas também por pesquisadores da área educacional, a partir de quando se iniciou o reconhecimento social e teórico que problematizava e teorizava sobre o fenômeno da “cultura escolar” (FARIA FILHO et al., 2004, p. 141).

No campo da Sociologia, por sua vez, observou-se a emergência da “Sociologia dos Estabelecimentos Escolares” que, conforme Mafra (2003, p. 109), surge como campo de estudo e de pesquisa, nos Estados Unidos e Inglaterra, no final dos anos sessenta. Entre os anos de 1960 e 1970, as análises se pautavam pelos paradigmas funcionalistas e as principais problemáticas dos estudos já implicavam em análises das relações entre as desigualdades sociais e os processos de ensino-aprendizagem que ocorriam no interior das escolas entre alunos de diferentes origens socioculturais.

A partir da década de setenta, entretanto, as abordagens funcionalistas e quantitativas, que até então predominavam nas pesquisas, passam a competir com uma utilização cada vez maior das abordagens etnometodológicas, interacionistas e etnográficas (MAFRA, 2003). Ainda segundo a autora, a partir da década de oitenta

os estudos sobre os estabelecimentos de ensino passaram a agregar um número maior de pesquisadores em diferentes países, ampliando-se as suas perspectivas de análise. Reconhece-se, então, a necessidade de se aprofundarem os processos socioculturais na constituição histórica da identidade desses estabelecimentos, como condição para se colocarem corretamente o seu significado social, sua importância na vida pessoal e profissional de alunos e professores (id., p. 109).

É neste contexto dos estudos científicos sobre a cultura organizacional, em especial na pesquisa histórica e sociológica, que os temas e bases conceituais, da “cultura da escola”, da “cultura na escola” e da “cultura escolar” se estabelecem e se configuram como centrais nos debates acadêmicos de diversas áreas de pesquisa envolvidas com a busca de uma lógica para organizar a compreensão dos processos que envolvem a educação escolar. Também é a partir da diversidade e abrangência desses estudos que se explica a inexistência de uma definição única para os estabelecimentos

escolares, visto que estes são pensados em perspectivas teóricas diferentes e sob os olhares de áreas distintas nas ciências humanas e sociais.

Alguns autores, contudo, em um esforço para apresentar discussões que tramitam entre todos esses campos, buscaram aspectos comuns nas definições feitas pelas ciências que abordam a cultura escolar de formas diversas. Entre eles, Pol et al. (2007), que apresentam as abordagens feitas no campo da gestão (administração), da Sociologia e da Antropologia, além de algumas tentativas de aproximação entre esses campos, ao que chamam de “abordagem integrada”.

Para autores como Silva (2006), Souza (2000) e Faria Filho et al. (2004), apesar de não serem únicas, duas principais perspectivas abordam a cultura escolar no campo da pesquisa histórica: de um lado uma representada por autores como Viñao Frago, que reafirma a pouca permeabilidade da cultura escolar às transformações, isto é, enfatiza as suas continuidades e permanências, enquanto outros, como Dominique Julia, utilizam-se do conceito para enfatizar a necessidade de “se deixar sensibilizar pelas mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema” (FARIA FILHO et al., *ibid.*, p. 149). Isso concorda com a pretensão de Julia em “acrescentar ao excessivo peso das normas a atenção às práticas” (*id.*, p. 144).

Diante das amplas concepções e análises da escola, principalmente a partir do entendimento de que ela é possuidora de uma cultura própria, penso que se faz importante a compreensão de algumas das abordagens que circundam o meio acadêmico, a fim de que se definam os conceitos que são utilizados nesta dissertação ao abordar e, principalmente, compreender a forma como é pensada a escola, além dos significados apropriados pelos pesquisadores que se propõem investigá-la articuladamente à cultura que perpassa seus espaços, estruturas, agentes e dinâmicas, especificamente nos estudos que adentram a temática da Educação Sexual para jovens.

Deste modo, para compreender como as práticas e dinâmicas escolares podem (re)produzir saberes e (pre)conceitos e influenciar as vivências da sexualidade, penso que além de adentrar o espaço escolar, é necessário que se entenda também o sentido político e as bases e implicações sociais implícitas nas práticas educativas realizadas na escola. Busco, portanto, assim como Moreira (2010), compreender, nas obras analisadas neste estudo, se o

modo como as políticas educacionais, as concepções, representações e saberes em que se sustentam as práticas educativas se encontram relacionadas e convergem para regular o, pensar no, e lidar com o tema da Educação Sexual proposta para a juventude nos espaços escolares.

Para que se cumpram tais propósitos, no entanto, algumas das diversas compreensões da escola enquanto (re)produtora de culturas e/ou possuidora de uma cultura própria, serão apresentadas para que se possa justificar o embasamento conceitual e teórico adotado nas análises a partir de uma base epistemológica sólida. Por um lado, tais discussões abrangem os estudos cujos pressupostos se organizam em torno das concepções de “agência humana”, “consciência” e “intencionalidade” dos atores, mesmo que todos estes elementos sejam relativa e parcialmente vividos e exercidos. Por outro lado, temos os trabalhos que propõem uma compreensão da escola em um viés dos “Estudos Culturais” e evidenciam a linguagem como base da constituição da realidade (MOREIRA, *ibid.*). Nesta pesquisa, adoto a primeira abordagem mencionada, mesmo considerando que, na segunda, se encontram significativas e coerentes críticas realizadas à modernidade e ao viés monocultural de análise da realidade. Entendo, assim como a autora, que:

posições teóricas são, também, lugares de saber e poder e funcionam de modo indissociável de projetos e orientações políticas que atuam de forma a instituir verdades e modos de ver, sentir e pensar particulares. Por outro lado, é no campo da ação e da vida cotidiana que tais saberes e prescrições serão apropriados e utilizados segundo as condições sociais concretas dos atores sociais (*ibid.*, p. 04, grifos meus).

Tomarei, portanto, como teorias que sustentarão minhas análises, as que evidenciam interpretações socio-históricas e culturais dos fenômenos que perpassam o ambiente escolar, principalmente aquelas que evidenciam não apenas as linguagens, discursos e representações na constituição da vida social e cultural, mas também a participação do sujeito consciente e reflexivo, que “se reapropria da produção dos elementos da cultura da qual faz parte”, atuando nela ativamente (*ibid.*, p. 04). Para a autora:

É neste contexto dos estudos científicos, em especial na pesquisa histórica e sociológica, que os temas e bases conceituais da “cultura escolar”, “cultura da escola”, “cultura na escola” e “cultura organizacional escolar” se estabelecem e se configuram como centrais nos debates acadêmicos de diversas áreas de pesquisa envolvidas com a busca de uma lógica para organizar a compreensão dos processos que envolvem a educação escolar. Também é a partir da diversidade e abrangência desses estudos que se explica a não existência de uma definição única para os estabelecimentos escolares, visto que é pensado em perspectivas teóricas diferentes e sob os olhares de áreas distintas nas ciências humanas (MOREIRA, 2010).

Tomo, como eixo norteador das definições de aspectos que envolvem a cultura organizacional escolar, as proposições de Mafra (2003), que diferencia os conceitos de “cultura na escola”, “cultura da escola” e “cultura escolar”. Devido, entretanto, às especificidades desta dissertação, que assume características próprias e diversas daquelas contidas no citado estudo no qual me baseio, proponho uma reorganização de tais conceitos, de forma que se possibilite a classificação dos resumos em eixos mais amplos e flexíveis, não apenas por se tratar de uma fonte ampla, em que se observam intersecções diversas entre os diversos aspectos culturais, nem tampouco pelas restrições apresentadas pelos textos aqui analisados, mas, principalmente, por compreender que as três categorizações culturais não existem separadamente, e que todas podem se evidenciar, juntas, em cada um dos resumos analisados.

Tal divisão, portanto, se justifica pela relevância em se evidenciar análises mais objetivas e particulares, assim como não seria possível estudar a totalidade dos elementos constituintes da ação dos agentes escolares, próprios deles e do meio econômico, social, cultural e político nos quais se inserem, ao mesmo tempo em que se buscam tais características nas interações, dinâmicas e proposituras do trabalho especificamente escolar, tampouco enquanto se evidenciam os processos históricos nos quais tais características se constituem.

Desse modo, a reorganização que proponho contempla os aspectos privilegiados nos estudos que compõem a fonte documental desta dissertação, sem que se excluam os demais aspectos culturais que podem se evidenciar, de forma secundária, nas produções acadêmicas.

- Cultura na escola:

Funda-se principalmente nas diferenças e diversidades étnicas e culturais entre os agentes escolares. Tem como foco escolas com sujeitos pertencentes a minorias raciais, imigrantes, jovens, crianças, adolescentes de subúrbio, entre outros. Segundo Mafra (2003, p. 125), “o interesse central está na descrição das manifestações de uma ou mais culturas no interior da escola e na análise de suas relações com o instituído da cultura escolar hegemônica”. Fazem uso desse conceito as abordagens que focam, entre outros temas, o multiculturalismo ou a diversidade cultural. Quanto à metodologia, a autora afirma que tais estudos têm um caráter predominantemente etnográfico, em que se busca comparar um grupo pequeno de agentes com o grupo principal, foco da análise, que também não deve ser muito extenso.

Alguns autores reforçam a importância de se procurar apreender, pelos sujeitos estudados, a cultura e o saber local desses sujeitos, bem como as formas de penetração dessa cultura no cotidiano da vida escolar e da sala de aula. A descrição compreensiva das características sócio-históricas e culturais da cidade, vila, bairro ou aglomerado onde a escola se localiza torna-se fundamental para contextualizar as questões e grupos examinados, em um universo mais amplo (ibid., p. 126).

Acrescento a essa definição aqueles estudos que, mesmo se propondo analisar aspectos relativos à escola, o fazem apenas a partir de um de seus agentes, ou de um grupo homogêneo, evidenciando-se, desse modo, características próprias de uma amostra específica do conjunto de participantes dos processos educacionais. Tratam-se de resumos que evidenciem pesquisas nas quais se analisou, por exemplo, as particularidades de uma parcela de alunos ou professores, assim como suas concepções e representações sobre um determinado tema, mesmo que relacionado à organização do trabalho escolar.

- Cultura da escola:

Tratam-se de estudos que buscam explicitar o *ethos* cultural de um estabelecimento de ensino, ou seja, “sua marca ou identidade cultural,

constituída por traços culturais que são transmitidos, produzidos e incorporados pela e na experiência vivida no cotidiano escolar” (MAFRA, *ibid.*, p. 126). Ainda segundo a autora, baseada nos estudos de Jean-Claude Forquin, os trabalhos que discutem a cultura da escola podem se confundir com os que se propõem abordar sua identidade, visto que buscam as características próprias dessa instituição, seus ritmos, ritos, linguagens, imaginário, modelos de regulação e transgressão e seu regime próprio de produção de símbolos. Desse modo, a investigação da cultura da escola surge a partir da necessidade de se compreender seu caráter complexo e multidimensional.

Nesse tipo de estudo, o olhar dos pesquisadores dirige-se para os processos mais particulares e contingentes da escola, privilegiando as análises culturais do cotidiano, os acontecimentos, as interações sociais, as relações de poder, as vivências escolares, os saberes constituídos, reproduzidos e transformados no seu interior, que fazem dessas escolas instituições marcadamente diferentes de outra [...] sem, no entanto, descartar o instituído, uma vez que a escola, como integrante de formações sociais historicamente situadas, se constrói também nas inter-relações que seus atores estabelecem com as políticas públicas (finalidade) e com a cultura científica (ciências da educação) (*ibid.*, p. 127).

Metodologicamente, assim como nos estudos sobre a cultura na escola, também há predomínio de caráter etnográfico, porém com maior abrangência e de longa duração, em um trabalho de “descrição densa” das características particulares da escola, em que se articulam seus fenômenos, se compreendem os sentidos atribuídos à vida escolar, as teias de significados nela tecidos, os detalhes do dia-a-dia e seu *ethos* cultural. Dessa forma, apesar de serem estudos da mesma natureza, os que se propõem analisar a cultura da escola exigem esforço e dedicação muito maior do pesquisador do que aquelas que se propõem analisar a cultura na escola. Segundo Mafra (*ibid.*):

Tais estudos requerem do pesquisador, além de observações de fatos e ocasiões pontuais, uma longa imersão no campo, a vivência diária e prolongada da experiência escolar e da vida da escola, registrada em diário de campo, em questionários e entrevistas prolongadas, em materiais e artefatos variados etc. Exigem, pois, a utilização de diferentes procedimentos de coleta de dados e geram conseqüentemente uma grande quantidade e variedade de dados empíricos (p. 128).



Há ainda uma preocupação particular com um conjunto de situações e questões tidas por centrais, como os dados que serão incorporados ou não à pesquisa, o distanciamento ou envolvimento do pesquisador com a dinâmica da escola e seus atores, a sensibilidade do pesquisador para manter contato direto com detalhes das vidas dos sujeitos, e as diversas questões éticas que perpassam a pesquisa.

A partir dessa compreensão, incluo nesse grupo aqueles resumos que evidenciam pesquisas comprometidas com a diversidade de elementos que compõem as dinâmicas do trabalho escolar, com foco em aspectos especificamente escolares, e que apresentem a escola como possuidora de uma cultura própria, a qual é constituída pela organização de uma rede de agentes com características próprias e diversas. Estão entre eles os que se propõem compreender um determinado aspecto, específico do contexto escolar, a partir de múltiplas visões, tanto ao investigar concepções, representações e práticas de alunos e professores, como ao incluírem-se, entre os elementos pesquisados, gestores, currículo, políticas públicas e formação docente, entre outros.

- Cultura escolar:

Nessa perspectiva são evidenciadas as transformações e impregnações constituintes da vida escolar, em estudos que buscam reconstituir a trajetória histórica e social de instituições escolares. O foco desse tipo de trabalho é o reconhecimento da presença de um “*ethos* escolar na maneira de ser, de agir, de sentir, de conceber e representar a vida escolar, as vivências de alunos e professores”, com recortes espaciais e temporais bem demarcados (MAFRA, 2003, p. 129).

Nessa dimensão, é central a trama das relações e interações sociais, as experiências pessoais e profissionais vividas por seus atores considerados, porém, em cenários e configurações que se corporificam em memórias e heranças socioculturais familiares, em políticas educacionais, em concepções de formação, em conhecimentos, processos e técnicas pedagógicas específicas e em representações, sentidos e

significados sobre o papel da escola e de seus atores na sociedade. (id. p. 129)

Os estudos que tomam a cultura escolar como foco de análise têm, além de um cuidado particular na delimitação do tempo e do espaço a ser pesquisado, uma preocupação especial com os elementos constituintes dos processos de ensino-aprendizagem, como métodos e conteúdos, e o corpo profissional que interage nesse contexto. Forquin (1993, apud MAFRA, *ibid.*) estabelece três eixos temáticos que são priorizados nas análises da cultura escolar: a) normas e finalidades que regem a escola; b) avaliação do papel desempenhado pela profissionalização do trabalho do educador ao longo da história da educação; c) análise histórica dos conteúdos ensinados e das práticas escolares.

Por se tratarem de estudos que privilegiam as trajetórias históricas das instituições escolares, sua base metodológica está pautada na análise documental. Assim, são fontes importantes para essas pesquisas: fotografias, poesias, exercícios e deveres escolares escritos, cadernos de notas de alunos, exames escolares, diários, arquivos, atas, correspondências, notícias, documentos, artefatos de museus, relatos de professores e profissionais da educação etc.

Penso, entretanto, que um estudo histórico da cultura escolar não é apenas aquele que se refere a um tempo passado, mas todo aquele que se propõe analisar um determinado período que compõe a trajetória das instituições escolares, seja ele passado ou presente, assim como não se limita a investigar particularmente uma unidade escolar específica, mas pode se comprometer com uma rede formada por escolas, podendo ela ser ligada por características regionais, políticas, sociais ou econômicas, entre outras possibilidades.

Assim, estudos que se comprometem com análise de fatores que se inserem na escola e ajudam a constituir sua cultura, seja ao contemplar os currículos e as políticas públicas que as regem em um determinado período histórico, seja por abordar ações específicas propostas por elementos e organizações externas à escola, como universidades, revistas de educação

etc., ou por investigar a formação cultural de uma determinada unidade ou rede escolar, estão inclusos nessa categoria analítica.

## **1.2. Histórico da Educação Sexual escolar no Brasil.**

As discussões acadêmicas sobre a Educação Sexual escolar fundamentam-se em diferenciados conceitos, abordagens e metodologias de pesquisa e, como toda teorização, devem ser analisadas em termos de sua historicidade, isto é, considerando os diversos tempos e lugares históricos de sua produção. Portanto, é importante proceder a uma breve revisão dos momentos que antecedem as discussões atualmente propostas para a Educação Sexual escolar, no Brasil, parte das quais pretendo analisar.

O que apresento no subitem 1.2.1 deste capítulo, entretanto, é limitado ao período que antecede à publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997; 1998), período esse marcado por forte repressão e perseguições, principalmente políticas e religiosas, mas também por iniciativas concretas de se estabelecer uma cultura de Educação Sexual nas escolas brasileiras. Ressalto que os índices quantitativos de publicações, nesse momento, foram bem inferiores ao que se publicou nos anos seguintes ao advento dos PCN. Esse fator, entre outros, foi primordial para a seleção da fonte documental desta dissertação. Assim, me limito a apresentar, por ora, apenas os fatos que, de alguma forma, influenciaram a produção no período que analiso, sem, porém, adentrar em tal período referido.

### **1.2.1. Iniciativas, projetos e políticas públicas.**

No cenário internacional, as ideais de Rousseau, que defendia a ignorância como principal forma de preservar a pureza infantil, são o pano de fundo das primeiras discussões sobre a Educação Sexual nas escolas. Na medida em que essa total ignorância não podia ser garantida, iniciou-se um processo de repressão da sexualidade que visava, primeiramente, preservar as crianças dos supostos perigos que cercavam a sexualidade. (BARROSO; BRUSCHINI, 1982; CHAUI, 1985; GUIMARÃES, 1989; NUNES, 1996; SAYÃO, 1997; SILVA (2004). As discussões sobre a necessidade de implantação da

Educação Sexual nas escolas começaram a despontar no cenário internacional a partir do século XVIII, período que, segundo Barroso e Bruschini (op. cit.), foi marcado pela instituição de uma educação verdadeiramente anti-sexual.

Ainda segundo as autoras, no Brasil a Educação Sexual seguiu esse mesmo paradigma, tendo, na sua história, avanços e retrocessos. As primeiras discussões nesse campo surgiram no início do século XX, principalmente no âmbito do pensamento médico-higienista, influência de um modelo que predominou na Europa como forma de combate às doenças venéreas e em favor da preparação da mulher para exercer seus papéis de mãe e esposa.

Algumas ações isoladas ajudaram a compor o cenário nacional no campo da Educação Sexual, entre as quais se destacaram as lutas de movimentos sociais na década de 1920, entre eles o movimento feminista, liderado por Berta Lutz, que lutava pela implantação de uma educação em prol da proteção à infância e à maternidade, além de um congresso de educadores em que se aprovou a proposta de implantação da Educação Sexual nas escolas, em 1928 (BARROSO; BRUSCHINI, op. cit.; GUIMARÃES, op. cit.).

Na década seguinte, dois fatos marcaram a inserção da Educação Sexual no contexto educacional brasileiro: a publicação, pelo jornal “Diário da Noite”, de pesquisa que demonstrava grande apoio de setores da sociedade à Educação Sexual; e a inclusão em seu currículo, pelo Colégio Batista do Rio de Janeiro, do ensino da evolução das espécies e da Educação Sexual, o que resultou em processo jurídico para o professor Stawiarski, responsável pelo projeto (GUIMARÃES, op. cit.; BARROSO; BRUSCHIN, op. cit.; NUNES, 1996).

Nunes (ibid.), ao relatar esse fato, destaca a intolerância da sociedade fluminense com o tema da Educação Sexual. Segundo o autor, referindo-se a Stawiarski:

Sua iniciativa foi rancorosamente atacada por todos os seguimentos institucionais do Rio de Janeiro. A igreja, a imprensa, as associações de pais, o Colégio Militar, a opinião pública rechaçaram impiedosamente o projeto, acusando de incitar à permissividade da juventude e promover a ruína da família e dos valores religiosos e morais que permeiam a sociedade. Seu comportamento social foi questionado, sofrendo perseguição profissional até ser demitido sem indenização... (p. 122).

Entre esse fato e o início da década de 1950, a Educação Sexual escolar sofreu forte repressão pela igreja católica, período que não conta com grandes iniciativas de implantação da ES nas escolas brasileiras. Não compreendo esse “não falar” em sexualidade, entretanto, como caracterização de um período em que não houve ES nas escolas, visto que o próprio silêncio, como afirma Werebe<sup>12</sup>, pode também ser considerado uma forma de educar sexualmente.

[...] pode-se dizer que a não informação é uma forma de informação: o silêncio em torno das questões sexuais constitui uma certa maneira de orientar. A escola influi sobre os alunos, em matéria de educação sexual, pela sua organização, pela distribuição dos alunos, pelas atividades que lhes proporciona e, sobretudo, pelos modelos humanos que lhes oferece. Assim como os pais, os professores educam para a vida sexual, pela sua forma particular de ser, pelo fato de existirem como seres sexuados, que desempenham os papéis correspondentes aos estereótipos masculino e feminino.

Nesse período de forte repressão, a população manteve o acesso às discussões sobre sexualidade através de guias sobre o assunto que se mantinham escondidos em algumas casas, bem como por publicações de livros médicos (GUIMARÃES, 1989). Fora das escolas também estavam disponibilizadas obras produzidas por católicos que tematizavam a sexualidade, impelidos pelas intensas e rápidas mudanças sociais e morais e pelos debates que travaram, em especial, com determinada literatura médica nas décadas iniciais do século XX (MOREIRA, 1999).

Outro fato que se destaca no cenário educacional foi a iniciativa de inserir, na rede pública de ensino do estado de São Paulo, aulas de Educação Sexual para meninas da quarta série primária entre os anos de 1954 e 1970, ano em que foram interrompidas pela Secretaria da Educação do Estado por determinação do MEC. Nesse mesmo período, outras iniciativas semelhantes foram observadas no país, como o programa de ES para alunos do então denominado “quarto ano ginásial” de um colégio de Minas Gerais e a inclusão

---

<sup>12</sup> O trecho destacado se refere à fala da pesquisadora Maria José Garcia Werebe em Mesa-redonda apresentada na XXXII reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocorrido no Rio de Janeiro em Julho de 1980 (CHAUÍ et al., 1981, p. 107).

da ES nos Colégios Pedro de Alcântara, Infante Dom Henrique, Orlando Rebouças e André Maurois, todas no estado do Rio de Janeiro, sendo que na última escola, como consequência pela implantação de tal programa, ocorreu a exoneração da diretora, a suspensão de professores e expulsão de alguns alunos. Podem ainda ser destacados o desenvolvimento, pelo Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, da Faculdade de Filosofia da USP, de trabalhos na área da sexualidade e a inserção da Educação Sexual nos Ginásios Vocacionais de São Paulo e nos Ginásios Estaduais Pluricurriculares (BARROSO; BRUSCHINI, 1982; GUIMARÃES, 1989; NUNES, 1996).

Nas décadas de 1960 e 1970, foram desenvolvidas algumas políticas públicas que tiveram forte influência, principalmente negativa, sobre o quadro de aparente progresso que a Educação Sexual começou a apresentar na década de 60, como apontado por Werebe (1978). Algumas delas foram o Ato Institucional N. 9, de 1965 que reprimiu, entre outras ações, as desenvolvidas em prol da ES, proibindo os professores de defenderem a limitação de filhos por quaisquer meios anticoncepcionais, e a intervenção do secretário José Bonifácio Coutinho Nogueira, que impediu a oficialização da ES nas escolas do estado de São Paulo, atribuindo essa responsabilidade exclusivamente aos pais.

Uma das intervenções do estado na educação nacional nesse período resultou da implantação das Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, Lei 5.692 de 1971, que determinou a inclusão de programas de saúde no currículo escolar que, por sua vez, direcionaram os raros programas de Educação Sexual a partir de uma visão médico-higienista, com vistas principalmente aos aspectos da saúde e da reprodução (SILVA, 2004).

Antes disso, em 1968, a deputada federal, Sra. Julia Steimbruck, apresentou um projeto de lei que tornaria obrigatória a ES nas escolas primárias e secundárias de todo o país. Esse esforço, entretanto, sofreu forte repressão do Conselho de Moral e Civismo do MEC que apresentou relatório extremamente moralista, condenando tal projeto (WEREBE, 1978.; NUNES, 1996).

Sobre esses entraves encontrados para a continuidade de projetos de ES, Guimarães (1989) afirma que:

em determinados momentos históricos já se fazia o possível, e de uma maneira muito séria e eficaz, para o avanço da compreensão da sexualidade e que, lamentavelmente, toda uma experiência que foi boa e deveria ser incorporada à rotina das escolas, é interrompida, destruída e esquecida, com o rótulo de “inviável”, começando-se novas tentativas, descomprometidas sempre, engrossando o volume de fracassos e sentimentos de impotência dos educadores (p. 48).

Diante de tal repressão, principalmente aquela amparada pela legislação então vigente, a década de 1970 foi caracterizada por um acentuado recuo das experiências de se implantar uma educação escolar voltada para a sexualidade. No final dessa década, com a intensificação do rigor da censura estabelecida pelo regime militar, aconteceu o que Werebe (1998) chama de “onda de puritanismo”, que deixou na clandestinidade as poucas tentativas de se discutir a sexualidade nas escolas brasileiras.

O fato, porém, é que as experiências inovadoras como as que se realizaram em São Paulo, não tiveram vida longa. Os próprios ensaios de renovação pedagógica foram interrompidos porque as escolas onde se implantaram foram fechadas por razões políticas. O país vivia então o período negro da ditadura militar. Aliás, no fim da década de sessenta, observou-se um certo recuo em matéria de educação sexual. Uma onda de puritanismo invadiu o país... (p. 174).

Nesse contexto, os pesquisadores Maria Amélia Azevedo Goldberg, Maria José Garcia Werebe e Celso Ferretti aproveitaram-se do acontecimento do IV Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, realizado em 1976, para realizar uma pesquisa de reconhecimento dos trabalhos de ES que haviam sido interrompidos, os que continuavam sendo desenvolvidos e os que haviam surgido em meio ao regime ditatorial. Os pesquisadores utilizaram, como método de coleta de dados, a aplicação de questionários aos participantes do evento. Uma das principais constatações, apesar dos números que indicaram um grande recuo na quantidade de trabalhos sobre sexualidade desenvolvidos nas escolas, foi que “apesar das dificuldades decorrentes de um clima pouco favorável, senão hostil, à Educação Sexual, esta prática não desapareceu das escolas brasileiras” (WEREBE, 1978, p. 23).

Ocorridas após esse período, Werebe (ibid.) aponta algumas realizações oficiais positivas que se destacaram no cenário nacional. São elas: o Projeto de

Educação Sexual para a Comunidade Escolar, da Secretaria de Educação de Pernambuco, entre 1987 e 1988; a inclusão de um programa de Educação Sexual optativo para alunos da rede municipal de ensino de São Paulo, em 1989; o programa de Educação Sexual para crianças e adolescentes proposto pelo Ministério da Saúde e UNICAMP, em 1989; e os programas de Educação Sexual em escolas municipais de Porto Alegre, em 1990.

Silva (2004) acrescenta, a essas destacadas realizações, o apoio do MEC e do Ministério da Saúde ao projeto de Ricardo Cavalcanti que realizou cursos de capacitação para professores no nordeste do país, a implantação da portaria interministerial nº 796 que recomendava ações e projetos educativos de prevenção à AIDS nas escolas, e a criação do Conselho Nacional de Projetos Especiais, o CONASP. Esse último, segundo a autora, normatizava a Educação Sexual no sistema público de ensino, o que culminou com o desenvolvimento de alguns projetos por professores nas redes estaduais e municipais, e a adaptação do Guia de Educação Sexual dos Estados Unidos e sua distribuição no Brasil em 1994. Por fim, a autora acrescenta a esses fatos a publicação dos PCN de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (BRASIL, 1997), e dos PCN –Temas Transversais (id. 1998), no qual também se inclui o caderno de Orientação Sexual.

A proposta de inclusão da Educação Sexual nas escolas de todo o país acontece com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cujo caderno sobre Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, de 1997, apresenta a política do agora Ministério da Educação e do Desporto (MEC) para a área. Este caderno refere-se à Educação Sexual através de uma abordagem baseada na concepção dos temas transversais, perpassando as várias disciplinas escolares. É possível considerar que, a partir desta data, o governo federal brasileiro reconhece a importância da Educação Sexual no espaço escolar como necessária à formação integral do indivíduo (SILVA, 2004, p. 26).

A Educação Sexual no Brasil, como demonstrado, pode ser representada por diversos momentos, cada um com suas características e modelos específicos, mas os PCN representaram um marco divisório que se sobressaiu nessas discussões. Segundo Silva (ibid., p. 14), a publicação desses documentos mudou o foco dos discursos sobre a sexualidade nos



contextos escolares. Até então, o que se observava no cenário educacional brasileiro era a proibição de discussões e atividades que possibilitassem a inserção do tema da sexualidade nas escolas. O que sucedeu esse fato, entretanto, foi não apenas uma crescente manifestação dessas discussões no meio escolar, mas uma série de diretrizes que as instituíam no contexto educacional como legítimas e necessariamente constituintes das responsabilidades da escola no processo de formação dos cidadãos.

no caso da Educação Sexual, até recentemente não se podia falar sobre a mesma; menos ainda realizar atividades no espaço escolar que abrissem possibilidades de tratar o assunto com os educandos. Hoje, há quase uma "obrigação" em fazê-lo, tendo o professor por diretriz as propostas de trabalho com os temas transversais sugeridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entre eles, a Orientação Sexual (SILVA, *ibid.*, p. 14).

É evidente que esses documentos representaram uma mudança significativa para a Educação Sexual escolar, mas, diferentemente de Silva, não vejo o período imediatamente anterior aos PCN como um período de proibições, o que ocorrera de fato nas décadas de 1960 e 1970. Seguiu-se a este momento um período em que a inclusão da ES escolar era dificultada pela falta de uma legislação ampla e específica que embasasse esses trabalhos em seus diversos aspectos, além de uma recusa na aceitação dessas discussões por alguns setores da sociedade. Isso não significa, entretanto, que não houvessem esforços, anteriores a essa política do MEC, para a implantação da Educação Sexual nas escolas, como os já citados projetos da Secretaria de Educação de Pernambuco, da UNICAMP, do município de Porto Alegre e a criação do CONASP, indicados por Werebe (1998) e pela própria autora (SILVA, 2004). Da mesma forma, não penso que as mudanças tenham ocorrido de forma rápida e inexpressiva, mas que foram acontecendo de forma progressiva e sempre permeadas por discussões e conflitos que perduram até a atualidade.

Uma das primeiras constatações que fiz com esta pesquisa refere-se à quantidade de trabalhos que abordam a temática da Educação Sexual escolar

publicados no Brasil entre os anos de 1990 e 2006<sup>13</sup>. De posse desses dados, foi possível constatar um grande volume de produções acadêmicas posteriores à publicação dos PCN, a partir de quando os índices de aumento de dissertações e teses publicadas apontaram números significativos.

Esses documentos, entretanto, não apenas possibilitaram uma mudança no quadro acadêmico no que se refere aos dados quantitativos, mas também alguns aspectos específicos desses trabalhos começaram a se moldar de acordo com os modelos apresentados, como o uso dos termos Educação Sexual e Orientação Sexual.

Um dos primeiros pontos que chamam a atenção na revisão bibliográfica realizada é o uso dos termos Educação Sexual (ES) e Orientação Sexual (OS). Alguns autores usam-nos sem antes defini-los; outros, principalmente os que realizam estudos após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais [...] utilizam a terminologia Orientação Sexual, possivelmente por ser esta a oficialmente adotada (SILVA, 2004, p. 14).<sup>14</sup>

Essas discussões, assim como as demais que surgiram no período posterior à publicação desses documentos oficiais, serão desenvolvidas no Cap. IV – Resultados das análises – no qual serão apresentados dados quantitativos e qualitativos sobre as obras que são, neste estudo, utilizadas como fonte documental.

### **1.2.2. A produção acadêmica sobre a Educação Sexual e as pesquisas do tipo Estado da Arte.**

As pesquisas do tipo “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”, são pesquisas de revisão bibliográfica que têm como uma de suas finalidades principais a organização de trabalhos que abordam uma determinada temática em um período específico. Segundo Haddad (2002), esses estudos:

---

<sup>13</sup> Dentre aqueles que estão contidos na base de dados Ariadne. Cf. Capítulo 3.

<sup>14</sup> O uso indiscriminado e aleatório dos termos Educação Sexual e Orientação Sexual, sem a definição, pelos autores, de critérios claros que os diferencie, já havia sido reportada por Figueiró (1995), Cf. Cap. 1, subitem 1.3.2.

permitem, num recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura (p. 09).

Segundo Ferreira (2002), esse tipo de estudo tem como principal desafio o mapeamento e discussão de uma produção acadêmica distinta, em diferentes campos do conhecimento, em busca de respostas sobre os aspectos e as dimensões que são destacados em certa época e lugar, as formas e condições em que esses trabalhos são produzidos, tendo como uma de suas principais características o caráter inventariante e descritivo. Para Gamboa (1987), esse tipo de estudo na área da educação, ao qual o autor denomina “pesquisa sobre a pesquisa educacional”, surgiu na década de 1970, a partir da “necessidade de [se] analisar a proliferação de pesquisas e centros de pesquisa na área das ciências da educação” (p. 48).

Dessa forma, compreendo o Estado da Arte como um tipo particular de estudo sobre a produção acadêmica, que visa inicialmente organizar os trabalhos publicados em tempo e espaço específicos, com um recorte delimitado sobre a temática, em que se busca analisar um determinado elemento, ou vários deles, no conjunto de obras organizado.

Faz-se necessária, a partir das definições apresentadas, a retomada de alguns trabalhos do tipo Estado da Arte, aos quais este se soma, complementando-os ao passo em que se apropria de seus resultados como um de seus pontos de partida. São eles: a pesquisa que organizou os títulos e resumos que compõem a base de dados Ariadne (SCHILING, et al, 2007; 2008); a tese de doutorado de Ferreira (1999) que, a partir de resumos de dissertações e teses, organizou os trabalhos que abordavam a temática da leitura; o primeiro trabalho dessa natureza que organizou a produção acadêmica sobre Educação Sexual no Brasil (FIGUEIRÓ, 1995)<sup>15</sup>; e o que

---

<sup>15</sup> Em sua dissertação, Silva (2004) aponta o Estado da Arte de Figueiró (1995) como precursor entre os que discutem Educação Sexual no Brasil, assim como não encontrou registro de outro que, sendo dessa mesma natureza, abordasse tal temática até o ano de 2001, ano que encerrava o recorte temporal de sua pesquisa. Outros estudos do tipo Estado da Arte, entretanto, apesar de não a terem como foco principal, tomaram a Educação Sexual como um de seus pontos de análise. É o caso do estudo de Rosemberg, et al. (1990), que fez um balanço da publicação nacional sobre mulheres e educação formal no Brasil, abordando, entre outros temas, a sexualidade.

tomou esse último estudo como referência para a análise de dissertações e teses sobre formação de professores para a abordagem da ES na escola (SILVA, 2004).<sup>16</sup>

A primeira obra, resultada do projeto “Democratizando o conhecimento: o Estado da Arte sobre gênero e educação formal como subsídio para a formulação de agendas e ações de políticas governamentais e não governamentais” (SCHILING, et al, 2008), teve como produto final uma base de dados com 1.213 títulos, dentre os quais estão os que, juntamente com seus resumos, compõem a fonte documental desta dissertação. Esse projeto e a base na qual resultou, entretanto, serão apresentados com mais detalhes no Capítulo 3 – Caminhos metodológicos –, em que exponho os métodos de reconhecimento e organização da fonte documental a ser analisada e a metodologia de análise utilizada.

A tese de Ferreira (1999) foi um importante instrumento para definir quais seriam os rumos que poderia tomar um estudo que se propõe analisar apenas os resumos de trabalhos acadêmicos. Essa obra foi significativa para ajudar a compor algumas das categorias de análise, estabelecer a metodologia a ser utilizada e prever possíveis obstáculos a serem enfrentados no percurso. Uma das contribuições mais significativas da autora, para esta dissertação, foi a constatação das dificuldades encontradas nesse tipo de pesquisa se feito apenas a partir de resumos, como as complicações no acesso a esse material ou sua inexistência, falta de homogeneidade em alguns dados e a escassez de informações ou a demora na aquisição dos mesmos.

A primeira dificuldade que enfrento nesse momento do trabalho é o acesso ao material e a falta de homogeneidade nos dados que o identificam. Algumas informações, só consigo tê-las em mão, quase no final do meu trabalho. Outras tantas ficam incompletas: falta indicação da área de onde os trabalhos se originam; faltam resumos; faltam nomes dos orientadores (FERREIRA, 1999, p. 213).

---

<sup>16</sup> As quatro obras citadas não são apresentadas na ordem cronológica de suas publicações, mas na de suas contribuições nesta dissertação e de meu contato com tais trabalhos. Assim, as duas primeiras representam os trabalhos do tipo Estado da Arte de forma mais ampla, sendo que a primeira é aquela com a qual tive contato inicialmente, e a qual mais apresentou contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. O mesmo critério é utilizado nas duas últimas obras apresentadas, sabendo-se que se tratam especificamente de Estados da Arte sobre Educação Sexual.

Os outros dois estudos citados são dissertações do tipo Estado da Arte que tomaram, como objeto principal de análise, questões relacionadas à Educação Sexual.

O primeiro deles, a dissertação de mestrado de Figueiró (1995), analisou, nos trabalhos acadêmicos publicados entre 1980 e 1993<sup>17</sup>: a) o tipo de pesquisa; b) a abordagem da ES com a qual o estudo estava comprometido; c) a área do conhecimento em que foi produzida; d) o tipo de educando ao qual o trabalho se refere, ao que denomino, nesta dissertação, “público alvo” ou “participantes das pesquisas”; e) os elementos-chave, que passo a denominar “eixos temáticos”; f) o profissional responsável, indicado nos trabalhos, pelo papel de educador sexual; g) o contexto no interior do qual o texto aborda a ES, podendo ser familiar, escolar, clínico etc.; h) as questões conceituais, que se referem à forma como o autor compreende e define a ES, além de uma análise das terminologias utilizadas e privilegiadas nos estudos; i) se há alguma concepção questionável nos textos, as quais são especificadas pela autora.

Além disso, Figueiró divide os trabalhos analisados em três grupos: Grupo A – Livros e capítulos de livros; Grupo B – Artigos, pesquisas e trabalhos apresentados em eventos; e Grupo C – Dissertações e teses. Dentre esses, destaco o último grupo, dissertações e teses, visto que esse tipo de produção acadêmica é meu foco de análise nesta dissertação.

Dentre esse grupo de obras, ela formula alguns resultados e discussões, dos quais destaco cinco: No âmbito do tipo de abordagem, que é o foco principal da análise, foi observada a predominância da Pedagógica e da Política<sup>18</sup>. Quanto à distribuição dos trabalhos por área, constatou-se o predomínio da área da educação, apesar de se verificar a existência de significativa representatividade da área da Psicologia. Quanto aos educandos,

---

<sup>17</sup> Diferentemente desta dissertação e do outro Estado da Arte sobre Educação Sexual citado (SILVA, 2004), o trabalho de Figueiró (1995) foi realizado a partir da leitura dos textos em sua versão integral. Tal esforço, principalmente devido ao grande volume de obras localizado no período posterior ao compreendido pelo Estado da Arte de Figueiró (ibid.), o qual me disponho analisar, inviabilizou um estudo dessa mesma natureza, motivo pelo qual efetivou-se neste a opção pela análise de resumos.

<sup>18</sup> Apesar de tal abordagem ser referenciada como “política”, em outras obras, desta e de outros autores, o termo vem sendo substituído por “abordagem emancipatória”. Cf. subitem 1.3.3 deste Capítulo.

os mais referenciados são crianças, adolescentes e jovens, entre os quais se destacam os adolescentes. No tocante aos “termos-chave”, destacam-se “relações de gênero” e “prazer”. Por fim, a constatação de que o profissional que deve assumir o papel de educador sexual, segundo maior parte dos trabalhos analisados, é o professor.

O trabalho de Silva (2004), por sua vez, traz um panorama dos estudos, publicados entre 1977 e 2001, sobre a formação de professores para trabalharem com o tema da ES na escola. A partir do levantamento de 65 obras entre dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre-docência, distinguiu: a) o grau de titulação acadêmica a que se refere; b) a graduação do autor<sup>19</sup>; c) os orientadores das pesquisas; d) o ano de defesa; e) as instituições onde foram realizadas e publicadas; f) as concepções e representações dos professores/orientadores apontadas nas obras; g) elementos teóricos, históricos e curriculares, entre outros.

Dentre as conclusões que a autora aponta, destaco algumas que considero importantes: Grande parte da produção analisada se concentra nas regiões sudeste e sul do país, com predomínio da primeira, principalmente no Estado de São Paulo que concentra quase metade do total da produção acadêmica pesquisada. Entre as instituições que se destacam quantitativamente, a autora cita, nessa ordem de importância: USP, UNICAMP, PUC-RS, PUC-SP e UFRGS. A autora também aponta para um aumento contínuo na produção acadêmica no período, sendo que, entre os 25 anos analisados, cerca de 60% das obras se concentram nos cinco últimos, e 30% no período 2000-2001. Quanto a formação inicial dos pesquisadores, quase metade das obras publicadas são de graduados em Ciências Biológicas, Psicologia e Pedagogia. Outro dado significativo é o Programa de Pós-Graduação em que a pesquisa foi desenvolvida, destacando-se a área da Educação com mais de 50% do total de publicações. No que se refere ao foco temático, a autora aponta para uma frequência relativamente constante de trabalhos sobre “Características, concepções/representações e práticas escolares”, representados por 74% do conjunto das obras.

---

<sup>19</sup> Refere-se à titulação obtida pelo autor em sua formação inicial no ensino superior.

Essas obras (SCHILING, et al., 2007; FERREIRA, 1999; FIGUEIRÓ, 1995; SILVA, 2004) apresentaram contribuições importantes para esta dissertação, tanto no que se refere à fonte documental e à metodologia empregada em estudos do tipo Estado da Arte, como, mais especificamente nas que têm a Educação Sexual como tema principal, na disponibilização dos resultados das análises efetuadas. Esses dados, entretanto, serão considerados apenas como parâmetros para esta pesquisa, posto que me apropriado, principalmente, de algumas categorias de análise elencadas pelas autoras, sabendo-se que realizo recortes diferentes dos que foram realizados nas outras obras e não proponho uma continuidade aos estudos realizados, mas um acréscimo a eles.

### **1.3. Tendências teóricas, temas e abordagens da sexualidade e da Educação Sexual**

Para o ser humano, diferentemente de outras espécies animais, o sexo não tem como finalidade única o contexto biológico da reprodução e da preservação da espécie, mas envolve também uma gama de sentimentos, emoções e prazeres, em um conceito mais amplo, o qual denominamos sexualidade.

Segundo Maia (2006a),

sexo se refere à relação sexual, em geral voltada para a reprodução e o prazer sexual. O conceito de sexualidade, porém, é amplo; envolve também a intencionalidade humana, a expressão e a vivência dinâmica das condutas sexuais e dos relacionamentos afetivo-sexuais. Há no conceito de sexualidade a dimensão social e, portanto, questões como a afetividade, o prazer, o erotismo, etc. que vão além do instinto sexual e que sofrem as influências das diferentes culturas (p. 70).

Como afirma Guimarães (1995), a sexualidade não diz respeito apenas a algo relativo aos órgãos e às relações sexuais, pois se trata de um sentido e uma intencionalidade atribuídos ao sexo. Segundo Figueiró (2006a, p. 17) a sexualidade “é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é, também, culturalmente determinada”.

Essa compreensão, que extrapola o conceito biológico, entretanto, é relativamente recente nos estudos acadêmicos. Segundo Foucault (1984), os estudos sobre a sexualidade e o próprio surgimento desse termo remetem ao século XIX, época em que, segundo o autor, ocorreu uma “explosão discursiva” sobre o tema. Para Gagnon (2006, p. 70) o interesse em torno de tal temática, principalmente quando se toma a “tentativa científica de desvendar o que as pessoas fazem sexualmente por meio de pesquisas realizadas dentro do espírito do esclarecimento intelectual e social” têm suas origens entre os séculos XIX e XX. Até então, segundo o autor, as discussões sobre o sexual faziam parte de problematizações médicas e morais, como a prostituição e as “doenças venéreas”.

Heilborn (1999), baseada nas afirmações de Vance (1995), afirma que sexualidade não é sinônimo de atividade sexual

pois refere-se a uma construção histórica [...] de uma dimensão interna aos sujeitos, profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, no qual interiorização e individualização são traços modeladores da subjetividade” (p. 40).

Conforme afirmam Heilborn e Brandão (1999, p. 9), apesar de remeterem a um processo histórico anterior aos estudos de gênero, foi a partir deles que as discussões sobre sexualidade tiveram um aumento expressivo nas discussões acadêmicas, principalmente por que esses dois campos estão intimamente ligados e têm como pano de fundo os movimentos sociais como o feminista e o de libertação sexual.

A partir de então os estudos sobre a sexualidade e sobre a Educação Sexual ampliaram-se em um campo vasto de análises sobre cultura, repressão, emancipação política, jogos de poder, relações sociais, gênero, diversidade sexual, direitos sexuais, representações sociais etc., nas diversas áreas do conhecimento e sob diferentes perspectivas teóricas. Quanto a essas teorias, apesar de algumas divergências e de uma grande diversidade de compreensões de seus objetos de estudo, organizo-as a seguir a partir de suas principais teorizações precursoras, apontando algumas classificações resultadas de esforços anteriores de pesquisadores que se dedicaram a essas



questões, como Parker (1991), Figueiró (1995), Nunes (1996), Carvalho (2005), Libâneo (2005), Furlani (2008a) e Castañon (2009).

### **1.3.1. Conceituações teóricas: Algumas compreensões e (re)significações da sexualidade**

Antes de discorrer sobre as conceituações teóricas e abordagens que permeiam e sustentam as discussões sobre a educação sexual, apresento algumas possibilidades de se teorizar especificamente sobre a sexualidade. Nesse ponto, entendo que as bases epistemológicas dos estudos aos quais me proponho analisar estão diretamente ligadas a outros elementos que constituem esses trabalhos, principalmente no que se refere às abordagens e às temáticas que se evidenciam nas pesquisas. Assim, a partir da compreensão das principais teorias precursoras de cada abordagem, foi possível compreender, por exemplo, as relações existentes entre algumas delas, caso das teorias *Queer* e Pós-estruturalista, e as principais diferenças que caracterizam alguns desses estudos, como ocorre com as teorias citadas e a abordagem Emancipatória, que se assemelham em algumas discussões políticas, sociais e culturais, mas têm diferenças marcantes em suas bases epistemológicas que não justificariam suas classificações em um único grupo.

Entendo a importância dessas aproximações, tendo em vista que proponho análises a partir de resumos, o que exige maior atenção diante das limitações desse tipo de texto que raras vezes evidencia detalhes que possibilitem a diferenciação entre elementos conceituais e teóricos relativamente próximos.

Com tal finalidade, fez-se necessário um levantamento dos principais conceitos, abordagens e teorias que se evidenciavam nos resumos para que então fossem pensadas suas origens e, conseqüentemente, pudessem ser reorganizadas na medida em que se buscava, em suas raízes, elementos que justificassem suas aproximações.

Desse modo, quatro principais bases epistemológicas foram reconhecidas nas teorizações, conceituações e abordagens presentes nos resumos analisados e na fonte documental desta dissertação: o Construtivismo, o Construtivismo social, o Socioconstrutivismo e o

Construcionismo Social, além de suas derivações e diversas ramificações as quais se observaram durante os processos históricos que os constituíram e consolidaram<sup>20</sup>.

Início tais considerações a partir da ideia de Construtivismo, que teve origem, segundo Castañon (2009), nas teorias de Immanuel Kant, que questionava os conceitos de “formação” em que se pensava no sujeito como fruto das representações presentes no meio social. Kant partia de uma ideia de “construção”, em que o sujeito é construtor das representações dos objetos e não apenas receptor passivo de estímulos do ambiente.

Essa inversão de sentido entre a relação sujeito-objeto pode ser considerada a base para a criação do Construtivismo contemporâneo. Nessa perspectiva, o conhecimento deixa de ser considerado uma determinação do sujeito pelo objeto, e passa a ser visto como uma organização ativa por parte do sujeito, através do material que lhe é fornecido pelos sentidos.

A razão, tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem dar aos fenômenos concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo estes princípios, deve ir ao encontro da natureza, para ser por esta ensinada, é certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos questionamentos que lhes apresenta (KANT, 1997, p. 18).

Alguns autores, como Ferreira (2005), referem-se a esse tipo de Construtivismo, em que prevalecem os conceitos de moral de Immanuel Kant, como um “Construtivismo kantiano”, afirmando assim existir um outro tipo de Construtivismo, não-kantiano. De fato, o Construtivismo contemporâneo, apesar de ter algumas de suas bases nos pensamentos de Kant, tomaram outros estudos como organizadores de seus conceitos, que derivam, em alguns casos, das compreensões de estudiosos que mantêm bases piagetianas, de alguns que se baseiam nos estudos de Vygotsky ou em autores que se baseiam nos estudos de pensadores das ciências humanas e sociais, como Marx, Horkheimer e Adorno.

---

<sup>20</sup> Não proponho, nesta dissertação, a classificação dos resumos a partir de tais bases epistemológicas, o que se inviabilizaria em um estudo realizado a partir de resumos, mas utilizo tais epistemologias como fundamentação para as classificações a serem realizadas quanto às abordagens da Educação Sexual, o que é apresentado no próximo subitem.

Segundo Castañon (2009), um dos principais pensadores que contribuiu com a elaboração das teorias construtivistas foi Piaget. Para esse, “a construção do conhecimento exige uma interação necessária entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido”, ou seja, o sujeito constrói suas representações de mundo interagindo com os objetos do conhecimento (PIAGET, 1967, p. 590). Nessa perspectiva, a interação entre sujeito e ambiente ocorre, como afirma Carvalho (2005), como um processo de determinação recíproca. Ainda segundo Piaget (1987), somos ativos quando interpretamos a experiência para assimilá-la aos nossos esquemas e teorias, mas também o somos ao mudarmos nossos esquemas e teorias de forma a acomodarem-se à realidade.

Libâneo (2005) cita a aplicação dessas teorias como fundamento principal do que chama de “teorias neocognitivas” dentre as quais destaca o “Construtivismo pós-piagetiano”,

uma teoria em que a aprendizagem humana é resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com outros. O ser humano tem uma potencialidade para aprender a pensar que pode ser desenvolvida porque a faculdade de pensar não é inata e nem é provida de fora. O construtivismo pós-piagetiano incorpora contribuições de outras fontes tais como o lugar do desejo e do outro na aprendizagem, [...] o papel da interação social na construção do conhecimento. (id. p. 27)

Também compartilhando dessa visão em que o sujeito constrói o conhecimento a partir de sua interação com o meio e com os objetos, Vygotsky exerceu grande influência nas pesquisas do campo educacional, entre outros, que tomam o Construtivismo como base teórica. Apesar, entretanto, de ambos terem seus estudos estruturados sob a mesma corrente teórica, destacam-se algumas diferenças significativas existentes entre o pensamento vygotskiano e o piagetiano, principalmente no que diz respeito à definição e hierarquização de estágios do desenvolvimento cognitivo e sua relação com a construção do conhecimento, presentes apenas nos pensamentos de Piaget, e à influência marxista nas concepções de Vygotsky, o que justifica o caráter histórico-social presente nas concepções desse autor.

Para Vygotsky, o ser humano é criado histórica e socialmente, porém de forma consciente, ou seja, ele recebe os estímulos do ambiente, mas parte dele a construção dos esquemas que organizam essas informações. Vygotsky e Luria (2001) defendem que as primeiras sensações das crianças são orgânicas, como a dor, o calor etc, ou seja, são “funções psicológicas elementares”, comuns a maioria dos animais. Porém, não apenas esses, mas também os processos que sucedem os de cunho orgânico, ajudam a criança a perceber a realidade, ou seja, a construção do conhecimento depende de fatores externos que são apropriados a partir de “funções psicológicas superiores”. Essas funções, segundo os autores, são fruto do aprendizado cultural, e englobam a consciência, o planejamento e a deliberação, o que é construído ao longo da história do ser humano e suas relações sociais e culturais com o meio. Essas funções, portanto, são processos voluntários, conscientes, intencionais, mas dependem da aprendizagem que se obtém através do contato com o objeto do conhecimento e com outros elementos constituintes da vida sociocultural.

Coll, Palacios e Marchesi (1996), ao descreverem essa vertente do Construtivismo, a qual passo a chamar de Socioconstrutivismo<sup>21</sup>, afirmam que Vygotsky arquitetou um modelo em que o homem controla estímulo e resposta de forma ativa, em que prevalece sua vontade. Novamente pode-se observar a ação humana como principal fator na construção do conhecimento, apesar da interação deste com o meio social e cultural.

Segundo Libâneo (2005):

O construtivismo (...) refere-se a uma teoria em que a aprendizagem humana é resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com outros. O ser humano tem uma potencialidade para aprender a pensar que pode ser desenvolvida porque a faculdade de pensar não é inata e nem é provida de fora. (...) Nessa mesma perspectiva, o

---

<sup>21</sup> Entendo que, nessa análise, o termo “socioconstrutivismo” seja mais adequado às classificações que pretendo fazer por que, por um lado, remete à sua origem construtivista, mantendo na raiz de sua denominação essa teoria da qual se origina ou, ao menos, se aproxima e, por outro, deixa clara sua intenção de observar os aspectos sociais que, de alguma forma, contribuem para esse processo de construção. Entendo, porém, que alguns autores, apesar de darem maior ou menor ênfase aos processos sociais, utilizam denominações diferentes, como “estudos sócio-históricos” ou “sócio-interacionismo”, para essa mesma teoria.

socioconstrutivismo mantém o papel da ação e da experiência do sujeito no desenvolvimento cognitivo, mas introduz com mais vigor o componente social na aprendizagem, tornando claro o papel determinante das significações sociais e das interações sociais na construção de conhecimentos (p. 27).

Segundo Carvalho (2005), referindo-se ao Construtivismo e ao Socioconstrutivismo, epistemologia a qual o autor denomina “sócio-interacionismo”, essas duas teorias possuem algo em comum: tomam a atividade do sujeito como fundamental para a constituição dos processos cognitivos (Piaget) ou psicológicos (Vygotsky).

Entendo porém que há diversas vertentes desses estudos que tomam a construção do sujeito a partir de sua interação com o objeto e mediado pelo meio sociocultural. Algumas focadas em contextos psicológicos que, embasados principalmente nos estudos de Vygotsky, entendem o conhecimento como uma construção do ser humano a partir de reações aos estímulos advindos do meio social, as quais denominei anteriormente “socioconstrutivistas”. Outras, apesar de também pensarem no sujeito como construtor do conhecimento a partir de sua interação com o meio, tomam os estudos da escola de Frankfurt como bases de suas teorias, em uma relação mais sociológica do que psicológica, ou seja, privilegia-se, nesses casos, a construção do conhecimento como um determinante para os processos de libertação social. Trata-se dos estudos tidos como “Críticos”, “Sócio-críticos”, “Socioculturais” ou “Emancipatórios” que, assim como os baseados na teoria vygotskiana, são influenciados por ideais kantianos e marxistas.

Essa, que pode ser pensada como uma vertente da teoria Socioconstrutivista, a qual passo a chamar de “Teoria Crítica” apesar de entender que ela compreende outras denominações, tem como uma de suas bases as contribuições de Karl Marx, a partir das quais alguns pensadores como Adorno e Horkheimer estruturaram o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, que se tornaria um dos suportes para essa teoria.

Segundo Nunes (1996), foi a abordagem realizada pela escola de Frankfurt, na década de 1920, a primeira que, mais consistentemente, discutiu a sexualidade “numa dimensão histórica fundamentada numa análise filosófico-antropológica”. Ainda segundo o autor (ibid.):

Marcada pelo pessimismo e pela melancolia, a escola de Frankfurt apropria-se da metapsicologia de Freud para compreender a excessiva burocratização dos estados socialistas e a descompressão erotizantes das mercadorias capitalistas que solapavam as potencialidades revolucionárias das classes operárias do ocidente. [...] A questão da sexualidade foi profundamente analisada pelos pensadores da escola de Frankfurt, nas suas interrelações com a sociedade tecnocrática, sendo objeto de discussão na obra de Marcuse, Adorno [...], Benjamin [...], Fromm, Reich, entre outros (p. 110).

Nessa perspectiva, a educação passa a ser pensada também como forma de se questionar valores como a intolerância e a desigualdade em diversos níveis. Para Silva, (2010):

A nossa indiferença ao mundo, às coisas e ao que acontece a nós e aos outros é, em grande medida, a porta que dá passagem para práticas cruéis, para os abusos da força e do poder, para ações discriminatórias e para a naturalização e banalização do sofrimento e daquilo que representa o mal. (p. 02)

Esses pensadores frankfurtianos partiram dos ideais marxistas, que contestavam as desigualdades de classe, e do conceito de Esclarecimento, resgatado do Iluminismo através dos pensamentos de Kant, que sugeria a possibilidade de um mundo melhor através de propostas de emancipação. Ayres (1997), ao defender ideais de uma “pedagogia para a emancipação”, afirma que existem três princípios básicos para essa prática educativa:

1. Eleger como principal adversário, não a ignorância, mas a barbárie, isto é, o impulso de supressão violenta, inclusive intelectual de toda forma de alteridade;
2. Mover-se num equilíbrio entre adaptação e crítica, isto é, a educação deve capacitar ao indivíduo a estar no mundo concretamente posto, ao mesmo tempo em que estimular seu inconformismo, sua capacidade de recriação deste mundo;
3. Orientar-se positivamente pelo ideal de superação da ‘auto-inculpável meninice dos homens’, ou seja, pelo propósito de favorecer em cada um a aptidão e a coragem de servir-se do entendimento sem a necessidade da tutela de outrem (p. 107).

Alguns dos autores construtivistas que mais influenciaram a pedagogia nacional, principalmente aqueles que fundamentam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), são, por um lado, os que tomam tanto os estudos

piagetianos quanto os vygotskianos como base. César Coll, por exemplo, um dos principais responsáveis pela elaboração desses documentos, assumidamente construtivista, tem os dois pesquisadores como fundamentadores de suas teorias. Por outro lado, figuram aqueles que têm entre suas principais referências teóricas os Estudos Críticos iniciados por Adorno e Horkheimer, e que se fazem presentes nos pensamentos de renomados autores ocidentais, tais como Jean-Claude Forquin, Pierre Bourdieu e Henry Giroux. Além desses autores, essas teorias também aparecem amplamente apropriadas por pensadores da pedagogia brasileira como Dermeval Saviani e Paulo Freire.

No campo da Educação Sexual, algumas das principais teorias que contemplam esses estudos são, por um lado, aqueles que buscam proporcionar a vivência da sexualidade em plenitude e com liberdade, denominados “Educação Sexual Pedagógica” (FIGUEIRÓ, 1995), e, por outro, aqueles que o fazem a partir da compreensão de que a vivência plena da sexualidade depende também de questões políticas, sociais e culturais, as quais passam por um processo de libertação e emancipação em relação à repressão, à violência, à desigualdade, ao preconceito, e às relações de poder, e que são denominadas “Educação Sexual Política” (FIGUEIRÓ, 1995), “Educação Sexual Crítica” (FURLANI, 2008a)<sup>22</sup> e “Educação Sexual Emancipatória” (FIGUEIRÓ, 2006a; MELO, 2010; NUNES, 2003; POCOVI, 1998)<sup>23</sup>. Essas abordagens da sexualidade em espaços de escolarização, entretanto, serão melhor discutidas posteriormente, neste capítulo, quando tratarei das demais abordagens elencadas por esses autores.

Diferentemente do Construtivismo, no Construcionismo Social o significado que se atribui aos objetos não se baseia em processos mentais, nem na referência que se faz a esses objetos, mas “é produzido através do contato social com outros habitantes da cultura em que está inserido” (GERGEN 1984, apud CASTAÑÓN, 2009, p. 36). Ainda segundo o autor, essa teoria tem três grandes pressupostos: 1) a realidade é dinâmica e não possui

---

<sup>22</sup> A autora não cita o termo “Educação Sexual Crítica” diretamente, apenas o cita como “Currículo Crítico”, porém referindo-se à Educação Sexual.

<sup>23</sup> A expressão “Educação Sexual Política” vem sendo substituída por “Educação Sexual Emancipatória”, sendo que são consideradas, por alguns autores, sinônimas. Os processos, justificativas e discussões que envolvem esses conceitos são apresentados no subitem 1.3.2 deste capítulo.

essência ou leis imutáveis. 2) O conhecimento é uma construção social, baseada em comunidades linguísticas. 3) O conhecimento tem consequências sociais que determinam sua validade.

Há entretanto, segundo Held (1998; apud. CASTAÑÓN, 2009) duas vertentes dessa teoria: uma mais radical, em que a linguagem se torna a própria realidade, não existindo realidade além dessa linguagem construída no sujeito em suas interações sociais. Desse pressuposto partem teorias como as que se evidenciam nos auto-intitulados “Estudos Culturais” e na teoria *Queer*, com bases principalmente nos estudos desconstrucionistas sugeridos inicialmente por Jacques Derrida; outra, menos radical, em que se considera que a teoria construída sobre os objetos do conhecimento por meio da linguagem, é intermediária na relação entre o sujeito e o mundo impermeavelmente, de modo que a realidade objetiva pode até existir, mas não é acessível, como se observa em estudos com bases pós-estruturalistas.

Para Jeffrey Weeks, em seu artigo “o corpo e a sexualidade” (2001, p. 43), o termo “Construcionismo Social” se refere a uma abordagem historicamente orientada. Para esse autor, essa é uma forma de argumentar que, para compreendermos algumas atitudes, “em seu contexto histórico específico [...] [devemos apreender] as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal”.

O autor questiona os pensamentos essencialistas que determinam caracteres fundamentalmente biológicos na constituição da sexualidade humana, o que reflete a tendência pós-darwiniana do final do século XIX que tentava justificar fenômenos humanos como derivados apenas de fatores internos. Para o autor (ibid. p. 40), quando se fala em “instinto” ou “impulso do sexo”, rejeita-se principalmente o que sugere uma vasta literatura contemporânea: a sexualidade “como uma construção social, uma invenção histórica que, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas” (ibid. p. 40). Ainda segundo Weeks, apoiando-se nos estudos de Foucault, essa intervenção social e cultural na construção da sexualidade se faz, principalmente, no interior de relações de poder.

Tais proposições sobre os dispositivos históricos e as relações de poder instituídas no meio social, discutidas inicialmente por Foucault em sua obra



“História da Sexualidade”, principalmente no primeiro volume, “A vontade de saber”, (FOUCAULT, 1984), são as bases do Construcionismo Social e de algumas das teorias e abordagens que se relacionam com, e se assemelham a ele, como o Pós-estruturalismo, o Pós-modernismo, os estudos Pós-críticos, os estudos feministas, o neo-pragmatismo, a Teoria *Queer* etc.

Para alguns dos autores que se apóiam nessas correntes teóricas, como Louro (1999; 2004), Altmann (2001), Weeks (2001), Butler (2002), Furlani (2008b) dentre outros, o que se sabe sobre a sexualidade é culturalmente construído, fruto de relações sociais em que o poder é instituído através de discursos, instituições, regulamentos etc<sup>24</sup>. Louro, referindo-se aos(às) estudiosos(as) que tomam as relações de gênero como base de suas pesquisas, afirma que:

Aqueles/es que se aproximam de Foucault provavelmente concordam que o poder tem um lugar significativo em seus estudos e que sua “analítica do poder” é inovadora e instigante. Foucault desorganiza as concepções convencionais – que usualmente remetem à centralidade e à posse do poder – e propõe que observemos o poder sendo exercido em muitas e variadas direções, como se fosse uma rede que, “capilarmente”, se constitui por toda a sociedade. [...] Mais preocupado com os efeitos do poder, Foucault diz que seria importante que se percebesse esses efeitos como estando vinculados “a disposições, a manobras, a táticas, a funcionamentos” (LOURO, 2004, p. 38, grifos da autora).

Segundo Hall (2003), Foucault e seus estudos apontam para uma rede de controle que institui gostos, prazeres, cuidados, comportamentos e práticas, e para os sujeitos que se encontram atrelados a ela. O objetivo principal dessas manobras de poder seria controlar a vida social através de “verdades” produzidas por um determinado corpo do conhecimento.

Nessa perspectiva, também a sexualidade é concebida como um dispositivo histórico, significado em diversos sistemas culturais, ou seja, ela não expressa verdades intrínsecas ao corpo, visto que se trata de uma

---

<sup>24</sup> Apesar de também se apropriarem da teoria foucaultiana, os estudos Crítico-emancipatórios se diferenciam do Construcionismo Social por não focarem suas discussões nas amarras presentes na linguagem e nos discursos, e que, nessa última concepção, impossibilitam os processos de emancipação e liberdade a partir da autonomia da agência humana, o que será mais bem discutido no subitem 3.1.2, juntamente com as influências desses conceitos em algumas das possíveis abordagens da Educação Sexual observadas na contemporaneidade.

construção sobre o biológico, os desejos, a afetividade etc., mas cria “realidades” que fundamentam as relações sociais (FOUCAULT, 1984; LOURO, 2008; WEEKS, 2001).

Sob a óptica de que o conhecimento é fruto de construções sociais, na década de 1970, se fortalece uma abordagem mais sociológica desses estudos, denominada “Construtivismo social”, a partir, principalmente, dos estudos que resultaram nas publicações de “Scientific knowledge and sociological theory”, de Barry Barnes, em 1974 e de, “Knowledge and social imagery”, de David Bloor, em 1976. (CASTAÑON 2009).

No campo da Educação Sexual, segundo Heilborn e Brandão (1999):

O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual [...]. Significados sexuais e [...] comportamento sexual não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação, como o sistema de parentesco e de gênero, as classificações etárias, a estrutura de privilégios sociais e de distribuição de riqueza etc. (p. 09).

Para os construtivistas sociais, o grande equívoco dos estudos sobre a sexualidade está na universalização, na generalização do sentido de experiência e comportamento sexual. Defende-se a existência de significados diferentes para essas questões entre grupos sociais distintos, relacionados principalmente a questões culturais. Heilborn e Brandão afirmam que, nos estudos sobre a sexualidade que se valem do Construtivismo Social como base metodológica:

o foco da argumentação é o de que existem formas culturalmente específicas [...] que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura (ibid. p. 09).

Vance (1995), referindo-se aos estudos da Antropologia, classifica o Construtivismo Social aplicado à sexualidade em dois modelos. O primeiro, ao qual denomina “modelo de influência cultural”, compreende a sexualidade como um material básico que é moldado pela cultura, enfatizando o papel do

aprendizado “na formação do comportamento e das atitudes sexuais, rejeitando formas óbvias de essencialismo e universalização” (ibid. p. 18). Assim, o que é aceito de uma forma em uma determinada cultura, pode ser compreendido de outra forma em uma cultura diferente, de modo que a ênfase dos estudos se mantém na variabilidade.

Heilborn e Brandão (1999, p. 09), referindo-se a esse modelo apresentado por Vance, afirmam que se aceita, assim, a existência de uma partilha entre corpo e razão em que “o corpo permanece como uma espécie de substrato ao qual a cultura se sobrepõe”, modelando comportamentos, experiências e significações. Nessa perspectiva entende-se que a sexualidade é universal e biologicamente determinada, “cabendo à sociedade conformar o impulso ou pulsão sexual”.

Um outro modelo apresentado por Vance (op. cit.), o modelo de construção social, apresenta uma perspectiva radicalmente diferente do primeiro modelo, e determina que a sexualidade resulta de construções culturais. Assim, influenciam na construção desse conceito as mediações e vínculos que definem o que é sexual em um determinado momento histórico, e as articulações feitas com outras questões, como as de gênero.

Para Heilborn (1997), vista pelo olhar do Construtivismo social, a sexualidade está relacionada à processos de socialização, aprendizagem de regras, roteiros e cenários sexuais. Heilborn segue a perspectiva de Gagnon (2006), segundo o qual a sexualidade é construída em processos de aprendizagem social caracterizados pelo acúmulo de ideias e experiências. Assim, os padrões que regulam a vida sexual das pessoas podem ser entendidos de formas diferentes de acordo com a cultura e o período histórico em que se inserem.

Uma das maiores contribuições de Gagnon para as ciências sociais e para os estudos construtivistas sociais sobre a sexualidade foi a criação, juntamente com William Simon, do conceito de “roteiros sexuais”. Uma forma de compreender o comportamento social no que tange à sexualidade, esses roteiros se referem aos processos que são comumente apropriados pelos elementos de um determinado grupo social, mesmo que inconscientemente, e que determinam condutas, comportamentos, pensamentos, significações etc. Dessa forma, tudo o que sabemos sobre o sexo e sobre como devemos nos

comportar diante de situações que envolvam uma conduta sexual faria parte de um roteiro que é social e historicamente estabelecido (GAGNON e SIMON, 2004; GAGNON, 2006).

O conceito de roteiro sexual tem certas semelhanças com os conceitos de plano ou projeto, na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não-verbais numa seqüência de condutas organizada e delimitada no tempo, por meio da qual as pessoas contemplam o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento. Esses roteiros fornecem o nome dos atores, descrevem suas qualidades, indicam os motivos do comportamento dos participantes e estabelecem a seqüência de atividades apropriadas, verbais e não-verbais, que devem ocorrer para que o comportamento se conclua com êxito e pra permitir a transição para novas atividades (GAGNON, 2006, p. 114).

Essas discussões, entretanto, apesar de fortemente evidenciadas na obra “Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade” (GAGNON, *ibid.*), iniciaram-se com “Sexual conduct” (GAGNON e SIMON, 2004), cuja primeira versão foi publicada em 1973, e forjaram-se principalmente nos demais estudos publicados pelo autor, os quais não se encontram em versões traduzidas para a língua portuguesa. Talvez por essa razão a aplicação de suas teorias ainda não seja amplamente difundida no Brasil, apesar de elas terem sido apropriadas por alguns pesquisadores de grande influência no cenário acadêmico nacional.

Heilborn (1997), a exemplo do que se apresentou, adotando essa mesma concepção de que a sexualidade é socialmente construída e não uma condição natural e inata do ser humano, afirma que não se pode pensar nesse domínio em uma perspectiva tradicionalista, como uma pulsão psíquica ou uma função biológica. Para Weeks (2001), também o “essencialismo” se contrapõe a essa visão da sexualidade como uma construção social. Segundo o autor:

Essencialismo é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos (WEEKS, *ibid.*, p. 43).

Para Heilborn e Brandão (1999), no essencialismo existe a

convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz às ações. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora à manifestação de uma pulsão, de ordem psíquica, que busca se extravasar” (p. 09).

Para os essencialistas, de forma geral, os sujeitos não têm controle sobre a construção de sua sexualidade, que é fruto de fatores biológicos, familiares e ambientais, externos ao indivíduo. Explica-se assim, por exemplo, a homossexualidade que, para esses pesquisadores, pode ter origem genética (JEOLÁS; PAULILO, 2008). Entre esses estudos, classificam-se os que têm caráter normativo, dentre os quais destaco dois grupos: a) os que correspondem ao pensamento judaico cristão, no qual a sexualidade deve ter cunho reprodutivo e que estão ligados aos ideais do modelo normativo de família; b) os que seguem uma abordagem Biológica e Médico-higienista, principalmente os ligados à medicina preventiva, que determinam o comportamento e as práticas sexuais como fatores de risco quanto a aspectos epidemiológicos.

Os estudos de Gagnon e Simon mostram uma possibilidade de se compreender a sexualidade através de uma outra perspectiva, que prioriza as conexões existentes entre a sexualidade e o meio social (GAGNON; SIMON 1973).

A partir da compreensão de que é na relação entre sociedade e indivíduo que se deve buscar os sentidos para os contextos sexuais, Heilborn (2006a) apresenta o meio social e cultural como orientadores dos roteiros e comportamentos tidos como aceitáveis, ou seja, a cultura de uma determinada sociedade ou grupo define, considerando-se variantes diversas como tempo e espaço, o que é “permitido” como parte dessa mesma cultura e aquilo que se caracteriza como diferença ou transgressão.

Outro autor que se apropriou desse conceito para analisar as relações existentes entre o meio social e o indivíduo, Michel Bozon (2004) afirma que a sexualidade se configura em uma esfera do comportamento humano

apreendido através do contexto social e cultural, que abrange atos, relacionamentos, significados e representações. Para o autor, o ser humano não se relaciona sexualmente sem que seus atos tenham um sentido, e esses sentidos são construções sociais, o que determina o caráter mutável da sexualidade, que depende de fatores históricos e culturais.

Em sua obra “Sociologia da sexualidade” (ibid.), o autor apresenta o tema da sexualidade e suas transformações em um contexto histórico para então demonstrar como os roteiros são decorrentes de processos que se interseccionam com fatores temporais e locais. Em uma de suas discussões, o autor cita os caminhos percorridos por homens e mulheres na constituição do amor conjugal e a dicotomia entre amor-sentimento e amor-sexo, que são fundamentais nos processos de construção dos roteiros sexuais visto que cada um desses modelos compreende comportamentos, representações e significações diferentes.

Essa compreensão da sexualidade, compartilhada por Gagnon e Simon, Bozon, Heilborn e Vance, entre outros, em uma perspectiva do Construtivismo Social, é a que norteará as discussões que surgirão por ocasião deste estudo no que se refere aos conceitos, abordagens e problematizações acerca do tema em questão. São essas também que, principalmente pela compreensão de que o meio social e cultural produzem e influenciam os roteiros e comportamentos sexuais, que tomo como orientadoras de minhas reflexões acerca do tema. Não serão, entretanto, tidos como conceitos prontos e fechados, visto que outros autores serão constantemente evocados para que se discuta tal tema de forma que se possam compreender todas as possíveis questões e apropriações referentes à sexualidade presentes na fonte documental desta pesquisa, a qual se constitui por resumos de dissertações e teses de pesquisadores que tomam diferentes teorias e abordagens em seus estudos.

Tais teorias, entretanto, não serão alvo de análises específicas, ao passo que tal investigação se inviabilizaria se realizada através desse tipo de texto. Sua importância nas discussões que proponho se limitam à compreensão das abordagens e das temáticas que circundam o meio acadêmico, permitindo que, ao conhecendo em suas origens, possam ser

aproximadas e organizadas em grupos coesos, que demonstrem afinidades em suas estruturas conceituais e teóricas, enquanto se diferenciam das demais.

### **1.3.2. Educação Sexual, Orientação Sexual: dois conceitos, um objeto.**

A produção acadêmica brasileira contemporânea sobre sexualidade nos processos de educação escolar tem gerado uma considerável polêmica em torno dos termos “Educação Sexual” e “Orientação Sexual”, principalmente por serem utilizados, ora como sinônimos, ora como conceituações distintas. Apesar de fazerem-se nítidos no meio acadêmico, seus usos para referirem-se, ora a uma mesma concepção, ora a conceitos diferentes, já havia sido questionado por Figueiró (1995; 2001a), que propôs a unificação das diferentes denominações quando relacionados a um mesmo significado. Segundo a autora (1995)

Não resta dúvida de que é necessário que se busque unificar as terminologias usadas, para uma solidificação do corpo teórico da temática em questão, devendo-se portanto por fim ao uso dos sinônimos: orientação, instrução, informação, aconselhamento (sexuais), além de outros (1995, p. 169).

considerando a miscelânea de terminologias e classificações usadas, é possível afirmar que essa área do conhecimento está deficitária em um dos pontos de sua estrutura básica, qual seja: a elaboração de uma linguagem comum, no que concerne especificamente à terminologia básica e à classificação do processo (educação sexual) em si (ibid., p. 172).

Em concordância com a autora, o que pude observar foi uma verdadeira “disputa” de forças em que, de um lado posicionam-se autores que entendem o termo “Orientação Sexual” como mais adequado à essa forma de se compreender as intersecções entre os processos formais de educação que ocorrem na escola e a sexualidade, tanto por entenderem que “Educação Sexual” denomina os processos de educação que se desenvolvem ao logo da vida, incluindo aqueles informais e não apenas os escolares, sistematizados e intencionais; pelo fato de remeter à ideia de “orientador educacional”, personagem que, segundo Altmann (2003), dividiu durante muito tempo tais funções com o professor de ciências; ou ainda por ser tal compreensão a

utilizada em alguns documentos oficiais, como os PCN de “Orientação Sexual” (BRASIL, 1998).

Nessa perspectiva, a “Educação Sexual”, um termo mais amplo, compreenderia toda a vida das pessoas, desde o nascimento, e se estenderia por todos os processos formais ou informais de educação e nas diversas vivências em sociedade, através da família, da religião, do grupo de amigos, da escola, da literatura, da mídia etc., além de se manifestar tanto nos processos de ensino como na fala, nos gestos, nas expressões e até mesmo no silêncio (GTPOS; ABIA; ECOS, 1994; CARRADORE, 2002), em um processo que, para Parker (1991), pode ser denominado “socialização sexual”. Dessa forma, entende-se que a Orientação Sexual é uma especificidade da Educação Sexual, sendo apenas uma de suas possibilidades. Entre os autores que fazem uso da terminologia “Orientação Sexual” com tal denotação cito: Maia (2004; 2006a), Cursino et al. (2006), Ribeiro (1990), Sayão (1997), Pinto (1995), Altmann (2003) e Carradore (2002), entre outros.

Maia (2004), ao justificar o uso do termo Orientação Sexual em seu texto “Orientação Sexual na escola”, afirma que tal denominação é empregada para se referir a um programa formalizado em um ambiente específico. Segundo Pinto (1995, p. 2), é possível desenvolver na escola a “Orientação Sexual”, diferentemente da “Educação Sexual informal que acontece em todos os espaços sociais”.

Por outro lado, há pesquisadores que justificam o uso da terminologia “Educação Sexual” para os processos educacionais sistematizados que lidam com o tema da sexualidade. Para esses o principal problema na utilização do outro termo é seu significado que remete à diversidade sexual e não à escola, ou então o que remete ao “aconselhamento”, como uma forma de guiar as decisões a serem tomadas. Nessa perspectiva, tanto os processos formais quanto os informais podem ser caracterizados como Educação Sexual. Para Figueiró (1995, p. 8) “Educação Sexual não deve ser vista como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo, mas, pelo contrário, deve ser entendida como parte desse processo maior”. Ainda segundo a autora (1996, p. 51), a Educação Sexual compreende “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas,



seja ao nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual”.

Vitiello (1995) distingue esse tipo de educação em dois grupos: “Educação Sexual sistemática”, que se divide entre formal e informal, e “Educação Sexual assistemática”, sendo que a primeira, considerando-se suas duas possibilidades, corresponde aos processos intencionais e planejados que ocorrem, respectivamente, na escola e na família, enquanto a outra se refere aos processos globais que perpassam o meio social em todas as suas instâncias. Desse modo, “o médico, a enfermeira, o psicólogo ou o assistente social, quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a Educação Sexual, mas sim funcionando como meros informadores“ (p. 19).

O autor ainda diferencia do conceito de Educação Sexual, os de “informação, “aconselhamento” e “orientação” sexual:

A simples passagem de informações, embora muito relevante e de fundamental importância para o processo educativo não se constitui, em si mesma, nesse processo. Em outras palavras, fornecer a alguém informações sobre determinados fatos não é, isoladamente, um processo educativo [...]. Já a orientação implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseando-se em sua experiência e em seus conhecimentos, o orientador ajuda o orientado a analisar as diferentes opções disponíveis [...]. Aconselhar, por outro lado, consiste em auxiliar o aconselhando a decidir-se por um ou por vários dos possíveis caminhos que ele próprio já conhece [...]. Educar, finalmente, embora possa passar por informar, por orientar e por aconselhar, é mais do que a soma dessas partes isoladas. Educar, no sentido mais amplo, significa “formar”, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa precisa ser contínua e duradoura, pois caso contrário não conseguirá seu intento, embora todo e qualquer contato humano possa ter uma conotação educadora (VITIELLO, 1995, p. 18).

Segundo Werebe (1998, p. 155), o uso do termo Orientação Sexual, não é apropriado para o que se refere como Educação Sexual, visto que o termo pode se confundir com “a orientação que a pessoa imprime à sua sexualidade e que pode ser homossexual, heterossexual ou bissexual”, além de que “Educação Sexual” é uma expressão consagrada e usada internacionalmente

para esse mesmo processo sistemático. Abramovay et al. (2004, p. 29) entendem a “Orientação Sexual” como uma parte constituinte da sexualidade humana, assim como o são a identidade sexual, o erotismo, o envolvimento emocional, o amor e a reprodução.

Segundo Chagas<sup>25</sup>:

A Educação Sexual em contexto escolar [...] pode ser aqui definida como um processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual. Nas escolas dos ensinos básico e secundário, implica a concepção e operacionalização de um plano cujas actividades disponibilizem informação adequada sobre a sexualidade humana, o aparelho reprodutivo e a fisiologia da reprodução, a SIDA (AIDS) e outras doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e o planeamento da família e que, numa perspectiva de educação global do indivíduo, promovam nos/as jovens a capacidade de ouvir, de negociar, de respeitar o/a outro/a, de tomar decisões, de reconhecer pressões, sendo essencial, também, compreender as diversas perspectivas morais e sociais sobre a sexualidade, numa posição de respeito pelas diferenças culturais existentes e conseguir uma melhoria dos relacionamentos afectivo-sexuais, relações interpessoais e partilha de responsabilidades.

Além de Chagas, Vitiello, Werebe e Abramovay et al., autores como Figueiró (1995; 1996; 2001a; 2004; 2006a; 2009), Guimarães (1995), Louro (1997), Furlani (2005) e Silva, (2004) também entendem a terminologia “Educação Sexual” como apropriada para se referir a tais processos da educação formal.

Apesar de apresentar as diferenças conceituais que têm causado polémicas no meio académico no que se refere às denominações desse objeto de estudo que compreende a educação escolar e a sexualidade, não proponho, nesta dissertação, que se considere um ou outro termo como prevalecente, nem que se unifiquem, por ora, as terminologias apresentadas. Penso que, para a realização de um estudo que se propõe analisar outras produções, alguns dos conceitos e definições empregados nos textos originais devem ser

---

<sup>25</sup> Fala da Profa. Dra. Maria Isabel Seixas da Cunha Chagas, da Universidade de Lisboa, em entrevista às pesquisadoras Sonia Maria Martins de Melo e Dilma Lucy de Freitas (MELO; FREITAS, 2010, p. 7).

mantidos, a fim de que se preservem as ideias e as convicções originais dos autores.

Entendo, entretanto, assim como Figueiró (1996), que se faz necessária a padronização, pelo próprio meio acadêmico, dos termos empregados em pesquisas que se propõem discutir o mesmo objeto. Isso porque as “diferenças, incoerências e confusões” geradas nessa diversidade de definições e compreensões podem comprometer a “qualidade da produção científica e o avanço do corpo teórico desta área do conhecimento” (p. 59).

Tomo por isso o termo Educação Sexual como aquele que utilizarei em minhas próprias análises, visto que entendo que “Educação” é o termo amplo que melhor representa o processo intencional e planejado que ocorre nas escolas, processo esse que privilegio neste estudo, assim como também pode se referir àqueles sistemáticos ou assistemáticos que ocorrem nos diversos espaços sociais. Além das justificativas apresentadas por Werebe, Vitiello, Figueiró, Guimarães e Silva, observo também que nas demais áreas do conhecimento, disciplinas e departamentos que têm essa temática como seu principal objeto, é esse o termo consagrado, sabendo-se que nos deparamos cotidianamente com as expressões “educação matemática”, “educação em valores”, “educação física”, “educação moral” etc., também penso que nessa perspectiva da sexualidade, a educação compreende a consagração do tema em questão em processos de ensino-aprendizagem, construção do conhecimento e formação, seja ele sistemático ou não, ocorrido em espaços de escolarização ou em outros, como na família e no grupo de amigos. Por outro lado, entendo que o termo “Orientação Sexual”, assim como é adotado internacionalmente, melhor designa as diferentes formas de se exercer a sexualidade, referindo-se à heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade etc.

Assim, nas citações de autores que pensam de formas diversas, privilegiarei os termos por eles utilizados, enquanto nas minhas próprias inferências privilegio e defendo o uso de uma determinada conceituação, o que, em alguns momentos da dissertação, exigirá o uso de uma ou de ambas as expressões, “Educação Sexual” e “Orientação Sexual”.

### 1.3.3. Abordagens e conceituações da sexualidade no contexto escolar: algumas aproximações.

Apesar de a sexualidade estar presente no contexto social em um processo histórico que remete às origens da vida em sociedade assim como a conhecemos, o seu estudo, como o próprio termo em questão, surgiu no século XIX, quando se consolidou, segundo Foucault, um modelo de controle social ao qual o autor se refere como “biopoder” (FOUCAULT, 1984). Para esse autor, entretanto, tal poder não é central, está fragmentado entre as diversas instâncias sociais e não é caracterizado como repressão, mas como uma sistematização dos discursos sobre a sexualidade. Entenda-se, portanto, que apesar de não negar a existência de aparatos repressivos, tais como proibições e um conjunto de normas que instituem e controlam as práticas sexuais, o que prevalecia, segundo Foucault, era um processo inverso, ou seja, uma “explosão discursiva” sobre a sexualidade, a qual é entendida como *locus* de disputa política e de poder, por estar diretamente ligada à disciplina do corpo e à regulação das populações.

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna (FOUCAULT, 1988, p. 17).

Outros autores, entretanto, privilegiaram a discussão sobre repressão sexual em diversos contextos e campos de pesquisa (CHAUÍ, 1985; FIGUEIRÓ, 1995; MAIA, 2006a; BRAGA; RIBEIRO, 2009).

Segundo Chauí<sup>26</sup>, ao se propor discutir como o pensamento da sociedade capitalista trabalha com o corpo, há uma tendência, por parte de alguns pesquisadores, em se abordar a repressão da sexualidade.

---

<sup>26</sup> Esta citação se refere à fala da pesquisadora Marilena Chauí em Mesa-redonda apresentada na XXXII reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocorrido no Rio de Janeiro em Julho de 1980 (CHAUÍ et al., 1981).

Nós tendemos a falar na repressão da sexualidade. Ela existe evidentemente, embora Foucault o negue. Acho que ele tem uma visão ingênua do problema. E, no entanto, nós nunca vamos exatamente aos fundamentos dessa repressão (ibid., p. 101).

Ainda segundo a autora, a repressão sexual é “um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade [...]” (id., 1985, p. 9).

A partir dessa mesma concepção, para Figueiró (1995), o período compreendido pelo final da década de 60 e toda a década de 70, foi marcado por forte repressão política para as experiências de Educação Sexual.

Souza (1997) afirma que a psicanálise exerceu forte influência nos estudos que denunciavam a existência dessa forma de repressão e que instituíam que essa devia ser combatida. Denunciava-se a existência, na escola, de castigos, humilhações e demais violências relacionados à manifestação da sexualidade, como a coibição de tudo que se relacionava ao sexual, sem que se explicasse aos alunos os motivos de tais exigências.

Segundo a autora (ibid.):

os tratados de sexologia do século XIX, [...] ora apontam para os perigos da supressão da sexualidade nas doenças nervosas, ora investem contra seus excessos nas civilizações urbanas. Indicam perigos das práticas anticoncepcionais [...] chamam a atenção da escola, principalmente, para sua irrupção precoce na infância e, depois, para os males da masturbação – o “vício da juventude” – , fazendo da sexualidade uma norma difícil de ser discernida na vida cotidiana e, na escola, um campo de batalha contra a sexualidade infantil e do adolescente. (p. 15)

Pode-se observar, na literatura contemporânea, uma ampla discussão sobre os fatores que contribuíram para tais aspectos negativos atribuídos à sexualidade, que envolvem desde questões ligadas aos conceitos de infância e adolescência, até questões religiosas e médico-biologistas.

Essas perspectivas compõem algumas das abordagens da Educação Sexual, ora apresentada de forma repressiva, ora instituída como forma de controle social. Há outras abordagens, entretanto, que rompem com esse

paradigma, nas quais prevalecem as discussões sobre direitos sexuais e emancipação, entre outras.

Sabendo-se que uma das propostas desta dissertação é analisar as abordagens que se destacam no meio acadêmico no período 2000-2004, apresento, a seguir, as contribuições de três autores que fizeram classificações e análises de algumas abordagens da sexualidade e da Educação Sexual. São eles:

- Figueiró (1995), que organizou e analisou trabalhos acadêmicos entre artigos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses, tendo como seu foco principal de análise as abordagens da Educação Sexual presentes nessas obras.
- Nunes (1996), que organizou, em sua tese de doutorado, alguns paradigmas da sexualidade. Esses paradigmas, apesar de serem compreendidos em um contexto que envolve a escola, não são apresentados como paradigmas da Educação Sexual, o que, posteriormente, foi feito por Figueiró (2001a; 2006a), que apresentou as classificações de Nunes relacionando-as com as discussões da ES, o que também buscarei neste capítulo.
- Furlani (2005), que fez uma análise das discussões sobre a Educação Sexual presentes em livros paradidáticos, organizando-as em oito diferentes abordagens.

Tabela 1 - Abordagens da Educação Sexual.

Figueiró (1995) Abordagens da Educação Sexual	Nunes (1996) Paradigmas da Sexualidade	Furlani (2005) Abordagens da Educação Sexual
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem Religiosa católica</li> <li>• Abordagem Religiosa protestante</li> <li>• Abordagem Médica</li> <li>• Abordagem Pedagógica</li> <li>• Abordagem Política</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceção Médico-biologista</li> <li>• Conceção Terapêutico-descompressiva</li> <li>• Conceção Normativo-institucional</li> <li>• Conceção Consumista-quantitativa</li> <li>• Conceção Dialética e Política</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem Biológica e higienista</li> <li>• Abordagem Moral tradicionalista</li> <li>• Abordagem Terapêutica</li> <li>• Abordagem Religiosa radical</li> <li>• Abordagem dos Direitos Humanos</li> <li>• Abordagem dos Direitos Sexuais</li> <li>• Abordagem Emancipatória</li> <li>• Abordagem Queer</li> </ul>

Apesar de ter se desenvolvido no campo da ES uma grande variedade de temas, a gravidez e as DSTs foram particularmente privilegiadas no meio acadêmico no que se refere às discussões apresentadas. Problematizadas, conceituadas e pensadas sob diferentes olhares das ciências médicas, sociais e humanas, essas temáticas estão presentes em grande parte dos trabalhos que se propõem utilizar a escola como ambiente de pesquisa e os jovens como participantes principais.

Segundo Furlani (2008a), esse viés do discurso biológico é o que está mais fortemente arraigado nos processos educacionais. Entende-se, muitas vezes, que há a “necessidade de se versar sobre o conhecimento do corpo e da prática do sexo seguro, culminando com temas como aparelho reprodutor [...], puberdade, menstruação, doenças sexualmente transmissíveis [...], gravidez na adolescência etc.” (p. 19) Essa abordagem, que a autora concebe como “abordagem biológica-higienista”, por se basear particularmente nas diferenças entre os corpos masculinos e femininos, acaba por contribuir para as desigualdades sexuais e de gênero assim como à hierarquização, que culmina com premissas machistas, sexistas e homofóbicas, entre outras.

Para Nunes (1996), esse discurso, ao qual denomina “concepção Médico-biologista”, compreende a sexualidade em uma visão reducionista, que se refere ao ser humano como um conjunto de funções e aparelhos específicos para o funcionamento do corpo, centralizando-se na função reprodutiva.

Nesta visão, estudar a sexualidade humana demandaria compreender o funcionamento dos aparelhos reprodutivos na evolução animal, e conseqüentemente preparar a criança e o adolescente, bem como o educador, para a descrição e a intervenção científica sobre as formas e mecanismos da reprodução. [...] O discurso médico, matriz da interpretação biologista, reforça o mesmo discurso conservador e institucional presente até então na sociedade brasileira. São usadas figuras estereotipadas representando doenças e males como causados pela sexualidade descompimida (ibid. p. 140).

O autor ainda afirma que esse discurso biologista foi utilizado por muito tempo para coibir práticas sexuais tidas como perigosas, mostrando ao jovem o



tortuoso mundo da doença. “Não se tratava portanto de uma educação, mas sim de um amedrontamento institucional” (ibid. p. 142), assim como também afirmam Barroso e Bruschini ao denominar tais práticas de “educação anti-sexual” (1982, p. 17).

Segundo Meyer (2000), essa visão da saúde como parte das atribuições e preocupações da escola, tem origem na decorrência do movimento higienista no final do século XIX, quando foi instituída uma série de leis, decretos e discussões acadêmicas e políticas em torno do campo da Saúde Escolar.

A saúde “entra” na escola brasileira, como parte de suas preocupações e atribuições [...] considerando-se aí tanto a dimensão assistencial, quanto o desenvolvimento de hábitos, atitudes e valores compatíveis com uma determinada concepção de “indivíduo saudável” (ibid., p. 5).

A partir da entrada desse pensamento higienista nas escolas, a educação passa a desempenhar o papel de determinar quais seriam os “bons hábitos” de saúde, ao que se incluem higiene, aparência física, postura corporal e até mesmo uma imaginação sadia, o que determinou uma conduta “adequada” também no que refere às questões ligadas à sexualidade (MENGUE, 1989, apud MEYER, 2000).

Ainda compreendendo a área da saúde e o caráter biologista, Furlani (2005) cita outra abordagem possível à Educação Sexual, a abordagem Terapêutica<sup>27</sup>, que, com forte contribuição da Psicologia, patologiza e busca a “cura” para questões referentes à sexualidade. Presente em diferentes contextos, como na mídia, em consultórios médicos e grupos de ajuda, fortaleceu-se principalmente entre grupos evangélicos que pregam, entre outros temas, a “conversão” dos homossexuais, alegando podê-los curar desse “mal” através de terapias específicas.

Figueiró (1995), cuja definição de “abordagem Médica” compreende um modelo que corresponde às abordagens “Médico-higienista”, “Terapêutica” e

---

<sup>27</sup> Apesar das semelhantes denominações, a abordagem Terapêutica apontada por Furlani em nada se assemelha à Terapêutico-descompressiva, apontada por Nunes. Essa última, que não tem o caráter negativo observado na primeira, será discutida em outro ponto deste capítulo.

“concepção Médico-biologista” de Furlani e Nunes, afirma que tal discurso é caracterizado pelo forte apelo à díade saúde – doença, enquanto se tem na higiene, na medicalização e na terapia as principais formas de combate às disfunções e às anomalias da sexualidade. Segundo a autora, o aumento populacional e as doenças que se alastravam no Brasil no início do século XIX, incidiram em um trabalho de higienização da população. Assim, “juntamente com a masturbação eram atacados, fervorosamente, a prostituição, a libertinagem, a homossexualidade...” (FIGUEIRÓ, *ibid.*, p. 57).

Outro fator que caracteriza os estudos higienistas é a preocupação com o amor, mesmo que pragmático, como forma de se preservar a solidez da família e a proteção à prole. Considerava-se, assim, “um mal higiênico a diminuição do potencial sexual” (*ibid.*, p. 59). Apesar de alguns aspectos negativos, entretanto, a medicina higienista trouxe algumas contribuições importantes para a sociedade e transformações significativas “nas matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas” (*ibid.*, p. 56), e as primeiras “ideias médicas sobre o valor do aleitamento materno” (*ibid.*, p. 60), além de ter sido a área pioneira nas discussões sobre a sexualidade humana.

As discussões sobre saúde na escola, contudo, não se resumem à visão higienista que prevaleceu no século passado, tendo sido ampliada principalmente após a incidência dos movimentos políticos da década de 1970 que questionavam essa concepção, sobretudo no que se refere aos projetos de promoção e prevenção da saúde. Os estudos baseados nas discussões de Paulo Freire foram importantes nesse processo de mudança, ao passo que questionavam, entre outros pontos, a medicalização do fracasso escolar. Posteriormente, esse debate foi ainda incrementado pelas discussões advindas de outros campos, como outras vertentes da Teoria Crítico-emancipatória, os Estudos Feministas, os auto intitulados “Estudos Culturais”, o Pós-estruturalismo e a teoria *Queer*. Apesar disso, segundo Meyer, pouco mudou nas escolas em decorrência desses movimentos (MEYER, 2000).

Figueiró (1995), referindo-se a um novo modelo de Educação Sexual em uma óptica médica, afirma que “esta nova abordagem abriu espaço para discussões sobre a repressão à masturbação, o tabu da virgindade, o aborto, bem como sobre as várias práticas sexuais” (p. 65). Assim, a ênfase que recaía sobre a procriação, passa gradativamente a incidir sobre a “escolha pessoal” e o controle sobre o próprio corpo, em que a medicina passa a contribuir mais positivamente para a sexualidade, apesar de a visão higienista da medicina não haver se extinguido.

Pode-se dizer que a **Abordagem Médica da Educação Sexual** considera, como o mais fundamental, o fornecimento [...] das informações relacionadas à biologia do sexo e ao uso adequado da sexualidade, com o fim maior de assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade. (ibid., p. 70, grifos da autora)

Outra possibilidade de compreender os estudos sobre a sexualidade e a Educação Sexual é proporcionada pelo discurso religioso. Essa forma de compreensão dos contextos sexuais tem, segundo Parker (1991), origem na tradição católica, porém foi amplamente difundido após a reforma protestante. Trata-se, nesse tipo de abordagem, de focar as implicações que os atos corporais podem causar à alma. O casamento, a monogamia, a procriação e o padrão heterossexual são valores fundamentais para os estudos que adotam essa perspectiva, assim como tudo o que não referencia essa conduta estereotipada é classificado como pecado.

Segundo Figueiró (1995), essas discussões se consolidaram com a oficialização do Cristianismo a partir do século IV e com seu fortalecimento no século V, quando o sexo se tornou mais um instrumento de controle social nas mãos da igreja. Nunes (1987) indica que em tal abordagem ocorre o

predomínio de valores espirituais e morais, superioridade do espírito e o estímulo ao medo das condenações eternas [e] tudo isso se engendra uma nova compreensão da sexualidade e um novo comportamento sexual. O corpo é o lugar da maldade demoníaca, “cárcere da alma”. Dominar o corpo e reprimir o sexo constitui ideal de vida cristã. (p. 25)

Nessa vertente, Figueiró (op. cit.) destaca duas principais possibilidades de intervenção religiosa nos estudos científicos e nas práticas da Educação Sexual: a abordagem Religiosa católica e a evangélica.

A primeira, em que se observa a orientação para os costumes sexuais de acordo com as normas da igreja e a transmissão de valores cristãos contidos no evangelho, pode variar entre “conservadora”, que atende às exigências religiosas de forma ampla; “questionadora”, que é mais flexível e questiona alguns pontos dessas normas, podendo-se observar uma abertura à incorporação de descobertas científicas; e “liberadora”, que reconhece a doutrina religiosa como controladora e repressiva, incoerente com o momento histórico presente, possibilitando ao indivíduo agir de forma autônoma, sem sentimentos de culpa ou transgressão, cuidando com tudo, de preservar os valores cristãos.

Na outra possibilidade dessa abordagem, a Religiosa protestante, não há a rigorosidade observada no catolicismo quanto ao celibato e à castidade, visto que ao próprio pastor é permitido o casamento e a vida sexual, porém a Bíblia em uma leitura literal ainda é o meio de guiar, estabelecer regras e reprimir o comportamento sexual considerado “desviante”. Assim como na abordagem católica, no protestantismo são encontradas três possibilidades de análise da sexualidade: a “tradicional” que segue à risca as interpretações literais da Bíblia, a “questionadora” ou “interrogatória”, mais flexível e que busca inserir as mensagens bíblicas em um contexto social, histórico, político e econômico, e a “liberadora”, que reconhece haver e combate uma leitura baseada na compreensão literal da Bíblia, e que possibilita ao indivíduo, assim como na abordagem “liberadora Religiosa católica”, agir sem sentimentos de culpa ou transgressão.

Furlani (2005) não apresenta essas distinções e denomina essa vertente explicativa como “abordagem Religiosa-radical”, que se aproxima daquela que é referida por Figueiró (op. cit.) como “abordagem Religiosa protestante tradicional”, definida pelo apego à interpretação literal da Bíblia e outros livros religiosos. Para Furlani, entretanto, essa interpretação é, atualmente, também difundida entre os católicos, principalmente através de grupos como o movimento da Renovação Carismática. Além disso, a autora cita os muçulmanos que, em alguns casos,

também fazem uso do Alcorão em uma leitura literal e radical para condenar práticas sexuais ou questões de igualdade sexual e de gênero. Segundo a autora (ibid., 2008):

O processo de interpretação literal da Bíblia, bem como a adoção inquestionável de um livro como referência única de ética e moral, é definido como fundamentalismo. Portanto, qualquer corrente, qualquer tipo de movimento social ou atitude pessoal, de cunho conservador, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos, geralmente presentes num livro, é dito fundamentalista. (p. 23)

Ainda nessa perspectiva das abordagens da Educação Sexual que são assinaladas principalmente pelo seu caráter de instrumento de controle e dominação, a autora aponta a “Moral-tradicionalista” que, apesar de estar amplamente presente nas concepções até aqui apontadas, tem algumas particularidades que se fazem de importante menção. Trata-se de se tentar resolver problemas advindos da prática sexual através de uma medida drástica: a total abstinência. Assim como no discurso médico, também utiliza o paradigma da gravidez não desejada e o tema das DSTs como básicos nos processos educacionais, porém diferencia-se desse outro modelo por ser contrária, inclusive, aos métodos que levam ao “sexo seguro”. Esse tipo de abordagem, segundo a autora, está presente em inúmeros grupos norte-americanos, e alguns programas baseados em um currículo que defende a abstinência sexual dos adolescentes são amplamente difundidos pelas políticas públicas nos Estados Unidos. Percebo, contudo, que a moral e a tradição aqui mencionadas podem ser também observadas em algumas formas mais radicais da abordagem Religiosa, citadas por Figueiró (1995) e pela própria autora (FURLANI, 2005).

Nunes (1996), aponta outra abordagem que evidencia um caráter controlador e singularmente conservador: o discurso Normativo-institucional. Trata-se da tentativa, por parte de instituições como escolas, igrejas e mídia, de se transmitirem normas reguladoras da sexualidade, até então tarefa confiada à família, em favor da ordem e da conservação institucional. Segundo o autor, “fora

precisamente este o cerne da incitação ao discurso para administrar e controlar que nos advertia Foucault” (p. 171).

Ainda segundo o autor (ibid.):

A igreja católica foi uma das instituições que mais procurou compreender as mudanças da pós-modernidade, para posicionar-se frente às mesmas. Esta busca foi marcada de muitas contradições. Muitas experiências inovadoras e reflexões progressistas não lograram maior divulgação, a não ser como uma ética para salvaguardar o matrimônio. Os cursos de noivos passaram a ser exigência básica para o casamento, a partir de 1970, junto com os demais cursos de restauração da figura da família. Um grande movimento católico pode ser restaurado nas décadas de 70 e 80, os Cursilhos da Cristandade, importados da Espanha franquista, voltados para a classe média, orientados para uma catarse coletiva e com plena finalidade de retomar os sacramentais cristãos mais vinculados à ordem social, a saber, a defesa da família monogâmica. (p. 176)

Assim, apesar de compreender também a igreja enquanto instituição, essa abordagem não tem como principal finalidade o discurso religioso em si, mas o controle e ordem das populações, sendo exercido por instituições diversas.

Nessa concepção a grande mídia, principalmente a televisão, também é apontada, assim como a própria sociedade globalizada, como desencadeadora de “diferentes intervenções sobre a construção do imaginário infantil e adolescente, na sociedade de massa, construindo apelos e respostas que superam ou ultrapassam os limites do núcleo familiar primário” (ibid., p. 172).

Essa abordagem da ES destacada, assim como as demais até aqui mencionadas (Médica, Religiosa e Moral-tradicionalista), principalmente por apresentarem caracteres essencialistas, fundamentalistas e tradicionalistas, são alvos das críticas de pensadores que abordam a sexualidade através de outras concepções.

Entre essas outras abordagens, destaco inicialmente aquelas que, apesar de não pensarem a sexualidade como um fator negativo que deva ser controlado ou reprimido, também não discutem nem instigam movimentos políticos de mudanças sociais ou desprendimento de um controle, seja ele central, como

pensado principalmente pelo movimento marxista, ou uma rede capilar presente nas mínimas instâncias, como defendido por Foucault.

Uma dessas possibilidades, citada por Figueiró (1995), é a abordagem Pedagógica que, apesar de assemelhar-se com a “nova abordagem Médica”, tem como característica principal o processo de ensino-aprendizagem, principalmente pelo seu caráter (in)formativo que prioriza discussões de valores, atitudes e sentimentos, buscando proporcionar o bem-estar no que diz respeito à vivência da sexualidade.

Vários autores, ao discutirem sobre o objetivo da Educação Sexual na escola, destacam fundamentalmente a preocupação em levar o educando ao desenvolvimento harmônico e satisfatório de sua sexualidade, bem como à uma vivência saudável e feliz da sexualidade. Reconhecem que, para isso, é fundamental ajudar o adolescente a compreender e aceitar a sua sexualidade. [...] Assim sendo, de acordo com a Abordagem Pedagógica de Educação Sexual, o desenvolvimento sadio da sexualidade, o bem estar e a felicidade da pessoa humana parecem estar em primeiro plano, podendo, às vezes até estar sendo salientada a preocupação com a felicidade sexual da sociedade como um todo” (ibid., p. 88)

Tal abordagem, entretanto, não privilegia as discussões de caráter político sobre controle/repressão, buscando apenas direcionar o estudo da sexualidade para o bem-estar dos indivíduos.

Assim também o faz a abordagem Terapêutico-descompressiva, citada por Nunes (1996), a qual vê na sexualidade apenas uma forma de prazer e gratificação. Tal visão surge, segundo o autor, da associação entre uma versão banalizada da Psicologia com os meios de comunicação. “Nesta visão psicologista-terapêutica, descompressiva e massificante, associam-se elementos irracionais, emocionalistas, sexualistas própria [sic] do século XIX” (ibid., p. 152). Nessa perspectiva, entende-se a mídia, desde os programas de televisão até colunas de jornais e revistas, como promotora de um discurso “exemplar” da sexualidade, porém sem que se acrescentem a essa sexualidade consumista, quaisquer significações existenciais ou políticas.

Como uma das consequências dessa falsa libertação sexual, entretanto, Nunes (ibid.) aponta o surgimento de uma concepção Consumista-quantitativa da

sexualidade, que desqualificou a repressão anterior e ampliou a quantificação das práticas sexuais, sem que se alterasse a compreensão significativa do sexo,

provocando então comportamentos quantitativos, consumistas, deserotizados, mecânicos, reducionismos genitais despidos de sentido humano. [...] Consumimos uns aos outros num festival de corpos e de desejos, quase sempre para fugir da frustração ampla de não ter poder de interferência, como sujeitos plenos, de nossos desejos e nossas vontades. (p. 198)

Outra forma de se pensar a Educação Sexual é possibilitada pelas abordagens comprometidas com discussões políticas, que envolvem, por um lado, emancipação e libertação e, por outro, a oposição à relação existente entre os discursos e as redes de poder neles instituídas. Entendo que diversas teorias estão comprometidas com tomada de posição em relação a determinado campo de relações de poder, contudo, identifico como “políticas” aquelas que declaram os processos que constituem práticas de opressão, poder e resistência, tanto sociais como discursivas, contrapondo-se a eles.

Uma dessas, a abordagem Emancipatória, pode se ramificar em uma extensa gama de questionamentos sobre os significados atribuídos à sexualidade. Ela surgiu sob a denominação de “abordagem Política” e foi discutida pela primeira vez no Brasil, de forma direta, por Goldberg (1982), que propôs uma Educação Sexual “combativa” em substituição ao modelo “intelectual” que se preocupava, sobretudo, com definições e conceitos. Segundo Figueiró (1995), apesar de já existirem esforços anteriores no que se refere a essas discussões, como o texto de Barroso e Bruschini (1982), o pioneirismo de Goldberg nesse campo é expresso em sua obra “Educação sexual: uma proposta um desafio”, que “abordou direta e exclusivamente a vinculação entre Educação Sexual e compromisso político” (FIGUEIRÓ, op. cit., p. 105).

Goldberg (1982) aponta para um modelo de Educação Sexual que contribui para a mudança de padrões sexuais, a partir dos preceitos da autonomia, participação em lutas coletivas, denúncia e produção de alternativas concretas. A autora defende a importância em se historizar a discussão da sexualidade à



medida em que sublinha a importância em se analisar criticamente o presente a partir de suas relações com o passado e das perspectivas propostas para o futuro.

Nesse modelo, segundo Figueiró (1995), há o comprometimento com as questões sociais e sua transformação a partir da Educação Sexual. As discussões abrangem questões como relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias, ao mesmo tempo em que se procura destacar também as questões relacionadas ao erotismo, com uma visão positiva da sexualidade. A sexualidade também é contextualizada social, histórica e culturalmente e discutida a partir de suas intersecções com classe, gênero, etnia etc. Essa abordagem compreende ainda o questionamento dos processos que construíram as normas sexuais vigentes no meio social, alertando sobre existência da repressão e auto-repressão sexual e sobre a necessidade de mudanças do indivíduo para o alcance de sua libertação e realização sexual (FIGUEIRÓ, *ibid.*).

Furlani (2005) também cita a abordagem Emancipatória que, segundo a autora, tem como uma de suas bases a Teoria Crítica e os princípios marxistas que compreendem a transformação das relações sociais repressoras e excludentes. Um dos enfoques citados pela autora é a urgência em se despertar no cidadão uma consciência crítica que o permita construir uma cidadania baseada na liberdade de escolha e na formação da identidade de um sujeito pleno<sup>28</sup>.

Os textos que discutem tais pressupostos normalmente entendem o caráter repressor/controlador inserido no contexto sócio-histórico como uma das justificativas à necessidade de se lutar pela liberdade utilizando como arma a consciência crítica da qual é dotada nosso papel social. Trata-se, no contexto da Educação Sexual, de entender a sexualidade como parte constituinte das relações sociais, e de buscar nos processos educacionais a emancipação dos sujeitos.

Segundo Melo (2010):

---

<sup>28</sup> Apesar das afirmações de Furlani, entendo que a abordagem emancipatória também se compromete com questões políticas de relações de poder instituídas social e culturalmente, assim como apresentado por Foucault, e não apenas com preceitos marxistas que evidenciam a opressão exercida por um poder central. O que diferencia esta abordagem de outras que se comprometem com tais questões são, principalmente, os papéis atribuídos aos discursos nesses processos de dominação, o que é discutido, neste capítulo, juntamente com as teorias pós-estruturalista e *queer*.

com essa abordagem, será possível caminhar na construção de um processo sempre sexuado de educação e, consciente dessa dimensão, que se expresse em ações educativas mais humanizadas junto a crianças, adolescentes, adultos e idosos – todos seres que são/somos “maravilhosamente sexuados”. Há um currículo oculto da educação sexual a [se] desvelar [...]. Essa educação é entendida como construção humana e, portanto, plena de possibilidades de reconstrução, pois caminha na direção do reconhecimento da possibilidade de vivê-la numa perspectiva intencional emancipatória, contrapondo-a a uma vertente repressora e desumanizante (p. 120).

Nunes (1996) afirma que um discurso emancipatório sobre a sexualidade depende de se exorcizar práticas relativas às principais características das abordagens às quais denomina Médico-biologistas, Terapêutico-descompressivas, Normativas-institucionais e Consumistas-quantitativas, e às quais ainda acrescento as Religiosas radicais, as tradicionalistas e as fundamentalistas. Essa concepção, à qual o autor chama de “Concepção Dialética e Política”, teve, posteriormente, sua denominação substituída por “Emancipatória”, como já o fizeram outros autores. Segundo Figueiró (2001a), que utilizou em sua dissertação de mestrado o conceito de “Educação Sexual Política”, sendo atualmente adepta da outra denominação,

é importante registrar que, comprometidos com esta mesma abordagem, alguns estudiosos têm optado por usar a denominação “abordagem emancipatória”, ao invés de “política”. Assim, em suas teses de doutorado sobre a sexualidade, tanto [...] Nunes (1996), quanto Melo (2001), [...] referem-se à “Educação Sexual emancipatória”. Devo dizer que considero uma denominação bastante apropriada (p. 109).

Furlani (2005) diferencia a abordagem Emancipatória de três outras que também estão comprometidas em lutas políticas, porém com enfoque maior contra a dominação se comparado ao enfoque dado à luta contra a repressão, além de uma atenção especial às práticas discursivas como oposição à autonomia da agência humana.

Entre elas se apresenta a abordagem *Queer*, que tem sua base nas teorias surgidas a partir dos estudos da cultura intelectual gay e lésbica. Tal concepção se apropriou de um termo até então pejorativo nos países de língua inglesa<sup>29</sup>, e busca mais do que desmistificar os conceitos que envolvem o vocábulo em questão, busca romper com modelos que reconhecem uma única identidade homossexual, hegemônica, que não compreende, ou não o faz nas mesmas proporções, o reconhecimento identitário de travestis, transformistas, *drag queens*, sadomasoquistas, transgêneres etc.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais [sic.], travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 7-8, grifos da autora).

Butler (2002), uma das precursoras dessa teoria, demonstra o modo como o termo *Queer* era, até então, carregado de uma conotação pejorativa, e afirma:

O termo *queer* surge como uma interpelação que levanta a questão da força e da oposição, da estabilidade e da variabilidade dentro da performatividade. Este termo tem operado como uma prática linguística, cujo propósito é a degradação do sujeito ao qual se refere, ou melhor, a constituição desse sujeito através dessa denominação degradante. Queer adquire o seu poder justamente através da constante repetição, enquanto é relacionado com acusações, patologias e insultos. Se trata de uma prática pela qual se tem estabelecido uma ligação entre as comunidades homofóbicas (p. 58) (tradução minha).

Assim, ao questionar o caráter fixo de homossexualidade construído e os limites estabelecidos para cada conceituação, a Teoria *Queer* ressignifica o próprio vocábulo em questão. Sugere-se um significado novo ao termo, até então

---

<sup>29</sup> O vocábulo *queer* é utilizado em países de língua inglesa para designar pejorativa e preconceituosamente pessoas com características sexuais e de gênero diferentes do que é considerado padrão de normalidade.

pejorativo, o qual passa a referenciar a oposição às normas social e culturalmente estabelecidas. Segundo Louro (2004), alguns dos elementos os quais essa concepção questiona são os modelos fixos e os processos que atribuem significados culturais a partir, apenas, de características físicas. Evidencia-se assim um modo de pensar, produzir, articular e problematizar o conhecimento que rejeita qualquer forma de normatividade e que pode ser aplicado a outras categorias de análise, sendo foco não apenas de estudos sobre a sexualidade humana, mas também de discussões que envolvam questões raciais, étnicas, de gênero etc.

Outra abordagem citada por Furlani (2005) é a dos Direitos Humanos, que defende que a exclusão social é fruto de diversos jogos de interesse e poder, que vão além das compreensões apresentadas pelo discurso marxista. Trata-se, diz a autora, de entender que “a classe social não é a única identidade cultural constitutiva dos sujeitos sociais, e tampouco ocupa a centralidade dos processos de desigualdade e exclusão social” (id., 2008, p. 25). Para ela, vários campos teóricos como os autodenominados “Estudos Culturais”, os Estudos Feministas e o Pós-Estruturalismo denunciam a inserção de discussões pertinentes à Educação Sexual em um contexto de exclusão social mais amplo e complexo.

Nessa perspectiva, o contexto educacional não é apenas uma possibilidade de “produção e reprodução das representações excludentes, mas também [...] local de contestação e resistência de grupos subordinados, o que tem possibilitado discussões sobre o seu papel na aproximação e convergência entre os ‘direitos humanos’, a ‘cidadania plena’ e a ‘inclusão social’.” (ibid., p. 25).

A educação sexual baseada na abordagem dos Direitos Humanos é aquela que fala, explicita, problematiza e destrói as representações negativas socialmente impostas a esses sujeitos e às suas identidades ‘excluídas’, num processo educacional que é assumidamente político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual, mais humana – na totalidade semântica desse termo (ibid., p. 26).

Por fim, a autora cita a abordagem dos Direitos Sexuais que, entre outras possibilidades, pode ser compreendida a partir de três diferentes visões: 1) dos

Direitos Sexuais das mulheres, que extrapola a discussão de questões de ordem biológica e reprodutiva, avançando para questões de ordem afetiva e do prazer; 2) do movimento LGBTTT que busca questionar e desmistificar questões promotoras de homofobia, lesbofobia e discriminação sexual, garantindo a visibilidade da diferença e a equiparação de direitos; 3) dos Direitos Sexuais no âmbito da infância e da adolescência que busca garantir o direito à Educação Sexual na escola, de forma consciente e planejada. Essa última tem como temas principais a “exploração dos corpos juvenis, submissão física, abuso sexual, pedofilia, pornografia, prostituição e turismo infantil” (ibid., p. 29).

Essas duas últimas abordagens citadas, a dos Direitos Humanos e a dos Direitos Sexuais, entretanto, me parecem muito próximas, sabendo-se que os direitos sexuais também são pensados como direitos humanos por diversos autores, e as lutas enfrentadas pelas minorias sexuais também podem ser pensadas da mesma forma que as outras lutas de diversos grupos sociais.

Warken (2004), propõe a seguinte discussão: “como buscar emancipação para todos e todas [...] e garantir que os direitos sexuais sejam finalmente entendidos e desvelados como parte indissociável dos direitos humanos?” (p. 38). Após realizar uma pesquisa de levantamento e análise dos discursos dos usuários de um *site*, o autor conclui que “todas estas pessoas apontam para o fato de que os Direitos Sexuais são inalienáveis aos Direitos Humanos. [...] Não há sentido falar num sem pressupor a existência do outro” (ibid., p. 69).

Assim, indo ao encontro do que afirma Warken (ibid.), penso que os direitos humanos e, conseqüentemente, os direitos sexuais, podem ser vistos em uma única abordagem da Educação Sexual e, indo além, penso que não há a necessidade de se pensar em uma abordagem que contemple unicamente essa questão, visto que os direitos humanos, de forma geral, são pensados, nos mesmos moldes das citadas abordagem sugeridas por Furlani (2005), tanto na abordagem Emancipatória quanto na abordagem *Queer*.

Dessa “junção” de abordagens, entretanto, me perturbou por algum tempo uma questão: Se a abordagem dos Direitos Humanos e, logo, dos sexuais, compreendem, segundo Furlani (2005), os autodenominados “Estudos Culturais”,

os Estudos Feministas e o Pós-Estruturalismo, ao extinguir essa abordagem de minhas classificações, como poderiam ser reorganizadas tais teorias?

Na verdade não foram necessárias maiores discussões para que se chegasse a uma conclusão já aparente: os “Estudos Culturais” e a Teoria *Queer* estão intimamente ligados. Enquanto se distanciam dos Estudos Críticos e da abordagem Emancipatória, se aproximam do Pós-estruturalismo e dos Estudos Feministas. Isso porque os teóricos dessas abordagens, também denominadas Pós-modernas e Pós-críticas, advogam a primazia de um caráter político apenas para as suas teorias. Contudo, a ideia de poder e uma abordagem Política também fazem parte das teorias Crítico-emancipatórias, mesmo que isso tenha sentido e natureza diversos daquilo que os primeiros defendem. Esse segundo grupo de teóricos, mesmo reconhecendo a importância dos discursos e da cultura na construção da sexualidade, defendem a ideia da agência humana, isto é, a da existência de sujeitos que agem com relativa consciência, intencionalidade e autonomia na produção dos significados e das práticas da sexualidade.

Todas essas teorias e abordagens discutidas, também se relacionam diretamente com algumas das epistemologias discutidas anteriormente: O Socioconstrutivismo, o Construtivismo Social e os estudos Sócio-críticos por um lado, e, por outro, o Construcionismo Social em suas diversas vertentes.

Assim, o “político” e o “poder” para todas elas são de natureza diversa: enquanto para os pensadores do primeiro grupo, que seguem a abordagem Emancipatória com bases nas teorias Socioconstrutivistas e Sócio-críticas, eles estão nas formas de luta e repressão social presentes na sociedade e na cultura, para os que adotam a perspectiva Pós-estruturalista e *Queer*, tanto em uma visão “tradicional” do Construcionismo Social quanto aqueles mais “radicais”, adeptos das teorias derridarianas da desconstrução, eles estão em todas as práticas discursivas e modos como se organizam as instituições, sem que se possa se libertar ou se emancipar desses discursos.

Desse modo, também o conceito de dispositivo de poder, utilizado inicialmente por Foucault, é apropriado de forma diferente nessas duas abordagens: para os primeiros (Socioconstrutivistas e Sócio-críticos), portanto,

trata-se de possibilitar aos alunos condições para questionarem e transformarem uma determinada realidade, seja em relação aos direitos, valores ou às práticas de opressão; para o segundo grupo (Pós-estruturalistas e Queer), trata-se de desconstruir os discursos em uma interminável e indeterminada busca por mostrar os mecanismos de poder neles inscritos.

O que essas teorias construcionistas defendem é que, como todo julgamento moral só ocorreria e se desenvolveria em práticas discursivas, caberia à educação escolar apenas o papel de

tomar a si e intensificar a tarefa de, minimamente, organizar os contextos da fala e de, maximamente, mostrar as regras através das quais se dão os ditos, em termos da ordem do que é dito, dos poderes que mobiliza e das regularidades do poder (VEIGA NETO, 2003, p. 13).

Entendo que as abordagens citadas neste capítulo devem ser compreendidas como possibilidades de se buscar respostas aos diversos questionamentos que perpassam o campo da Educação Sexual e que cada autor, a sua maneira, privilegia uma determinada abordagem a qual julga apropriada para seus problemas de pesquisa, o que faço a partir da compreensão de que, tanto em minhas discussões acadêmicas quanto no exercício de minha vida docente, tomando como referências principais os estudos sobre sexualidade, devem-se privilegiar os que se aproximam da teoria do Construtivismo Social, enquanto penso na abordagem Política, em sua concepção Emancipatória, como aquela que se adéqua as minhas concepções e representações sobre a Educação Sexual que deve ser priorizada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

O que esse estudo pretende, entretanto, não é rotular os trabalhos analisados, mas organizá-los de acordo com possíveis aproximações a uma ou a outra teoria, abordagem ou tema, o que possibilitará a futuras pesquisas, compreender as contribuições específicas de cada uma delas.

Para isso, entretanto, proponho uma nova organização das abordagens que possibilite a classificação dos resumos, visto que, da forma como são apresentadas pelos autores citados neste capítulo, tal esforço seria viável apenas

se realizado com trabalhos em sua versão integral. Com esse propósito, tomo como base inicial as abordagens de Figueiró (1995), às quais reorganizo de acordo com as possibilidades de análise da fonte documental desta dissertação, e acrescento a elas algumas contribuições de Nunes (1996) e Furlani (2005). Sugiro, diante dessas considerações, a seguinte classificação:

**Tabela 2 - Reorganização das abordagens da Educação Sexual (continua).**

<b>Reorganização das abordagens da Educação Sexual</b>	<b>Abordagens que as compõem</b>
Abordagem Médico-biologista	Abordagem Médica (FIGUEIRÓ) Concepção Médico-biologista (NUNES) Abordagem Biológica e Higienista (FURLANI) Abordagem Terapêutica (FURLANI)
Abordagem Religiosa	Abordagem Religiosa católica (FIGUEIRÓ) Abordagem Religiosa evangélica (FIGUEIRÓ) Abordagem Religiosa radical (FURLANI)
Abordagem Pedagógica	Abordagem Pedagógica (FIGUEIRÓ) Concepção Terapêutico-descompressiva (NUNES) Concepção Consumista-quantitativa (NUNES)
Abordagem Emancipatória	Abordagem Política / Emancipatória (FIGUEIRÓ) Abordagem Emancipatória (FURLANI) Concepção Dialética e Política (NUNES)



**Tabela 2 - Reorganização das abordagens da Educação Sexual (conclusão).**

Abordagem Pós-estruturalista e <i>Queer</i>	Abordagem dos Direitos Humanos (FURLANI) Abordagem dos Direitos Sexuais (FURLANI) Abordagem <i>Queer</i> (FURLANI)
--	--

#### **1.3.4. Temas e Eixos Temáticos da Educação Sexual.**

Assim como algumas abordagens da Educação Sexual privilegiam intersecções com uma determinada epistemologia, elas também têm relações diretas com alguns temas que circundam o meio acadêmico. É o caso da abordagem *Queer* e da Médico-biologista, sabendo-se que, na primeira, há uma concentração de discussões relacionadas à diversidade sexual, minorias étnicas e questões de gênero, e, na outra, das relacionadas, principalmente, às DSTs, à gravidez e à contracepção. É importante que se observe que, apesar de não pretender definir temas como apropriados ou exclusivos de alguma(s) da(s) abordagem(ns) da ES, entendo que, no conjunto da produção acadêmica, elas podem apresentar análises qualitativa e quantitativamente mais consistentes sobre uma ou algumas determinadas temáticas.

Essa afirmação, entretanto, comporá uma das discussões do capítulo específico das análises da fonte documental, enquanto por ora me atendo à apresentação e descrição dos temas evidenciados nos resumos, os quais foram, de acordo com algumas relações existentes entre eles, agrupados nos seguintes eixos temáticos: a) Políticas (públicas), currículo e discurso; b) Representações, concepções e práticas dos agentes escolares; c) Identidade e diversidade sexual; d) Formação docente; e) Gravidez e saúde sexual/reprodutiva.

#### 1.3.4.1. Políticas (públicas), currículo e discurso.

O termo política<sup>30</sup>, do grego *polis* (cidade), aqui entendida em seu sentido original, representa as disputas e o exercício do poder de governar um estado nacional ou subnacional. Estende-se ainda às decisões que podem ser tomadas por um determinado governo, a implementação de projetos e programas, além de iniciativas, financiadas principalmente com recursos públicos, com o principal objetivo de promover o bem-estar da população. Por fim, pode compreender também decisões, ações, projetos, programas e iniciativas desenvolvidos pela administração de órgãos, empresas e setores privados, destinados a essas mesmas empresas, suas seções e outras subdivisões.

Segundo Azevedo (2004, p. 01), os estudos sobre políticas públicas ganharam centralidade no cenário nacional no início da década de 80, estudos esses vinculados sobretudo às ciências políticas e à Sociologia. Segundo Barroso (2005, p. 726), na mesma década, as discussões sobre reforma e reestruturação do estado eram centrais nos debates políticos. Esses estudos tomaram, entretanto, um caráter interdisciplinar que propiciou discussões em diversas áreas do conhecimento, como na educação.

Segundo Azevedo (op. cit.):

Tal como ocorreu com outras áreas voltadas para a questão social, no campo educacional passou-se a produzir estudos que privilegiam a abordagem da educação na sua dimensão de política estatal. Tratam-se, pois, de estudos que, em sua maioria, têm o próprio campo educacional como referência primeira, e, portanto, utilizam-se de ferramentas teórico-metodológicas comumente empregadas nas investigações deste campo (p. 02).

Segundo Lopes (2004, p. 110), entre as políticas educacionais podem estar compreendidas mudanças nas legislações, formas de financiamento, relação entre

---

<sup>30</sup> Não me refiro à política, neste ponto, como ela é pensada no contexto dos movimentos político-sociais contemporâneos, principalmente na forma como ela é representada pelos estudos pós-estruturalistas, pelos autointitulados “Estudos Culturais” ou pelo Movimento Feminista, mas sim em seu sentido originalmente sugerido, como propostas, decisões e ações de um poder centralizado representado, principalmente, pelos governos dos estados nacionais e subnacionais.

diferentes instâncias do poder oficial, gestão das escolas, dispositivos de controle da formação de professores e, principalmente, as mudanças nas políticas curriculares.

Como currículo educacional, por sua vez, pode-se compreender, para efeito de classificação dos resumos selecionados para compor a fonte documental desta dissertação, um conjunto de elementos organizados e conexos, sendo os principais deles as atribuições de cada componente do meio escolar, os valores a serem questionados, construídos e/ou transmitidos, as metas a se atingir, os tempos e os espaços definidos, os conteúdos didáticos e sua organização, os materiais e os métodos a serem utilizados, as metodologias que nortearão o processo ensino-aprendizagem e as formas de avaliação, entre outros, compondo um contexto educacional que, em suma, é fruto de políticas voltadas para essa área.

Para Pacheco (2001) o currículo sistematiza o conhecimento escolar. Segundo esse autor (ibid.):

o currículo, independentemente das definições contraditórias que o caracterizam, é justificável a partir do momento em que existe a necessidade de classificar o conhecimento escolar em corpos sistemáticos dos saberes, constituídos, por norma, em disciplinas (p. 03).

Apesar de entender que o conceito de currículo é múltiplo e entendido de formas diferentes por autores diversos, aparentemente há o consenso de que a escola se efetiva como local de construção e transmissão do conhecimento e o currículo assume papel central nesses processos escolares. Para Pacheco (ibid.) a escola se tornou uma instituição de transmissão de conhecimentos com fins sociais bem demarcados, e seu currículo é “construído na pluralidade de pontos de vista da linguagem e do discurso” (p. 02).

Assim, devido principalmente a sua importância e centralidade no meio educacional, o currículo se tornou alvo de interesses políticos e se apresenta carregado de discursos, tanto daqueles que são responsáveis pela elaboração das

políticas públicas que estabelecem tal currículo, quanto daqueles a quem cabe sua aplicação efetiva nas escolas e nas salas de aula. Segundo Lopes (2006):

Como todo e qualquer discurso, não são fenômenos apenas lingüísticos, mas se articulam com as práticas e as identidades dos sujeitos, bem como estão sujeitos a mudanças e constituem um repertório que pré-configura possibilidades para as relações sociais. Dessa forma, esses discursos, estão imbricados com instituições, processos econômicos e culturais, normas e técnicas que constituem as relações sociais.[...] No caso específico das políticas de currículo, defendo que os discursos hegemônicos são disseminados por comunidades epistêmicas com capacidade de influência nos Estados-nação, muitas vezes perpassando distintas sociedades políticas (p. 40).

Fischer (2001), afirma que, no campo educacional, se proliferam trabalhos que se propõem analisar os discursos e, com essa justificativa, apresenta algumas discussões sobre o conceito de discurso a partir dos estudos de Michel Foucault. Para a autora, os discursos são, muitas vezes, entendidos como

um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de “reais” intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso (p. 198).

A autora, entretanto, apresenta uma outra concepção para o termo, a partir de afirmações de Foucault, para quem não existe nada por trás das afirmações, existem apenas enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Assim, analisar o discurso seria compreender as relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.

Por exemplo: analisar textos oficiais sobre educação infantil, nessa perspectiva, significará antes de tudo tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria “por trás” dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política; na medida em que as

palavras são também construções; na medida em que a linguagem também é constitutiva de práticas. (FISCHER, 2001, p. 198)

Entendo portanto, apesar de não fazer diferenciação entre as duas possibilidades no momento de organizar os resumos que compõem as análises deste capítulo, que a produção que se propõe analisar os discursos pode tomar como base tanto a primeira interpretação apresentada quanto a segunda, defendida por Foucault e por Fischer.

Por fim, independentemente da complexidade e variedade de compreensões dos temas apresentados, é a partir do pensamento de que tanto a política, em seu sentido original como já discutido, quanto o currículo e os discursos que os constituem são fatores que, de alguma forma, regem, modificam e influenciam as práticas escolares daqueles que estão sujeitos a eles, que organizei e relatei os resumos que continham em sua essência alusões a esses temas. Não pretendo, por ora, aprofundar-me em tais questões, nem mesmo apresentar as discussões que se tecem a partir das possíveis relações estabelecidas entre elas, mas apenas estabelecer uma argumentação que sustente a organização dos três temas citados em um único conjunto de resumos a serem analisados.

#### 1.3.4.2. Representações, concepções e práticas dos agentes escolares.

Os estudos das representações tiveram seu ponto de partida na Sociologia, com o conceito de representação coletiva de Emile Durkheim, mas foram apropriados e aprimorados na Psicologia Social por Serge Moscovici e, posteriormente, por Denise Jodelet, entre outros. Esta teoria, apesar de ter se fundado nessas áreas do conhecimento, foi amplamente disseminada entre muitas outras áreas que a tem como importante ferramenta.

Para Moscovici (1978) as representações são como entidades quase tangíveis, presentes na realidade, que se manifestam na fala, nos gestos etc., no cotidiano. Segundo o autor (id., 2003):

[...] representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (p. 41).

Sêga (2000), afirma que a representação social é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. Segundo o autor:

as representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situação, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. [...] Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade (ibid. p. 128).

Jodelet (2001) se refere às representações sociais como fruto da necessidade de estarmos informados, nos ajustar ao mundo à nossa volta e dominá-lo, de sabermos como nos comportar além de podermos identificar e resolver os problemas que se apresentam.

Eis que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva. [...] Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais (ibid. p. 17).

Assim, podemos pensar as representações sociais como uma forma de interpretarmos a realidade a qual estamos inseridos, uma forma de conhecimento

que o indivíduo, ou um determinado grupo, desenvolve para determinar seu ponto de vista diante de situações, objetos, eventos etc.<sup>31</sup>

Diferentemente do conceito de representação, a concepção pode ser pensada como a forma pela qual compreendemos algo, a ideia que temos sobre determinados temas, situações, objetos etc. Segundo Ponte (1992):

As concepções têm uma natureza essencialmente cognitiva. Actuam como uma espécie de filtro. Por um lado, são indispensáveis pois estruturam o sentido que damos às coisas. Por outro lado, actuam como elemento bloqueador em relação a novas realidades ou certos problemas, limitando as nossas possibilidades de actuação e compreensão. (p. 01)

Para esse autor, as concepções podem ser frutos de um processo individual, em que prevalecem as experiências vividas pelo sujeito, ou pelo coletivo, em que as experiências pessoais são comparadas às experiências de outras pessoas para que se originem tais concepções. Segundo Canavarro (1994), referindo-se às concepções de professores:

[...] podemos considerar as concepções de um professor como um sistema organizativo, algo difuso que opera tácita e permanentemente sobre o conjunto de componentes que constituem as referências do professor – crenças, valores, conhecimento de várias naturezas e elementos afetivos – gerando e suportando os seus modos de ver e de atuar. (p. 28)

Por fim, entende-se como práticas, para efeito de organização dos resumos que compõem as análises deste capítulo, as ações efetuadas, planejadas ou não, por um determinado sujeito ou grupo. Assim, quando se fala, por exemplo, em práticas docentes, pensa-se que se trata das ações que um(a) professor(a) desenvolve, em sala de aula ou fora dela, rotineiramente ou não, que envolvem desde os pequenos comportamentos até o desenvolvimento de grandes projetos.

---

<sup>31</sup> Segundo Silva (2009), esse conceito de representação social apresentado é questionado pelos pós-estruturalistas que o pensam como um sistema de significação, que rejeita associações com conotações mentais e interioridade psicológica. Assim as representações sociais seriam concebidas como pura marca material. Esse conceito incorpora ainda diversas características de indeterminação, ambiguidade e instabilidades atribuídas à linguagem.

Penso assim que tanto as concepções quanto as representações sociais influenciam as práticas dos agentes diversos que compõem o meio escolar, porém, diferentemente das políticas públicas e do currículo, elas são constituintes dos sujeitos que praticam as ações, e não elementos essencialmente externos. Dessa forma, classifico esses temas em um único grupo de resumos, que representam os agentes escolares em sua essência, na forma como pensam, como significam a realidade e como agem, e nas relações existentes entre o plano conceitual e o atitudinal desses sujeitos. Nessas obras, além dos temas da concepção, da representação e das práticas, podem-se observar discussões sobre vivências, atitudes, pensamentos, percepções e significações, entre outros.

#### 1.3.4.3. Identidade e diversidade sexual.

Em “a produção social da identidade e da diferença”, Silva (2009) apresenta duas formas de pensarmos a identidade e a diferença. Uma, em que é mais fácil definir o que é identidade e se baseia na constatação daquilo que somos, enquanto a diferença seria aquilo que o outro é. Pensada dessa forma, a identidade é simplesmente o que cada indivíduo representa, sua nacionalidade, sua sexualidade, suas crenças etc.

Em uma outra perspectiva, entretanto, podemos pensar que, ao afirmar aquilo que somos, também estamos afirmando tudo aquilo que não somos. Segundo o autor (ibid.):

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável (p. 75).

Da mesma forma a diferença é representada por uma cadeia, geralmente oculta, de declarações negativas. Vista dessa forma, a identidade se baseia, principalmente, nas diferenças, pois seria impossível, nessa perspectiva, afirmar o



que somos sem conhecermos aquilo que não somos, aquilo que é diferente de nós.

Segundo Hall (2009, p. 103), nos estudos contemporâneos destacam-se algumas principais compreensões de identidade, das quais destaco duas: a primeira ligada ao Pós-estruturalismo, que está diretamente relacionada ao conceito de representações sociais dessa mesma perspectiva. Para esse grupo de estudiosos, segundo Silva (2009) a identidade, assim como as representações, é concebida apenas como marca material, e não por associações e conotações mentais e interioridade psicológica. Outra marca importante nessa perspectiva é a incorporação de características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem, que, segundo Hall (op. cit.) evidenciam um eu inevitavelmente performativo.

Outra compreensão é a da crítica cultural e da crítica feminista que, influenciados pela psicanálise, destacam processos inconscientes da formação da subjetividade e questionam as concepções racionalistas de sujeito.

De acordo com essas perspectivas culturais e antiessencialistas, segundo Silva (op. cit.):

[...] a identidade não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada (p. 97).

Segundo Louro (2001), as relações sociais compõem e definem as identidades sexuais que são, por sua vez, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Nessa perspectiva Pós-estruturalista, as identidades sexuais são definidas no âmbito da cultura e da história. Para a autora (ibid.), “reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (p. 11).

Em contrapartida, os estudos que abordam o “multiculturalismo”, segundo Silva (2009), muitas vezes se apoiam em um apelo à tolerância e ao respeito pela diversidade e pela diferença. Segundo o autor:

[...] é particularmente problemática, nessas perspectivas, a idéia de diversidade. [...] Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença (p. 73).

Assim, tanto em uma discussão que se centre na diversidade, como naquelas em que o foco são as diferenças, emergem temas como homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, transexualidade, homofobia e (in)tolerância, entre outros.

#### 1.3.4.4. Formação de Professores.

A formação de professores com vistas a sua atuação em contextos de Educação Sexual tem sido amplamente discutida, tanto como formação inicial, referindo-se principalmente aos cursos de graduação em nível superior, quanto às ações de formação continuada, que compreendem processos formativos diversos, principalmente os que se desenvolvem posteriormente à formação inicial.

Esse tema, apesar da atual representatividade, surgiu no cenário acadêmico nacional tardiamente, no final da década de 1970, e perdurou de forma esporádica nos anos seguintes até o ano de 1989, a partir de quando a produção se manteve constante até o início deste século. (SILVA, 2004). Entre o total de obras identificadas e apresentadas em sua dissertação, a autora (ibid., p. 70) afirma que as pesquisas acadêmicas sobre Educação Sexual que se focavam no aspecto da formação de professores corresponderam, nos anos entre 1977 e 2001, a 40% do total de obras, e nos quatro últimos anos abrangidos pela pesquisa (1998-2001), a cerca de 51% desse total, o que demonstra o considerável interesse acadêmico sobre tal discussão.

Perpassando toda essa produção, aparentemente há um consenso de que a formação de professores não corresponde apenas a um período pré-estabelecido mas, de forma geral, a um longo projeto que se mantém paralelo às atividades docentes. Para Figueiró (2004):

O ensino, concebido como uma profissão, impõe a necessidade de envolvimento dos professores num processo contínuo de formação. Vistos não mais apenas como quem transmite informações aos seus alunos, mas também como profissionais que criam e constroem conhecimentos sobre o processo ensino-aprendizagem, os professores, em sua maioria, vêm sentindo e reconhecendo a importância de estarem envolvidos, constantemente, num processo de crescimento pessoal, cultural e profissional. (p. 120)

Pensada dessa forma, a formação docente compreende não apenas os cursos superiores de graduação, nem mesmo apenas as políticas públicas específicas para complementação dessa formação inicial, mas toda e qualquer iniciativa do poder público, das instituições de ensino, de setores privados e até mesmo as ações individuais dos docentes, com vistas à adequação e atualização de conhecimentos, conceitos, métodos e metodologias, entre outros aspectos, tendo como finalidade o conjunto de melhorias das práticas que esses profissionais desenvolvem.

#### 1.3.4.5. Gravidez e saúde sexual/reprodutiva.

Heilborn et al. (2002) iniciam suas discussões a partir da seguinte afirmação: “a gravidez na adolescência está na ordem do dia”. Mais do que concordar com os autores, pude observar que há atualmente um grande interesse em se discutir e compreender essa temática que envolve mais do que uma característica biológica, mas também uma gama de variantes psicológicas, sociais e culturais, entre tantas outras (GULO, 2007). Segundo Torres (2007), esses estudos se intensificaram nas décadas de 1990 e 2000 além de terem também se intensificado as ações do poder público e a sua importância atribuída no/pelo meio acadêmico.

Para Abramovay et al. (2004) o tema da gravidez na adolescência muitas vezes se confunde com o próprio tema da sexualidade na juventude e, entre esses estudos, duas perspectivas se destacam: uma da problematização e outra relativista. A primeira evidencia os riscos sociais, psicológicos e à saúde, e se estende a temas como o aborto, mortalidade infantil e mortalidade materna, além de defenderem amplamente a implantação de políticas públicas de prevenção nas áreas da saúde e da educação; enquanto a outra “defende o cuidado com as generalizações, enfatizando [...] o jogo da individualização e das diversidades de sentidos e experiências, trajetórias de vida de diferentes jovens” (id., p. 129).

No tocante aos métodos preventivos e contraceptivos, segundo as autoras (ibid.), há uma associação ainda mais intensa às mulheres, em que a principal referência é a preocupação em se evitar a gravidez. Entretanto, há outros estudos que, principalmente a partir da década de 1990 com o aumento da pandemia de AIDS, evidenciaram o grande desafio na promoção da adoção de práticas sexuais mais seguras como pano de fundo para discussões sobre as DSTs e a saúde sexual.

Essa intervenção da área da saúde no meio educacional, entretanto, é substancialmente anterior a esse fato. Segundo Meyer (2000), o discurso médico emergiu na área da educação escolar no Brasil nas primeiras décadas do século XX, devido, entre outros fatores, ao processo de urbanização e industrialização que geraram o crescimento desordenado das cidades, assim como a ausência de saneamento básico, sistemas de transporte e habitação higiênica, o que ameaçava a saúde da população. Dessa forma, a escola foi tomada como um *locus* privilegiado para a educação sanitarista, que tinha como foco as práticas referentes à saúde da população.

Segundo Leal (2000), as discussões sobre saúde na escola ainda giram em torno de questões higienistas. Para a autora, após analisar alguns livros didáticos, o conceito de higiene presente nesse material aponta para uma saúde dependente apenas dos hábitos pessoais, sem que se considere o papel limitado dessa concepção, enquanto a autora entende as questões de saúde como amplamente dependentes de fatores sociais.

No que tange à sexualidade, as discussões da área da saúde têm dedicado atenção especial a discussão das DSTs, principalmente a AIDS, assim como a alguns métodos de prevenção, apesar de haverem inúmeros questionamentos sobre a real inclusão dessas discussões de forma efetiva no contexto escolar. Para Seffner (2000), “a problemática da AIDS é um desses temas emergentes que fica parado na porta das escolas, pedindo para entrar e lá ser discutido” (p. 126). Segundo o autor, um dos entraves nesse processo é o despreparo e conseqüente temor dos professores, visto que, paralelamente a esse tema, “costumam surgir outros como sexo, drogas, homossexualismo<sup>32</sup>, promiscuidade, morte, doença, agonia, pecado, discriminação etc.” (ibid., p. 126).

---

<sup>32</sup> Apesar de aceitar a existência de uma ampla literatura que condena o uso do termo “homossexualismo”, então substituído por “homossexualidade” ou “homoafetividade”, termos esses que tomo como ideais para as discussões que apresento nesta dissertação, mantenho o termo originalmente cunhado pelo autor citado, afim de evitar qualquer distorção do sentido original do termo enunciado, assim como das análises originalmente efetuadas.

## CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Em meio às discussões sobre os processos biológicos, históricos, sociais, culturais e intra/interpessoais que de diversas formas se relacionam com a sexualidade humana, os jovens emergiram como um dos públicos privilegiados, presentes em grande parte dos estudos que se propõem analisar a sexualidade e seus possíveis desfechos, nos diferentes campos de pesquisa. (CALAZANS, 2000; OZELLA, 2003; ABRAMOVAY et al., 2004; ALTMANN, 2007; TORRES, 2007)

Altmann (op. cit.) fala do aumento expressivo no número de debates sobre a sexualidade adolescente, focada principalmente como um problema social ao qual a escola é conclamada a intervir. Segundo Abramovay et al. (op. cit.), essa parcela da população

vêm ocupando, nas últimas décadas, um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações que assolam a comunidade mundial, tanto no campo da educação quanto no da saúde, contribuindo, em especial, a preocupação com problemas que vêm atingindo os jovens de todo o planeta, como: saúde sexual e reprodutiva, a gravidez precoce, o aborto inseguro e as DSTs e Aids (p. 32).

Para alguns autores, baseados nos estudos de Michel Foucault, essa “explosão discursiva”<sup>33</sup> é decorrente do fato de ser esse tema alvo de investimento político e instrumento de tecnologia de governo (ALTMANN, 2007). Para outros, os fatores sociais e os ligados à saúde, frequentemente relacionados a essa parcela da população, contribuem para esse interesse em se compreender a sexualidade juvenil. Heilborn et al. (2006) afirmam que, constantemente, as concepções difundidas sobre essa etapa da vida referem-se a ela como um “período de grande risco”, do qual destacam-se os riscos à saúde que, por sua

---

<sup>33</sup> Termo originalmente citado por Foucault em sua obra “A história da sexualidade: a vontade de saber” (FOUCAULT, 1984).

vez, se dividem em duas esferas: a da “sociabilidade, na qual se teme a exposição à violência e ao uso de drogas, e a da sexualidade, em que se problematiza a iniciação sexual precoce, a AIDS e a ‘gravidez na adolescência’”(p. 1362).

Como afirmam as autoras, algumas das principais discussões que se propõem abordar de forma integrada os conceitos de sexualidade e juventude, giram em torno das DSTs, da gravidez, da parentalidade<sup>34</sup> e da “precocidade” nos domínios do exercício ativo da vida erótica e sexual, apesar de estarem, gradativamente, como afirmam Abramovay et al. (2004), dividindo espaço nas discussões acadêmicas com questões relativas à saúde reprodutiva e aos direitos sexuais. O amplo interesse nesses temas, entretanto, demonstrou uma aparente inquietação, que não se restringe a discussões acadêmicas, abrangendo também grande parcela de diversas instâncias e instituições sociais.

Tal interesse em se abordar temas relacionados à sexualidade juvenil muitas vezes está acompanhado de mistificações, preconceitos e um amplo apego ao senso comum, que afere caracteres excessivamente negativos às questões relacionadas à sexualidade desses jovens.

Ozella (2003), em uma revisão crítica da concepção de adolescência predominante na área da Psicologia, afirma que:

Desde que Stanley Hall identificou este momento da vida como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à sexualidade [...], esta concepção ficou indelevelmente impregnada na definição dos adolescentes por livros, teorias, a mídia, profissionais das áreas das ciências humanas, e incorporadas pela população e pelos próprios adolescentes. (p. 19)

---

<sup>34</sup> Segundo Dittmers (2007), o termo parentalidade foi proposto por Paul Claude Racamier em 1961 e foi utilizado por vários autores a partir da década de 1980, para se referir aos papéis e funções familiares atribuídos ao pai e/ou à mãe. Apesar de não constar nos principais dicionários de língua portuguesa, atualmente o termo é utilizado, por alguns autores, para designar a constituição familiar em substituição ao termo “pais”, no plural, com a denotação de “pai e mãe”. Segundo Solis-Ponton (2004), esse novo vocábulo inclui uma enorme gama de significados e possibilidades, em um complexo processo psicológico que implica nos vínculos relacionados à filiação, e que englobam diversos modelos de famílias. Destaco esse termo por entender a aparente importância dada a estudos que privilegiam discussões sobre famílias monoparentais e homoparentais, entre outras, além de várias possibilidades de compreensão dos termos “paternidade” e “maternidade”.

Ainda segundo o autor, a concepção de adolescente vigente e hegemônica

é de uma adolescência como etapa natural, inerente e própria do desenvolvimento do homem. Etapa marcada por conflitos e crises “naturais” da idade, por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade, enfim, uma etapa marcada por características negativas, sofridas, patologizadas, que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural, isto é, universalizada. (ibid. p. 09)

Essas informações, além de já demonstradas por Ozella (ibid.) e por outros autores como Abramovay et al. (2004), Calazans (2000) e Torres (2007) também puderam ser observadas neste estudo, em suas etapas iniciais, e na pesquisa da qual esta se originou (GULO, 2007), na qual analisei algumas discussões sobre a gravidez na adolescência e suas relações com a educação escolar

A partir dos dados apresentados nesse outro estudo<sup>35</sup>, reforçando os estudos anteriormente citados, (CALAZANAS, 2000; OZELLA, 2003; ABRAMOVAY et al., 2004; TORRES, 2007) pude constatar forte tendência de pesquisadores por adotarem alunos, classificados na maioria das obras como “adolescentes”, do ensino fundamental e médio, como principais sujeitos de suas pesquisas, o que caracterizou-se como um elemento fundamental ao definir quais obras comporiam a fonte documental desta dissertação. Os procedimentos que compuseram o processo de seleção dessas obras, entretanto, serão mais bem explicitados no Capítulo 3 – Caminhos metodológicos –, enquanto neste ponto apresento algumas discussões sobre juventude e adolescência e sobre a Educação Sexual que tem sido destinada a esse público nos sistemas escolares de ensino.

---

<sup>35</sup> Esses resultados apontam para uma tendência em se adotar o público jovem em pesquisas que versem sobre sexualidade, principalmente com foco nos temas da gravidez, da contracepção e das DST. Tal massificação da produção acadêmica sobre Educação Sexual voltada ao público jovem, entretanto, é questionada por alguns autores, como Figueiró (1995), que defendem a ampliação dessas discussões para outros grupos sociais, como os adultos e as crianças



## **2.1. Conceitos de adolescência e juventude.**

Por envolver várias atribuições biológicas, psicológicas, sociais e culturais, entre tantas outras, a sexualidade torna-se presente na maioria dos estudos do comportamento dos jovens, principalmente porque, muitas vezes, ela é pensada como fundamental no processo de atribuição de definições e de distinção entre esses e as crianças ou os adultos (CALAZANS, 2000; SPOSITO, 2002; ABRAMOVAY et al., 2004; TORRES, 2007).

Para alguns autores como Abramovay et al. (op. cit.), esse momento da vida é caracterizado pela estruturação da identidade e “a demarcação de diferenças de gênero”, o que é possibilitado pela experimentação da sexualidade (p. 33).

Segundo Torres (op. cit.) o conceito de juventude remete-se, muitas vezes, ao período do ciclo de vida entre infância e vida adulta, o que é explicado pela substituição de um contexto de dependência e necessidade de proteção, para um outro de independência financeira, e participação social, além daquele relacionado à sexualidade.

Penso que essa diferenciação entre os sujeitos compõe uma etapa fundamental da pesquisa quando se tem como objetivo determinar os domínios dos objetos de estudo, sejam esses participantes das pesquisas, população abordada ou público ao qual se destinam esses estudos.

Tais definições, entretanto, têm sido alvos de questionamentos no meio acadêmico, principalmente por nem sempre darem conta de compreender, simultaneamente, os aspectos biológicos, psicológicos, históricos, culturais e sociais que engendram os conceitos de juventude. Segundo Sposito (2002), essa delimitação dos domínios do objeto pode se caracterizar como um problema para os pesquisadores que objetivam a constituição de uma bibliografia específica sobre o tema. A autora (ibid.) também afirma que a juventude é um período cuja definição constitui-se um problema sociológico a ser investigado, visto que, por ser considerada uma construção cultural, histórica e social, não é passível de uma definição única que compreenda todos os períodos históricos e contextos sociais.

Ainda segundo Sposito (1997), essa é uma situação paradoxal de difícil solução, pois há, por um lado, uma pressuposta exigência de definição do objeto, mesmo que esta seja provisória, e que oriente, entre outros pontos, os possíveis critérios de seleção adotados na pesquisa; e, por outro, as inúmeras dificuldades em se formular uma categorização única, visto que há diferentes perspectivas adotadas para se compreender o conceito de juventude, o que dificultaria uma organização bibliográfica sobre tal temática.

Compreendendo a existência desse paradoxo, há aqui uma questão que emerge para esta pesquisa: Como conceituar a juventude para que então possa ser levantada uma bibliografia principal que comporá não apenas as fundamentações deste estudo, mas a própria fonte documental objeto das análises?

As respostas a essa questão, apesar de não fazerem parte dos objetivos específicos desta pesquisa, foram de suma importância para se delimitar alguns dos recortes que fizeram parte da etapa de seleção dos resumos a serem analisados.

Um primeiro passo nessa busca foi compreender e reconhecer que existem diferenças conceituais e classificatórias, tanto no que refere aos principais fatores determinantes da constituição dessa população, sejam eles etários, biológicos, psicológicos ou sociais, assim como na própria nomenclatura que evidencia duas principais possibilidades: Juventude e adolescência. Nesse último ponto, apesar de haver inúmeras discussões tentando determinar o uso de cada um desses termos, ainda é evidente o desencontro de informações e as diferentes compreensões que dificultam classificações universais (MAUGER, 1994; SPOSITO, 1997; TORRES, 2007; CAMARGO, 2009; CALAZANS, 2000).

Assim, pude observar na literatura contemporânea ao menos duas formas distintas de se entender tais conceitos. Uma que utiliza definições pré-estabelecidas por organismos sociais que buscam padronizar tais definições, classificando o indivíduo como criança, adolescente, jovem ou adulto, de acordo com a faixa etária (QUINTANA, 2004; BELENTANI, 2002; BARBOSA et al. 2001); e outra que atribui ao termo juventude caracteres principalmente sociais, enquanto

à adolescência são atribuídos os biológicos e psicológicos, assim como também compreende cada um desses termos como apropriados por (e para) diferentes áreas científicas como a Psicologia e a Sociologia (CALAZANS, 2000; OZELLA et al., 2001; SPOSITO, 2002; TORRES, 2007).

Utilizando a primeira forma de classificação, Quintana (2004) utiliza conceitos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para definir os termos “criança”, “adolescente” e “jovem”. Apesar de afirmar que essas etapas da vida se caracterizam e se diferenciam “por suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas”, o autor, apropriando-se das definições preestabelecidas pelo ECA, cita a adolescência como o período da vida que abrange as idades de 10 a 19 anos, dividindo-a ainda em “pré-adolescência”, compreendida entre os 10 e os 14 anos, e “adolescência” propriamente dita, compreendida entre os 15 e os 19 anos (p. 11).

Sobre a adolescência, em uma tentativa de definir os processos históricos e sociais de construção desse conceito, Torres (2007) afirma que esta denominação se consolidou como definidora de uma das etapas da vida humana e como foco de estudos científicos, nas três primeiras décadas do século XX, com a junção do conceito de “jovem” (figura social) com o conceito de “púbere” (figura biológica e psíquica construída pelo discurso médico). Assim a adolescência é entendida como resultado de um conjunto de transformações psicológicas relacionadas principalmente à maturação sexual.

Torres (ibid.) destaca três ideias relacionadas a esse conceito: uma que relaciona essa fase da vida com problemas sociais e que é ligada à ideia de crise, irresponsabilidade, problema social a ser resolvido, utilizada amplamente no meio acadêmico; outra que compreende a adolescência como uma época áurea, ligada aos conceitos de liberdade e ousadia, apropriada principalmente pelos meios de comunicação com finalidades comerciais; e por fim uma ideia que não generaliza e entende a adolescência como um termo plural, que se configura em vivências diferentes que podem ocorrer em um mesmo período. Quanto ao conceito de juventude, assim como Sposito (2002), Torres (op. cit.) estabelece caracteres essencialmente sociais a sua constituição.

Segundo Sposito (ibid.), “os estudos de feitiço psicológico tendem a privilegiar os aspectos negativos da adolescência, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. A Sociologia ora investe nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentua a dimensão negativa dos ‘problemas sociais’ e do desvio.” (p. 09)

Para Calazans (2000) essa fase da vida é caracterizada como um período de transição da infância para a idade adulta, ressaltando outros valores como a responsabilidade e a autonomia adquiridas durante esse processo. Para a autora, um fator importante que ajuda a determinar essa etapa é o cuidado demandado pelos pais, ou seja, o cuidado normalmente observado nos adultos em relação às crianças. O momento em que essas “crianças” deixam de exigir esse cuidado e passam a poder cuidar de si próprias ou de outrem, pode caracterizar o processo de transição mencionado. Além desse, existem outros fatores como a formação familiar, ingresso no mercado de trabalho, circulação mais ampla no universo público etc., que ajudam a caracterizar o indivíduo nessa fase da vida. Esse processo, ainda segundo Calazans, é caracterizado por diversas crises, entre elas a crise da puberdade, relativa às transformações corporais; a crise da adolescência, associada à formação de suas identidades e a crise da juventude, que é fundada nas dificuldades de adequação ao mundo adulto e no questionamento de normas e instituições sociais.

Apesar de alguns autores buscarem priorizar uma entre essas conceituações, há os que compreendem a existência de ambas, sendo a adolescência um período que compõe a juventude. Torres (2007) afirma que, apesar das diferentes conceituações e empregos desses termos, não existe diferença entre “juventude” e “adolescência” no que se refere ao período da vida compreendido<sup>36</sup>, que está situado entre a infância e a idade adulta. Assim, afirma que não é possível limitar tal definição apenas a questões fisiológicas, assim como sua limitação a partir de aspectos etários também pode ser questionada. Para a autora, visto que os processos que moldam a juventude são plurais, flexíveis e

---

<sup>36</sup> Segundo a autora, o período da vida que compreende a juventude e a adolescência é o mesmo, o que, entretanto, não torna tais conceitos sinônimos. Assim, apesar de ocorrerem na mesma fase da vida, a adolescência e a juventude teriam significados diferentes.

móveis, as construções sociais também devem ser consideradas em um conceito que é menos uma condição biológica do que uma representação simbólica.

Ozella (2003), traz outras significações para os conceitos em questão. Segundo o autor, a adolescência é constituída a partir de caracteres fundamentalmente sociais e pode ser parcialmente vivida ou inexistir, de acordo com processos “de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico” (p. 92). Dessa forma, a adolescência pode ser considerada um privilégio das classes altas, enquanto a juventude é vivida universalmente por todos. Segundo o autor:

A adolescência acontecerá quando as condições sociais para seu surgimento estiverem dadas. É absolutamente possível que tenhamos vários jovens que não vivam a experiência da adolescência. [...] (é importante lembrar que adolescência é um fenômeno típico dos jovens das classes altas). [...] Nas camadas mais altas, ela é entendida como um período para experimentação sem maiores conseqüências emocionais, econômicas e sociais, enquanto nas classes populares não há possibilidade de ter este caráter, em função do ingresso precoce no mercado de trabalho. Os riscos de experimentar, tentar e viver novas experiências são maiores, sendo mais difícil arcar com as conseqüências econômicas e afetivas (p. 93).

Calazans (2000), em uma outra perspectiva, afirma que os dois termos são utilizados de acordo com a área do conhecimento em que são aplicados, e cita, para tanto, a Psicologia e a Sociologia. A Psicologia privilegia o termo “adolescência” para se referir à faixa etária que representa “um momento privilegiado de formação da identidade individual” (p. 24). Já a Sociologia procura “privilegiar questões como a configuração da juventude como categoria social, a transmissão da herança cultural, a normatização [...] nas relações entre jovens e adultos” (CALAZANS, op. cit., p. 24), o que também é defendido por Sposito (1997).

Há, porém, autores que discordam dessa classificação. Camargo (2009) afirma haver também um caráter social na Psicologia, indicando que em determinadas abordagens, esta também se apropria do conceito de construção

social para se referir à adolescência, e não apenas à aspectos relacionados à puberdade. Para a autora (ibid.):

a adolescência também é pensada por algumas abordagens psicológicas enquanto uma construção social, dependente das relações sociais estabelecidas durante o processo de socialização, incluídos aqui fatores econômicos, sociais, educacionais, políticos, históricos e culturais. Deste modo, algumas abordagens da Psicologia também entendem, assim como na Sociologia e Antropologia, a adolescência a partir de uma perspectiva plural e não universalizante. (p. 24)

Ozella (2003) afirma que, apesar de a Psicologia ter, durante muito tempo, sustentado visões da adolescência como etapa natural, inerente e própria do desenvolvimento humano, marcada por conflitos naturais, tormento e conturbações vinculadas à sexualidade emergente, carregada de características negativas e patologizadas, atualmente, certas áreas da Psicologia entendem a adolescência a partir de um significado historicamente adquirido. Segundo o autor (ibid.):

A abordagem sócio-histórica não nega a existência da adolescência enquanto um conceito importante para a Psicologia. Entretanto não a considera como uma fase natural do desenvolvimento mas sim como uma criação histórica da humanidade. Um fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, isto é, um momento interpretado e constituído pelos homens, um período constituído historicamente. [...] Pensamos que a concepção, o significado que a adolescência adquire historicamente está, sem dúvida, determinando ações pessoais, políticas, sociais, profissionais em relação a ela (p. 09).

Mesmo havendo alguma divergência na classificação dos indivíduos como “jovens” ou “adolescentes”, ou até mesmo sem que haja essa diferenciação, pode-se afirmar que os autores citados apresentam em suas definições algumas características muito próximas para referir-se a esses participantes das pesquisas, cuja referência principal é o período de transição entre a infância e a idade adulta.

Sobre essa consideração, Sposito (1997) afirma que:

Embora ocorra um reconhecimento tácito na maior parte das análises em torno da condição de transitoriedade como elemento importante para a definição do jovem – transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto – o modo como se dá essa passagem, sua duração e características tem variado nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema (p. 06).

Assim como Sposito, Torres e Calazans, a partir da análise das discussões por elas apresentadas, considerando-se ainda a opção teórico-metodológica adotada nesta dissertação e os objetivos apresentados que englobam possibilidades de análise do contexto social e dos processos culturais que envolvem a escola e seus atores, procuro evidenciar os significados atribuídos à categoria estudada, assim como os significados atribuídos nas interpretações sobre a sexualidade entre jovens presentes nas obras analisadas, privilegiando as denominações e esclarecimentos a partir de conceitos sociológicos. Em conformidade com o que foi esclarecido, seria oportuno privilegiar o termo “jovem” referindo-se aos indivíduos alvos desses estudos, apesar de compreender que alguns estudos que também privilegiam essa parcela da população a partir de um enfoque sociocultural a denominem como “adolescência”.

Considerando-se ainda que grande parte dos estudos analisados ou utilizados como bibliografia nesta dissertação utiliza a terminologia “adolescente”, farei uso desse outro vocábulo diversas vezes, em concordância com o modo como os próprios autores o usaram em tais trabalhos. Assim, apesar de preferir o uso da palavra “jovem”, segundo seu sentido sociológico, vou usar o vocábulo “adolescente” sempre que discutir as ideias de autores que fazem uso dele. Penso que isso é fundamental para transmitir, do modo mais fidedigno possível, as reflexões apresentadas nestes trabalhos, buscando não manipular qualquer resultado ou induzir o leitor a conclusões fechadas.

## 2.2. A Educação Sexual para jovens na escola.

A Educação Sexual e a juventude, embora, como já discutido anteriormente, apresentadas também sob outras denominações como “Orientação Sexual” e “adolescência”, comumente são pensadas de forma articulada na literatura contemporânea, por autores das diversas áreas do conhecimento. Apesar disso, não há na área da educação, tanto no campo da pesquisa como nas próprias instituições de ensino ou nos programas instituídos pelas políticas públicas, um consenso sobre como ou a quem cabe abordar temas referentes à Educação Sexual na escola, de forma intencional e planejada, e com vistas ao pleno desenvolvimento afetivo-sexual do conjunto de participantes nos processos educacionais.

Primeiramente é preciso observar que a Educação Sexual não ocorre apenas na escola. Uma ampla rede que envolve família, amigos e mídia, entre tantos outros, tem se encarregado da formação que, muitas vezes, é negada aos jovens pelas instituições de educação formal.

Segundo Lorencini Júnior (1977):

Ao longo da vida, num processo contínuo de busca dos sentidos da sexualidade, o indivíduo sofre a todo momento as influências diretas daquilo que denominamos 'cultura da sexualidade'. Essas influências, advindas da família, dos meios de comunicação, da religião ou da escola pressionam, exigem e moldam o indivíduo para adaptá-lo aos padrões de comportamento impostos pela sociedade (p. 93).

Na escola, entretanto, essas discussões aparecem, assim como apareceram durante muito tempo, envoltas em dúvidas, tanto sobre sua importância e aplicabilidade no espaço escolar, como sobre os profissionais que as deveriam direcionar aos jovens, e quais procedimentos e discursos que as poderiam compor.

Segundo Werebe (1998), a Educação Sexual escolar foi implantada nas escolas, primeiramente, para resolver problemas ligados à sexualidade, sem que fossem atendidas as necessidades e expectativas dos jovens. Assim, as



preocupações com a densidade demográfica, com a epidemia de AIDS, entre outras, nortearam os esforços em se implantar, no contexto escolar, programas efetivamente preocupados com os diversos aspectos que envolvem a sexualidade humana.

As propostas dos políticos e educadores, desde o século XVIII, foram em geral determinadas por medo de comportamentos sexuais infantis, adolescentes (e mesmo adultos), considerados inadequados ou perigosos. Daí a luta obsessiva [sic] contra a masturbação, contra as relações fora do casamento, contra as moléstias sexualmente transmissíveis, contra a explosão demográfica em alguns países. (WEREBE, *ibid.*, p. 162)

A partir do advento dos PCN (BRASIL, 1998) através de seus Temas Transversais de Sexualidade, algumas alternativas de mudanças de paradigmas começaram a ser discutidas, propostas começaram a se unificar em torno do que discutem esses documentos e a responsabilização dos professores de ciências e de biologia, por exemplo, quanto às discussões sobre sexualidade assim como o cunho biologistar com caráter estritamente voltado às questões da área da saúde, passaram a ser substituídos por uma ideia mais ampla de sexualidade que transpassa todas as disciplinas do currículo.

Segundo alguns estudiosos, após a publicação desses documentos, a frequente associação entre juventude e Educação Sexual no ambiente escolar ainda evidencia uma preocupação que decorre de fatores como reprodução e, principalmente, a rápida expansão da AIDS observada nesta e nas duas últimas décadas, porém, algumas discussões sobre direitos dos jovens e saúde reprodutiva também emergiram no cenário acadêmico e educacional, despertando interesse de alguns pesquisadores (ABRAMOVAY et al. 2004.).

Todos esses discursos, principalmente os de cunho médico-biologista, têm conquistado espaço na escola, sobretudo porque, como afirma Aquino (1997, p. 07), “a escola tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais contemporâneas, principalmente na adolescência, uma vez que seus efeitos se fazem alardear no cotidiano escolar”.

Essa introdução de discussões sobre a sexualidade dentro de espaços escolares, entretanto, ainda é fonte de inúmeras polêmicas que envolvem, além do meio acadêmico, todos os agentes que compõem a organização escolar. Segundo Abramovay et al. (op. cit.), essas polêmicas se originam, principalmente, dos tabus social e historicamente construídos em torno de tais temas e da multiplicidade de pensamentos, crenças e valores que cercam alunos, pais, professores, gestores e os demais integrantes da organização escolar.

Aquino (op. cit.) afirma que:

É preciso levar em conta que, no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação/sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final, indigesta. Em todo caso, é inegável que, juntos, sexo e escola configuram um campo de tensão, instabilidades, e, em última instância, de acentuado mal-estar (p. 07).

O que se tem em jogo, entre todos esses dilemas, é a busca pela resposta a uma questão que ainda instiga estudiosos e agentes escolares: Por que pensar em, e instituir na escola, uma Educação Sexual voltada aos jovens? Mais do que isso, segundo Bruschini<sup>37</sup>, “cabe perguntar, neste momento, para que, ou para quem servirá a Educação Sexual”.

Diante dessa questão, diversos objetivos foram atribuídos à Educação Sexual escolar, assim como diversos são os problemas que se discutem nesse contexto. Por essa razão, neste ponto me proponho discutir algumas dessas finalidades da ES, sabendo-se que a visão que defendo é a de uma Educação Sexual escolar que envolva amplos objetivos, que possibilite aos jovens atingir as diversas dimensões que envolvem, positivamente, a sexualidade e a vida humana, além de suas intersecções com questões sociais, políticas, econômicas e afetivas, entre tantas outras que inflem direta ou indiretamente na vivência da sexualidade dos jovens.

---

<sup>37</sup> O trecho destacado se refere à fala da pesquisadora Maria Cristina A. Bruschini, em Mesa-redonda apresentada na XXXII reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocorrido no Rio de Janeiro em Julho de 1980 (CHAUÍ et al., 1981, p. 100).

Inicialmente, pensando nas contribuições de Foucault (1984), podem-se considerar duas formas de apropriação da sexualidade pelas ciências, uma através de uma “scientia sexualis” e outra por uma “ars erótica”. Na primeira perspectiva o foco dos processos escolares estaria na “preocupação com a reprodução, afirmando o lugar da medicina no disciplinamento do corpo” (ABRAMOVY et al., 2004, p. 34). Por outro lado, se pensarmos na outra possibilidade, enfatizar-se-ia a preocupação com o prazer e a subjetividade.

Segundo Souza (1997), a escola é herdeira da “scientia sexualis”, principalmente por observar-se que:

É marcante esse transporte do domínio médico para o pedagógico, quando o objetivo da virtude se alia à exigência da normalidade. (...) O que se coloca em pauta, de ora em diante, são o corpo e a mente, a vida e a morte, a doença e a saúde, o normal e o patológico... (p. 14)

Os manuais de Educação Sexual, segundo a autora (ibid.), se constituem principalmente de fisiologia do aparelho genital, “de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos [...] o prazer [...] do exercício da sexualidade” (p. 20). Nessa perspectiva, a principal aplicação da Educação Sexual na educação escolar teria um cunho médico biologista, que se prestaria a alertar os jovens sobre, e prepará-los para, questões principalmente referentes aos riscos relacionados à saúde, principalmente nos casos de gravidez.

Outro objetivo sustentado por esse modelo de ES nas escolas é o combate à epidemia causada pelo vírus HIV. Assim, “o aparecimento e a expansão da AIDS vieram reforçar ainda mais a idéia de que se tornara, particularmente urgente a necessidade de se instituir programas de Educação Sexual para os jovens (WEREBE, ibid., p. 167). Segundo Furlani (2008a), essa abordagem a qual denomina “abordagem Médico-higienista” é ainda a que prevalece na Educação Sexual escolar.

Esse discurso médico procedeu, mas não substituiu, um outro modelo, baseado em um processo de repressão da sexualidade que, segundo Souza (1997), punia qualquer forma de manifestação da sexualidade entre crianças e

adolescentes, e que, segundo Barroso e Bruschini (1982), condenava toda sexualidade não ligada à reprodução.

Essa visão da sexualidade tinha como alguns de seus objetivos principais controlar as taxas de natalidade da população nos países mais pobres, que defendiam a adoção de um modelo de Educação Sexual como forma de se reduzir a quantidade de filhos por família o que, conseqüentemente, produziria melhores cidadãos (BARROSO; BRUSCHINI, *ibid.*).

Esta posição é inadmissível, pois considera o homem dos países pobres simplesmente como um animal reprodutor a quem se deve ensinar como controlar a sua capacidade de fecundar. Ora, qualquer ação educativa deve visar ao homem das camadas favorecidas ou desfavorecidas, como um ser total que merece ser respeitado nesta totalidade em vista de seu desenvolvimento harmônico, de sua inserção no seio da família e da sociedade. (WEREBE, 1998, p. 164)

Para Figueiró (2009), vivemos um período histórico em que se observa maior liberação sexual, porém, apesar das mudanças observadas nas últimas décadas, a repressão sexual ainda é notória. A autora ainda afirma que, o não falar de sexo faz com que se considere que esse assunto deva permanecer intocado, o que os jovens reproduzem, provavelmente por vergonha.

Dessa mesma forma, entretanto, o que se fala, assim como o que se faz, mesmo que inconscientemente, pode se caracterizar como Educação Sexual, e não apenas os processos formais, intencionais e planejados. Segundo Werebe (1998):

Todos os professores, qualquer que seja a matéria que ministram, desempenham, consciente ou inconscientemente, uma ação no campo da educação sexual, assim como todos eles ensinam o vernáculo. Esta ação se dá por meio do que representam no plano familiar e social, pela maneira de ser, de se vestir, de agir, pelas ideias e valores que transmitem e, particularmente, pelo tratamento que dispensam aos alunos. (p. 150)

Segundo Louro (2000):

É indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado [...]. Na instituição escolar, estão presentes as concepções [...] sexuais que, histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. A instituição, por outro lado, é uma ativa constituidora de identidades [...] sexuais. Em outras palavras, a escola (em seu espaço físico, em seus regulamentos, currículo, normas, programas, em suas práticas, nas falas, atitudes e gestos das pessoas que ali convivem) é atravessada pelas [...] formas de sexualidade de uma dada sociedade. [...] A escola “dá lições” de sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de “educação” ou “orientação sexual” previstas no currículo (p. 87-88).

Para Figueiró (2009) essa Educação Sexual informal deve ser compreendida e apropriada pelos educadores. Para a autora, faltam estudos que evidenciem essa dinâmica presente nas vivências escolares, assim como tais enfoques não são comumente observados em cursos de formação docente.

Para outros autores, o foco da Educação Sexual está nas relações de poder estabelecidas no meio social. Segundo Altmann (2001), os dispositivos históricos discutidos por Foucault (1984), também estão presentes nas relações escolares. Assim, questiona-se a ênfase dada à repressão sexual, apesar de não se negar sua existência, e foca-se em ações interventivas que buscam “fabricar” um determinado modelo de sujeito de acordo com uma lógica dominante. Nessa mesma lógica, pesquisadores que adentram temas como diversidade e direitos sexuais e questões de gênero denunciam a forma como a sexualidade é apresentada nos documentos oficiais, nos currículos, nas falas e nas ações que constituem o espaço escolar, apresentando um modelo de sexualidade tradicional que exclui tudo o que não está contido em uma norma padrão pré-estabelecida.

Para Louro (2000), a exemplo do citado:

[...] o silenciamento da escola sobre as diversas formas de sexualidade efetivamente ensina àqueles/as que se reconhecem como homossexuais a se esconderem. Nas instituições escolares, jovens gays e lésbicas poucas vezes encontram acolhida para suas formas de vida; ali eles/elas experimentam, muito mais frequentemente, lições de desvalorização e de escamoteamento (p. 94).

Independentemente de como se pense a Educação Sexual para jovens, há um consenso de que, durante a década de 1960, surgiu um movimento que caracterizou o início uma era de “permissividade” (LOURO, 2000). Segundo Weeks (1993, apud. LOURO, *ibid.*) há autores que entendem esse processo como uma “revolução sexual”, para outros houve mudanças nas formas de “regulação da sexualidade” ou ainda uma maior “mercantilização” do sexo.

Para Souza, esse movimento assumia o amor e a sexualidade como “necessariamente positivos, e a repressão, liminarmente destruidora e negativa” (SOUZA, 1997, p. 22). Para a autora, esse movimento, de origem fundamentalmente iluminista, ajudou a instituir um ideal de emancipação e liberdade que comporia algumas das discussões a serem introduzidas nos cenários educacionais, principalmente o escolar.

Para Louro (2000) essa abertura que se deu à sexualidade nas escolas precisa ser examinada criticamente. Segundo a autora:

O que parece fundamental é analisar os efeitos do atual investimento da escola na educação sexual. Certamente motivações e efeitos se articulam e, talvez por isso, muitos programas escolares recentes trabalhem dentro de um quadro de ameaça. A sexualidade parece estar sitiada pela doença, pela morte e pela violência (p. 94).

Apesar das considerações apresentadas e, apesar de pensar que tais discussões são importantes para a formação pessoal dos jovens, visto que não se pode simplesmente desprezar todo o conhecimento advindo de questões relacionadas à saúde e, principalmente, às possíveis consequências advindas do exercício ativo da vida sexual, entendo que essas não são as únicas questões prioritárias nesse campo de pesquisa e, principalmente, nas discussões que perpassam o ambiente escolar.

O que pude observar, tanto a partir da revisão bibliográfica que fundamenta esta pesquisa, quanto a partir da própria análise dos resumos, é que diferentes concepções de juventude, sexualidade e Educação Sexual têm direcionado os saberes e os pensares sobre a forma como a ES para jovens no ambiente escolar é, e supõe-se que deva ser, concretizada na atualidade.

Entendo ainda que cada um desses pensares deve ser compreendido a partir de uma análise mais aprofundada das estruturas que os embasam, das teorizações adotadas, da forma como se aborda a Educação Sexual e dos temas que são privilegiados em cada estudo para, então, poder-se tentar apontar um panorama da produção acadêmica nacional sobre a temática em questão.

Assim, o que pretendo ao apresentar essas discussões sobre a Educação Sexual, a escola e a Juventude, é demonstrar, sem a pretensão de fazer rotulações, alguns dos discursos que compõem o cenário acadêmico nacional, as diferentes conceituações, teorizações e compreensões que se cruzam, se opõem e/ou se complementam, e algumas das contribuições que cada uma traz à academia, ao passo em que as utilizo como categorias de análise ou as tomo como critérios de seleção da amostra contemplada por este estudo.

### CAPÍTULO 3 – CAMINHOS METODOLÓGICOS

Desde o início da pesquisa tive claros alguns dos principais desafios a serem enfrentados, que envolviam, em primeiro lugar, a análise de uma base de dados recentemente disponibilizada, a qual apresenta uma gama de possibilidades de se entender a produção acadêmica sobre Educação Sexual, juventude e sexualidade nos processos que envolvem a educação formal o que não supunha, necessariamente, apenas o estudo da educação em instituições escolares<sup>38</sup>. Neste estudo, porém, a busca empreendida envolve um recorte sobre aquelas obras que indicam o propósito de analisar a ES para jovens em articulação com o estudo das dinâmicas culturais e/ou organizativas do funcionamento do trabalho especificamente escolar.

Era notório que a organização de todos esses resumos e posterior análise, considerando-se a sexualidade juvenil na educação escolar como principal categoria, representaria inúmeras possibilidades de atuação e, por isso, propus apontar apenas algumas delas, enquanto estabeleci uma, de análise prioritária, a qual desenvolveria possibilitando ainda que futuras pesquisas se baseassem nas demais possibilidades elencadas.

Foram organizados inicialmente os trabalhos que abordassem a sexualidade<sup>39</sup> e a educação escolar ou que indicassem em seus títulos e/ou

---

<sup>38</sup> Uma das preocupações na pesquisa que construiu a Base Ariadne foi a de definir quais práticas estariam incluídas no conceito de Educação Formal. Definiu-se que seriam inseridos nesse campo, todos os processos formativos e educacionais propostos não apenas pelas escolas, mas também por quaisquer tipos de organizações, desde que “o grau de sistematização desta instituição, [fosse] elaborado a partir de ações intencionais, expresso em projetos que envolvem planejamento, execução e avaliação, com clara definição dos objetivos a serem alcançados e do tipo de sujeito que se pretende formar para a vida social”. Além disso, definiu-se que não seriam incluídos trabalhos que partissem de concepções oriundas do campo das chamadas “pedagogias culturais”, propostas pelos autodenominados “Estudos Culturais”, as quais envolvem todos os tipos e veículos de formação e socialização (mídias etc.) (VIANNA et al., 2010, p. 06).

<sup>39</sup> Apesar de pretender analisar a Educação Sexual nos processos de educação formal, o termo “sexualidade” foi utilizado, de forma mais genérica, como descritor na busca e delimitação da fonte principal de análise. Isso se justifica pelo fato de existirem diferentes denominações para o que compreendo como Educação Sexual, tendo todas elas em comum o uso de palavras-chave



resumos que o fariam, o que possibilitou uma visão mais ampla do material contido na base<sup>40</sup>. Organizados, esses títulos e resumos foram classificados de acordo com os anos de publicação das obras, os participantes das pesquisas e/ou o público para o qual se destinavam, os temas abordados, os programas de pós-graduação aos quais estavam vinculados, as instituições em que foram desenvolvidas e os/as orientadores/as das pesquisas<sup>41</sup>. Esses passos foram essenciais para que pudessem ser feitas classificações temáticas que sustentariam as análises a serem realizadas, além de se efetivar a principal proposta deste estudo, que é a de reconhecer e sistematizar a produção acadêmica nacional que discute sexualidade e educação escolar e, mais especificamente, a Educação Sexual para jovens, no período entre 2000 e 2004.

A seguir apresento cada uma das etapas que foram percorridas em busca desse objetivo, desde os primeiros contatos com a base de dados Ariadne até a escolha dos resumos que compõem a fonte documental deste estudo para, em seguida, apresentar as análises feitas a partir desses textos e os resultados obtidos.

### 3.1. Da base de dados.<sup>42</sup>

Para realizar este estudo, é tomada como referência principal a pesquisa “Construindo uma base de dados sobre mulheres, gênero e sexualidade na educação formal brasileira – 1990-2006”<sup>43</sup>, que visou atualizar, sistematizar e

---

relacionadas à sexualidade, mas nem sempre à educação, assim como o termo “educação sexual” nem sempre é relacionado à educação escolar.

<sup>40</sup> A delimitação a partir da temática da sexualidade e da educação escolar precedeu outros recortes, como o que contempla as discussões sobre juventude e o temporal, os quais serão discutidos no decorrer deste Capítulo.

<sup>41</sup> As instituições em que as pesquisas se desenvolveram e os orientadores desses estudos não foram utilizados como critérios para seleção, porém foram ferramentas importantes no processo de aquisição das obras e de análise de seus conteúdos.

<sup>42</sup> A base de dados em questão foi disponibilizada recentemente ao acesso público no *site* da FEUSP, e está acessível através do link < <http://www2.fe.usp.br/~ariadne/index.html> >

<sup>43</sup> Pesquisa coordenada pela professora Flavia Inês Schilling da FEUSP, financiamento CNPQ, Edital 045/2005 – Relações de gênero, mulheres e feminismo, intitulada “Democratizando o conhecimento: construindo uma base de dados sobre gênero, sexualidade e educação formal como subsídio para a formulação de agendas e ações de políticas governamentais e não governamentais – EAGEF” (SCHILLING et al., 2007)

difundir o conhecimento acumulado na produção acadêmica nacional sobre relações sociais de gênero, sexualidade e educação formal em todo o país, no período de 1990 a 2006. Como resultado final dessa pesquisa foi construída a base de dados Ariadne que compreende resumos de teses e dissertações resultadas de pesquisas em programas de pós-graduação no Brasil, bem como de artigos publicados em revistas científicas brasileiras, por autores brasileiros, em um total de 1213 obras.

No processo de construção dessa base de dados foi feito um mapeamento de estudos levantados a partir de fontes confiáveis e significativas como *sites* disponibilizados pelas universidades públicas (federais e estaduais) e particulares com reconhecidos trabalhos de pesquisa; Institutos e Centros de Pesquisa; o portal de acesso da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); a Biblioteca Ana Maria Poppovic da Fundação Carlos Chagas; a biblioteca eletrônica SciELO (Scientific Electronic Library Online); o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão vinculado ao MEC, e a biblioteca digital de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Tal fonte se faz relevante para esta pesquisa pela sua abrangência e seriedade, além do fato de conter não apenas os títulos dos trabalhos levantados e seus resumos, mas também informações sobre anos e locais de publicação, instituições e programas aos quais estão vinculados, tipos de trabalho, orientadores das pesquisas e palavras-chave, o que facilitou o processo de seleção e análise das obras. A partir dessa base, foi possível realizar o levantamento, a organização e a análise dos resumos das obras, em âmbito nacional, que abordassem as temáticas da “educação escolar”, “sexualidade” e “juventude”.

### **3.2. Da opção pela análise de resumos.**

Alguns dos principais questionamentos surgidos a partir da proposta de se analisar resumos de dissertações e teses referiam-se à forma como esses textos

se estruturam e às informações que neles são apresentadas, ainda que de maneira implícita. Seria possível reconhecer e analisar, apenas através desse material, as relações existentes entre juventude, sexualidade e educação escolar, pensadas, defendidas ou problematizadas pelos seus escritores? Os resumos se constituiriam fonte documental satisfatória na identificação de elementos conceituais e metodológicos indicativos, por um lado, de possíveis tendências do meio acadêmico e, por outro, de um campo pouco explorado e que simbolizasse futuras possibilidades de análise? É possível traçar um panorama da produção acadêmica a partir apenas da análise de resumos de dissertações e teses? Ler apenas resumos é suficiente?

Tais questionamentos, dos quais alguns já haviam sido levantados por Ferreira (1999) ao realizar um estudo do tipo “Estado da Arte” apenas a partir de resumos de dissertações e teses, foram decisivos na definição do conteúdo das análises que procederiam a seleção da fonte documental. Tomei como base inicial para a busca por respostas as seguintes conclusões da autora:

Ler resumo é pouco? O resumo é um enunciado que diz pouco? Não, se aceito que esse pouco é um todo acabado, que delimita aquilo que o locutor disse em um momento dado em condições específicas, orientado pela possibilidade de provocar uma atitude responsiva ativa frente a esse enunciado e aos interlocutores. Um todo que é uma construção linguística que traz os indícios que revelam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro (ibid., p. 115).

Assim, apesar de aceitar a possibilidade de utilizar os resumos como fonte documental, foi necessário refletir sobre quais elementos analíticos seriam privilegiados nesta pesquisa e quais seriam os procedimentos adotados para que se realizassem os propósitos expostos através dos objetivos gerais e específicos.

O primeiro passo definido, após o contato inicial com a base de dados, foi a realização de um extenso trabalho de reconhecimento e organização dos elementos que constituem cada resumo. Assim, esses textos tiveram suas subdivisões classificadas de acordo com algumas categorias previamente

estabelecidas, como justificativa, objetivos, público alvo e participantes das pesquisas, contribuições e propostas de intervenção, referencial teórico-metodológico e conclusões. Além disso, outras informações referentes aos títulos contidos na base de dados foram reconhecidas e acrescentadas na tabulação desse material, tais como natureza dos trabalhos (se dissertação, tese de doutorado, tese de livre-docência ou artigo), instituições de origem, áreas do conhecimento e programas de pós graduação aos quais estão vinculados, regiões geográficas em que foram desenvolvidos/publicados, nome dos orientadores e palavras-chave<sup>44</sup>.

A partir desse processo, foi possível reconhecer quais elementos constituintes dos trabalhos acadêmicos podiam se evidenciar no conjunto dos resumos a serem analisados, e quais não estavam, ou estavam parcialmente, explicitados nesses textos. Isso foi importante, entre outras contribuições, para definir a natureza dos trabalhos cujos resumos seriam analisados e o público alvo e/ou participantes das pesquisas que comporiam as análises, visto que, na tabulação dos dados, foi observada predominância de dissertações de mestrado e teses de doutorado, assim como notamos que a maior parte desses estudos versavam sobre o público jovem. Essa tabulação também possibilitou a observação da inviabilidade de um estudo que buscasse, nos resumos, algumas informações sobre as pesquisas, tais como suas justificativas e conclusões, informações estas que não eram apontadas em grande parte desses textos.

Em vista desses fatos, foram traçadas as etapas que comporiam o processo de definição da fonte documental e do conteúdo das análises, as quais são descritas nos próximos subitens.

---

<sup>44</sup> Os trabalhos de tabulação da base de dados Ariadne foram realizados pelo grupo de pesquisa “Escola e sexualidade: objetos, problemas e abordagens nas pesquisas educacionais (1995-2006)”, coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Salum Moreira, do qual faço parte juntamente com a pesquisadora Taluana Laís Martins Torres, e a partir do qual foram divulgados alguns resultados preliminares em forma de artigos. Em vista de essa etapa ter sido realizada em conjunto com essas duas pesquisadoras, e de alguns dados terem sido publicados em coautoria, utilizo, exclusivamente neste capítulo da dissertação, alguns verbos na primeira pessoa do plural, sabendo-se que se referem aos trabalhos realizados no citado grupo de pesquisa.

### 3.3. Da natureza dos trabalhos e ano de publicação.

A análise inicial do banco de dados foi realizada através do software *CDS / ISIS for Windows (Winisis Free)*<sup>45</sup>, que nos possibilitou relacionar a quantidade de trabalhos que atendiam aos primeiros critérios estabelecidos, além de fornecer rapidamente dados sobre número de títulos por ano, por tipo de produção, por instituição e região do país em que foram publicados etc.

Uma das primeiras constatações e também uma das mais significativas foi quanto à superioridade na quantidade de dissertações e teses (1037 no total) se comparados aos artigos e trabalhos defendidos em programas de livre docência (171 se somados). No gráfico a seguir é possível observar a quantidade de publicações acadêmicas disponíveis na base de acordo com o tipo de trabalho. Nesse ponto, ainda não foram feitos quaisquer recortes, portanto trata-se de uma visão panorâmica da base, em todo seu período de abrangência e com todas as temáticas as quais se propõe organizar<sup>46</sup>.

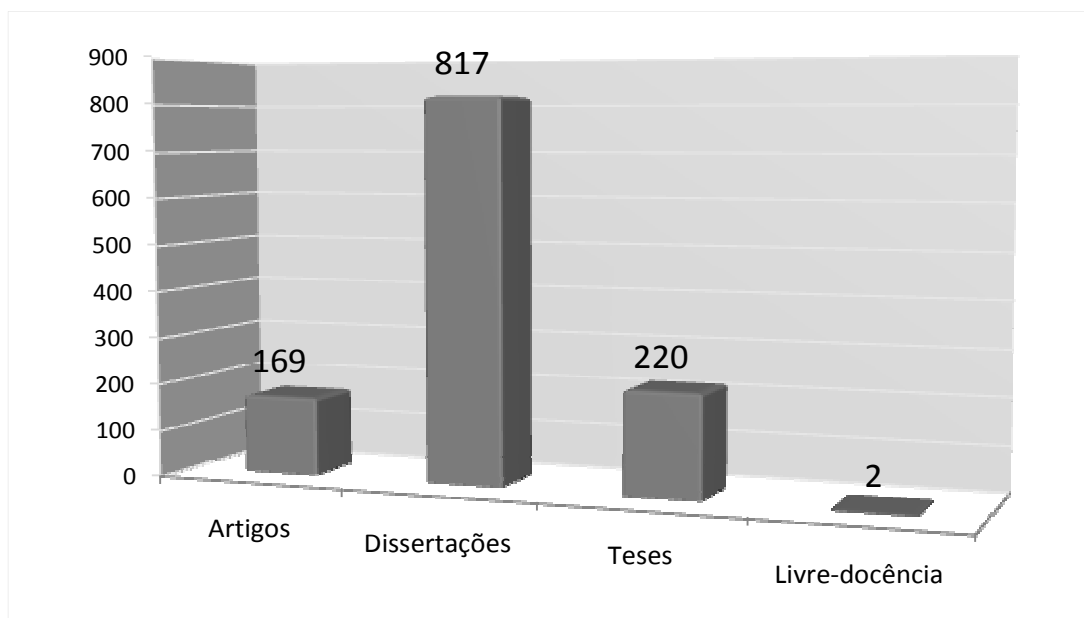


Gráfico 1 - Quadro total de publicações por tipo. Período 1990-2006

<sup>45</sup> Desenvolvido pela UNESCO, que detém os direitos do software, o CDS / ISIS está disponível para download no endereço eletrônico: <http://www.unesco.org/isis/files/winisislicense.html>.

<sup>46</sup> O total de obras apresentadas neste gráfico (1208) difere do total de obras apresentadas na base (1213) devido a algumas exclusões de obras que representavam entradas duplicadas.

Além disso, foi possível classificar tais obras de acordo com o ano de publicação e definir qual seria o período analisado, visto que não havia possibilidade de ser analisado todo o período abrangido pela base. A partir das constatações resultadas desse processo foi elaborado o gráfico a seguir, com a distribuição das obras de acordo com o ano de publicação, em que pudemos constatar grande concentração dessas nos anos entre 2000 e 2004.

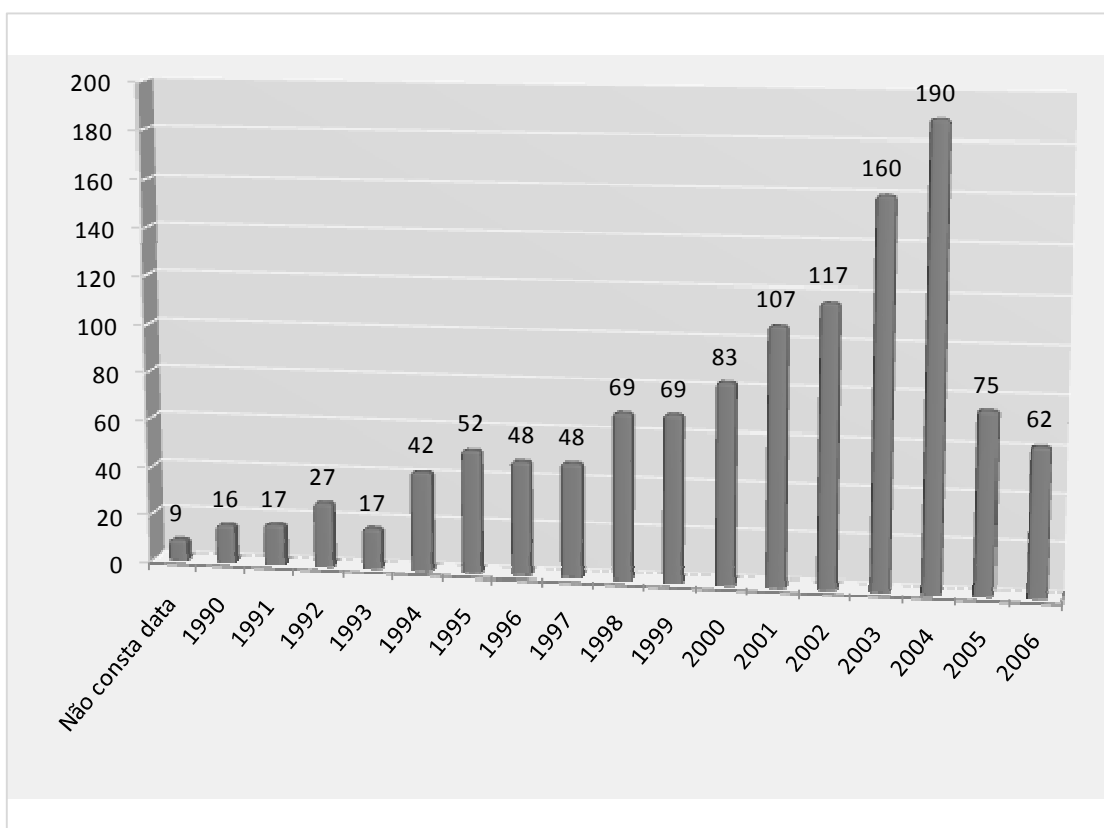


Gráfico 2 - Quadro total de publicações por ano. Período 1990-2006.

É importante ressaltar que a grande concentração de obras até o ano de 2004 não representa uma provável tendência de decréscimo no número de publicações no cenário nacional a partir dessa data, pois retrata o período que algumas instituições dependem para divulgar, em bancos de dados, os trabalhos defendidos em seus programas de pós-graduação. Visto que a base Ariadne teve a conclusão dos trabalhos de sua construção no ano de 2007, muitas das

publicações realizadas nos dois anos imediatamente anteriores, provavelmente não estivessem ainda disponibilizadas para consulta.

Quanto ao crescimento acentuado nos anos a partir de 2000, sustento as hipóteses de que, a partir da publicação dos PCN (BRASIL, 1998) e de seus temas transversais, houve crescimento no investimento público e privado nas áreas temáticas de abrangência da base, direcionamento das políticas públicas impulsionadas também pelas cobranças advindas de diversos grupos que veem nessas discussões seus focos de interesse, além da criação e fortalecimento desses mesmos grupos, representados também por núcleos de estudos ligados a diversas universidades.

A partir das constatações apresentadas no gráfico 2, decidi estipular o recorte temporal destacado (2000-2004), visto que o período com maior produção também poderia fornecer maiores possibilidades de análise. Dentre o total de 1208 trabalhos, 657, ou seja, mais de cinquenta por cento do total, concentravam-se nesse período. Deve-se destacar entretanto que, desse montante, ainda seriam descartados, nos processos de refinamento seguintes, os artigos e os trabalhos de livre docência, e aqueles que não se propõem analisar a sexualidade em suas conjunções com a escola e com o público jovem.

Após essa primeira etapa, todos os resumos das dissertações e teses levantadas foram analisados individualmente, através da consulta aos dados constantes na base, e separados de acordo com categorias estipuladas à medida que eram feitas novas constatações. Nesse ponto, foi possível definir, considerando-se os descritores selecionados, quais obras comporiam o quadro inicial de análise. Tais categorias e processos são descritos nos próximos subitens.

#### **3.4. Da escolha e apropriação dos descritores: sexualidade, educação escolar e juventude.**

Os primeiros critérios elencados para a seleção da fonte documental a ser analisada referem-se as áreas do conhecimento às quais estão relacionadas as

obras, as datas de publicação desses trabalhos e a menção à sexualidade juvenil e à educação escolar nos títulos dos estudos ou, então, explicitadas nas palavras-chave e/ou resumos constantes na base. Com essa mesma finalidade, organizamos lista de descritores a partir de fontes previamente analisadas, sabendo-se que a produção dos descritores constituiu parte fundamental da pesquisa, através de discussões com outros pesquisadores e a orientadora deste trabalho. A correta escolha desses dados possibilitou a delimitação adequada no levantamento dos títulos e demarcação do objeto<sup>47</sup>.

Nessa etapa do processo foi considerado o relatório de Schilling et al. (2007), que sugere a criação de listas de descritores a serem cruzadas com a finalidade de se obter articulações mais precisas entre algumas grandes áreas, sabendo-se que essas são, no caso do estudo aqui proposto, a “educação escolar”, a “sexualidade” e a “juventude”.

Para o primeiro refinamento, me aproprio apenas dos descritores relacionados à “Sexualidade” e à “educação escolar”, constantes no relatório citado, sendo, para tanto, desconsiderados os cruzamentos a partir dos descritores que se relacionem com as temáticas de “gênero” e “mulheres”, constantes na mesma tabela de descritores utilizados por Schilling et al. Como o recorte referente à classificação etária não fazia parte da pesquisa que constituiu a base, sabendo-se que nos propusemos utilizar inicialmente os mesmos descritores citados nessa fonte, não se incluem nesta etapa os referentes à juventude e adolescência, o que fizemos posteriormente<sup>48</sup>. Assim, Tomamos a lista criada na pesquisa que constituiu a base de dados Ariadne como fundamento para reconhecer alguns dos principais descritores que se evidenciam nas discussões sobre educação e sexualidade.

---

<sup>47</sup> Chamo de descritores aquelas palavras, previamente levantadas, que, se presentes nos títulos, nos resumos, ou nas palavras-chave, podem evidenciar uma das temáticas as quais me proponho analisar, enquanto as palavras-chave são aquelas indicadas pelos próprios autores e que acompanham os resumos dos trabalhos.

<sup>48</sup> O tema “juventude”, já abordado no Capítulo 2, foi utilizado como um novo recorte, sendo seus resultados apresentados no próximo subitem.



Tabela 3 - Descritores utilizados na pesquisa (continua).<sup>49</sup>

Educação Formal	Gênero/Mulheres/Sexualidade
<ul style="list-style-type: none"> <li>- escola/s</li> <li>- pré-escolas</li> <li>- escolas técnicas</li> <li>- escolas normais</li> <li>- sociabilidade na escola</li> <li>- indisciplina/ disciplina na escola</li> <li>- violência na escola</li> <li>- jogos na escola</li> <li>- lazer na escola</li> <li>- brinquedos/ brincadeiras na escola</li> <li>- escolar/es</li> <li>- instituição/ões escolar/es</li> <li>- desempenho escolar</li> <li>- sucesso escolar</li> <li>- fracasso escolar</li> <li>- dificuldade/s escolar/es</li> <li>- evasão/ expulsão escolar</li> <li>- pré-escolar</li> <li>- cotidiano escolar</li> <li>- jogos/ brincadeiras escolares</li> <li>- escolaridade</li> <li>- ensino</li> <li>- ensino fundamental</li> <li>- ensino supletivo</li> <li>- ensino médio</li> <li>- ensino profissionalizante</li> <li>- ensino técnico</li> <li>- ensino superior</li> <li>- ensino público (federal, estadual, municipal)</li> <li>- ensino privado /particular)</li> <li>- primário</li> <li>- secundário</li> <li>- ensino-aprendizagem</li> <li>- instituições de ensino</li> <li>- Colégio/s</li> <li>- Curso/s</li> <li>- educação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- gênero/s</li> <li>- relações de gênero</li> <li>- estudos de gênero</li> <li>- diferenças de gênero</li> <li>- feminista/s / feminismo</li> <li>- teoria feminista</li> <li>- estudos feministas</li> <li>- <u>sexo/s</u></li> <li>- relações entre sexos</li> <li>- relações de sexos</li> <li>- desigualdade/s dos/de/entre os sexos</li> <li>- igualdade/s dos/de/entre os sexos</li> <li>- <u>transsexos</u></li> <li>- <u>sexual(ais)</u></li> <li>- <u>papéis sexuais</u></li> <li>- divisão sexual de tarefas/ do trabalho</li> <li>- <u>transexuais</u></li> <li>- <u>homossexuais</u></li> <li>- <u>heterossexuais</u></li> <li>- <u>desvio sexual</u></li> <li>- <u>educação sexual</u></li> <li>- <u>assédio sexual</u></li> <li>- <u>violência sexual</u></li> <li>- <u>orientação sexual</u></li> <li>- <u>opção sexual</u></li> <li>- <u>sexualidade(s)</u></li> <li>- <u>heterossexualidade/s</u></li> <li>- <u>homossexualidade/s</u></li> <li>- <u>transexualidade</u></li> <li>- <u>bissexualidade</u></li> <li>- sexismo</li> <li>- <u>sexuado</u></li> <li>- feminino/a/s / masculino/a/s</li> <li>- profissões masculinas</li> <li>- profissões femininas</li> <li>- dominação masculina</li> </ul>

<sup>49</sup> A lista de descritores sobre educação formal será utilizada integralmente, o que não ocorrerá com a outra lista de descritores, gênero/mulheres/sexualidade, da qual serão utilizados apenas os descritores destacados.

**Tabela 3 - Descritores utilizados na pesquisa (continuação).**

- educação formal	- educação feminina
- educação infantil	- educação masculina
- educação básica	-feminilidade/s/ masculinidade/s
- educação especial	- feminilização/ masculinização
- educação física	- mulher/es
- educação de jovens e adultos/ EJA	- homem/ns
- educação inclusiva	- menina/s e menino/s
- co-educação	- leitoras
- educação mista	- rapaz/es e moça/s
- pedagogo/a	- garoto/s e garota/s
- pedagogia/s	- <u>homofobia</u>
- pedagógico	- machismo
- escolarização	- patriarcado
- creches	- patriarcal
- alfabetização	- matriarcado
- letramento	- matriarcal
- analfabetismo	- <u>gravidez</u>
- colegial	- <u>paternidade</u>
-vestibular	- <u>maternidade</u>
- cursinhos	
- faculdades	
- universidades	
- estudante/s	
- aluno/s / aluna/s	
- discentes	
- professora/es	
- formação de professores	
- memórias de professoras	
- docência	
- docente/s	
- identidade docente	
- magistério	
- leitoras	
- pajens	
- crecheiras	
- diretoras/diretores	
- coordenadoras/coordenadores	
-gestores/gestoras	
- educacional/ ais	
- política/s Educacionais/ de educação	
- legislação educacional	
- avaliação educacional	
- PCN	

**Tabela 3 - Descritores utilizados na pesquisa (conclusão).**

<ul style="list-style-type: none"> <li>- PNE</li> <li>- RCNEI</li> <li>- PNLD</li> <li>-SAEB</li> <li>-SARESP</li> <li>-ENEM</li> <li>-PISA</li> <li>-SINAES</li> <li>-provão</li> <li>-LDB</li> <li>-ENAD</li> <li>- didática(o)</li> <li>- livro didático</li> <li>- currículo</li> <li>- repetência</li> <li>- recreio/pátio</li> <li>- aula</li> </ul>	
--	--

Fonte: SCHILLING et al. (2007, grifos meus).

O cruzamento desses descritores foi realizado em duas etapas. A primeira através do *software CDS/ISIS for Windows*, que nos apontou os trabalhos que faziam, paralelamente, uso de ao menos um descritor de cada uma das listas apresentadas. Devido à possibilidade de algumas obras não terem sido detectadas pelo *software* por problemas como erros de digitação, ausência de descritor apropriado no quadro, incompletude ou falta de resumos etc., procedeu-se a segunda etapa, que se refere à análise através da leitura dos resumos apenas das obras não evidenciadas inicialmente.

A partir dessa etapa, obtivemos um novo cenário, no qual, além de delimitarmos o período e a natureza dos trabalhos, também pudemos identificar aqueles que traziam em seu bojo as discussões que (também) foram estipuladas como centrais nesta pesquisa, as que envolvem de forma mais ampla a sexualidade e a educação escolar.

Procedeu-se então o recorte a partir da menção à juventude, com um novo cruzamento entre as obras apontadas nos refinamentos anteriores e os

descritores que buscassem evidenciar obras comprometidas com esse público. Por não se tratar de uma lista vasta de termos, apresento-os rapidamente neste parágrafo. São eles: adolescência, adolescente, garota, garoto, jovem, juvenil, juventude, menina, menino, pré-adolescência, pré-adolescente, puberdade, púbere, pubescente e ECA. Em seguida fizemos uma busca pelos trabalhos que se comprometessem a abordar especificamente a escola de Ensino Fundamental e Médio, o que nos levou a desconsiderar obras que tinham outros ambientes como prioritários nas análises.

Tais cruzamentos, entretanto, foram feitos cuidadosamente e sem o auxílio de meios eletrônicos, visto que, com o acesso aos resumos, após sua leitura poderiam se evidenciar outros descritores relacionados com os citados, pensando que tais discussões sobre a “juventude” e a “escola” poderiam estar implícitas nos trabalhos ou não claramente mencionadas nos resumos das obras que abordam temas como formação de professores, currículo, políticas públicas para a educação etc. Por se tratar de análises com maiores demandas de atenções, esse processo foi realizado separadamente dos demais, que se realizaram a partir, ou com auxílio, de meios eletrônicos.

Nos quadros a seguir pode ser observada a tabulação da produção nacional de dissertações e teses a partir do recorte temporal e temático, considerando-se, por ora, apenas os temas “sexualidade” e “educação”, sem que se incluam os relacionados à “juventude” e à “escola”.

Deve-se observar, entretanto, que a delimitação dos trabalhos a partir da temática proposta foi feita considerando-se as dissertações e teses evidenciadas em todo o período abrangido pela base, e não apenas as que se encontram dentro do período delimitado. Tal esforço se justifica pelo fato de que busco apresentar todas as possibilidades de cruzamento de informações que podem ser úteis em futuras pesquisas que tomem essa base como fonte de análise. As obras que compõem o a fonte documental deste estudo, no entanto, são as que se destacam no período 2000-2004, como se observa no gráfico a seguir.

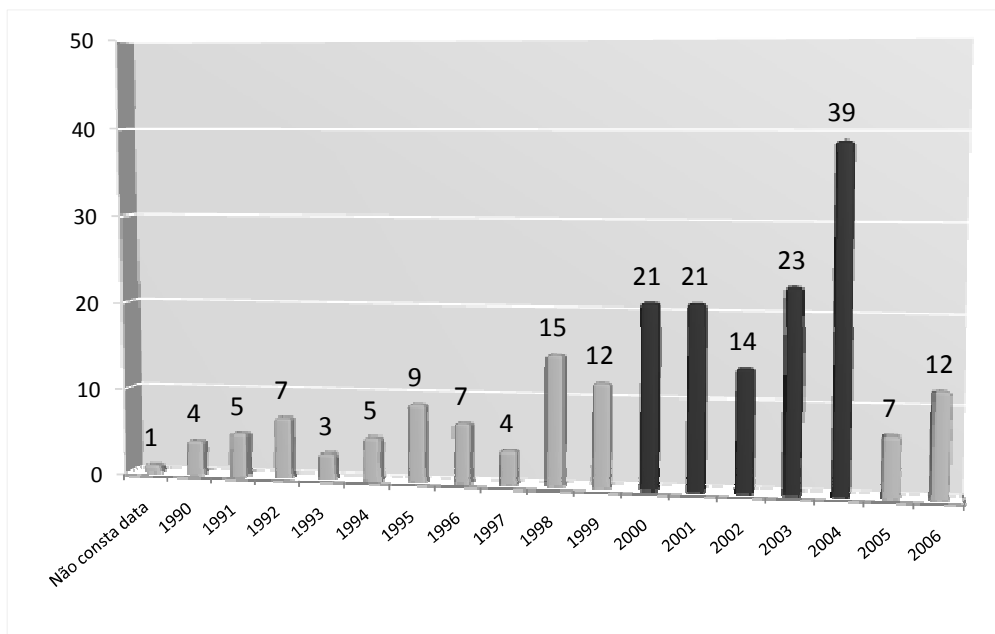


Gráfico 3 - Quadro de publicações com recorte a partir do tema e da natureza dos trabalhos. Período 1990 -2006.

Como resultado desse processo chegamos à totalidade de 209 obras que abordam a sexualidade dentro de um contexto educacional, considerando-se todo o período abrangido pela base, e 118 se considerado o período que me proponho analisar, ou seja, os anos entre 2000 e 2004.

Como forma de apresentação desses resultados, disponibilizo, no Apêndice A, as referências dos 209 trabalhos, classificados por ano de publicação, possibilitando assim que se reconheçam também os que estão compreendidos pelo período delimitado neste estudo. Além disso, no Apêndice B são apresentados novamente os títulos selecionados dentro do período 2000-2004, acompanhados dos resumos das dissertações e teses às quais se referem, e que compõem a fonte documental desta dissertação.

### **3.5. Do espaço escolar e dos participantes das pesquisas e/ou público ao qual se destinam.**

O público jovem e o tema da “juventude” são claramente privilegiados nas pesquisas que propõem análises que se relacionam de alguma forma com a sexualidade. Tal projeção dessa parcela da população nos trabalhos que envolvem as temáticas destacadas também foi observada em outras pesquisas, como a de Figueiró (1995) e a de Silva (2004) em suas dissertações de Mestrado, e em um dos trabalhos que direcionaram esta pesquisa, em que foram identificados os participantes de cada estudo ou o público em potencial ao qual se destinavam tais obras (MOREIRA; GULO, 2009).

No primeiro caso, Figueiró (op. cit.) constatou que as pesquisas por ela analisadas referiam-se quase exclusivamente a alunos do Ensino Fundamental e do Médio, então 1º e 2º graus. A autora sugere que tal concentração de estudos que visam o grupo juvenil esteja relacionada a questões como a gravidez, as DST e outras ligadas aos problemas referentes à vivência da sexualidade. A autora, entretanto, defende que tais discussões sejam mais abrangentes, e direcionem-se aos demais grupos sociais, até então pouco discutidos nos trabalhos que versavam sobre a ES. Segundo a autora:

Sem descaracterizar a importância da Educação Sexual para crianças, adolescentes e jovens, pensar nessa educação, também para a criança pré-escolar, para os adultos, idosos e deficientes, é estar comprometendo-se mais substancialmente com o direito ao prazer, com o resgate do erótico e com a visão positiva da sexualidade na vida das pessoas (p. 142).

Silva (op. cit.) constatou que grande parte dos trabalhos aos quais analisou tomou alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental como principais participantes. Segundo a autora:

Muito possivelmente, este nível seja o que mais concentra a atenção dos pesquisadores por abranger a faixa etária em que os alunos expressam com maior intensidade seus afetos, desafetos, seu prazer, sua ousadia, desafiando a hegemonia do pensamento

adulto sobre o que pode e o que não pode, o “certo” e o “errado” em termos de sexualidade. Também pode estar relacionado com o fato de que vários pesquisadores são biólogos e, tradicionalmente, em Ciências de 5a a 8a séries são trabalhados temas correlatos, especialmente, na 6a série (o corpo humano). (p. 133)

A outra pesquisa citada (MOREIRA; GULO, op. cit.), se refere a um estudo publicado em forma de artigo, que teve como alguns de seus objetivos iniciar a análise da produção acadêmica contida na base de dados Ariadne e definir a pertinência de se tomar a referência ao público jovem como recorte para o desenvolvimento de futuros trabalhos.

Como um dos resultados, pudemos observar uma grande predisposição de pesquisadores das diversas áreas do conhecimento em buscar compreender os fenômenos que envolvem a sexualidade juvenil. Entre todas as obras selecionadas na base de dados após os refinamentos a partir do recorte temporal (2000-2004) e temático (sexualidade e educação), mais de quarenta por cento tinham no jovem seu principal foco de análise.

Como resultado desse estudo foi demarcada a categorização dos participantes das pesquisas de acordo com os tipos de sujeitos nos quais foram classificados em tais trabalhos (se crianças, jovens ou adultos), e a relação estabelecida com os processos de educação escolar. Entendemos que havia duas categorias importantes de serem compreendidas e analisadas. Uma referente à conceituação tomada como base na escolha dos participantes de cada pesquisa. A outra referente aos papéis que esses sujeitos desempenham na educação, ou seja, se são alunos, professores, pais de alunos, gestores etc.

A partir dessas classificações foi elaborada a tabela que se segue:

Tabela 4 - Sujeitos das pesquisas (continua).

<b>Participantes das pesquisas segundo Classificação Etária<sup>50</sup></b>	<b>Participantes das pesquisas segundo Nível de Ensino e relação com a Educação</b>	<b>Total de obras</b>
Crianças	Nível de ensino não especificado	1
	Educação infantil	2
	Ensino Fundamental – 1ª a 4ª Séries	6
Adolescentes/jovens	Nível de ensino não especificado	16
	Ensino Fundamental – 5ª a 8ª Séries	24
	Ensino Médio	20
Adultos <sup>51</sup>	Professores Educação Infantil	3
	Professores Educação Básica	30
	Professores Ensino Superior	2
	Professores cujo nível de ensino não está especificado nos resumos	14
	Alunos - Educação básica	2
	Alunos - Ensino superior	3
	Pais	2
	Gestores	2
	Outros profissionais da educação	1
Profissionais que elaboram propostas e programas sobre sexualidade voltados à educação escolar	1	

<sup>50</sup> Essa classificação precedeu os estudos sobre a constituição dos conceitos de juventude e adolescência apresentados no Capítulo 2 – Juventude e Educação Sexual –, no qual questiono a compreensão do fator etário como base para classificação dos participantes das pesquisas.

<sup>51</sup> O quadro original traz, nesta categorização, a menção a “jovens e adultos”. Essa classificação, entretanto, se baseou em informações contidas nos resumos, nos quais, muitas vezes, o público jovem ao qual se referem, são alunos do ensino superior ou Alunos de Educação para Jovens e Adultos (EJA), os quais, segundo os critérios utilizados nesta dissertação, seriam classificados também como adultos.



**Tabela 4 - Sujeitos das pesquisas (conclusão).**

Alunos com idades e nível de ens. não especificados nos resumos <sup>52</sup>	6
Participantes indeterminados <sup>53</sup>	9
<b>Total</b>	<b>144</b>

Fonte: Moreira e Gulo (2009, p. 06 - 07).

Observe que o total de 144 refere-se aos participantes das pesquisas, levando-se em consideração que algumas obras têm mais de um grupo envolvido. Pode-se, por exemplo, tratar de alunos e professores de educação infantil em um mesmo estudo. Nesse caso contabilizou-se um participante em cada grupo correspondente, o que justifica o número total de grupos de participantes nas pesquisas ser maior que o número total de pesquisas analisadas, que somam 118 obras, como já mencionado.

Partindo das informações disponibilizadas na tabela citada, foi possível elaborar o gráfico apresentado a seguir, a fim de demonstrar de forma simplificada os dados obtidos nessa fase da pesquisa. Pode-se, nesse ponto, identificar com maior precisão a predominância de duas classificações dos participantes das pesquisas, sendo uma referente a professores<sup>54</sup> nos diversos níveis de ensino, e a outra, ainda mais significativa, referente a alunos jovens.

<sup>52</sup> Fazem parte desse conjunto os trabalhos cujos participantes não são classificados de acordo com o grupo etário ao qual pertencem. Tratam-se de alunos, porém sem que se evidenciassem, nos resumos, elementos a partir dos quais pudesse ser constatado se referiam-se a crianças, jovens ou adultos.

<sup>53</sup> Foram classificados no grupo "Participantes indeterminados" trabalhos que versam sobre análise de políticas públicas, currículo, livros didáticos e paradidáticos, estudos teóricos sobre temas diversos (desde que ligados à temática proposta) e trabalhos que não traziam claros, nos resumos, os participantes, mesmo que se referindo à escola.

<sup>54</sup> O número de trabalhos que tomam professores como participantes é quase tão expressivo quanto o número dos que privilegiam discussões sobre alunos jovens, porém não são consideradas, nesse gráfico, as subdivisões de acordo com o nível de ensino ao qual tais professores se relacionam. Se os resumos que evidenciam discussões sobre alunos fossem somados, assim como foi feito com o grupo que evidencia os docentes, seriam consideravelmente mais representativos.

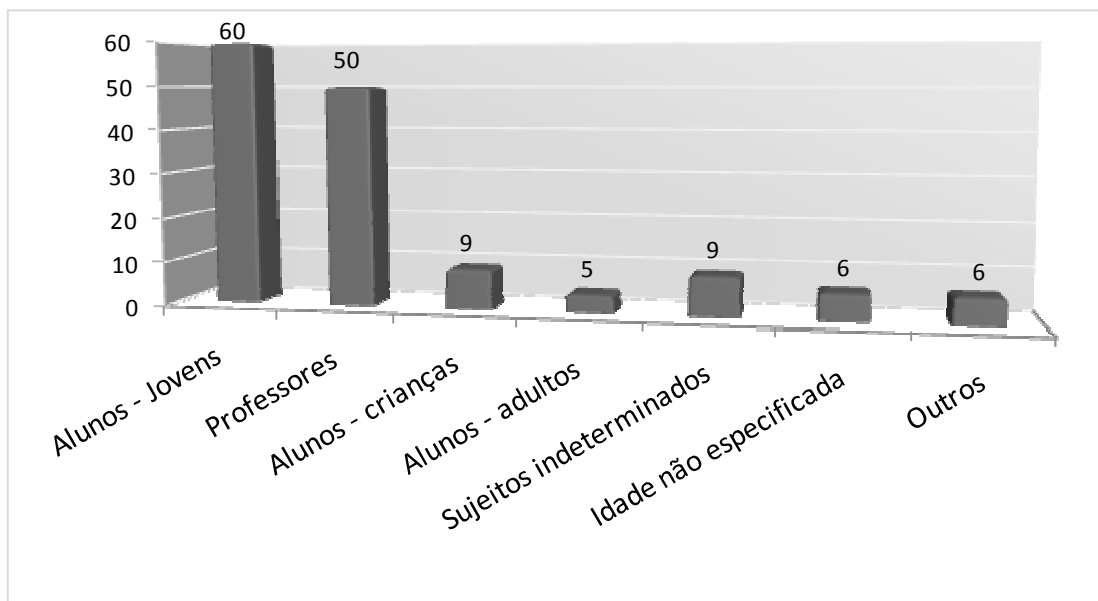


Gráfico 4 - Sujeitos das pesquisas de acordo com a classificação etária e relação com os processos da educação escolar.

A partir dessas constatações, o grupo mais representativo foi definido como amostra desta dissertação, visto que, assim como nas demais etapas de refinamento da base, estabelecemos que seriam privilegiados os resultados que representassem maiores possibilidades de levantamento de dados e de análise. Assim, efetivou-se um novo processo de seleção dos resumos, em busca daqueles que estabeleciam algum tipo de relação com a temática da juventude nos processos de educação escolar, mesmo que o fizesse indiretamente, ou seja, obras que tomavam professores como participantes, por exemplo, mas que apresentavam discussões sobre o trabalho docente voltado ao público jovem, foram considerados relevantes para as análises.

Houve, apesar de todas as discussões que afirmam que a juventude é um período que não se pode definir apenas por questões etárias e/ou biológicas, a necessidade da utilização de critérios explícitos para que fossem selecionadas as obras que compõem a fonte documental deste estudo.

Como um dos critérios utilizados na delimitação do tema e da fonte documental é a de que haja referência ao público jovem no título ou no resumo dos trabalhos, sabendo-se que em alguns havia a menção a “alunos do ensino

fundamental e/ou médio”, ou apenas à idade desses alunos sem que se os classificasse, optei<sup>55</sup> por outros critérios de classificação para esses estudos especificamente. Considerei inicialmente, como tratando-se dessa mesma parcela da população, aquelas obras que compreendessem estudantes do ensino fundamental, a partir da quinta série/sexta ano, e/ou do ensino médio, desde que não se referissem a estudantes de turmas de EJA ou outras que compreendam alunos em idade diferente daquela que é apontada pelas políticas públicas como adequada às séries em questão.

Considerei ainda, nos casos em que tais informações não estão claras no resumo das obras, estudantes com idade entre 11 e 18 anos, idades essas que correspondem aos critérios utilizados nos processos oficiais de adequação idade-série para os níveis de ensino apontados. Apesar de reconhecer que, em algumas turmas, existe a possibilidade de haver alunos com idades diferentes das que foram sugeridas, tal caso específico seria analisado cuidadosamente para que se pudesse, ou não, classificá-lo no conjunto de resumos que tratam do tema da “juventude”.

Desse modo, se fez necessária uma análise mais complexa para, por fim, compreender como “jovens” os elementos constituintes dessa população presente em tais pesquisas e, por isso, esse processo compôs a análise de tais obras, enquanto as medidas aqui citadas apenas compuseram os métodos para seleção inicial da fonte documental, e não sua análise efetivamente.

No processo inicial, após realizados os recortes temáticos e temporais, busquei não somente as obras que traziam em seu bojo as discussões sobre juventude, mas também descartaram-se aquelas que não se propunham analisar a escola de Ensino Fundamental e/ou Médio. Foram desconsiderados, por exemplo, aqueles estudos que abordavam o tema da juventude dentro de espaços de Ensino Superior, ou então aqueles que se propunham analisar a família ou outros aspectos sociais que não se relacionavam diretamente com a dinâmica do trabalho escolar.

---

<sup>55</sup> A partir deste ponto trato de questões específicas desta dissertação, não relacionadas diretamente com o grupo de pesquisa anteriormente citado, o que justifica o uso dos pronomes pessoais e sua correspondente concordância verbal na primeira pessoa do singular.

Com esses últimos refinamentos, o número de títulos elencados passou a totalizar sessenta e cinco obras<sup>56</sup>, cujas referências são apresentadas no Apêndice B. Para efeitos de comparação, apresento a seguir um gráfico com a distribuição dessas obras por ano de publicação, assim como o fizera com as etapas anteriores no processo de seleção da fonte documental deste estudo. Esses dados referem-se às obras selecionadas para compor a análise que se segue a este capítulo, e que tem todos os recortes feitos anteriormente, como período (2000 – 2004), temas (sexualidade e educação), sujeitos (jovens/adolescentes) e a constatação de espaços/ambientes especificamente escolares como objeto dos estudos que abordam, meso que indiretamente, o nível Fundamental e/ou Médio de Ensino.

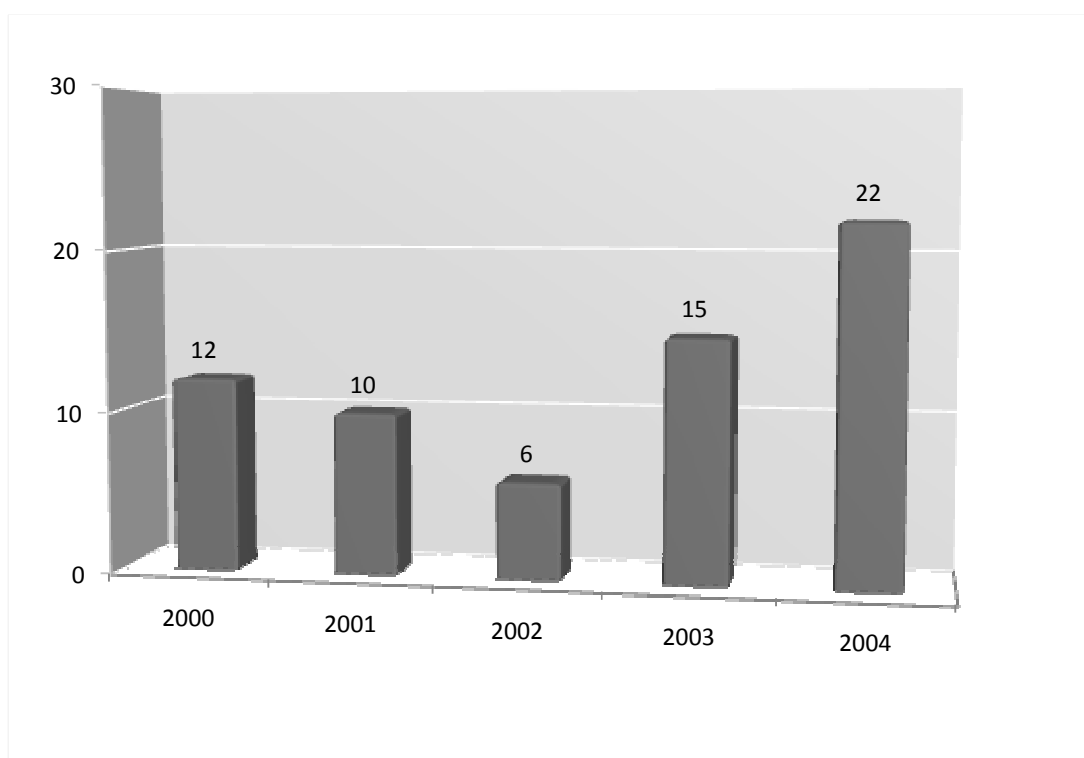


Gráfico 5 - Quadro de publicações a partir do recorte temático, temporal, espacial e de sujeito.

<sup>56</sup> Dentre essas 65 obras, apenas 64 fizeram parte do processo de análise dos resumos, devido a existência de um trabalho cujo resumo não fora localizado em busca na base de dados, no *site* da instituição de origem e em *sites* específicos de busca na internet. Trata-se da dissertação de mestrado de CARDOSO (2003), intitulado: Sexualidade do adolescente e DST/AIDS: conhecimentos, atitudes e práticas em escolares de Concórdia – SC.

### 3.6. Das categorias de análise.

Uma das primeiras constatações evidenciadas nas análises foi a de que não houve, no período recortado, uma preocupação efetiva com a qualidade e completude dos resumos por grande parte dos pesquisadores que se propuseram discutir as temáticas da sexualidade, da juventude e da educação escolar. Apesar de haver entre a fonte documental alguns resumos que retratavam com mais detalhes as obras as quais se referem, muitos não continham elementos essenciais para que se compreenda o conjunto das informações retratadas nas pesquisas. Em alguns casos, os resumos não continham um ou mais dados como justificativas, objetivos, metodologias, sujeitos e conclusões.

Assim, foi preciso delimitar categorias de análise adequadas ao material disponível, visando o desenvolvimento satisfatório da pesquisa e a busca por respostas às questões apresentadas nos objetivos desta dissertação. Diante de tais circunstâncias, as seguintes categorias foram elencadas:

- Cultura organizacional escolar: Foram observados nos resumos, elementos que indicassem o comprometimento da pesquisa com questões relacionadas à:
  - a) cultura na escola;
  - b) cultura da escola;
  - c) cultura escolar.
  
- Abordagens: Foram evidenciadas, nos resumos que possibilitaram tal análise, as abordagens da Educação Sexual proposta e/ou defendida pelos autores, as quais foram organizadas em:
  - a) Médico-biológica;
  - b) Religiosa;
  - c) Pedagógica;

- d) Emancipatória;
  - e) Pós-estruturalista ou *Queer*.
- Eixo temático: Nesse ponto foram organizados eixos com as temáticas observadas nos resumos, os quais se dividem em:
    - a) Políticas (públicas), currículo e discurso;
    - b) representações, concepções e práticas dos agentes escolares;
    - c) identidade e diversidade sexual;
    - d) formação docente;
    - e) gravidez e saúde sexual/reprodutiva.
- Conceituação atribuída aos processos de ensino escolares em conjuntura com o tema da sexualidade, que foram classificados em:
    - a) Educação Sexual;
    - b) Orientação Sexual;
    - c) Orientação Sexual e Educação Sexual como sinônimos
- Área do conhecimento e curso de pós graduação ao qual está vinculada a pesquisa. Nesses grupos foram organizadas as áreas evidenciadas nos resumos, da seguinte forma:
    - a) Educação (composta pelas áreas: Educação, Educação escolar, Educação nas Ciências, Educação para a ciência, Ciências da Educação, Educação em Saúde e Educação e Cultura).
    - b) Psicologia (composta pelas áreas: Psicologia, Psicologia do desenvolvimento e Psicologia social e institucional)
    - c) Saúde (composta pelas áreas: Saúde pública, Saúde coletiva, Saúde na comunidade, Ciências da saúde, Tocoginecologia e Enfermagem).

- d) Sexologia
- e) Ciências sociais e Serviço social
- f) Sociologia e Antropologia
- g) Ensino, Filosofia e História das ciências
- h) Outros (composta por áreas que se evidenciaram em apenas um resumo: Comunicação, Engenharia de produção/Ergonomia e Ciências da religião).

Foi possível, assim, observar nesses resumos, algumas marcas e elementos que se constituíram evidências sobre aquelas informações que me propus analisar, sabendo-se que a análise prioritária era a da cultura organizacional escolar, sendo que as demais compuseram, apesar de também importantes, análises secundárias.

Definidas as categorias de análise, este estudo se valeu de informações contidas nos resumos, tais como a citação de autores representativos em determinado campo e teoria de pesquisa. Nos casos em que não foi possível reconhecer elementos que indicassem o foco estabelecido sobre a cultura organizacional escolar, uma determinada conceituação, abordagem ou tema, os resumos foram classificados em grupos específicos, os quais também eram representativos por sinalizarem a necessidade de se pensar no resumo dos trabalhos como uma de suas mais importantes partes constituintes, visto que é aquela que tem como principal finalidade apresentar brevemente um panorama da pesquisa realizada, e proporcionar elementos que instiguem o leitor a proceder a leitura do trabalho na íntegra, fornecendo-lhe informações básicas sobre seu conteúdo e sua estrutura.

### **3.7. Da metodologia de análise dos resumos.**

Após reconhecidos, selecionados e organizados, os resumos passaram a representar uma significativa fonte de informações com as quais foi possível reconhecer aspectos importantes da produção acadêmica no período em que me

propus analisar. Tal reconhecimento se fundamenta, principalmente, nas teorias do enunciado de Bakhtin (1997), para quem o objeto de estudo não representa um conjunto de signos com um significado estático, como o propõem alguns linguístas, mas o exercício da fala contextualizado em sociedade.

Nos cursos de lingüística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica (ibid., p. 290).

Assim, partindo desse conceito, compreendo que os resumos analisados não refletem apenas um sistema simbólico da linguagem, mas um contexto em que se insere tal pensamento, que exteriorizam mais que as ideias do autor, mas a sua intencionalidade em transmiti-las a um público específico e, principalmente, um cenário acadêmico no qual esse autor se insere.

Outra contribuição da teoria bakhtiniana para este estudo foi o reconhecimento de que o mundo está em constante transformação e os objetos não se constituem em uma forma imutável. Segundo Ribeiro (2006):

Bakhtin trabalha com um mundo em movimento e em perene transformação, seu objeto está em processo, não se submete a uma forma fixa e imutável. E é exatamente por isso que ele não pode aceitar que uma língua seja um conjunto de formas (signos) e suas regras de combinação (sintaxe). Para Saussure, um signo é uma relação entre um significante (um som, uma imagem acústica ou um grafema) e um significado (um conceito). Para Bakhtin, o significado é uma impossibilidade teórica. Um signo, aceitando-o provisoriamente, não tem um significado, mas receberá tantas significações quantas forem as situações reais em que venha a ser usado por usuários social e historicamente localizados. [...] A mesma frase, exatamente a mesma, pronunciada em situações sociais diferentes, ainda que pelo mesmo enunciador, não constitui um mesmo enunciado e não pode constituir. (não paginado)



A partir dessas afirmações, reconheço os resumos como objetos carregados de significações expressivas sobre o momento ao qual pertencem, representado pelo recorte temporal 2000-2004, e sobre um contexto histórico no qual esse resumo se insere. Desse modo, compreender um conjunto de resumos é uma forma de se compreender um cenário social e historicamente estabelecido, que reflete parte do pensamento acadêmico ao qual pretendo analisar.

Ferreira (1999), em sua pesquisa sobre a Leitura, apóia-se nesses mesmos conceitos bakhtinianos ao afirmar:

Considero que a leitura não é o objeto do discurso pela primeira vez em cada resumo, com o qual dialogo, nem seu locutor é o primeiro a falar dela. A leitura já foi falada, controvertida, esclarecida e julgada de várias maneiras; nela se encontram, se modulam mutuamente diferentes pontos de vista, tendências e teorias relacionadas à esfera acadêmica (p. 115).

Da mesma forma, penso que a sexualidade, a juventude e a educação escolar, assim como suas intersecções, não se refletem apenas em contribuições inéditas em cada resumo, nem mesmo os autores são precursores em todas as discussões que apresentam, mas considero que, tais textos, estão repletos de um contexto social, histórico e acadêmico, que possibilita reconhecer elementos fundamentais para que seja traçado um panorama da produção acadêmica sobre tais temáticas no período recortado.

Diante de tais considerações, realizo uma análise transversal da fonte documental, em que procuro evidenciar, principalmente, o que se consolida nas discussões sobre a Educação Sexual e sua efetiva relação com a cultura organizacional da escola, sua estrutura e suas dinâmicas. Outras discussões, entretanto, são traçadas nas análises, nas quais relaciono os principais conceitos, temas e abordagens da ES privilegiados nas diferentes áreas do conhecimento.

## **CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DAS ANÁLISES**

Antes de apresentar os resultados, é importante salientar que os trabalhos analisados não estão contidos nas referências, mas na bibliografia principal, a qual constitui o Apêndice A desta dissertação. As citações literais de tais resumos, assim como algumas considerações sobre esses textos, por serem eles oriundos de uma base de dados digital sem paginação, não trarão o número de página expresso, porém é possível localizar tal referência no Apêndice B, onde se encontram, devidamente identificados por numeração específica, os 64 resumos que compõem as análises. Assim, neste capítulo, alguns títulos apresentados conterão, em substituição à numeração da página, a mesma numeração de referência observada no citado Apêndice, com o objetivo de facilitar a conferência de dados através da localização do resumo em sua versão integral.

No que se refere especificamente às análises, os dois primeiros subitens compreende às que foram priorizadas, sabendo-se que a cultura organizacional escolar tem destaque nessas discussões, principalmente para que fosse possível atingir os objetivos de reconhecer as práticas, os agentes e as dinâmicas do trabalho escolar que se relacionam com as ações de Educação Sexual para jovens. A outra discussão apresentada se refere às abordagens da ES que são defendidas pelos autores, conforme indicado nos resumos, como adequadas às escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Por fim, são apresentados os resultados das demais análises efetuadas, as quais incluem os eixos temáticos observados nos resumos, as conceituações de Educação Sexual e Orientação Sexual e as áreas do conhecimento de onde provêm tais trabalhos.

### **4.1. Cultura organizacional escolar.**

Assim como sugere Mafra (2003), os resumos foram divididos em três grupos principais, de acordo com os modos como a cultura é pensada nesses textos. São

eles: Cultura na escola, cultura da escola e cultura escolar. Tal organização, entretanto, não é indicativa de que tais aspectos culturais existam separadamente, mas de que, nos casos em que se busquem análises mais objetivas e particulares, inviabiliza-se o estudo da totalidade e complexidade dos elementos que constituem a ação dos agentes e as práticas e saberes escolares. Desse modo, o que foi evidenciado em cada obra analisada, é o foco que se atribui à cultura, sem que se eximam as obras de transitarem, secundariamente, pelo estudo das demais manifestações culturais.

Também por isso, de acordo com a fonte documental que dispunha este estudo, as três categorizações foram repensadas de forma que abarcassem as diversas possibilidades de se compreender a organização do trabalho escolar e seus diversos agentes. Foram, para tanto, resignificados os conceitos sugeridos pela autora (MAFRA, *ibid.*), de forma que pude observar, quando evidenciados nos textos, aspectos culturais também presentes em documentos oficiais, currículos e processos de formação de professores, entre outros. Esta dissertação, portanto, não apenas organiza os resumos, mas sugere nova significação para esses três conceitos, baseados nos, mas não idênticos aos, propostos anteriormente.

Além disso, assim como Faria Filho et al. (2004), não vejo os estudos representados pelos resumos analisados como aplicações *ad lumina* de teorias ou definições atribuídas por outros autores, motivo pelo qual proponho uma organização bastante aberta a partir de três eixos norteadores, sem que se desconsiderem as variações, transições e definições alternativas que a amplitude e diversidade dos estudos organizados sugiram, além de suas intersecções com outros eixos e categorias. O que faço em minhas análises, é uma organização dos resumos indicativos de trabalhos em que se privilegiem, de forma geral, aspectos globais da escola e a cultura que nela se produz, a cultura que se evidencia nos grupos de agentes e que não são produzidos especificamente na/pela escola, ou os processos históricos que determinam características culturais próprias às instituições escolares.

A partir dessa compreensão, o que pude observar inicialmente é que grande parte dos resumos evidenciam que as pesquisas focaram a cultura na escola, privilegiando aspectos culturais particulares de um determinado grupo que constitui o espaço escolar, enquanto aqueles que evidenciavam uma análise da cultura da escola, constituída a partir de uma série de características que compõem o meio educacional como sendo possuidor de uma cultura própria, criada e transmitida a partir de seus espaços e dinâmicas, apresentaram-se em um conjunto reduzido de resumos, assim como também se mostraram escassos aqueles em que o foco se mantém na cultura escolar, ou seja, nos processos históricos que constituem a cultura da escola tal qual ela é no presente. Tais constatações podem ser mais bem observadas no gráfico a seguir:

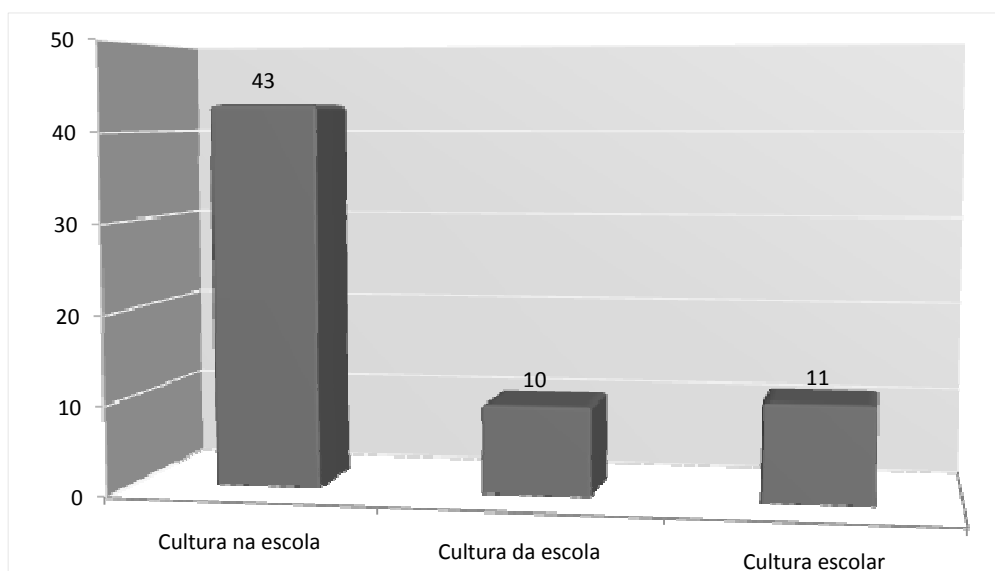


Gráfico 6 – Distribuição dos resumos: Cultura organizacional escolar.

#### 4.1.1. Cultura na escola.

Os trabalhos que evidenciam a cultura na escola, como já discutido, são aqueles que mantêm o foco em aspectos culturais de um determinado elemento

analisado, ou um grupo de elementos. Assim, incluem-se nesse conjunto aqueles resumos que evidenciaram pesquisas sobre jovens, ou outros agentes ligados a eles, em que se objetivava observar, analisar ou reconhecer identidades, saberes, comportamentos, vivências, sentimentos e experiências dessa parcela da população com relação à sexualidade e à Educação Sexual. Entre esses trabalhos prevalece a busca pela compreensão de fenômenos que, muitas vezes, não são diretamente relacionados com o ambiente escolar e, em alguns deles, busca-se apenas compreender como fatores externos à escola influenciavam no contexto de Educação Sexual.

Alguns resumos, como o de GIMENES (2001, 15), evidenciavam trabalhos que tiveram como foco a compreensão de como os jovens lidam, no cotidiano, com assuntos relacionados à sexualidade. Com esse mesmo objetivo, Santos (2001, 20) afirma: “procurei estudar como os alunos externalizam os conceitos básicos da reprodução humana e se os relacionam ou não com aspectos afetivos de sua vida diária”. Souza (2001, 21), que também busca na escola respostas para questões referentes à cultura jovem, apresenta em suas conclusões que:

Foram desveladas as vivências, possibilitando a compreensão do fenômeno de modo a chegar às essências que constituem o mundo da vida das adolescentes. Os resultados indicam que a maior parte das jovens do estudo, apesar das dificuldades no início da gravidez, supera os momentos difíceis, conta com o apoio de familiares, amigas e colegas de escola.

Fossa (2003, 33), apresenta como objetivo de seu estudo “conhecer como os adolescentes [...] percebem a educação sexual na escola, e contribuir para a desmistificação do adolescente como problema”.

Entre os trabalhos que analisam a cultura na escola, destaco dois grupos principais: aqueles que veem a escola como parte da cultura juvenil e destacam que, de alguma forma, a escola participa dos processos de transmissão cultural entre os jovens, apesar de manterem o foco nesse público; e aqueles que têm a escola apenas como *locus* da pesquisa.

No primeiro grupo, os resumos evidenciaram que, apesar de alguns aspectos específicos da cultura da escola serem abordados, muitas vezes isso ocorre sem

que se aprofundem tais discussões. O foco se mantém no jovem e em uma cultura própria dessa parcela da população, mas a escola é tida como uma das importantes influências nos processos de transmissão cultural. É o caso de trabalhos como o de Quintana (2004, 60), cujo objetivo era o de recuperar “questionamentos provocados pela tensão gerada pela gravidez na adolescência no interior da escola”, em que tal fenômeno foi observado em suas relações diretas com o cotidiano das alunas grávidas dentro do espaço escolar. Outro trabalho que segue essa mesma tendência é o de Oliveira (2004, 59), que teve como objetivo observar as representações sociais de sexualidade que circulam entre pré-adolescentes e adolescentes no espaço e no convívio escolares.

O outro grupo é representado por aqueles resumos que evidenciam pesquisas que, com o objetivo de analisar aspectos específicos da cultura juvenil, encontraram na escola um espaço privilegiado para observação desse público e coleta de dados, sem que a instituição escolar seja significativamente relacionada com os processos e resultados das análises. Nesses textos evidencia-se que o foco é ainda mais direcionado aos jovens, enquanto à escola cabe apenas o papel de situá-los em um espaço que privilegie a coleta de dados.

Entre esse grupo de resumos, evidencia-se, entre outros, o de Loiola (2001, 16), que se propõe analisar as manifestações discursivas e comportamentais, e os sentidos que jovens atribuem em suas relações sociais, a produção e a reprodução da homofobia em seus espaços de vivência como “no grupo estudantil, no grupo religioso, no grupo cultural e no grupo político”. Outro resumo que apresenta indícios de se tratar de uma pesquisa com foco na cultura na escola sem que se evidenciem as influências escolares nesse processo é o de GIONGO (2004, 56), que se propõe analisar o “ficar” como estilo de relação adotado por adolescentes. O resumo em questão indica um estudo “a partir de aspectos relativos a constituição subjetiva na adolescência [...] e de aspectos histórico-culturais da construção de valores presentes na contemporaneidade”. Por fim, cito o resumo da obra de Vieira (2004, 64), que se propõe analisar aspectos relativos à sexualidade entre jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O autor afirma realizar uma busca pelas possíveis interfaces

entre juventude, sexualidade e gênero, em que a escola é citada apenas ao classificar a amostra de sua pesquisa como “jovens que participam do processo de escolarização”.

Esses trabalhos apresentam, muitas vezes, discussões sobre a Educação Sexual observada nas famílias, na mídia e no grupo de amigos, entre outros, e que se manifestam também na escola. Assim, tira-se o foco do trabalho da Educação Sexual e da organização do trabalho escolares, para focarem-se aspectos específicos da cultura dos jovens nos diversos espaços sociais.

#### **4.1.2. Cultura da escola.**

Diferentemente dos trabalhos que tem o foco na cultura na escola, ou seja, na cultura de um determinado elemento ou grupo que se insere no ambiente escolar, os trabalhos que tem o foco na cultura da escola privilegiam discussões que evidenciam essa instituição como possuidora de uma cultura própria, a qual é produzida por ela e transmitida pelos/aos elementos que a compõem. Assim, incluem-se nesse conjunto de resumos os que evidenciam discussões sobre os diversos aspectos que constituem a organização do trabalho escolar, considerando-se particularmente suas características próprias, suas dinâmicas, seus atores e sua organização. Apesar de alguns resumos não evidenciarem claramente essa perspectiva, foi possível reconhecê-los como constituintes desse grupo quando evidenciavam análises sobre diversos elementos constituintes do ambiente escolar, de modo que é possível observar a importância atribuída ao conjunto desses aspectos na constituição da cultura da escola.

Alguns dos resumos que se inserem nesse grupo buscam analisar um determinado objeto a partir de várias percepções de agentes diferentes que constituem o ambiente escolar, além de incluírem, nessas análises, o currículo e as políticas públicas que regem a escola. Dentre eles, destaco a dissertação de Silva (2002, 27), que inclui em suas análises os PCN de Orientação Sexual (BRASIL, 1998) e as concepções de alunos e professores, e aponta, como um de seus objetivos, observar como a Educação Sexual é abordada em uma escola.

Além disso, a autora afirma que a escola cria mecanismos para lidar com a sexualidade dos adolescentes, o que pode caracterizar um texto que defende a existência de uma cultura criada e difundida pela escola.

Outro resumo que indica um trabalho cujo foco está na cultura da escola, a pesquisa de Fanelli (2003, 32) buscou, em um estudo exploratório, analisar “o impacto que a vivência da sexualidade e suas implicações, principalmente, a gravidez na adolescência, tem para a escola”. Apesar de, em uma primeira observação, aparentar um estudo com foco na cultura na escola, o trabalho evidencia uma perspectiva diferente ao apresentar, entre seus métodos, entrevistas a diversos agentes escolares, incluindo-se professores, gestores (coordenadores e diretores) e alunos, além de análise de políticas públicas representadas, principalmente, pelos PCN. Apesar de ter a gravidez como seu principal tema, não foram observados, no resumo, indícios de que tenham sido entrevistadas alunas grávidas, o que evidencia o foco do trabalho nos diversos agentes que constituem a escola, e não em um público específico.

Adolph (2004, 43), também traz no resumo de sua dissertação, indicadores de que o foco de seu trabalho é a cultura da escola. Isso fica evidente já no início do texto, em que o autor afirma que “a intenção [da pesquisa] foi compreender de que modo a escola, como instância de formação educativa e de produção de identidades, participa da forma pela qual os adolescentes vivenciam sua sexualidade”. Apesar de terem sido aplicados questionários apenas a alunos, o foco não era a identidade e/ou experiência social desses alunos em si, mas indicadores que evidenciassem em suas falas o papel da escola no processo de aquisição de uma cultura que ela própria produzira.

Por fim, cito a dissertação de Braga (2004, 47), em cujo resumo se lê que “as ações, comportamentos, falas, atitudes e silêncios, dos quais se faz o cotidiano da escola [...] demonstram que a Educação Sexual tem servido muito mais para dissimular preconceitos do que para superá-los”. Também nesse resumo, pude observar indícios de que a escola é pensada, pela autora, como uma organização com uma cultura própria e, mais do que isso, como transmissora dessa cultura ao passo que, como demonstrado, é apontada como transmissora de preconceitos.



O importante que se note no conjunto desses resumos, é que a escola é indicada como importante ferramenta na transmissão de uma cultura que se constitui e se formaliza em seu interior, em suas dinâmicas, e está intimamente relacionada com seus diversos agentes. Diferentemente dos resumos classificados na perspectiva da cultura na escola, esses não indicam trabalhos que buscam identificar uma determinada cultura inserida na escola, mas a própria criação e transmissão da cultura através dos espaços escolares.

#### **4.1.3. Cultura escolar.**

O último modelo destacado é o de cultura escolar. Nessa perspectiva são focados aspectos da trajetória social e histórica que constituem a escola e sua cultura, assim como políticas (públicas), projetos e ações que tiveram influência nesse percurso. Dentre esses trabalhos, dois grupos se evidenciaram: um composto por resumos que indicam um recorte temporal referente a um tempo passado, em que se realizaram ações cujos processos e resultados ajudaram a constituir a cultura escolar; e os que, apesar de algumas vezes não estabelecerem claramente o recorte temporal, evidenciam ações no tempo presente, e as influências que elas têm sobre a formação cultural de uma instituição escolar, ou uma rede de escolas, interligadas por características regionais, políticas, sociais ou econômicas.

Prevalecem nesse grupo de resumos os que indicam pesquisas que se comprometem com uma análise documental a partir, entre outras fontes, dos currículos e políticas públicas que regem as escolas em um determinado período histórico, seja ele passado, ao qual é possibilitada também a análise dos desfechos apresentados por tais ações, ou presente, em que se busca reconhecer ou proporcionar a aplicação de políticas e projetos diversos. O material analisados, além dos documentos escritos, também pode ser constituído por fontes imagéticas (fotos etc.) e orais (memórias, relatos), entre outras.

No conjunto de resumos analisados nesta dissertação, apenas um apresentou características que se assemelham a um trabalho com foco na cultura

escolar constituída em um processo histórico relacionado a um tempo passado, a dissertação de mestrado de Gallacho (2000, 04), que, apesar de não demonstrar se referir a uma escola específica, traz a análise de projetos desenvolvidos na rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Tal análise é feita a partir da apreciação de documentos, de entrevistas com pessoas envolvidas em um projeto, e de um histórico sobre a sexualidade e a Educação Sexual no Brasil. Apesar dessas constatações, a ausência, no resumo, de alguns elementos como a descrição mais detalhada sobre quais documentos foram utilizados e sobre as conclusões apresentadas na obra completa, não permitiram uma análise mais aprofundada da pesquisa realizada.

Os demais resumos organizados nesse grupo referem-se a pesquisas que se propuseram analisar fatos no presente que determinam, alteram ou constituem, de alguma forma, a cultura escolar. Tratam-se de políticas públicas, projetos e propostas de intervenção, entre outros, que inserem nos espaços educacionais elementos que ajudam a constituir a cultura da escola, sem que se considere, entretanto, as interações e dinâmicas escolares que se somam nesse processo. De modo distinto aos estudos que privilegiam a cultura da escola, esses têm o olhar voltado principalmente para elementos externos ao espaço escolar, mas que nele são incluídos e participam dos processos de criação de uma cultura própria.

Alguns exemplos de trabalhos que têm esse foco cultural, evidenciados a partir da análise de seus resumos, são: a dissertação de Gama (2000, 05), que avalia o material pedagógico-educativo produzido pelo Ministério da Saúde; a dissertação de Parré (2001, 19), que se propõe analisar a aplicação dos PCN de Orientação Sexual em uma escola de Ensino Fundamental; a dissertação de Neves S. R. (2003, 34), que analisa dois projetos de Educação Sexual implantados pela Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia; e a pesquisa de Rosistolato (2003, 40), que analisou a implantação de políticas públicas de Orientação Sexual, como os PCN e o projeto “AIDS e a escola”, além de um projeto realizado em uma escola selecionada.

## 4.2. Abordagens da Educação Sexual.

Em sua dissertação, Figueiró (1995) apresentou uma análise das abordagens da Educação Sexual, em dissertações e teses produzidas no Brasil entre os anos 1980 e 1993<sup>57</sup>. As análises da autora apontaram uma predominância da abordagem a qual denominou “Abordagem Pedagógica”, seguida pela “Abordagem Política”, denominação esta que vem sendo substituída, por essa e por outros autores, por “abordagem Emancipatória”.

Apesar de haver inserido algumas categorias e unificado outras, a essência do modelo apresentado por Figueiró é mantida nas classificações feitas nesta pesquisa, o que possibilita um estudo comparativo entre os resultados de ambas as dissertações, representados pelos quadros a seguir.

**Tabela 5 - Distribuição das abordagens da Educação Sexual.**

ABORDAGEM	fi <sup>58</sup>	fri % <sup>59</sup>
Religiosa Tradicional	--	--
Médica	1	5.88
Pedagógica	9	52.94
Política	7	41.18
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100</b>

Fonte: Figueiró (1995, p. 119)

<sup>57</sup> Além desses documentos, a autora também analisou capítulos de livros e artigos científicos. Os dados apresentados neste capítulo, entretanto, referem-se apenas às dissertações e teses analisadas, os quais serão comparados com os dados que obtive em minhas análises desse mesmo tipo de material.

<sup>58</sup> Frequência.

<sup>59</sup> Frequência relativa percentual.

**Tabela 6 - Distribuição das abordagens da Educação Sexual, considerando-se resumos não classificados.**

ABORDAGEM	fi	fri %
Religiosa	1	1.56
Médico-biologista	13	20.31
Pedagógica	13	20.31
Emancipatória	4	6.25
Pós-estruturalista e <i>Queer</i>	4	6,25
Não identificadas	29	45.32
Total	64	100

**Tabela 7 - Distribuição das abordagens da Educação Sexual, desconsiderando-se resumos não classificados.**

ABORDAGEM	fi	fri %
Religiosa	1	2.86
Médico-biologista	13	37.14
Pedagógica	13	37.14
Emancipatória	4	11.43
Pós-estruturalista e <i>Queer</i>	4	11.43
Total	64	100

Entre os resumos que analisei, entretanto, muitos não dispunham de elementos significativos para que se procedessem as suas classificações. Esse fato, todavia, não impossibilitou que as análises apontassem um aumento na

quantidade de obras classificadas em cada categoria, excetuando-se a abordagem “Política” ou “Emancipatória”, se comparado ao estudo de Figueiró.

#### **4.2.1. Abordagem Religiosa.**

No que se refere a essa abordagem, o que se observa é praticamente uma nulidade nos dois períodos analisados. Figueiró já havia observado a inexistência, entre sua fonte documental, de dissertações e teses nos anos entre 1980 e 1983, cuja abordagem defendida pelo(a) autor(a) fosse a Religiosa. Nesta nova pesquisa, pude observar apenas um resumo que indica tal abordagem como privilegiada na produção acadêmica a qual corresponde. Trata-se da dissertação de Pinto (2002, 25), que aponta lacunas existentes entre os estudos sobre a Orientação Sexual na escola e o ideário religioso. Tal trabalho foi realizado a partir da análise de livros para adolescentes, e o objetivo era “verificar como eles lidam com a intersecção entre a religião e a sexualidade humana”.

#### **4.2.2. Abordagem Médico-biologista.**

Essa abordagem foi a que representou maior crescimento no número de produções acadêmicas entre aqueles apresentados pela autora, se comparados com os resultados aos quais cheguei nesta pesquisa. Naquela, foi encontrado apenas um trabalho cuja abordagem privilegiada era a Médica, enquanto nesta, foram identificados treze resumos que indicam trabalhos com essa característica.

Outro dado importante se refere à origem desses trabalhos. Mais de 50% deles, indicados por oito resumos, provêm da área da educação, enquanto apenas três são da área da Saúde, um da Psicologia e um da área de Serviço Social. Entre os trabalhos de programas de Pós-Graduação em Educação que privilegiam essa abordagem, destaco cinco: a) o de Gallacho (2000, 04), que “enfoca um programa de intervenção em Orientação Sexual, em um trabalho integrado de educação e saúde”, b) o de Veloso (2000,12), que tem como objetivo “propor um modelo de programa preventivo-educativo nas escolas”, c) o de Santos (2001, 20),

que conclui seu resumo afirmando que, na escola, “os métodos contraceptivos e a morfofisiologia da Reprodução Humana precisam ser compreendidos a partir de sua interação biológica científica”, d) o de Carradore (2002, 23), que tem como objetivo organizar um referencial teórico que possibilite a reflexão sobre os temas da educação e da prevenção à AIDS, e) o de Corrêa (2004, 50), que aponta, entre suas conclusões, “a necessidade de programas de intervenção dirigidos [...] à promoção da saúde de alunos, focando-se conteúdos e habilidades envolvidos no comportamento sexual saudável”.

#### **4.2.3. Abordagem Pedagógica.**

Comparados à dissertação de Figueiró (1995), os dados que apresento neste estudo, considerando-se apenas os resumos cuja classificação foi possível, não demonstram grandes alterações na produção acadêmica entre os dois períodos analisados (1980-1990 e 2000-2004). No primeiro período, a porcentagem era superior às outras abordagens, em um total de nove trabalhos, o que proporcionalmente se manteve, no segundo período, próximo do índice anterior, em um total de treze trabalhos. A principal característica dessa abordagem é a preocupação com uma Educação Sexual em que se discutam valores, atitudes e sentimentos, e que possibilite um bem-estar na vivência da sexualidade.

Curiosamente, entre os resumos que se evidenciaram, cinco são da área da saúde, sendo superada apenas pela área da educação com seis resumos. Os outros dois são das áreas da Psicologia e da Sexologia. Entre os resumos que apresentam indícios de que as obras às quais retratam se comprometem com essa abordagem, destaco quatro, dentre as quais as duas primeiras são da área da saúde, e as demais da Educação: a) a dissertação de Gama (2000, 05), que afirma que “a sexualidade, vista como tabu, deve ser olhada de forma plural e sem preconceitos”, b) a dissertação de Neves (2003, 34), que afirma que participantes de projetos de Educação Sexual consideram que esses “contribuem para a conscientização dos adolescentes frente a sua sexualidade e decisões da prática sexual, ajudam a superar preconceitos, a respeitar as diferenças e diversidades”,

c) a dissertação de Garcia (2004, 55), que indica que os programas de Educação Sexual devem proporcionar aos jovens “as concepções e informações necessárias ao desenvolvimento sociocultural de sua sexualidade, possibilitando que os mesmos sejam capazes de elaborar sua própria conduta e descobrir suas capacidades”, d) a dissertação de Quintana (2004, 60), que considera adequada a atitude de uma escola que busca transmitir aos jovens “noções de liberdade e responsabilidade, de cuidado com o corpo e com sua sexualidade”.

#### **4.2.4. Abordagem Emancipatória.**

Essa abordagem da Educação Sexual, a qual alguns autores já denominaram “Abordagem Política”, está comprometida com transformações sociais, culturais e políticas, e discussões que abrangem relações de poder, reconhecimento e respeito à diversidade sexual e erotismo, entre outras. Trata-se, principalmente, de se discutir as relações de repressão e dominação das quais as pessoas devem se libertar para viverem positivamente a sexualidade. Entre as abordagens elencadas por Figueiró (1995) essa é a única que apresentou redução quantitativa se comparadas às fontes documentais dos dois trabalhos.

Essa redução, entretanto, pode ser justificada pelo fato de alguns resumos não terem sido classificados, dentre os quais havia uma aparente crítica a algum modelo vigente de abordagem da Educação Sexual nas escolas e uma proposta de que se aplicasse uma abordagem diferente, comprometida com transformações diversas, sem que se especificasse com clareza qual era a abordagem referida. Assim, muitas vezes, o texto não foi passível de classificação por não defender expressamente uma abordagem, deixando indícios que a permitiriam classificar em mais de um, ou em nenhum, grupo. As principais dúvidas se apresentaram diante de algumas semelhanças entre essa abordagem e a Pós-estruturalista e *Queer*, que, apesar de manter seu foco nos discursos e em relações constituídas das quais não se pode emancipar, também investiga a dominação e o poder estabelecidos social e culturalmente.

Devido, principalmente, à incompletude de informações em grande parte dos resumos, essa classificação ficou prejudicada em seu aspecto quantitativo, porém é possível analisar aspectos específicos dos quatro resumos que apresentam evidências de trabalhos comprometidos com uma Educação Sexual Emancipatória. São eles: a) a dissertação de Dornelles (2001, 13), que evidencia meninas “em situação de rua” e traz questionamentos sobre como pode ser desenvolvido um trabalho institucional diante de suas vivências sexuais que, segundo a autora, são tidas, muitas vezes, como algo a ser suportado e não um elemento que proporcione prazer, b) a dissertação de Loiola (2001, 16), que discute as manifestações discursivas e comportamentais de jovens relacionadas, principalmente, à diversidade sexual e a homofobia. Uma das constatações da autora é quanto as lutas contra o preconceito, expressa nas relações entre os pares e “no grupo organizado, especialmente o político”, além da observação da existência, entre esses jovens, da “aceitação plena das expressões sexuais”, c) a dissertação de Santos (2002, 26), que defende uma revisão dos currículos escolares e da formação do educador, para que se constitua uma abordagem Emancipatória da Educação Sexual, e para que eles assumam um compromisso político-pedagógico com suas práticas, d) a dissertação de Borges (2004, 46), que, diante de uma série de questões como o enfoque biológico-reprodutivista da Educação Sexual, denunciada na fala de alunos e professores, as discussões sobre DSTs, relacionamentos e comportamentos dos jovens, “preconceitos e pudores que cercam o tema [da sexualidade] e a necessidade de superá-los”, sugere um modelo de Educação Sexual que contribua com os adolescentes, para que eles vivam sua sexualidade em uma perspectiva emancipatória.

#### **4.2.5. Abordagem Pós-estruturalista e *Queer*.**

Dentre as abordagens citadas neste estudo, esse grupo é o que surgiu mais recentemente no meio acadêmico. Em função disso, é justificável que não esteja incluso em categorias específicas entre as abordagens citadas por Figueiró (1995)



e por Nunes (1996), já que surgiram, no cenário internacional, nas últimas décadas do século passado, tendo tomado força no Brasil ainda mais tardiamente.

Desse modo, impossibilitou-se um estudo comparativo, o que limitou esta discussão à análise dos quatro resumos que afirmaram se tratar de pesquisas que tomaram essas teorias como base das análises, ou apresentaram indícios de que o fizeram. São eles: a) Alves (2003, 29). Tal resumo refere-se a uma pesquisa que enfoca os discursos sobre relações de gênero e sexualidade evidenciadas nas falas de alunos a partir da leitura de textos literários. Tal pesquisa tem como referencial teórico, textos de autores que se dedicam aos estudos Pós-estruturalistas e/ou *Queer*, como Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva e Debora Britzman. b) Rodrigues (2003, 39). O autor analisa práticas discursivas de alunos relacionadas às condutas de gênero e sexualidade, em um estudo em que prevalece a temática da identidade sexual e da homofobia. As principais evidências que apontam para um trabalho com uma visão pós-estruturalista ou *Queer* diz respeito ao referencial teórico citado pelo autor, no resumo, no qual são referenciados autores como Louro, Britzman e Weeks, reconhecidas referências nessas abordagens. c) Stumpf (2003, 41). A autora afirma, já no início do resumo, comprometer-se com uma abordagem Pós-estruturalista, apropriando-se também das contribuições dos denominados “Estudos Culturais” e da teoria foucaultiana. Trata-se de uma análise documental em que são abordados temas como representações sociais da sexualidade, realizada a partir da observação de uma revista da área da Educação, destinada, principalmente, a professores. O foco do trabalho está nos aspectos culturais e nas relações de poder que se instituem em seu interior. d) Braga (2004, 47). Utilizando a metodologia da análise do discurso, a autora busca, através de entrevistas, identificar aspectos referentes à Educação Sexual escolar. Para isso, utiliza, como referencial teórico, obras que evidenciam discussões sobre sexualidade e identidade, destacando-se, assim como os resumos anteriormente citados, as de Foucault, Hall e Louro. Apesar de afirmar, no resumo, que não são apresentadas conclusões em sua dissertação, as observações ao final do texto analisado indicam que a Educação Sexual oferecida

pela escola estudada, “tem servido muito mais para dissimular preconceitos do que para superá-los”.

### **4.3. Outras análises.**

Além das análises realizadas a partir das questões referentes à cultura organizacional escolar e às abordagens da Educação Sexual, outros aspectos foram observados e tabulados. Não se referem, entretanto, a questões que tenham sido tomadas como prioritárias, motivo pelo qual não constituem discussões mais densas sobre os dados nos quais resultaram. Essas análises, apesar de não serem priorizadas, são importantes no cumprimento de uma de minhas propostas para esta dissertação, que se refere à organização de elementos que constituam subsídios para futuras pesquisas, na medida em que são organizados os títulos em diversas categorias, o que pode constituir importante fonte documental para pesquisadores que se proponham investigar as questões relacionadas às temáticas e aos conceitos delineados, assim como o podem fazer a partir das diversas áreas do conhecimento elencadas.

Essa organização, por se tratar de uma lista extensa de títulos, é apresentada nos Apêndices, de acordo com o foco analítico sugerido, assim como também estão os títulos referentes às análises apresentadas nos subitens 4.1 e 4.2.

#### **4.3.1. Eixos temáticos.**

A análise dos resumos a partir dos temas aos quais estavam comprometidas as dissertações e teses às quais se referem, ou melhor, dos eixos temáticos organizados a partir da proximidade e da relação direta que alguns temas apresentam entre si, não representou uma tarefa de menor complexidade, se comparada às outras análises propostas, mas foi, entretanto, uma das únicas categorias nas quais todos os trabalhos puderam ser classificados. Isso por que, apesar de não estarem explícitos, em todos os resumos, elementos que

comprovassem a prevalência de uma ou de outra temática, os objetivos, as justificativas e/ou as conclusões expressas nos resumos, forneceram elementos que a evidenciaram, ainda que dividindo espaço com outros temas que representavam, no resumo, análises secundárias. Assim, a partir de inúmeras e atentas leituras da fonte documental, cruzando-a e transversalizando-a de modo a buscar suas relações com temas, objetos e teorias diversas, cheguei à elaboração dos seguintes eixos temáticos:

- a) políticas (públicas), currículo e discurso;
- b) representações, concepções e práticas dos agentes escolares;
- c) identidade e diversidade sexual;
- d) formação docente;
- e) gravidez e saúde sexual/reprodutiva.

Entre essas classificações, apenas um trabalho representou dúvida mais significativa: a dissertação de mestrado de Santos (2002, 26), que teve como foco das análises a formação de professores como possibilidade de se desenvolverem medidas de enfrentamento à violência e ao abuso sexual. Assim, o trabalho poderia tanto compor o eixo temático sobre formação docente, como originar um novo eixo, que contivesse as questões para as quais tal resumo se propunha evidenciar alternativas de combate. Entendi, entretanto, que a organização dos textos a partir de eixos, permitia essa aproximação entre tais discussões, sem que fossem necessárias novas categorizações, visto que era pretendido apontar grupos de resumos que mantivessem conexões entre si, e não afastá-los a cada detalhe que os diferenciasse.

Analisados, organizados e classificados, os resumos apontaram, em primeiro lugar, um relativo equilíbrio entre dois eixos, que compreendem discussões sobre: a) políticas, currículo e discursos; b) representações, concepções e práticas; respectivamente com 15 e 18 resumos cada. Quantitativamente superior a esses dois, apenas o eixo que compreende as temáticas da gravidez e saúde sexual/reprodutiva, tendo sido observadas em 22 dos 64 trabalhos.

Silva (2004), no que se refere ao foco temático, aponta para uma frequência relativamente constante de trabalhos sobre características, concepções / representações e práticas escolares, representados por 74% do conjunto das obras. Assim, pode-se observar um aumento significativo no conjunto de trabalhos que abordam questões relativas à gravidez e a saúde, assim como aqueles que se propõem analisar políticas, currículo e discursos.

Os demais eixos – identidade e diversidade sexual; e formação docente – foram responsáveis por apenas sete e seis resumos, respectivamente, o que pode representar, no período analisado, um campo pouco explorado por pesquisadores do meio acadêmico, ou um direcionamento desses trabalhos para outros setores da população que não os jovens.

Os resultados obtidos através dessas análises são apresentados no Apêndice E e, mais resumidamente, no gráfico a seguir.

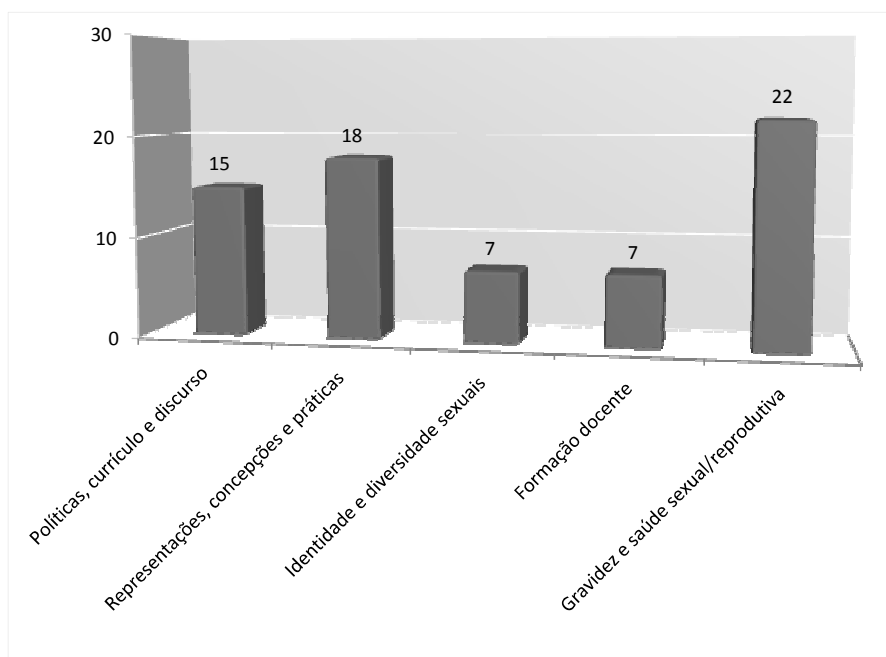


Gráfico 7 – Distribuição dos resumos: Eixos temáticos

#### **4.3.2. Conceito de Educação Sexual e Orientação Sexual.**

Apesar de as discussões sobre Educação Sexual e Orientação Sexual estarem presentes em número significativo de produções acadêmicas, não existe uma padronização de denominações que possibilite determinar um único significado para esses termos. Apesar de já haver sido denunciada há quinze anos por Figueiró (1995), essa falta de rigor, essa “miscelânea de terminologias e classificações” (p. 172), também é notória entre as dissertações e teses produzidas entre os anos de 2000 a 2004.

A fim de comprovar essa observação inicial, realizei a classificação dos trabalhos de acordo com a conceituação, indicada nos resumos, dos processos formais de Educação realizados na escola, que tenham como foco as discussões sobre sexualidade, além dos demais processos que envolvam o aprendizado de questões sobre a sexualidade.

Os resultados dessa classificação são apresentados no Apêndice F, no qual se evidenciam os títulos dos trabalhos organizados de acordo com tal conceituação, indicada pelos resumos, a partir dos quais são elencadas quatro categorias:

- a) Educação Sexual – resumos que indicam pesquisas em que essa é a conceituação apresentada como apropriada para tais discussões;
- b) Orientação Sexual – resumos que se utilizam dessa conceituação para referirem-se aos processos da educação escolar em conjunção com a sexualidade;
- c) Educação Sexual e Orientação Sexual como termos sinônimos – resumos que utilizam as duas conceituações, sem as diferenciar, em que ambas têm a mesma denotação, ou denotações semelhantes, dentro do contexto apresentado;

d) Conceituação não definida – resumos em que não são explicitadas evidências de que o autor privilegie uma ou outra conceituação. Grande parte dos trabalhos em que se observou tal ausência de informações se refere a pesquisas que não tiveram a educação escolar como foco de análise, enquanto a escola evidenciou-se apenas como *locus* privilegiado nas investigações com jovens.

Diante dessas classificações, foi possível observar uma aparente divisão do meio acadêmico diante dos conceitos de Educação Sexual e Orientação Sexual. Apesar de haver uma parcela significativa de resumos que não puderam ser classificados, os resultados demonstram a falta de uma unidade conceitual que uniformize seus termos, que ora são entendidos como sinônimos, ora são considerados conceitos diferentes, e, quando diferenciados, a situação se agrava por não haver um consenso sobre a definição de cada um deles.

Há, entre os resumos analisados, alguns que indicam estudos em que a Educação Sexual se refere à ação intencional realizada nas escolas, enquanto a Orientação Sexual seria aquela observada na família, no grupo de amigos, na mídia etc. Há alguns que evidenciam uma situação oposta, em que a Orientação Sexual é apontada como aquela que ocorre de forma sistematizada nas escolas, e a Educação Sexual remete aos outros elementos do convívio social, como família, amigos etc. Há alguns que classificam como Educação Sexual qualquer situação em que se evidencie o aprendizado de questões referentes à sexualidade, tanto na escola como nos demais espaços frequentados pelos jovens, enquanto a Orientação Sexual se refere à Diversidade Sexual. E há, ainda, aqueles que se referem a ambos os modelos como Orientação Sexual, sem que houvessem explicitado discussões sobre diversidade sexual.

Há, entre esses textos, dois casos que merecem atenção especial, e que penso serem resultado dessa falta de rigor e uniformidade nas classificações. A dissertação de Damiani (2003, 31), em cujo resumo se observam ambas as conceituações tendo, cada uma, as duas diferentes denotações, ou seja, tanto Educação Sexual quanto Orientação Sexual são apontadas como o processo intencional que ocorre nas escolas, assim como também são, ambas, apontadas

como sendo aquela que ocorre nos diversos convívios sociais, com a família, os amigos etc. O outro resumo, que se refere à dissertação de Cova (2004, 52), apresenta o termo “Orientação Sexual” inicialmente com a denotação de diversidade sexual. Em algumas aparições desse termo no resumo, entretanto, o autor se refere aos PCN ao afirmar que a Orientação Sexual deve ser, segundo esse documento, temática presente nas aulas das diferentes disciplinas curriculares. Tal documento, entretanto, ao se referir à Orientação Sexual, trata, não da diversidade sexual, mas do próprio processo intencional em que se discute, na escola, o tema da sexualidade. Assim, apesar de ser possível deduzir que o autor se refere à Orientação Sexual como “diversidade sexual”, há uma aparente alteração na significação que os PCN trazem para tal conceito, o que prejudica a compreensão do leitor.

Por fim, complementando as discussões apresentadas, apresento gráfico com número de resumos classificados em cada categoria no que se refere aos processos que envolvem discussões intencionais sobre sexualidade nos espaços escolares.

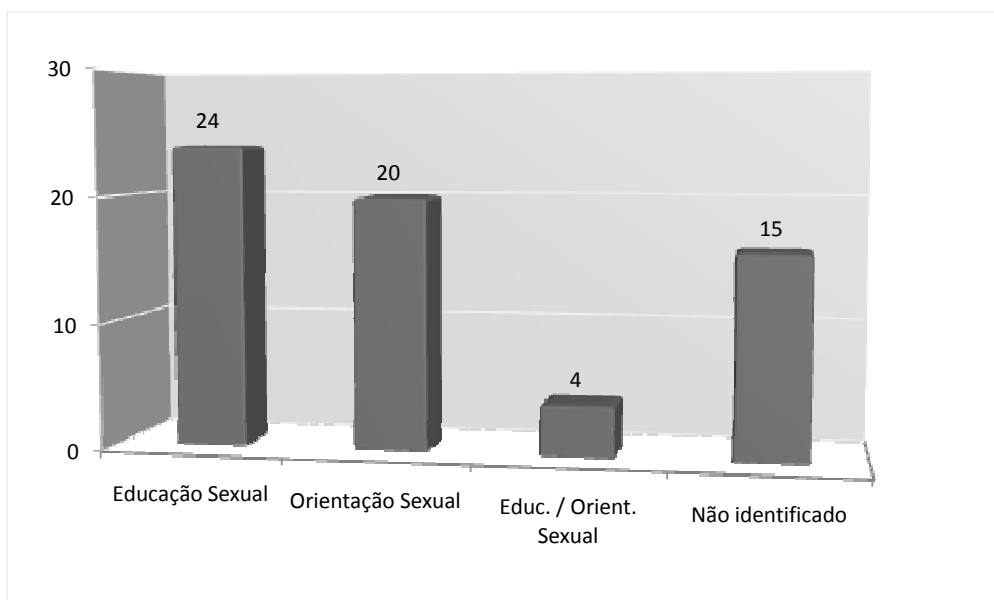


Gráfico 8 – Distribuição dos resumos: Conceito de Educação e Orientação Sexual

### 4.3.3. Áreas do conhecimento.

A sugestão de se levantar as áreas do conhecimento das quais provêm os resumos e, conseqüentemente, os trabalhos que se propõe estudar as conjunções entre a sexualidade, a educação e os jovens, surgiu a partir das seguintes questões: Quem são os pesquisadores que estão mais comprometidos com as questões da Educação Sexual? A ES na escola está sendo pensada, questionada e analisada por professores e pesquisadores desta área, ou está a cargo de outros campos, como a Saúde e a Psicologia?

Essa, que compôs a última etapa das análises, demonstrou uma considerável predominância dos estudos da área da educação entre as produções que compõem sua fonte documental. Tal fato já havia sido constatado por Figueiró (1995), ao classificar grande parte das dissertações e teses analisadas em seu estudo, publicadas entre os anos 1980 e 1993, como provenientes desse campo. Segundo a autora, nessa ocasião, foi nítido o predomínio dessa área, com representatividade pouco acima de 70%. Também Silva (2004) fez tal constatação ao observar que 52,3% dos trabalhos analisados em sua pesquisa, publicados entre 1977 e 2001, eram especificamente do campo da educação, número que chegava a 63% se considerados outros cursos de pós-graduação a ele correlacionados.

Neste novo estudo, apresento dados semelhantes no que se refere à representatividade desse campo de pesquisa, mas com um aumento considerável em outro, o da saúde, o qual não era representado por nenhum trabalho, dentre os organizados por Figueiró (op. cit.), e por apenas quatro<sup>60</sup> dentre os analisados por Silva (2004), enquanto no período 2000-2004, pude observar a existência de oito pesquisas, dentre as que se evidenciam através dos resumos, oriundas dessa área do conhecimento. Apesar de se tratar de um número não muito expressivo, esses trabalhos já superam, em quantidade, os da área da Psicologia, que somam

---

<sup>60</sup> A autora cita dois trabalhos realizados em programas de pós-graduação em enfermagem e outros dois na área da saúde, sem especificar o programa. Compreendo, porém, a enfermagem como também constituinte do campo da saúde, motivo pelo qual apresento tais resultados somados em um único índice.



cinco obras entre a fonte documental desta dissertação. Esse outro campo, por sua vez, apresentou uma projeção maior nas outras duas pesquisas às quais esta se soma, com cinco e oito trabalhos (FIGUEIRÓ e SILVA, respectivamente), se comparado ao da saúde.

O gráfico a seguir apresenta as citadas constatações, resumidamente, de acordo com o que foi constatado por esta pesquisa.

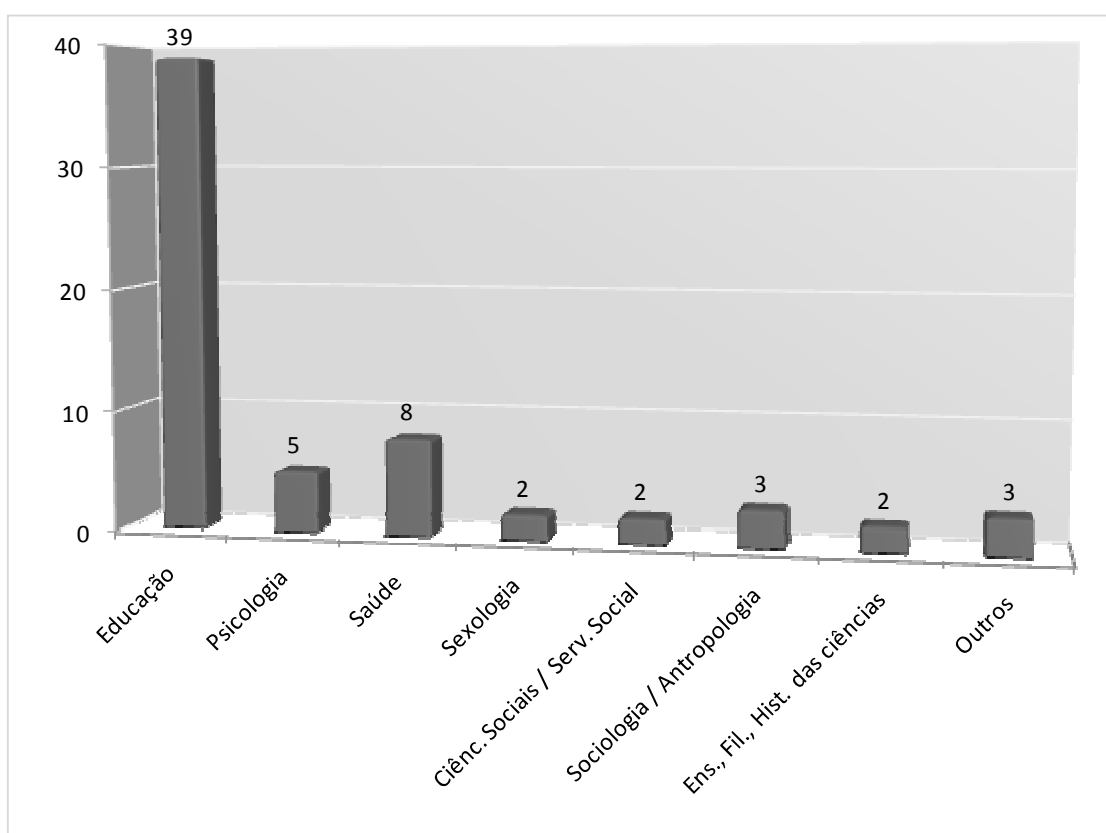


Gráfico 9 – Distribuição dos resumos: Áreas do conhecimento

## CONCLUSÕES

Muitas vezes, durante o desenvolvimento desta pesquisa, algumas conclusões se confundiram com as justificativas e com os procedimentos. Isso porque, à medida em que eram feitas novas constatações, outras dúvidas surgiam, e nova busca por respostas se iniciava. Assim, tomando como base os resumos contidos na base de dados Ariadne, as primeiras conclusões a que realmente cheguei foram quanto ao expressivo aumento na produção acadêmica sobre Educação Sexual, escola e juventude no final do século passado e início deste, a importância atribuída ao público jovem nos trabalhos acadêmicos sobre ES<sup>61</sup>, que superou largamente outros sujeitos analisados, e a superioridade no número de dissertações de mestrado e teses de doutorado, se comparadas a teses de livre-docência e artigos. Essas primeiras constatações, entretanto, apenas me possibilitaram realizar um recorte que contemplasse essas expressividades enquanto mantinha meu foco na Educação Sexual escolar e na juventude. Assim, no mesmo passo em que as análises avançavam, as primeiras conclusões foram tomando forma, e outras questões foram levantadas demonstrando um novo e inesgotável campo de pesquisa.

Ao quantificar as obras e classificá-las de acordo com as abordagens da ES adotadas, por exemplo, eram abertos precedentes para análises detalhadas das que se apresentavam como mais representativas neste campo para que se compreendessem as raízes de sua projeção nas tabulações que apresentei, ou então, ao apresentar os temas abordados, entendi como um dos processos de análise a ser concretizado os possíveis cruzamentos entre a forma como são abordados nas diversas pesquisas tabuladas e os outros dados apresentados.

---

<sup>61</sup> Tal constatação já havia sido feita por alguns autores como Figueiró (1995) e Silva (2004), e se faz importante por demonstrar como as discussões acadêmicas que abordam outras parcelas da população não demonstraram grandes avanços, enquanto o público jovem se mantém como foco das discussões sobre Educação Sexual.

Assim, busquei, inicialmente, elencar algumas das formas como se tem compreendido a Educação Sexual no meio acadêmico nacional, tanto no que diz respeito aos aspectos da cultura organizacional e às abordagens e teorias adotadas, quanto aos temas presentes nessas pesquisas. Seria apenas uma forma de, por um lado, contribuir com futuras pesquisas que tenham como intuito analisar a produção sobre a Educação Sexual no período abrangido pela base Ariadne e, por outro, delimitar aquela que se fazia de maior urgência ou que proporcionaria uma contribuição mais significativa para a academia, e que se desenvolveria através do contato com o conjunto de resumos.

Entre as principais constatações que direcionaram este trabalho, destacaram-se inicialmente a ausência de informações que julgava importantes, em parte do conjunto de resumos, e a viabilidade de se desenvolver uma pesquisa tendo apenas esses textos como fonte documental. O que observei *a priori* foi uma parcela de resumos que continha as principais informações que buscava, enquanto a outra não fez parte de alguma das análises por não conter esses dados. A ausência de alguma dessas informações, entretanto, apesar de dificultar a pesquisa, não caracterizou obstáculo que a impedisse ou inviabilizasse, visto que, de forma geral, em cada resumo, pude observar informações importantes que demonstravam aspectos relevantes das pesquisas, as intencionalidades dos autores, o contexto em que se inseriam e as questões motivadoras desse conjunto de pesquisas que se apresentou no período 2000-2004.

O que defendo, nesse aspecto, não é um modelo fixo e impermeável de resumos, que engesse a criatividade de seus autores e as possibilidades de se inovar, ao passo em que as pesquisas também sejam inovadoras, mas a observação de alguns elementos cruciais para que o leitor desses textos tenha um panorama das principais informações contidas na sua versão integral, como as questões que desafiaram o pesquisador na busca por respostas, os processos e teorias que constituíram a pesquisa e as conclusões às quais o autor chegou.

No tocante aos objetivos específicos desta dissertação, pude fazer constatações importantes, sendo que as principais delas dizem respeito ao foco que as pesquisas mantiveram, indicados nos resumos, sobre a cultura

organizacional escolar. Nesse ponto, ficou evidente a superioridade no número de trabalhos que evidenciavam uma visão da cultura em que os aspectos observados referiam-se a uma parcela dos agentes escolares, muitas vezes uma cultura criada e transmitida além dos muros da escola, e que constituíam, principalmente, as concepções e as representações de alunos jovens. Penso que esse modelo, ao qual Mafra (2003) denomina “cultura na escola”, tem uma importância inquestionável naqueles estudos que se propõem reconhecer aspectos diversos de uma parcela da população à qual pretende analisar, mas é menos eficaz naqueles trabalhos que se propõem analisar uma organização como um todo e o conjunto de elementos que a constitui. Entre esses estudos, apesar de haver uma parcela significativa dos que se propõem analisar aspectos que se relacionam diretamente com a escola, há alguns que tomam o espaço escolar apenas como privilegiado para o desenvolvimento de pesquisa sobre jovens, visto que lá eles se reúnem com regularidade, sem que sejam a escola e as questões ligadas a ela, os focos da pesquisa. Assim, o modelo de cultura na escola se apresenta viável e um importante instrumento para trabalhos que se propõem analisar alunos, professores, a família dos alunos, diversidade étnica, questões de gênero e diversidade sexual, entre outros elementos que participam, direta ou indiretamente, da constituição da organização escolar.

Aqueles trabalhos, entretanto, que se propõem analisar a cultura da escola, apesar de se apresentarem em menor número se comparado ao modelo anterior, tem um desafio ainda maior e um campo de análise vasto que, aparentemente, ainda é pouco explorado. Esses trabalhos, que se comprometem a reconhecer a estrutura do trabalho escolar como um todo e os aspectos culturais produzidos e transmitidos pela própria escola, se envolvem com o conjunto de elementos constituintes do espaço escolar, como alunos, professores, gestão, currículo e as dinâmicas do trabalho escolar, entre outros, como constituintes de uma unidade, a qual possui uma cultura própria, criada e transmitida dentro de seus espaços.

Penso que esse modelo de análise da escola e, por conseguinte, da educação escolar, pode trazer a tona questões especificamente ligadas a essa instituição, possibilitando que sejam discutidos temas relevantes aos processos de

ensino-aprendizagem da forma como são concebidos dentro dos espaços educacionais, como são problematizadas pelos diversos agente as questões que influenciam diretamente em tais processos e quais mudanças e adequações são necessárias para um modelo de escola que possa contemplar as expectativas de todos os agentes e elementos nela incluídos. No que tange à Educação Sexual, essa visão da cultura é uma ferramenta indispensável aos estudos que se proponham reconhecer as questões ligadas à sexualidade que se evidenciam na escola, tanto de forma sistemática e intencional, como aquela que ocorre nas interações entre os diversos agentes, nas falas, nos trajas, nos comportamentos, tanto na sala de aula, quanto nos demais espaços que compõem a escola.

Por fim, foi observado um campo também pouco explorado entre os trabalhos que buscam analisar a constituição histórica da “cultura escolar”, em análises documentais e de relatos que caracterizem a formação da cultura que compõe as organizações educacionais. Nessa perspectiva, apenas um resumo indicou se tratar de pesquisa que teve como objetivo traçar um panorama histórico de instituições de ensino com recorte temporal delimitado em um tempo passado, o que evidencia inúmeras possibilidades para futuras pesquisas que se proponham relacionar aspectos constituintes da cultura escolar com as questões da Educação Sexual e da juventude. Entre aqueles que fazem essa relação em um momento histórico presente, dez resumos foram classificados como indicadores de pesquisas com esse foco, número também pouco expressivo se comparado ao total de 64 trabalhos analisados. Nesse grupo, se evidenciaram, principalmente, aqueles que relacionam o tema da sexualidade expresso nas políticas públicas, nos currículos e em diversos projetos, com a constituição de modelos de Educação Sexual e de escola que se observam na contemporaneidade.

Esses estudos, de uma forma mais ampla, quando tratam de políticas públicas, ou mais específica, quando abordados aspectos da constituição histórica de uma unidade de ensino, são fundamentais para que se pensem as influências de fatores externos, não apenas no que tange à Educação Sexual, mas no cotidiano da escola de modo mais abrangente, nas dinâmicas institucionais, no

trabalho educacional e nas interações entre os diversos agentes que compõem um determinado cenário escolar.

O que pude observar é que, apesar de manterem um determinado foco, as discussões não se limitaram, ou não deveriam se limitar, a um único aspecto da constituição cultural da escola, visto que as reais condições de ensino-aprendizagem se dão tanto através das relações culturais existentes entre alguns de seus agentes e da multiculturalidade que a compõem, quanto da cultura que se cria e se transmite dentro desses espaços, assim como também os fatores externos que caracterizam historicamente essas instituições de ensino são de importância inquestionável. Penso que, apesar da importância em se privilegiar um desses três aspectos, todos eles se engendram em uma única rede cultural, indissociavelmente, a qual deve ser compreendida antes mesmo que se tente compreender qualquer questão que tome a escola como cenário, como referência ou como elemento constituinte.

Dentre esses trabalhos, porém, tanto os que organizo no grupo que evidencia a “cultura na escola” ou a “cultura da escola”, quanto os que indicam análises da “cultura escolar”, não foi possível observar, através de seus resumos, o comprometimento com bases teóricas sólidas relacionadas diretamente com questões culturais, assim como a dimensão cultural da educação escolar e, especificamente, da Educação Sexual escolar, pouco foi teorizada e aprofundada em seus aspectos estruturais e conceituais.

Penso que, apesar de discutirem questões culturais, a ausência ou insuficiência de tais referenciais em algumas obras pode caracterizar a perda da qualidade dos resultados dessas pesquisas, enquanto há a necessidade de os pesquisadores adensarem suas bases quanto à dimensão cultural da educação escolar, isto é, aprofundarem os estudos, principalmente no que se refere à organização do trabalho escolar e suas conjunturas com as dinâmicas ali existentes, as relações que se estabelecem entre seus agentes e as diversas teias que se tecem no interior de uma escola, para que, a partir da relação entre teoria e prática, esses estudos possam garantir maior qualidade das análises e fidedignidade de seus resultados.

Assim como Faria Filho et al. (2004), pude observar, através das análises dos resumos, que, no meio acadêmico, se evidenciam pesquisas com análises cada vez mais verticalizadas, o que, se somado à diminuição dos prazos de formação de novos pesquisadores e às exigências quantitativas de publicações advindas de agências de fomento e órgãos avaliadores, sem ainda que se considerem as bases de sustentação teórica de tais trabalhos, pode conduzir o contexto das pesquisas no Brasil para um declínio qualitativo cada vez mais acentuado.

Defendo assim que a pesquisa seja composta por uma relação evidente e consistente entre teoria e prática, de modo que essa dinâmica relacional, sendo bem explorada, permita um olhar transversalizado sobre as discussões com as quais o autor se compromete, além da abertura de novas trilhas e de novas respostas. Desse modo, seria possível o desligamento de um modelo de inércia que leva a repetição, simplificação e incapacidade de se proporem novos questionamentos e de se levantarem novos problemas de pesquisa.

Outro ponto de importante discussão é a análise cultural em suas relações com outras instituições que participam dos processos que compõem a aprendizagem dos jovens, como a família, a igreja, o mercado de trabalho etc. Pensar a cultura organizacional escolar sem que se relacionem essas discussões com outras instâncias sociais pode trazer a falsa ilusão de que o meio educacional existe por si só, sem influências externas, sem inserir-se em um contexto amplo que abrange a própria vida em sociedade, ou sem que se considere a importância das diversas manifestações culturais que transitam entre os diversos espaços sociais. Assim, pensar em uma “cultura na escola” seria não apenas pensar em um determinado elemento ou grupo com características próprias e constituídas em um meio muitas vezes exterior à escola, mas pensá-los como fruto de interações existentes entre os diversos ambientes nos quais se inserem. Também a “cultura da escola” e a “cultura escolar” não se fazem isoladamente de um contexto amplo, que propicia a essa instituição uma cultura própria, constituída historicamente, ao mesmo tempo em que ela está carregada de influências de outras instituições, órgãos e classes.

No que tange às abordagens da Educação Sexual observadas, se comparados ao Estado da Arte de Figueiró (1995) que realizou tal análise no período 1980-1993, os resultados apresentados nesta dissertação indicam, a partir dos resumos que puderam ser classificados, um aumento considerável daqueles estudos que se comprometem com uma abordagem Médico-biologista. Apesar de se originarem, principalmente, de pesquisas realizadas por estudiosos da área da Educação, esses estudos evidenciam uma preocupação que nem mesmo os pesquisadores das ciências médicas, e áreas a ela relacionadas, demonstraram. No campo da saúde, por sua vez, predominam os estudos comprometidos com uma abordagem “Pedagógica”, ou seja, a que privilegia a vivência da sexualidade com liberdade e em plenitude.

Penso, entretanto, que a preocupação dos educadores e pesquisadores da área da educação com questões relacionadas à saúde não são desprovidas de fundamentos que as sustentem. O contato mais próximo que eles têm com os processos educacionais, se comparados aos estudiosos da área da Saúde, podem ser um indicativo de que tais inquietações estão fortemente arraigadas no contexto educacional, e/ou que há, eminentemente, uma questão de saúde a qual precisa ser discutida e, para a qual, são evidenciadas as necessidades de políticas públicas e ações realmente eficazes provenientes das diversas instâncias sociais.

Por outro lado, essas discussões não são as únicas que devem perpassar os espaços escolares, visto que as questões relacionadas à sexualidade não se resumem a suas especificidades biológicas, mas há uma série de outras preocupações que devem ser tomadas como importantes pelos pesquisadores das diversas áreas, principalmente a da Educação, como prazer, erotismo, liberdade, emancipação, relações de poder e dominação, abuso e violência sexual, discriminação e preconceito, dentre tantas outras. Assim, o campo de pesquisa que se apresenta na ES, apesar das importantes contribuições de uma abordagem Médico-biologista, pode ser mais bem distribuído entre algumas abordagens direcionadas às questões políticas, que possibilitem aos alunos mais do que reconhecerem as funções do sistema reprodutivo humano e os meios de



contágio das DST, mas que também lhes apresente uma sexualidade que está expressa nos corpos, nos comportamentos, nas falas e nas atitudes das pessoas, as quais estão diretamente ligadas às questões de gênero e diversidade, entre tantas outras.

Nessa perspectiva, tanto o campo da pesquisa em Educação quanto a área da Saúde, as duas que apresentam maior número de produções com as temáticas que propus analisar, privilegiaram questões biológicas ou de vivência plena da sexualidade, sem que se comprometessem, entretanto, com questões que caracterizassem, além das importantes contribuições na formação pessoal, social, moral e ética dos alunos, um campo vasto para pesquisas que se comprometam com uma visão “Crítica” ou “Pós-crítica” da Educação Sexual. Dentre esses dois modelos, entretanto, compreendo o primeiro como mais adequado aos contextos educacionais por conduzirem os processos de ensino-aprendizagem a discussões em que se privilegia a agência humana como transformadora das questões que afetam a vivência da sexualidade, o que não apenas apresenta as amarras às quais estamos culturalmente atados, mas também propõe e possibilita as lutas através das quais podemos delas nos emancipar.

Há ainda que se observar que há uma significativa diferença, apesar das teias que se tecem em seus interiores, entre abordagens e temas. Assim, também as abordagens que privilegiam questões políticas, em seu sentido de lutas sociais, emancipação e relações de poder, podem se comprometer com temas como as DSTs e a gravidez, a partir de um olhar que privilegie as diferenças, os valores, os discursos, as concepções, os preconceitos, a discriminação, as lutas e a repressão, que se manifestam nas relações sociais e recaem sobre uma determinada parcela da população.

O que pude observar entre os resumos analisados, entretanto, é uma tendência em se discutir as temáticas relacionadas à saúde sexual e reprodutiva e à gravidez a partir, principalmente, da abordagem Médico-biologista e Pedagógica, enquanto pouco observei de evidências que indicassem essas temáticas pensadas por uma óptica das abordagens Políticas, ou seja, a Emancipatória e a Pós-estruturalista e *Queer*.

Por fim, um dos fatos que mais chamaram a atenção diante das análises efetuadas neste estudo, refere-se à falta de uniformidade nos conceitos utilizados. Esse quadro, já denunciado por Figueiró (1995), mesmo após decorridos quinze anos, ainda representa um entrave no meio acadêmico na busca pela clareza e pelo rigor científicos que exigem, entre outros fatores, um consenso na definição de termos, expressões e conceitos-chaves para que se mantenha a ordem e a coerência das discussões apresentadas. A partir da comparação entre as constatações feitas por Figueiró (ibid.) e as que faço neste estudo, é possível observar que não houve um amadurecimento significativo nessas discussões no período em que me dispus analisar (2000-2004). O uso indiscriminado de termos distintos, ora como sinônimos, ora com uma gama incontável de denotações, sem que se estabeleçam parâmetros norteadores para as pesquisas que se propõem investigar questões relacionadas à sexualidade, à educação e/ou à juventude, podem tornar esses campos ainda mais conflitantes e movediços do que já têm se apresentado.

Tanto no que se refere aos conceitos de juventude e adolescência<sup>62</sup>, que não mantiveram uma regularidade em suas denotações, quanto no que tange à Educação Sexual e à Orientação Sexual<sup>63</sup>, que são entendidas das mais diversas formas pelos pesquisadores que se propõem analisá-las, passando por outras denominações como infância, pré-adolescência e diversidade sexual, os prejuízos de tais disputas podem se refletir em análises ambíguas, compreensões distorcidas e conclusões equivocadas, tanto por parte dos pesquisadores que adentram nesses campos, como por parte de seus leitores que, ao se depararem com uma imensa gama de teorias, conceitos, temas e abordagens, cada qual com inúmeras possibilidades denotativas, estão ainda mais propícios às armadilhas concebidas pela linguagem, e às ciladas que espreitam nas curvas da elocução.

---

<sup>62</sup> Cf. Calazans (2000), Torres (2007) e Camargo (2009).

<sup>63</sup> Cf. Figueiró (1995; 2002) e Silva (2004).

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. M. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. M.; BRANCO, P. P. M. (org.) **Retratos da juventude brasileira** – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGUIAR JR. O. O papel do construtivismo na pesquisa em ensino de ciências. In: **Investigações em ensino de ciências**. Porto Alegre, vol. 3, n. 2, ago. 2001. Disponível em <[http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol3/n2/v3\\_n2\\_a2.htm#linguagem científica](http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol3/n2/v3_n2_a2.htm#linguagem%20cientifica)>. Acesso em 08 mai. 2010

AIRÈS, P. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: **Estudos feministas**. Florianópolis, vol. 9, n. 2, fev. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 21, p 281-315, 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.136, p.175-200, jan./abr. 2009.

AQUINO, E. M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: A heterogeneidade dos perfis sociais. In: **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, vol. 19, supl. 2, 2003, p. 377-388. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v19s2/a19v19s2.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. Aspectos metodológicos, operacionais e éticos da pesquisa Gravada. In: In: HEILBORN, M. L. et al. (Orgs) **O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

AYRES, J. R. C. M. Razão, ciência e pedagogia da emancipação. In: **Interface** – comunicação, saúde, educação. Botucatu, vol.1, n. 1, ago. 1997. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/07.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010

AZEVEDO, J. M. L. de. **A educação como política pública**. 3 ed. Campinas: Autores associados, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3 ed. Trad. Michel Lahoud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. (trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, P. M. B. et al. **Reflexões na escola sobre as causas da gravidez na adolescência**. 2001. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências). Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, M. C. **Educação sexual: Debate aberto**. São Paulo: Vozes, 1982.

BARROSO, J. O estado, a educação e a regulação das políticas públicas. In: **Educação & sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 725-751, out. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 01 ago. 2010.

BELENTANI, K. C. **Grávidas e desinformadas?** Estudo sobre as falhas da educação na prevenção da gravidez entre adolescentes de Taquaritinga – SP. 2002. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Pública). Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade Estadual Paulista, 2002.

BOLLE, W. A idéia de formação na modernidade. In: GHIRALDELLI JR, P. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

BONATO, N. M. C. Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRAGA, E. R. M.; RIBEIRO, P. R. M. PALAVRAS, "PALAVRÕES": A sexualidade escondida. In: X Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2009, Águas de Lindóia. **X Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores** - Formação de Professores e a Prática Docente: os Dilemas

Contemporâneos. São Paulo SP : Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, 2009. p. 8683-8695.

\_\_\_\_\_.; YASLLE, E. G. O desenvolvimento da sexualidade. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M N D. (orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual**: propostas para reflexão. São Paulo: Cultura acadêmica, 2006.

BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência: Um balanço bibliográfico. In: HEILBORN, M. L. et al. (Orgs) **O aprendizado da sexualidade**: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, J. Criticamente subversiva. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, R. (ed.). **Sexualidades Transgresoras**: una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002.

CALAZANS, G. **O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência**: uma produção ideológica?. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

CAMARGO, L. S. **Concepções de adolescentes sobre a escola**: do risco à proteção. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

CANAVARRO, A. P. O computador nas concepções e práticas de professores de Matemática. **Quadrante**, Lisboa, vol.3, n. 2, p. 25-49, 1994.

CARRADORE, V. M. **Adolescência, AIDS e educação escolar**: elementos para reflexão. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

CARVALHO, A. M.. Educação à distância: esboço de uma análise ético-política. In: **Pucviva**, São Paulo, n. 24, não paginado, jul./set. 2005. Disponível em: < [http://www.apropucsp.org.br/revista/r24\\_r04.htm](http://www.apropucsp.org.br/revista/r24_r04.htm)>. Acesso em 12 abr. 2010

CARVALHO, R. G. G. Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria. In: **Revista iberoamericana de educación**, [S. l.] vol. 39, n. 2, não paginado. 2006. Disponível em <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

CASTAÑÓN, G. A. Construtivismo e ciências humanas. In: *Ciências & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 36-49, 2005. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v05/m22542.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *Construtivismo social: a ciência sem sujeito e sem mundo*. Dissertação (Mestrado em Lógica e Metafísica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M. A; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ et al. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? In: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, F.C.C., fev. 1981, n. 36, p. 99-110. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/493.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2010.

COLL, C. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CURSINO, H. M. et al. Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 12, n. 1, p. 29-48, jan./abr. 2006.

DITTMERS, D. **Parentalidade**. [S.l.: s.n.] 2007. Disponível em <<http://www.palavraescuta.com.br/textos/parentalidade>>. Acesso em 12 abr. 2010.

FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FERREIRA, N. S. A. **Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. As pesquisas denominadas “estado da arte”. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lang=pt)>. Acesso em 12 set. 2010

FERREIRA, S. D. **O construtivismo kantiano na teoria da justiça como equidade de John Rawls**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980 – 1993**. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. In: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996

\_\_\_\_\_. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. Ed.UEL: Londrina, 2001b.

\_\_\_\_\_. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & ciência, 2004.

\_\_\_\_\_. **Formação de Educadores Sexuais: Adiar Não é Mais Possível**. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006a.

\_\_\_\_\_. Formação de educadores sexuais: a caminhada histórica deste trabalho no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M N D. (orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2006b.

\_\_\_\_\_. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução de Guaicira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**: A vontade de saber. Vol. 1. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O que é a crítica? Crítica e Aufklärung. Trad. Antônio C. Galdino. **Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciência de Marília** "Michel Foucault: histórias e destinos de um pensamento". Flávia Biroli e Marcos Cesar Alvarez (orgs.). Marília: UNESP, v. 9, n. 1, 2000, p. 169-189.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução: C. Magalhães de Freitas. Rio de Janeiro: Delta, 1959.

FURLANI, J. **O bicho vai pegar!** Um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Abordagens contemporâneas para educação sexual. In: FURLANI, J. (org.). **Educação sexual na escola**: Equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade ético-racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis: UDESC, 2008a.

\_\_\_\_\_. Pressupostos teóricos e políticos de uma educação sexual de respeito às diferenças: argumentando a favor de um currículo Pós-crítico. In: FURLANI, J. (org.). **Educação sexual na escola**: Equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade ético-racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis: UDESC, 2008b.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Tradução de Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_; SIMON, M. **Sexual conduct**: the sexual sources of human sexuality. 2. ed. Chicago: Aldine, 2004.

GAMBOA, S. A. S. **Epistemologia da pesquisa em educação**: estruturas lógicas e tendências metodológicas. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1987.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual**: uma proposta, um desafio. São Paulo: Aruanda, 1982.

GTPOS. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_, ABIA, ECOS. **Guia de orientação sexual**: diretrizes e metodologia (da pré-escola ao 2º grau). São Paulo: Casa do Psicólogo; Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, 1994, 112 pág.



GUIMARÃES, I. R. F. **Ilusão e realidade do sexo na escola**: um estudo das possibilidades da educação sexual. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado de letras, 1995.

GULO, F. H. **Sexualidade, gravidez entre jovens e educação escolar**: uma introdução à análise de estudos acadêmicos. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e Juventude: Reflexões sobre a escola. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder**, 2008, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder, 2008.

HADDAD, S. (coord.). **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série estado do conhecimento, n. 8, 140p.)

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. et al. (org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In: **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, jan./abr. 2006a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, M. L. et al. (Orgs) **O aprendizado da sexualidade**: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006b.

\_\_\_\_\_; BRANDÃO, E. R. Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade. In: HEILBORN, M. L. et al. (org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. et al. Juventude, sexualidade e reprodução. In: **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1362-1363, jul. 2006.

\_\_\_\_\_. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-

45, jun. 2002. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19074.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

JEOLÁS, L. S; PAULILO, M. A. S. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas. In: **Revista textos & contextos**. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 266-285, jul./dez. 2008. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/4826/3637>>. Acesso em: 04 abr. 2010.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. **Textos seletos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, 2005.

LOPES, A. C. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? In: **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 109-118, mai./ago. 2004. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a08.pdf>>. Acesso em 1 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Discursos nas políticas de currículo. In: **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2006.

LORENCINI JÚNIOR, A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos educação básica; 4)

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & ciência, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006a.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e deficiência física: reflexões sobre a repressão sexual. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual**: propostas para reflexão. São Paulo: Cultura acadêmica, 2006b.

MAFRA, L. A. A Sociologia dos estabelecimentos escolares. In: ZAGO, Nadir et al. **Itinerários de Pesquisa**. Perspectivas Qualitativas de Pesquisa em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 109-136.

MELO, S. M. M. de. Corporeidade e diversidade: conversando sobre a delicada trama entre o eu e o outro. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: UEL, 2009.

\_\_\_\_\_ et al. Educação sexual em debate: conversando com educadores pelas ondas da rádio UDESC. In: **linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 112-123, jan. / jul. 2010.

MEYER, D. E. E. Educação em saúde na escola: transversalidade ou silenciamento. In: MEYER, D. E. E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos educação básica; 4)

MOREIRA, M. F. S. **Fronteiras do desejo**: amor e laço conjugal nas décadas iniciais do século XX. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Preconceito, Sexualidade e Práticas Educativas. In: SILVA, D. J. da; LIBÓRIO, R. M. C. (orgs.). **Valores, Preconceitos e Práticas Educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e casamento: leituras católicas e educação do amor. In: RIBEIRO, P. R., FIGUEIRÓ, M. N. D. (Orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual**: propostas para reflexão. Araraquara: Fclar – UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação escolar e cultura**: balanço de perspectivas teóricas para os estudos em educação. Mimeo; [s.l.], 2010.

\_\_\_\_\_ ; GULO, F. H. Escola, sexualidade e exclusão: as diferenças em debate nos saberes em educação. In: **Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil** (COLE), Campinas: ALB, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2005.

NÓVOA, A. (org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

\_\_\_\_\_. **Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar**. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educar para a emancipação**. Florianópolis: Sóphos, 2003.

OLTRAMARI, L. C. A construção social do desejo para as ciências sociais. In: **Estudos feministas**. Florianópolis, v 15, n 2, p. 501-504, mai./ago. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a21v15n2.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

OZELLA, S. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. **Adolescências construídas**. São Paulo: Cortez, 2003.

PACHECO, J.A. Competências curriculares: as práticas ocultas nos discursos da reforma. In: **Anais da 24ª reunião anual da Anped**. Caxambu, 7-8 out. 2001, 19p., Anais, 2001.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

\_\_\_\_\_. Diversidade sexual, análise sexual e a educação sexual sobre a AIDS no Brasil. In: LOYOLA, M. A. (Org.) **AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

PERRY, P. **Fundamentos da enfermagem**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

PIAGET, J. Les Problèmes Principaux de L'Épistémologie des Mathématiques. In: Piaget, J. (Org.). **Logique et Connaissance Scientifique**. Dijon: Gallimard, 1967.

\_\_\_\_\_. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PINTO, M. C. D. Orientação sexual e educação sexual. In: **Boletim GTPOS**, São Paulo, n. 4, p. 1-2, jul./set. 1995.

POCOVI, R. M. S. Contribuição de Rousseau aos pais e educadores de hoje na questão da educação sexual. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 143-151, 1998.

POL, M. et al. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões actuais. Tradução: Gabriela Lopes. In: **Revista lusófona de educação**. [S. l.] vol. 10, n. 10, p. 63-79, 2007. Disponível em <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/viewFile/634/529>>. Acesso em 11 abr. 2010.

PONTE, J. P. da. Concepções dos professores de Matemática e Processos de Formação. In: **Educação e matemática: temas de investigação**. Lisboa, n. 22, p. 185-239, 1992. Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/DOCS-PT/92-ponte\(Ericeira\).doc](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/DOCS-PT/92-ponte(Ericeira).doc)>. Acesso em 12 ago. 2010.

QUINTANA, E. A escola como espaço privilegiado de enfrentamento da gravidez na adolescência: verso e reverso de uma mesma moeda. In: **Anais do V Encontro de pesquisa em educação da região sudeste**. Águas de Lindóia, 2002.

\_\_\_\_\_. **A gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, L. F. O conceito de linguagem em Bakhtin. In: **Revista Brasil**. Rio de Janeiro, nov. 2006, sem paginação.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

\_\_\_\_\_ ; FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). **Sexualidade, cultura e educação**: proposta para reflexão. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório editorial; São Paulo: Cultura acadêmica, 2006.

ROSEMBERG, F. et al. **Mulher e educação formal no Brasil**: estado da arte e bibliografia. Brasília: INEP, 1990.

SANTOS, S. E. **A criança e sua infância**: combates nos saberes em educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

SANTOS JUNIOR, J. **Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência**: vulnerabilidade à maternidade. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de saúde do adolescente e do jovem. Vol. I, p. 223-9, 1999.

SAYÃO, R. **Sexo**: Prazer em conhecê-lo. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. (org.) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SCHILLING, F. I. et al. Relatório de Atividades de Pesquisa: **Democratizando o conhecimento**: construindo uma base de dados sobre gênero, sexualidade e educação formal como subsídio para a formulação de agendas e ações de políticas governamentais e não governamentais – EAGEF. Relatório apresentado ao CNPQ. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Relatório de Pesquisa: **Ariadne**: o estado da arte sobre gênero, sexualidade e educação formal (1995, 2005). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: **Anos 90**. Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, jul. 2000. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/viewFile/6719/4026>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

SEFFNER, F. AIDS & escola. In: MEYER, D. E. E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos educação básica; 4)

SILVA, T. T. O Adeus às metanarrativas educacionais. IN: SILVA, T. T. **O sujeito da Educação**: Estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. Currículo e Identidade Social: territórios contestados. In: SILVA, T. T. **Alienígenas em Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, R. C. P. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. In: **Educar em revista**. Curitiba, n. 28, p. 201-216, dez. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602006000200013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200013&lang=pt)> acesso em: 11 abr. 2010.

SILVA, D. J. da. **Ética, educação e desafios contemporâneos**. Mimeo. [S.l], 2010.

SOLIS-PONTON, L. A construção da parentalidade. In: SOLIS-PONTON, L. (Org.), **Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, M. C. C. C. de. Sexo é uma coisa natural: A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SOUZA, R. F. de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinicius da. **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores associados, 2000.

SOUZA, R. R. **Uma proposta de metodologia para escolha automática de descritores utilizando sintagmas nominais**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação: notas preliminares. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. (org.) – **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED, n. 5/6, p. 37-52,

STOER, S.; MAGALHÃES, A. **A diferença somos nós**. A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

TORRES, L. L. Cultura Organizacional no Contexto Escolar: o regresso à escola como desafio na reconstrução do modelo teórico. In: **Ensaio: Aval. Pol. Públi. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 49, p. 435-451, out. / dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n49/29240.pdf>>. Acesso em: 10 mai 2010.

TORRES, T. L. M. **Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio: implicações dos sentidos de amor e maternidade.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

USSEL, J. Van. **Repressão sexual.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: **Physis – Revista de saúde coletiva.** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, 1995, p. 07-31.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação.** [s. l.] n. 2, mai, jun. jul. ago. 2003, p.5-15.

VIANNA, C. et al. **Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006: mimeo.** [s.l.] 2010

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. In: **Revista brasileira de educação.** [s. l.], n. 0, set./dez. 1995.

VITALLE, M. S. S.; AMÂNCIO, O. M. S. **Gravidez na adolescência.** [s.l.], 2001. Disponível em <[www.brazilpednews.org.br/set2001/bnpar101.htm](http://www.brazilpednews.org.br/set2001/bnpar101.htm)> Acesso em 30 mai 2007.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo, v. 6, n. 1, p.15-28, jan.-jun. 1995.

\_\_\_\_\_ ; CONCEIÇÃO, I. S. C. O exercício da sexualidade na adolescência. II. Educação sexual. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo, v. 2, n. 1, p.15-24, jan.-jun. 1991.

VYGOTSKY, L. S. “**A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**”, 5 edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_.;LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 9º edição. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

WARKEN, R. L. Direitos sexuais são direitos humanos? As possibilidades de mediação emancipatória de um site sobre educação sexual. <http://www.glssite.net>. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.



WEEKS, J. **Cada vez es más difícil definir lo que es perverso**: depoiment. [22 fev. 2009]. Madrid: El país. Entrevista concedida a Malén Aznárez.

\_\_\_\_\_. O corpo educado. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores associados, 1998.

\_\_\_\_\_. Implantação da educação sexual no Brasil. In: **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, F.C.C., set. 1978, n. 26, p. 21-27. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/392.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - Relação de obras sobre sexualidade e educação.

Data não consta na base

---

BESSA, Andréia Galvarros Pizarro. **Gravidez na adolescência**: oficinas pedagógicas com alunos/as do ensino médio sobre sexualidade e as repercussões em suas vidas. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática). PUC, Porto Alegre, [entre 1990 e 2007]. Orientador: não consta na base

1990

---

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni. **Características pessoais e profissionais do educador para a saúde que atua na área de educação sexual**: problemática de sua formação. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC/Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990. Orientador: Juan José Mouriño Mosquera.

FELIZARI, Gessi Maria Cardoso. **Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990. Orientador: MAURO, Maria Yvone Chaves.

MATANO, Maria Silvia Cavasin. **Orientação sexual**: projeto de ação pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo (1978-1982). Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, São Paulo, 1990. Orientador: BRUSCHINI, Cristina.

RIBEIRO, Moneda Oliveira. **A Ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade humana** - uma análise do discurso de estudantes de enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 1990. Orientador: não consta na base

1991

---

ALBUQUERQUE, Maria C. dos Santos. **O Papel da escola na educação sexual do adolescente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Metod. de Piracicaba, Piracicaba, 1991. Orientador: SILVA, Rinalva Cassiano

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martis de. **Perfil de adolescentes de uma escola pública e suas opiniões em relação à orientação sexual na escola**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Orientador: RODRIGUES, Maria de Lourdes

MANFRIM, Maria Lucia. **Educação sexual em algumas escolas de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1991. Orientador: MOSER, Alvino

MILITÃO, Arthur Correa. **A Visão de pais e professores sobre a sexualidade de pessoas portadoras de deficiência mental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991. Orientador: GLAT, Rosana

MOTA, Maria Veranilda Soares. **A sexualidade silenciada na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 1991. Orientador: JIMENEZ, Susana Vasconcelos

1992

---

ANGELI, Heloisa Aparecida Tivelli. **Comportamento e informação sexual: uma análise junto a estudantes universitários**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). USP, São Paulo, 1992. Orientador: SAMUEL, Pfromm Netto

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. **A Pedagogia de Eros: territórios, vida cotidiana e saber nos projetos de educação sexual nas escolas de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992. Orientador: não consta na base

DALL'ALBA, Lucena. **Sexualidade e deficiência mental: concepção do professor**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Univ. Fed. de São Carlos, São Carlos, 1992. Orientador: DIAS, Tarcia Regina da Silveira

GUIMARAES, Carmem Regina Parisotto. **O Descaso em relação à educação sexual na escola**: estudo de manifestações de futuras professoras de primeira a quarta série do primeiro grau. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de São Carlos, São Carlos, 1992. Orientador: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicole

IZQUIERDO, Inês de la Ossa. **Articulação, sexualidade e saber no âmbito pedagógico**: uma abordagem psicanalítica. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992. Orientador: FOLBERG, Maria Nestrovsky

NOVENA, Nadia Patrizia. **Educação Física e Sexualidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, São Paulo, 1992. Orientador: CASALI, Alipio Marcio Dias

SOUZA, Vera Lucia Puga de. **Entre o bem e o mal** (educação e sexualidade nos anos 60 - Triângulo Mineiro). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Orientador: não consta na base

1993

---

BOLIVAR, Tatiana Lebedeff. **A Percepção de jovens surdos sobre a sexualidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993. Orientador: GLAT, Rosana

DIAS, Antonio Fernandes. **Educação sexual na escola de 1 grau**: em busca de uma abordagem interdisciplinar. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993. Orientador: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa

KIELING, Suzana Schuch Santos. **Atitudes de pais e professores sobre educação sexual de crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1993. Orientador: COMIOTTO, Mirian Sirley

1994

---

ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. **Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1994. Orientador: não consta na base

NOAL, Mirian Lange. **Educação sexual, família, escola pública**: um estudo sobre a sexualidade de meninas pobres em Campo Grande – MS. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. Fed. de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1994. Orientador: GOMES, Ana Maria

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Entre o dito e o vivido**: a sexualidade no cotidiano de dois grupos de escolares adolescentes. Dissertação (mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Campo Grande, 1994. Orientador: GOMES, Icleia Rodrigues de Lima

OLIVEIRA, Dora Lucia L. C. de. **Sexualidade na escola pública**: limites e possibilidades da educação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. Orientador: FELDENS, Maria das Graças F.

STOLL, Raul Roberto. **Professoras de escola infantil**: Práticas e significados a respeito da sexualidade de meninas e meninos e educação sexual. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1994. Orientador: BERNARDES, Nara Maria Guazzelli

1995

---

ANDRADE, Claudia M Ribeiro. **O Dito, o explícito e o oculto na fala da criança sobre sexualidade humana**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP, Campinas, 1995. Orientador: GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo

BRUGALLI, Marlene. **Sexualidade e o ato de aprender, suas relações e implicações**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1995. Orientador: COMIOTTO, Mirian Sirley

CARVALHO, Clarice Prade. **Vivências e transmissão dos conhecimentos femininos sobre educação sexual**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1995. Orientador: não consta na base

CAVAGLIERI, Jussara Maria Ribas. **Sugestões de elementos para a elaboração de um programa de educação sexual para adolescentes matriculados em escolas do ensino de 1º. Grau**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Curitiba, 1995. Orientador: IGNEZ, Marins Maria

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni. **Concepções e contribuições dos/as professores/as das universidades da grande Porto Alegre sobre educação para a saúde e educação sexual para a formação de especialistas em Educação**. Tese (Doutorado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1995. Orientador: STOBAUS, Claus Dieter

FIGUEIRO, Mary Neide Damico. **Educação sexual no Brasil** : estado da arte de 1980 a 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar). USP, São Paulo, 1995. Orientador: AZEVEDO, Maria Amélia

FRUET, Maria Silvia Bruni. **Adolescência, sexualidade e Aids**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP, Campinas, 1995. Orientador: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de

SILVA, Ricardo de Castro e. **A Orientação sexual vivida por educadores e alunos**: possibilidade de mudanças. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP, Campinas, 1995. Orientador: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de

SOUZA, Elizeu Clementino. **Sexualidade e Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 1995. Orientador: LUCKESI, Cipriano Carlos

1996

---

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon. **Conhecimento genital e constância sexual em crianças pré-escolares**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Orientador: HUTZ, Claudio Simon

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação (sexual) e sexualidade**: o velado e o aparente. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Orientador: LEITE, Siomara Borba

CRUZ, Elizabete Franco. **Educação sexual e formação do educador de creche e pré-escola**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PUC, São Paulo, 1996. Orientador: ROSEMBERG, Fúlvia

MELLO, Regina Célia Marques de. **Educação sexual**: a percepção dos adolescentes de algumas escolas do município do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996. Orientador: SILVA, Maria do Carmo de Andrade

NUNES, Cesar Aparecido. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens de E.S. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 1996. Orientador: GOERGEN, Pedro Laudinor

SANTOS, Edna Maria dos. **Sexualidade e saber**: monstros mistérios e encantamentos na educação brasileira. Tese (Doutorado em Educação). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Orientador: SOUZA FILHO, Edson Alves de

VEIGA, Semiramis Fabiola A. G. da. **Buscando paradigmas indicadores da interdisciplinaridade no processo de construção do sujeito sexuado na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Orientador: RECHE, Cleonice Carolina

1997

---

ANDRADE, Elizabeth Auad. **Adolescentes apaixonados e apaixonantes**: sugestões para uma melhor qualidade de vida sexual através da educação. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997. Orientador: JURBERG, Marise Bezerra

CARVALHO, Sumaya Persona de . **Sexualidade, educação e cultura**: instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Campo Grande, 1997. Orientador: FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira de Lamônica

FELTRIN, Marisa Soares Gonçalves. Educação sexual: uma propaganda de ensino. (programa de pós-graduação não especificado na base) Univ. Reg. de Blumenau, Blumenau, 1997. Orientador: Gomes, Helena Maria Silva de Miranda.

WAIDEMAN, Marlene Castro. **Sexualidade, Aids e Adolescência no Espaço Escolar Contemporâneo**: A família não fala, o adolescente pede, e a escola... Tese (Doutorado em Educação). UNESP, Marília, 1997. Orientador: CARIOLA, Teresa Correa.



1998

---

ANDRIOLA, Virginia Mello Perin. **Gravidez não planejada em jovens universitárias**: contribuições para a educação sexual no terceiro grau. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1998. Orientador: BERNARDES, Nara Maria Guazzelli.

BANZATO, Denise Salete Gomes. **Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escola nas práticas educativas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). USP, São Paulo, 1998. Orientador: GRANT, Walkíria Helena

BISON, Rosa Aparecida Pavan. **Representações sociais dos estudantes de Enfermagem sobre sexualidade, numa experiência de ensino**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 1998. Orientador: FUREGATO, Antonia Regina Ferreira

CAPELO, Milena Cirino. **Educação para sexualidade em busca da cidadania**: relato de uma experiência. Dissertação (programa de pós-graduação não especificado na base). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 1998. Orientador: MACIEL, Terezinha de Jesus Pinheiro

CHAVES, Gilberto. **A Importância do biólogo na educação sexual**: reflexões baseadas nas estruturas curriculares de 50 instituições de ensino superior. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho Sexologia, Rio de Janeiro, 1998. Orientador: JURBERG, Pedro

GONÇALVES, Eliane. **Educação sexual em Goiânia**: da formação de professores à sala de aula. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Goiás, Goiânia, 1998. Orientador: DOMINGUES, Maria Hermínia Marques da Silva

LAVIOLA, Elaine Cardia. **Sexualidade infantil**: o relato de educadoras de creche frente às manifestações das crianças. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). PUC, São Paulo, 1998. Orientador: ROSEMBERG, Fulvia

MAGALHÃES NETO, José Vaz. **Sexo no canteiro**: um estudo sobre a sexualidade dos alunos do Projeto Zé Peão. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. da Paraíba, cidade, 1998. Orientador: MIELLE, Neide

PATTI, Elci Antonia de Macedo Ribeiro. **Mulher**: Educação, sexualidade e trabalho. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). UNESP, Franca, 1998. Orientador: GERA, Maria Zita Figueiredo

PINHEIRO, Vandira Maria dos Santos. **Educação e saúde**: a questão de risco e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência. Dissertação (programa de pós-graduação não especificado na base). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. Orientador: MATA, Speranza França da

PINTO, Tânia Terezinha Ceni. **Vivências e significações de sexualidades femininas e suas relações com experiências educativas**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 1998. Orientador: BERNARDES, Nara Maria Guazzelli

RISCADO, Jorge Luis de Souza. **Aids, prevenção e prontidão profissional**: um estudo sobre comportamento sexual, conhecimento, representações e prontidão profissional com estudantes da área de saúde da Universidade Federal de Alagoas. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PUC, São Paulo, 1998. Orientador: OZELLA, Sérgio

SILVA, Josenilda Maria Maués da. **Escolarização e produção de subjetividades**: capturas e sedições. Tese (Doutorado em Educação). PUC, São Paulo, 1998. Orientador: ABRAMOWICZ, Mere

WUO, Moacir. **Prevenção da AIDS na escola**: representações sociais de professores. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar). PUC, Campinas, 1998. Orientador: ROSADO, Eliana Martins da Silva

XAVIER FILHA, Constantina. **Educação sexual na escola**: o dito e o não-dito na relação cotidiana. Dissertação (programa de pós-graduação não consta na base). Univ. Fed. de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1998. Orientador: GOMES, Ana Maria

1999

---

BARROSO, Celia Regis. **Professor como educador sexual de adolescentes**: um estudo comparativo sobre o pensamento do professor de escolas da rede municipal e do professor de instituições particulares. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999. Orientador: JURBERG, Marise Bezerra

BASSALO, Lucelia de Moraes Braga. **Os Saberes em torno da educação sexual na primeira metade do Século XX no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 1999. Orientador: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia

CORDEIRO, Roberto Claudio da Fonseca e Silva Costa. **Disciplina de sexualidade humana para o currículo do curso de graduação em Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999. Orientador: SERAPIÃO, Jorge José

CRESTON, Alvaro Luiz de Araujo. **Como a sexualidade de uma adolescente interfere na construção do seu conhecimento**. Tese (não consta na base de dados). Univ. Fed. de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1999. Orientador: não consta na base de dados

FILGUEIRAS, Vera Maria de Sá Antunes. **Educação, um compromisso feminino?** Projeto EDUCARTE e a questão de gênero na formação de educadores sexuais. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999. Orientador: JURBERG, Marise Bezerra

GUIMARÃES, Alzira Maria D'Avila Nery. **Métodos anticoncepcionais e adolescência: uma realidade em escolas públicas de Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança). Núcleo de pós-graduação em Medicina – Univ. Fed. de Sergipe, Aracaju, 1999. Orientador: PALMEIRA, Jose Arnaldo Vasconcelos

MORELLO, Rita de Cássia Gragel. **A realidade da orientação sexual na escola pública: estudo de caso nas escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de São Carlos, São Carlos, 1999. Orientador: PEREIRA, Potiguara Acácio

PEREIRA, Adriana Lemos. **Enfermeira/o não tem sexo(?)** Representação social de graduandas/os de enfermagem sobre sexualidade. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Orientador: BRITO, Dyla Tavares de As

RAPOSO, Ana Elvira Silva. **Um estudo sobre a sexualidade infantil no contexto de creche**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Rio de Janeiro, 1999. Orientador: KRAMER, Sonia

SENATORE, Regina Célia Mendes. **Os Anjos, afinal, têm ou não sexo?** Uma reflexão à luz da psicanálise sobre as concepções de sexualidade infantil dos professores. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 1999. Orientador: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal

SILVA, Rosimeri Aquino da. **Sexualidades na escola em tempos de AIDS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. Orientador: LOURO, Guacira Lopes

SOARES, Guiomar Freitas. **Sexualidade e gravidez na adolescência**: um estudo sobre a educação sexual na escola e sua articulação com a educação ambiental. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. Fed. do Rio Grande, cidade, 1999. Orientador: LUNARDI, Valéria Lerch

2000

---

CARVALHO, Humberto Robson de. **A Educação sexual na escola católica de ensino médio**. Tese (programa de pós graduação não especificado). Centro Univer. Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2000. Orientador: não consta na base

CARVALHO, Mauro Giffoni de. **Educação, comunicação e sexualidade**: a realidade engendrada na escola. Tese (Doutorado em Comunicação). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder

DIAS, Arléia. **Pesquisa ação com alunos do curso técnico profissionalizante de enfermagem sobre sexualidade e DST/AIDs**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 2000. Orientador: BUENO, Sonia Maria Villela

FERRACIOLI, Jair Abdon. **Sexualidade e uso de preservativos em mulheres universitárias**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PUC, Porto Alegre, 2000. Orientador: NUNES, Maria Lucia Tiellet

FERREIRA, Mariza Spanghero. **Gravidez na adolescência**: uma construção social. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Orientador: ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente**: significados do mundo vivido. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2000. Orientador: FERREIRA, Berta Weil

GALLACHO, Jane Cruz. **A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde**: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2000. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

GAMA, Aurelice Pires. **Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.** Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: CAMARGO JR, Kenneth Rochel de; SOBRINHO, Moisés Domingos

GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. **A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Cat. de Brasília, Brasília, 2000. Orientador: TROIS, Stella dos Cherubins Guimarães

IOSSI, Marta Angélica. **Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 2000. Orientador: CANO, Maria Aparecida Tedeschi

KASSUGA, Ione Hasegawa. **Sexualidade, gênero e o livro didático: contribuições para a prática docente.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de

MARCHI, Maria Cristina França. **A Orientação sexual como tema transversal: um estudo exploratório sobre representações de professoras.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). USP, São Paulo, 2000. Orientador: DE LA TAILLE, Yves Joel Jean Marie Rodolphe

MARTINS, João Carlos. **A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.** Tese (Doutorado em Educação). PUC, São Paulo, 2000. Orientador: DAVIS, Claudia Leme Ferreira

MEDEIROS, Selma Zelandra. **Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção / Ergonomia). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Orientador: PATRICIO, Zuleika Maria

NUNES, Maria José. **A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Univ. Fed. de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Orientador: CADETE, Matilde Meire Miranda

PERIM, Paulo Castelar. **Os (Des)caminhos da educação sexual: um estudo a luz da teoria das representações sociais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. do Espírito Santo, Vitória, 2000. Orientador: TRINDADE, Zeidi Araujo

REAL, Marlise Flório. **Sexo e amor inquietam a escola**: como os professores percebem as manifestações da sexualidade dos alunos?. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pelotas, Pelotas, 2000. Orientador: SILVA, Carmen Anselmi Duarte da

SILVA, Júlio Guilherme. **Corpo e sexualidade**: opiniões e percepções dos profissionais de educação física. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: SCHIAVO, Márcio Ruiz

SILVA, Sueli da. **Sexualidade humana**: uma proposta de inserção curricular no curso de Economia Doméstica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

SILVA, Tânia Maria da. **Orientação sexual nas escolas** - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual? Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2000. Orientador: CAVALCANTI, Patricia Smith

VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. **Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar**: uma aplicação da Teoria da Ação Racional. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. Fed. do Piauí, Teresina, 2000. Orientador: ROAZZI, Antonio

2001

---

COSTA, Ramiro Marinho. **Sexualidade como tema transversal**: a estruturação da educação sexual nos PCN. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Orientador: EVANGELISTA, Olinda

DORNELLES, Susana de Almeida. **Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2001. Orientador: BERNARDES, Nara Maria Guazzelli

DUARTE, Josmar Barreto. **Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos)**: realidade e perspectivas. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2001. Orientador: PÊPE, Alda Muniz

FIGUEIRO, Mary Neide Damico. **A Formação de educadores sexuais: possibilidades e limites.** Tese (Doutorado em Educação). UNESP, Marília, 2001. Orientador: SILVA JUNIOR, Celestino Alves da

GIMENES, Valéria Cristina. **A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.** Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2001. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 2001. Orientador: DAMASCENO, Maria Nobre

MATTOS, Miriam. **Educação sexual na escola: intenções e concepções.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001. Orientador: RAYS, Oswaldo Alonso

MELO, Sônia Maria Martins de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores.** Tese (Doutorado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2001. Orientador: MEDEIROS, Marilú Fontoura de; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli

NEVES, Denise Carmen de Andrade. **A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Goiás, Goiânia, 2001. Orientador: DOMINGUES, Maria Hermínia Marques da Silva

OLIVEIRA, Betânia Maria de. **Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações dos docentes do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2001. Orientador: MAIA, Lícia de Souza Leão

PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. **Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.** Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2001. Orientador: RODINI, Elaine Sbroggio de Oliveira

PEDROSA, Maria da Piedade Lins. **Educação sexual: representações sociais de professores(as) de ensino fundamental.** Dissertação. Univ. Fed. da Paraíba. Orientador: MENDONÇA, Otávio Machado Lopes de

ROLAND, Beatriz da Silva. **A Construção de uma masculinidade homossexual na escola**: uma análise sócio-discursiva de uma história de vida. Dissertação (Mestrado em Letras: Interdisciplinar Linguística Aplicada). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Orientador: LOPES, Luiz Paulo da Moita

SALLA, Lílian Fenalti. **A Representação da sexualidade humana na concepção de educadores de escolas estaduais de Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Maria, Santa Maria, 2001. Orientador: QUINTANA, Alberto Manuel

SAMPAIO, Juliana. **Aids, morte. criança vida**: a representação social da Aids e suas implicações nas intervenções com crianças. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2001. Orientador: SANTOS, Maria de Fátima de Souza

SANTOS, Terezinha Marli dos. **Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). Univ. Reg. do Noroeste do Est. do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí, 2001. Orientador: PANSERA-DE-ARAUJO, Maria Cristina

SILVA, Aurora Helena Fidélis e. **Educação sexual na escola**: a prevalência da moral burguesa e a possibilidade de construção da autonomia. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Goiás, Goiânia, 2001. Orientador: LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, educação e educação sexual**: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2001. Orientador: NUNES, Cesar Aparecido

SOUZA, Laí Claudete de. **Gravidez na adolescência**: subsídios para uma proposta pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2001. Orientador: KUDE, Vera Maria Moreira

SOUZA, Marcelo Moreira de. **Entre vírus e bacilos**: relatos e comentários acerca de propostas de educação sexual obrigatória nas escolas públicas no século XX. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Orientador: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri

TONATTO, Suzinara. **Adolescência "corpo e alma"**: abordando um tema transversal na educação formal. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Orientador: MILNITSKY-SAPIRO, Clary



2002

---

BRAGA, Eliane Rose Maio. **Sexualidade infantil**: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual. Dissertação (Mestrado em Psicologia do desenvolvimento humano). UNESP, Assis, 2002. Orientador: YAZLLE, Elisabeth Gelli

CARRADORE, Vânia Maria. **Adolescência, aids e educação escolar**: elementos para reflexão. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2002. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

CASTRO, Raquel Almeida de. **As Representações sociais de professoras e professores sobre orientação sexual**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. do Amazonas, Manaus, 2002. Orientador: WEIGEL, Valéria Augusta

MELLO, Renata Cardillo Homem de. **Orientação sexual na adolescência**: primeiras reflexões. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. São Marcos, São Paulo, 2002. Orientador: COELHO FILHO, Joaquim Gonçalves

MIYASAKI, Sandra Cristina Shiguemi. **Educação sexual nas escolas**: pesquisa-ação com professores do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica). USP, São Paulo, 2002. Orientador: BUENO, Sonia Maria Villela

PAULA, Maria Bernadete Moraes Rodrigues de. **A Formação de professores do ensino fundamental para o trabalho pedagógico com a sexualidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. São Francisco, cidade, 2002. Orientador: ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes

PINTO, Enio Brito. **Orientação sexual na escola e religião**: um encontro não confessado. Dissertação (programa de pós graduação não consta na base). PUC, São Paulo, 2002. Orientador: SUNG, Jung Mo

REIS, Maria Amélia Gomes De Souza. **(Re) invenção da escola pública**: sexualidade e formação da jovem professora. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. Fluminense, Rio de Janeiro, 2002. Orientador: LINHARES, Célia Frazão Soares

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. Tese (Doutorado em Educação em Ciência). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Orientador: SOUZA, Diogo Onofre Gomes de

SANTOS, Vera Márcia Marques. **A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Orientador: SILVA, Maria Aparecida Lemos

SILVA, Kátia Krepsky Valladares. **Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. Fluminense, Rio de Janeiro, 2002. Orientador: CHAVES, Iduina Edite Mont'Alverne Braun

SILVA, Mirian Pacheco da. **O Desenvolvimento do "conhecimento pedagógico do conteúdo" de sexualidade entre professores e ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2002. Orientador: CARVALHO, Washington Luiz Pacheco de

SPELLER, Maria Augusta Rondas. **Professoras em Peixoto de Azevedo/ Mato Grosso: das vicissitudes de ser mulher, uma história por contar.** Tese (Doutorado em Educação). USP, São Paulo, 2002. Orientador: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez

VACCARI, Vera Lucia. **Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). USP, São Paulo, 2002. Orientador: PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo

2003

---

ALVES, Vera Lúcia Mayorca. **Escola, Literatura e Sexualidades.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Est. de Pelotas, Pelotas, 2003. Orientador: PEREIRA, Marcos Villela

CAOBIANCO, Janaina Fernandes Cardoso. **A Educação sexual nas escolas da rede municipal de Curitiba.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Tuiuti do Paraná, cidade, 2003. Orientador: VECHIA, Ariclê

CARDOSO, Alessandra Sauan do Espírito Santo. **Sexualidade do adolescente e DST/AIDS: conhecimentos, atitudes e práticas em escolares de Concórdia – SC.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Cat. de Petrópolis, Petrópolis, 2003. Orientador: SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar

CORREA, Lisete Bertotto. **A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Orientador: RIBEIRO, Marlene

CUNHA, Marcos Xavier da. **Atualização dos professores de Educação Infantil na área de sexualidade**: um processo de formação e reflexão. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: ANDRADE-SILVA, Maria do Carmo de

DAMIANI, Fernanda Eloisa. **Gravidez na adolescência**: prática pedagógica e competências profissionais. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003. Orientador: VIEIRA, Péricles Saremba

FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. **A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: ROHDEN, Fabiola; LEAL, Maria Cristina; BRAVO, Maria Ines Souza

FOSSA, Angela Marcia. **Educação sexual na escola**: um estudo junto a adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Metod. de Piracicaba, Piracicaba, 2003. Orientador: PAIVA, José Maria de

FRAGIACOMO, Vanessa de Mello. **Um estudo sobre a concepção que os pais de crianças em idade escolar, têm acerca da sexualidade infantil e suas manifestações**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2003. Orientador: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal

LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. **O Acontecimento aleatório do sexo**: cartografando a sexualidade na prática da educação sexual e no espaço dos parâmetros curriculares nacionais. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, cidade, 2003. Orientador: PASSETTI, Edson

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação). UNESP, Marília, 2003. Orientador: ARANHA, Maria Salete Fábio

NEVES, Simone Rodrigues. **Avaliação em projetos de educação sexual**: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública. Dissertação (Mestrado em Saúde na Comunidade). USP, Ribeirão Preto, 2003. Orientador: VIEIRA, Elisabeth Meloni

NEVES, Sinara Mota. **Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS**: subsídios para uma prática educativa. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde). Univ. de Fortaleza, Fortaleza, 2003. Orientador: FARIAS, Francisca Lucélia Ribeiro de

PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. **Representação da gravidez e aborto na adolescência**: estudo de casos em São Luís do Maranhão. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2003. Orientador: FRANCA, Carlos Alberto Vidal

PROVENZI, Neila Ana. **Educação formal e gravidez não planejada na adolescência**: um estudo de base fenomenológica. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2003. Orientador: KUDE, Vera Maria Moreira

RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. **Menino-macho e menina-fêmea**: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2003. Orientador: SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar

RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. **O Currículo e a norma**: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pelotas, Pelotas, 2003. Orientador: GARCIA, Maria Manuela Alves

ROSEMBURG, Eleusa Gallo. **A Formação em sexualidade humana nos cursos de medicina e psicologia do estado de São Paulo no ano de 2002**. Dissertação (Mestrado em Saúde na Comunidade). USP, Ribeirão Preto, 2003. Orientador: MANCO, Amabile Rodrigues Xavier

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. **Sexualidade e escola**: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: GOLDENBERG, Mirian

SILVA, Ângela Maria Moser. **Comportamento sexual e fatores associados à conduta sexual de risco em estudantes universitárias**: estudo comparativo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Univ. Fed. do Paraná, cidade, 2003. Orientador: MELLO, Claudete Reggiani

SOARES, Eliane Vilela. **Interação família e escola na educação sexual da criança no contexto escolar**: uma abordagem sistêmica. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Cat. de Brasília, Brasília, 2003. Orientador: RIBEIRO, Maria Alexina

STUMPF, Débora Karine. **As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Orientador: SILVA, Tomaz Tadeu da

WUO, Moacir. **Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio**. Tese (Doutorado em Psicologia). PUC, Campinas, 2003. Orientador: GUZZO, Raquel Souza Lobo

2004

---

ADOLPH, Cláudio Fernando. **A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: PRATA, Maria Regina dos Santos

ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. **Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: SORJ, Bila

AMARAL, Rubens Azevedo. **Escolas promotoras de saúde: análise de uma experiência de implantação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Cat. de Santos, Santos, 2004. Orientador: SILVA, Sonia Aparecida Ignácio

ANDRADE, Cristiane Pinto. **Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia**. Dissertação (programa de pós graduação não especificado na base). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2004. Orientador: EL-HANI, Charbel Niño LOPES, Helena Theodoro

ATHAYDE, Elmarene Silva. **Educação Sexual para professores: desvelando a sexualidade numa perspectiva histórico cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Metod. de Piracicaba, Piracicaba, 2004. Orientador: FONTANA, Roseli Aparecida Cação

BARBOSA, Cícera Leite Gomes. **Ouvindo as vozes da homossexualidade: multiculturalismo, educação e suas possibilidades na agência escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. da Paraíba, João Pessoa, 2004. Orientador: RODRIGUES, Janine Marta Coelho

BORGES, Dóris. **Adolescência e sexualidade na escola**: na fala de alunos e professores. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: ASSMAN, Selvino José

BRAGA, Denise da Silva. **A Sexualidade no currículo da escola fundamental** - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Belo Horizonte, 2004. Orientador: VILELA, Rita Amelia Teixeira

BRITO, Ana Maria Mello da Silva. **A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual**. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

CARDOSO, Elisete Furtado. **Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004. Orientador: GIORDANI, Estela Maris

CORRÊA, Carmen Izaura Molina. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP, Marília, 2004. Orientador: BRAGA, Tania Moron Saes

COUTINHO, Marta Maria Telles. **As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Cuiabá, 2004. Orientador: PAREDES, Eugenia Coelho

COVA, Valter Forastieri. **Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de salvador sobre a variedade de orientações sexuais**. Dissertação (programa de pós graduação não especificado). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2004. Orientador: EL-HANI, Charbel Nino

DIAS, Antonio Fernandes. **Educação sexual na escola de primeiro grau**: em busca de uma abordagem interdisciplinar. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa

FARIAS, Maria de Lourdes Mazza de. **Currículo, subjetividade e sexualidade**: a experiência homoerótica na escola. Tese (Doutorado em Educação). PUC, São Paulo, 2004. Orientador: CASALI, Alípio Marcio Dias

FAVA, Carolina Andaló. **Sexualidade como tema transversal nas escolas: da teoria à prática.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: TONELLI, Maria Juracy Filgueiras

FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. **A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

FLORES, Aida Mair Prado. **Sexualidade:** representações de professores do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Maria, Santa Maria, 2004. Orientador: NAUJORKS, Maria Inês

FREITAG, Marcos José Clivatti. **Gênero e sexualidade nas diretrizes curriculares para a educação brasileira.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Reg. de Blumenau, Blumenau, 2004. Orientador: LAMAR, Adolfo Ramos

GARCIA, Antonio Miguel. **A orientação sexual na escola:** como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2004. Orientador: ABREU, Mara Alice Fernandes de

GIONGO, Ana Laura. **O Ficar e sua função na adolescência** - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Orientador: SAPIRO, Clary Milnitsky

MARIUZZO, Terezinha. **Formação de professores e orientação sexual:** a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2004. Orientador: MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira

MELO, Marcos Ribeiro de. **Educação sexual de deficientes mentais:** experiências de professoras do ensino fundamental em Aracaju. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. Fed. de Sergipe, Aracaju, 2004. Orientador: BERGO, Maria Stela de Araújo Albuquerque

MOREIRA, Maristela Poubel Araújo. **Capacitação em orientação sexual para professores:** uma proposta pedagógica. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

NOVENA, Nádya Patrícia. **A Sexualidade na organização escolar**: narrativas do silêncio. Tese (Doutorado em Sociologia). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2004. Orientador: ALBUQUERQUE, Paulo Henrique Novaes Martins de.

OLIVEIRA, Marilice Trentini. **Prescrições médicas sobre higiene e sexualidade na escola paranaense**: 1920-1940. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Paraná, Curitiba, 2004. Orientador: MARQUES, Vera Regina Beltrão

OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. **Sexualidade e adolescentes**: um estudo de representações sociais. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Cuiabá, 2004. Orientador: PAREDES, Eugenia Coelho

QUINTANA, Eduardo. **A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública**: visibilidade ou exclusão?. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: BAZILIO, Luiz Cavalieri

RAPOSO, Ana Elvira Silva. **Sexualidade infantil**: formas de pensamento em uma escola para educação infantil e na família da criança. Tese (Doutorado em Subjetividade, história e cultura). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOYOLA, Maria Andréa

ROJTENBERG, Charles. **Educação sexual pela internet para professores de ensino fundamental (ESAD)**. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: JURBERG, Pedro

ROSA, Marcelo Victor. **Educação Física e homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos / UFSC. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: SILVA, Maurício Roberto

SANTANA, Alessandra dos Santos. **O Processo grupal na formação continuada de professores**: desenvolvimento humano e sexualidade. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2004. Orientador: não consta na base

SCHULER, Betina. **O Currículo em suas dobras de poder, saber e verdade**: o que escondem e contam dos modos de subjetivação. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC/Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Orientador: MEDEIROS, Marilú Fontoura de



SILVA, Amélia Maria Rodrigues. **Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 2004. Orientador: PONTES, Lúcia Regina Sansigolo Kerr

SILVA, Maria Teresa Luz Eid. **Implicações da extensão do conceito ampliado de sexualidade, de Freud, para a formação do educador**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2004. Orientador: OLIVEIRA, Maria Lúcia

SILVA, Regina Célia Pinheiro. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2004. Orientador: MEGID NETO, Jorge

SIROMA, Valdir Shigueiro. **Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS**. Tese (programa de pós graduação não consta na base). Univ. de Brasília, Brasília, 2004. Orientador: CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de.

VIANA, Francisco José Machado. **A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Tocoginecologia). UNICAMP, Campinas, 2004. Orientador: LATHAM, Aníbal Eusébio Faundes

VIEIRA, Rosangela Steffen. **Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: FLEURI, Reinaldo Matias

2005

---

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (Doutorado em educação). PUC, Rio de Janeiro, 2005. Orientador: DAUSTER, Tania

BENTO, Isabel Cristina Belasco. **Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa-ação**. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica). USP, São Paulo, 2005. Orientador: BUENO, Sonia Maria Villela

BERTOI, Jussara Machado. **Doenças sexualmente transmissíveis e drogas**: trabalhando oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Univ. Luterana Do Brasil, Canoas, 2005. Orientador: SILVA, Juliana da

FURLANI, Jimena. **O Bicho vai pegar!** um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese (Doutorado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Orientador: LOURO, Guacira Lopes

GARCIA, Luciana Juvelina Vaz. **O processo de educação sexual na escola**: um estudo de caso sobre a conceituação, significação e representação compreensiva de professores da rede municipal de ensino de Camboriú-SC sobre educação sexual. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Orientador: MELO, Sônia Maria Martins de

OLIVEIRA, Flávia Mazitelli de. **Orientação sexual para jovens do ensino médio**: uma proposta motivadora, reflexiva e emancipatória. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2005. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Orientador: STIGGER, Marco Paulo

2006

---

CARREIRO, José Carlos. **Reflexões a partir da prática de orientação sexual na Escola de Aplicação da FEUSP**. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação). USP, São Paulo, 2006. Orientador: GALVÃO, Izabel

CISSOTO, Laurindo. **Currículo**: pratica educativa e sexualidade - condições escolares para a formação da subjetividade não-heterossexual de alunos (as) de escola católica da zona sul de São Paulo. Dissertação (programa de pós graduação não consta na base). PUC, São Paulo, 2006. Orientador: CASSALI, Alípio Marcio Dias

FRANZONI, Gleidismara dos Santos Cardozo de Castro. **A percepção de educadores sobre a exploração sexual**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Orientador: MELO, Sônia Maria Martins de

GIONINI, Fatima Aparecida Coelho. **Representações sociais do "ficar"**: caminhos para compreender a violência no cotidiano escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Univer. Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006. Orientador: LIMA, Rita de Cássia Pereira

LIMA, Francis Madlener de. **O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar**: um estudo no curso de licenciatura em educação física. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Paraná, Curitiba, 2006. Orientador: DINIS, Nilson Fernandes

MOKWA, Valéria Marta Nonato Fernandes. **Representações sociais de professores de Ensino Fundamental sobre sexualidade**: uma teia de significados. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Univer. Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006. Orientador: LIMA, Rita de Cássia Pereira

MORAES, Sylvana Carpes. **As Representações dos professores sobre a sexualidade dos alunos com Síndrome de Down**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006. Orientador: FREDDO, Tania Maria

PEREIRA, Heloísa Helena Daldin. **Programa saúde e prevenção nas escolas**: políticas e gestão da educação sexual. Dissertação (programa de pós graduação não especificado na base). Univ. Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Orientador: SILVA, Sidney Reinaldo da

RAMIRES NETO, Luiz. **Hábitos de gênero e experiência escolar**: jovens gays no ensino médio em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação). USP, São Paulo, 2006. Orientador: Vianna, Claudia Pereira

SCARPINI, Neire Aparecida Machado. **Projetos temáticos na escola**: um estudo de caso nas quartas séries do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Univer. Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006. Orientador: SICCA, Natalina Aparecida Laguna

SOLDATELLI, Maira Meneguzzi. **Educação sexual e condições de ensino**: implicações na construção da corporeidade de alunos do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006. Orientador: VIEIRA, Péricles Saremba

TAVARES, Liliana Barros. **Deixem que digam, que pensem, que falem**: a homofobia na visão dos formandos de Licenciatura UFRPE. Dissertação (programa de pós graduação não consta na base). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2006. Orientador: SIQUEIRA, Maria Luiza Neto

## APÊNDICE B – Relação de obras com recorte temporal e temático “educação escolar, sexualidade e juventude”.<sup>64</sup>

2000

---

1. CARVALHO, Mauro Giffoni de. **Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.** Tese (Doutorado em Comunicação). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder

Este trabalho tem como objetivo apresentar considerações de cunho etnográfico sobre a construção de identidades sexuais de alunos adolescentes em três diferentes contextos escolares. As observações foram feitas em três escolas de Ensino Médio com características, supostamente, diversas quanto à proposta curricular de educação sexual: militar, religiosa e secular. Os dados coletados levam a concluir que os sentidos e as significações de identidade sexual trazidas pelos alunos, a partir de suas vivências nos grupos sociais de referência - família e vizinhança -, se confrontam diretamente com as formas de interação escolar. A partir do relato dos estudantes, constatou-se um grande contraste entre suas aprendizagens sobre sexualidade na escola e fora dela. Práticas sedimentadas na cultura escolar fazem com que se deixe ao largo, com frequência, a discussão sobre questões relacionadas às identidades sexuais. Ao não incluir nas suas atividades curriculares uma orientação afetivo-sexual, a escola acaba por reforçar os estereótipos de gênero presentes na nossa sociedade.

---

<sup>64</sup> Os resumos constantes neste Apêndice foram originalmente escritos pelos autores das dissertações e teses referenciadas, como parte integrante desses trabalhos, tendo sido, posteriormente, publicados pelas instituições aos quais estavam vinculados para, em seguida, comporem portais e banco de dados disponibilizados em meios eletrônicos. Por fim, esses textos compuseram a base de dados Ariadne, a qual foi utilizada como fonte principal desta dissertação. Por terem percorrido tão longo caminho, muitos textos se apresentam incompletos ou com incorreções, falhas essas que não têm origem conhecida, podendo ser frutos dos textos originais ou das diversas etapas de transcrição e digitalização às quais foram submetidos. Principalmente pelo desconhecimento das origens de tais erros, não foi utilizado, nos resumos, o recurso estabelecido pelas normatizações da ABNT, o “[sic]”, que indicaria a incorreção no texto original, o que não pôde ser comprovado por esta pesquisa.

---

2. FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Orientador: ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda

Neste trabalho propõe-se estudar a gravidez na adolescência, por meio dos relatos da vivência desse período, realizadas por dois casais, na faixa etária compreendida entre 14 e 19 anos. Utilizando o método do estudo de caso, vale-se de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a esses dois casais, a seus pais e a dois profissionais da saúde. Investiga se a educação sexual recebida na família e na escola promove a apropriação do conceito de contracepção. Nesse sentido, as reflexões valorizam a participação masculina e feminina na concepção, privilegiando a relação do casal como espaço de investigação dos significados da prevenção. Em relação à faixa etária investigada, busca compreendê-la num dado contexto sociocultural e por isso relativizada em cada cultura e em cada segmento de uma mesma cultura. Por essa ótica, este estudo considera a gravidez na adolescência uma construção coletiva e parte do pressuposto de que os adolescentes se constituem nas relações sociais estabelecidas em um momento histórico, fazendo parte de uma rede de relações intergeracionais. Dada a complexidade do tema e do próprio fenômeno da adolescência, a pesquisa buscou reunir a perspectiva de várias ciências, entendendo só assim ser possível dimensionar alguns aspectos dessa complexidade. Dessa forma, busca apoio da Psicologia, da Antropologia, da Educação e da Saúde. As reflexões decorrentes desta análise permitiram verificar que a gravidez na adolescência é, na atualidade, um fenômeno que protagoniza as contradições sociais e familiares do momento ao qual está conectado, sendo o adolescente um dos agentes, entre tantos outros, dessa construção que é cultural e histórica. Constata ainda que, embora haja um esboço de mudança no que diz respeito à educação sexual dos filhos, ainda prevalece o estilo tradicional que se reduz à mera advertência e "alerta" para os riscos que preocupam os pais. Assim sendo, permite-se observar que não se trata de uma educação sexual propriamente dita. A inclusão dos pais dos adolescentes no estudo, embora difícil, contribuiu para iluminar algumas questões de gênero que perpassam pela relação dos casais e apontam para novos modos de cuidar dos filhos.

---

3. FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2000. Orientador: FERREIRA, Berta Weil.

O presente estudo busca compreender os sentimentos e as vivências que perpassam a vida dos adolescentes de 8ª série do Ensino Fundamental, relacionadas ao fenômeno da sexualidade no ambiente escolar e renovar a reflexão no que se refere à atuação profissional do educador na escola. Esta investigação teve como lócus uma Escola Estadual de Porto Alegre. A

---

metodologia utilizada é qualitativa, de cunho fenomenológico, pretendendo compreender os significados das vivências e dos sentimentos dos adolescentes relacionados ao fenômeno da sexualidade no ambiente escolar. Nesta perspectiva, foram realizadas entrevistas semi estruturadas, com 11 alunos de ambos os sexos, com idades entre 14 e 16 anos. Este instrumento oportunizou a coleta de informações de forma a desvelar o mundo-vivido dos participantes. A análise dos achados da pesquisa foi feita pelo método fenomenológico, proposto por Giorgi (1985 e 1997) e Comiotto (1992). Através da intersubjetividade dos sujeitos pesquisados, foram desveladas vivências individuais e grupais, possibilitando a compreensão do fenômeno de modo a desvelá-lo para chegar às essências e às dimensões que constituem o mundo da vida dos adolescentes. Todas as essências interagem, formando entre si uma corrente sistêmica, em que uma completa a outra, de modo similar ao que ocorre no ciclo vital do ser humano. As quatro essências encontradas, com suas devidas dimensões são: laços familiares na construção da sexualidade, desvelada pela identidade sexual e pelas relações parentais; envolvimento da escola com a sexualidade do adolescente, evidenciada nas falas e silêncios, fracassos e exclusões; amigos: cadinho de experiências compartilhadas, fundamentada nas trocas, diálogos e no uso de drogas. Ainda, vivências precoces da sexualidade: experiências, sentimentos e emoções, constituídas pelas experiências individuais e pessoais do ficar, transar e nas preocupações com a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. A compreensão de suas vivências adolescentes permeia seus mundos-vividos em busca de resignificação. A partir das constatações desta investigação, pretende-se fundamentar uma necessária mudança na ação educativa, apontando para um novo projeto da ação político-pedagógica, que contemple as preocupações, as necessidades e os sentimentos dos adolescentes. Encaminha-se também, para criação de cursos de formação para professores, para que eles possam: interagir na escola e na comunidade; trabalhar de forma integrada com a família; responder às necessidades evidenciadas pelos adolescentes. A base do processo se fundamenta na relação dialética e dialógica entre pais, professores e alunos, numa dimensão informativa e preventiva. Esta investigação aponta para a necessidade de a escola descobrir novas formas de inserir Orientação Sexual como tema transversal no currículo, através de projetos que contemplem respostas aos questionamentos dos jovens.

---

4. GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2000. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

A Orientação Sexual no Brasil conquista gradativamente um espaço importante no processo educacional, tanto na formação individual quanto social. Entretanto, apesar de algum avanço, a Orientação Sexual se apresenta com fragilidade em seus projetos, documentos e programas em vista das

---

inadequadas infra-estruturas educacionais, sociais e política, que não garante sua concretização e continuidade. Este trabalho enfoca um programa de intervenção em Orientação Sexual, em um trabalho integrado de educação e saúde, num estudo analítico-descritivo e documental. Partiu-se de um esboço histórico sobre a sexualidade e a Orientação Sexual no Brasil e de um estudo de alguns projetos desenvolvidos na rede pública escolar no Estado de São Paulo. Entrevistas com os sujeitos envolvidos no programa analisado ilustram o trabalho e um capítulo sobre a psicanálise e a educação veio dar fundamentação às conclusões.

---

5. GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Orientador: CAMARGO JR, Kenneth Rochel de; SOBRINHO, Moisés Domingos

O presente estudo realiza uma análise crítica do material pedagógico - educativo, entre 1997 e 1999, produzido pela Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde - MS, Brasil, avaliando sua utilização em atividades de educação em saúde, notadamente na prevenção das DST/AIDS e na abordagem das questões de sexualidade. Utilizando uma análise descritiva e documental do referido material, a autora realiza sua investigação examinando tanto a abordagem metodológica, quanto a linguagem empregada, além das questões de sexualidade e relações de gênero consideradas nesses documentos. Com o suporte teórico da pesquisa foram utilizadas as contribuições da denominada "literatura social da AIDS". A análise foi empreendida através da seleção do material destinado às clientela específicas (professores do ensino fundamental e médio, adolescentes e pré-adolescentes e profissionais de saúde). Nesse sentido, avalia sua utilização de forma única para a realidade brasileira, tão heterogênea e com variadas peculiaridades regionais. Enfatiza a necessidade desse tipo de debate dentro do sistema educacional, apontando que na ocorrência das DST/AIDS existem fortes componentes de base educacional. A sexualidade vista ainda como tabu, deve ser olhada de forma plural e sem preconceitos. Finalmente, aborda a importância de se iniciar a discussão dessas questões desde as idades mais jovens, para que se formem indivíduos com nova mentalidade sobre saúde sexual e reprodutiva.

---

---

6. GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. **A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Cat. de Brasília, Brasília, 2000. Orientador: TROIS, Stella dos Cherubins Guimarães

O presente estudo se propõe a identificar o posicionamento que a escola, os pais e os adolescentes envolvidos em situação de gravidez apresentam com relação à vivência da gravidez na adolescência e à inclusão da educação sexual no currículo escolar. Utiliza-se da metodologia etnográfica, tendo como cenário da investigação uma escola de ensino médio da Rede Pública do Distrito Federal, situada na cidade satélite de Ceilândia. Através de entrevistas, análise documental e observação do ambiente escolar foram considerados e analisados os seguintes aspectos: caracterização do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez; o/a adolescente frente à descoberta da gravidez; o/a adolescente e sua visão da postura da família e da escola frente à sua gravidez; o/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua relação com a escola; o/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua percepção de educação sexual; a família e o caso da gravidez na adolescência; a família e a concepção de educação sexual; a escola e os casos de gravidez na adolescência e; a escola e sua percepção de educação sexual. A pesquisa constata que a gravidez entre adolescentes altera os seus projetos de vida, principalmente no que se refere às suas perspectivas educacionais e profissionais. Aponta a necessidade de escola e da família firmarem parcerias no trato das questões ligadas à educação sexual de crianças e jovens. Denuncia que, apesar de a escola reconhecer a gravidez na adolescência como um problema social, ainda não se encontra técnica e humanamente preparada para lidar devidamente com o problema. Os resultados evidenciaram que a inclusão da educação sexual no currículo escolar, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, pode representar um dos mecanismos de prevenção mais viáveis dos casos de gravidez na adolescência e de outros problemas ligados direta ou indiretamente ao exercício da sexualidade. Conclui que a inclusão da educação sexual no currículo escolar poderá contribuir para que a aprendizagem se torne muito mais significativa, contribuindo para a formação de cidadãos mais afetivos, saudáveis, livres, éticos e conscientes de seus limites, preparados para exercer sua sexualidade de modo prazeroso, harmonioso, responsável e com amor.

---



---

7. IOSSI, Marta Angélica. **Aprender brincando**: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 2000. Orientador: CANO, Maria Aparecida Tedeschi

Considerando o exercício da nossa prática, e a importância que a adolescência e a orientação sexual assumiram nos últimos anos, é que buscamos realizar o presente estudo. Nosso objetivo foi conhecer a percepção de alunos que haviam participado de um grupo de adolescentes com relação à dinâmica desses grupos e à orientação sexual, tendo como referencial teórico os aspectos conceituais da adolescência, sexualidade na adolescência, vulnerabilidade, orientação sexual, metodologia participativa e lúdica. Buscamos na abordagem qualitativa, uma alternativa metodológica para entender a realidade expressa através das percepções desses adolescentes. Do ponto de vista teórico e formal, optamos pela modalidade de Pesquisa Estratégica. Realizamos o estudo em uma escola municipal de Ribeirão Preto, tendo como atores sociais, alunos que participaram de grupos de orientação nas 4a séries. Com relação ao processo de trabalho de campo, para coleta de dados, utilizamos a técnica da entrevista semi-estruturada, tendo como técnica complementar a realização de grupos focais. O tratamento e análise dos dados foram feitos através da análise de conteúdo, elaborada por Bardin. A partir das falas dos atores sociais, pudemos identificar núcleos temáticos, relacionados ao lúdico, enquanto processo facilitador para a aquisição do conhecimento e reflexão; ao conteúdo abordado e a participação nos grupos, enquanto fator determinante para o seu futuro e um caminho para o diálogo intrafamiliar.

---

8. MARTINS, João Carlos. **A Educação sexual em tempos de AIDS**: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar. Tese (Doutorado em Educação). PUC, São Paulo, 2000. Orientador: DAVIS, Claudia Leme Ferreira

Este trabalho teve como objetivo levantar os pontos nodais que devem ser, segundo os professores, contemplados em uma proposta de Educação Sexual, em tempos de AIDS, para alunos do Ensino Fundamental e Médio, numa perspectiva sociohistórica. Nesta perspectiva a mediação social é fundamental tanto para a apropriação de condutas sexuais que não envolvam ou minimizem riscos, como para a reflexão sobre nossas práticas sexuais. O trabalho se organizou em torno de um levantamento teórico sobre o assunto e, a partir daí, formas de inseri-lo na realidade escolar. Assim, desenvolvemos uma pesquisa com professores e alunos onde os primeiros prepararam uma atividade que, desenvolvida com os alunos, possibilitou o levantamento das dúvidas e dificuldades para se trabalhar com sexo, sexualidade, AIDS e DST

---

dentro da escola. Estas questões abriram uma outra reflexão sobre a preparação dos professores para o importante trabalho de formação junto aos seus alunos e sobre como os educadores tratam esses assuntos. Podemos afirmar que os resultados da pesquisa confirmaram nossa hipótese de que cabe aos professores fazer da escola um ambiente privilegiado para a auto-reflexão e para a reflexão sobre a realidade. O desafio está em encontrarmos um caminho que não exponha a intimidade do professor e, ao mesmo tempo, garanta na escola este trabalho, fundamental para os alunos, e também oportunize momentos de troca e formação para os professores e pais. Possibilidades para esta ação é o que tentamos desenvolver neste trabalho.

---

9. MEDEIROS, Selma Zelandra. **Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente**: uma proposta participativa. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção / Ergonomia). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Orientador: PATRICIO, Zuleika Maria

A partir de uma visão holística, surgiu a idéia de conciliar a educação, os aspectos sócio-culturais e as manifestações da sexualidade na adolescência. Para tanto foi desenvolvido um estudo de campo qualitativo de caráter participante, com o objetivo de construir uma proposta pedagógica capaz de subsidiar o educador na elaboração de programas de educação sexual para adolescentes através de abordagem holística e sócio-cultural de caráter participante. O estudo qualitativo foi realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, com um grupo de adolescentes da 1ª série do ensino médio, no período de maio a julho de 2000. A técnica de campo selecionada foi a atividade-oficina, por tratar-se de uma ação participante no qual a produção de conhecimento e as transformações oportunas se processam. O grupo manifestou suas idéias através das falas e de registros descritivos que viabilizou a produção de conhecimentos básicos e aplicados. As técnicas utilizadas na coleta de dados permitiram o surgimento dos temas emergentes da pesquisa, que se constituiu em itens fundamentais e estruturantes para delinear e compor o perfil do Método de ensinar aprender a sexualidade. O processo de reflexão e análise dos dados possibilitou verificar que o Método se apresenta como possibilidades, pois retrata o desejo dos adolescentes, de como gostariam que os educadores mediassem o ensino de sexualidade na escola. Considera-se que o ensino participativo centrado no diálogo e na reflexão é significativo para questionar os preconceitos e os sistemas de crenças. O estudo ainda mostra que o uso da metodologia participante no processo de ensinar-aprender a sexualidade transcende a uma metodologia baseada apenas em transmitir informações biológicas. O estudo revela a sexualidade dentro de uma abordagem histórico-cultural e a submete a uma dimensão pedagógica, capaz de subsidiar o educador, em seu processo de trabalho, a lidar com a complexidade da sexualidade na adolescência de modo a transformar a representação de valores, possibilitando um viver mais saudável.

---

---

10. NUNES, Maria José. **A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Univ. Fed. de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Orientador: CADETE, Matilde Meire Miranda

Este trabalho teve o objetivo de compreender como o adolescente em processo escolarização vê as doenças sexualmente transmissíveis em relação ao exercício da sexualidade. O estudo foi fundamentado pela pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica da análise compreensiva dos discursos emergiram as categorias: o encontro consigo e com o outro, vivenciando a vida sexual, educação sexual: impessoal/inautencia. Nesse sentido, as adolescentes estão valorizado a virgindade; desejam ter mais informação a respeito da sexualidade e da vida sexual; demonstram pouco conhecimento acerca das DSTs. entre as DSTs, a mais conhecida é a AIDS. Relatam ter dificuldades de diálogo sobre sexo com os pais e desejam que na escola se fale mais sobre sexo e sexualidade. A compreensão do fenômeno abre espaço para reflexões sobre a educação sexual dos jovens na família, escola, sociedade e, principalmente, como esta educação deve acontecer: de forma humana, significativa e situada no mundo-vida dos adolescentes.

---

11. SILVA, Tânia Maria da. **Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas:** meta governamental ou iniciativa individual? Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2000. Orientador: CAVALCANTI, Patricia Smith

Este trabalho tem como tema central a formação e a prática pedagógica de professores do Ensino Fundamental de 5ª à 8ª série, em relação à abordagem, na escola, de temáticas relacionadas à sexualidade humana, conforme normatização prevista pela legislação nacional. Questiona pontos sobre as necessidades formativas dos professores, para trabalhá-las, tendo em vista as orientações curriculares do Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) via Temas Transversais em Educação, já que a orientação sexual, tema bastante polêmico, encontra-se entre eles. Investigou-se, através de questionários, cinquenta e dois professores e posteriormente realizou-se um estudo de caso sobre as trajetórias individuais de nove deles. Os dados apontam, em linhas gerais, que: 1) todos os professores consideram importante a orientação sexual na escola, mas, um número considerável sente-se inseguro, despreparado para realizá-la e não as realizam; 2) há diferença quanto à preferência de conteúdos relacionados à sexualidade humana entre os professores de Ciências (PC) e professores de outras disciplinas (POD); 3) as trajetórias escolar/acadêmica/profissional individuais influenciam na base da prática pedagógica do professor devido à ausência de

---

uma formação acadêmica inicial e uma política educacional que contemple a preparação necessária, nessa área, no processo de formação continuada. Nesse sentido, conclui-se, então, que é preciso primar pela qualidade educacional no trabalho, com a orientação sexual de forma a contemplar importantes aspectos referentes à formação humana, evitando que a formação docente fique a cargo da vida pessoal de cada professor e transforme-se em formação profissional.

---

12. VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. **Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar**: uma aplicação da Teoria da Ação Racional. Dissertação (Mestrado em Educação). Fund. Univ. Fed. do Piauí, Teresina, 2000. Orientador: ROAZZI, Antonio

A pesquisa teve como objetivos: 1) identificar os preditores das condutas "usar a camisinha" para o sexo masculino e "pedir ao parceiro para usá-la" para o feminino; 2) propor um modelo de programa preventivo-educativo nas escolas, embasado nos resultados encontrados no primeiro objetivo. A amostra constou de 403 adolescentes de ambos os sexos, pertencentes ao quarto ciclo do Ensino Fundamental das escolas públicas de Teresina. A Amostragem Estratificada Proporcional foi utilizada para chegar a um percentual representativo da população em estudo. O modelo teórico-metodológico da Teoria da Ação Racional foi escolhido para nortear a pesquisa, que constituiu dos Estudos I e II: no primeiro, foram levantadas as Crenças Comportamentais e Normativas modais salientes, através de entrevistas semi-estruturadas com uma sub-amostra dos sujeitos e no segundo, questionários foram elaborados a partir dos resultados do Estudo I, para se chegar aos preditores das duas condutas pesquisadas. Os resultados encontrados para os adolescentes masculinos foram os componentes normativos - Norma Subjetiva e duas Crenças Normativas - "meus amigos e a televisão". Para o sexo feminino, os componentes normativos a Crença Normativa - "meus amigos (as)" e a Norma Subjetiva, como também os componentes atitudinais - Atitude: "bom/ruim" e a Crença Comportamental - "diminui prazer dele". Com base nos resultados obtidos, foi elaborada uma proposta de intervenção nas escolas, que constituiu o segundo objetivo delineado por esta pesquisa.

---

2001

---

13. DORNELLES, Susana de Almeida. **Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2001. Orientador: BERNARDES, Nara Maria Guazzelli

O presente estudo investigou como mulheres adolescentes em situação de rua se relacionam com a aprendizagem do conhecimento escolar, como se percebem e que sentimentos vivenciam em relação ao gênero e à sexualidade. Pretendeu também examinar como se mostram as possibilidades e as limitações de um trabalho institucional com essas adolescentes. O método de investigação foi o estudo de caso na sua modalidade qualitativa, sendo utilizada a análise de conteúdo para trabalhar os dados também na modalidade qualitativa. O trabalho de campo foi realizado durante o ano de 2000 em uma instituição aberta que atua diretamente no atendimento a essas adolescentes. O número de sujeitos da pesquisa foi de sete mulheres adolescentes com idades entre treze e dezessete anos. Os dados foram coletados por meio de observação participante, observações individuais e em pequenos grupos, entrevistas semi-dirigidas individuais e análise de documentos. Com base em uma perspectiva psicodinâmica, os resultados da pesquisa apontam que essas adolescentes estabelecem com a aprendizagem do conhecimento escolar uma relação de impossibilidade por vivenciarem sentimentos de incapacidade para a aprendizagem de tal conhecimento. Em relação a como se percebem e que sentimentos vivenciam quanto ao gênero e à sexualidade, constata-se a reprodução cultural e social do gênero e suas implicações com a sexualidade e a maternidade, vividas com grande ambivalência. A sexualidade não é vivida com prazer, mas como algo que deve ser suportado. A idéia de que ser mulher é viver uma vida de sofrimento e de submissão está presente na concepção dessas meninas. Quanto ao trabalho institucional com essas adolescentes, verifica-se que, apesar de inúmeras dificuldades, as possibilidades podem se tornar concretas na medida da realização de um trabalho baseado em um vínculo de confiança e afeto, fundamentado em uma proposta que privilegie seu contexto e mundo interno.

---

14. DUARTE, Josmar Barreto. **Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2001. Orientador: PÊPE, Alda Muniz

O objeto deste estudo são os programas de Educação/Orientação sexual no Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos), sua realidade e perspectivas em escolas públicas da cidade de Jequié-BA, objetivando identificar a interferência de fatores de contingência na execução do programa em cada escola e a qualidade de desempenho dos professores que deles se ocupam. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo-explicativa que investiga a relação do desempenho do professor no processo de orientar/educar para a sexualidade e sua formação: curso formal; religião, valores, crenças, preconceitos e tabus sexuais; disciplina(s) que leciona; conhecimento básico sobre sexualidade; visão que tem do educando e sobre a importância dos referidos programas. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram: aplicação de

---

questionários/formulários e observação sistemática. Fizeram parte do estudo 30 professores e 190 alunos de quatro escolas públicas de médio e grande porte das redes municipal e estadual da cidade de Jequié-BA. Os dados coletados confirmam a hipótese de que há estreita relação entre o desempenho docente nos programas de Educação/Orientação sexual e os fatores supra-referidos. A conclusão a que chegamos é que, na qualidade de "terreno de todos", a Educação/Orientação para a sexualidade tornou-se "terra de ninguém" e por isso não se vem fazendo um trabalho sistemático, bem cuidado e conseqüente. É claro que a falta de condições de trabalho, incluindo o interesse institucional tem sido a causa desta situação de despreparo dos professores e a ausência de um programa consistente de Educação para a sexualidade. Diante do exposto, percebemos a grande necessidade do interesse/compromisso/seriedade e reconhecimento da importância desses programas por parte das Secretarias de Educação Municipais e Estaduais, pelos diretores escolares, professores, alunos e pais dos alunos para que os mesmos possam contribuir para o bom desempenho dos referidos programas. Salientamos também que faz-se necessária a motivação e formação específica, de maneira sistemática e contínua, de professores para executarem as atividades/estudos requeridos por esta área da educação, construindo e usando conhecimentos, além do senso comum, no desempenho dos programas em Educação/Orientação para a sexualidade.

---

15. GIMENES, Valéria Cristina. **A Escola pública e a sexualidade**: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2001. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

O presente trabalho visa obter uma visão sobre a maneira como as adolescentes lidam com assuntos referentes ao sexo, bem como procurar identificar as dificuldades enfrentadas na vivência de sua sexualidade. Tanto teórica quanto metodologicamente é expressão de um processo de pesquisa, reflexão e elaboração articulada a partir de uma análise qualitativa dos depoimentos, fornecidos por um grupo de adolescentes, a respeito das concepções que possuem sobre sexo e vivência com a sexualidade. O trabalho realizado aponta no sentido da necessidade de informação e formação da adolescente, a fim de que sejam fornecidos subsídios, voltados à orientação sexual, que servirá como ponto de apoio à jovem desde o início da intensificação da sexualidade.

---

---

16. LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer**: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 2001. Orientador: DAMASCENO, Maria Nobre

Coisas difíceis de dizer é o estudo das manifestações, discursivas e/ou comportamentais, dos jovens em relação à sexualidade humana, especialmente, àquelas referentes à homossexualidade sob o crivo do preconceito, da discriminação e dos estereótipos - as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens. Este trabalho privilegia os espaços vividos pelos jovens no grupo estudantil, no grupo religioso, no grupo cultural e no grupo político, para desenvolver a forma como estes sujeitos compreendem os saberes sobre a sexualidade e os significados e sentidos atribuídos em suas relações sociais a partir destes conhecimentos, bem como, a produção e a reprodução da homofobia. Nesta perspectiva, o processo metodológico de coleta de dados é composto de: questionário de caracterização de perfil dos jovens; observações nos espaços vividos pelos jovens, com a utilização do diário de campo para as anotações; discussões a partir da reportagem extraída da revista Isto É ("O amor que ameaça"); sessões de filmes (Minha vida em cor de rosa e Delicada atração), com debates após o tape e entrevistas individuais ao grupo estudantil. Torna-se, então, um grande debate com os jovens. Estes revelam, em seus discursos, como os saberes socializados pelas instituições responsáveis pelo repasse dos conhecimentos sistematizados pela humanidade (a família, a igreja e a escola) têm contribuído para a reprodução da homofobia. Isso faz com que o contexto vivido por eles seja muito contraditório: enquanto alguns negam a homossexualidade como uma expressão sexual da satisfação de desejos singulares, outros concordam com as diversas formas de prazer e amar. Todavia, é muito difícil o assumir-se de uma identidade sexual (tanto à homossexualidade quanto à heterossexualidade), a normalidade exigida impõe condutas, às vezes, muito difíceis. Frente à complexidade vivida no cotidiano, entre discursos de aceitação e de rejeição à homossexualidade, os jovens sentem-se confusos e inibidos, especialmente no grupo estudantil, pois os espaços mais castradores e/ou inibidores para a discussão são os espaços da escola. De certo modo, a produção e a reprodução da homofobia ocorre de modos diversos nos espaços vividos pelos jovens em nossa sociedade. Porém, estes sujeitos, no grupo organizado, especialmente o político e o cultural, buscam a desfamiliarização da homofobia, imprimindo, em seus discursos e nas relações entre pares, uma outra orientação - da aceitação plena das expressões sexuais, muito embora estas manifestações ainda se apresentem muito tímidas.

---

---

17. MATTOS, Miriam. **Educação sexual na escola: intenções e concepções.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001. Orientador: RAYS, Oswaldo Alonso

Este trabalho consiste numa pesquisa qualitativa que teve como objetivo investigar as intenções e concepções dos educadores que realizam atividades sobre educação sexual nos terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental, em escolas da rede pública e privada do município de Passo Fundo. Estabelece um comparativo entre as escolas de periferia urbana e de centro urbano, que se configuram como contextos socioeconômicos diferentes. Para isso, utiliza uma entrevista semi-dirigida e o método de análise de conteúdo, tendo como categorias principais as concepções referenciais que fundamentam a ação dos educadores, sua metodologia de trabalho, sua vivência da prática pedagógica e a receptividade das atividades desenvolvidas. A análise dessas categorias permitiu concluir que as concepções e intenções da amostra se aproximam, em termos de classificação, da concepção tradicional de educação, levando, assim, à reprodução de um padrão sexual conservador. No mesmo sentido, o comparativo entre os sujeitos de escolas de periferia e de centro urbano apresentou indicativos de que a ação educacional desenvolvida acaba reproduzindo, pedagogicamente, os ideais do sistema social dominante.

---

18. NEVES, Denise Carmen de Andrade. **A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que frequentam o Hospital das Clínicas da UFG.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Goiás, Goiânia, 2001. Orientador: DOMINGUES, Maria Hermínia Marques da Silva

Na sociedade ocidental urbana, a ocorrência da gravidez entre adolescentes tem sido objeto de preocupação de várias áreas do conhecimento. Na perspectiva educacional, considera-se que a gravidez se torna um importante obstáculo para que adolescentes, sobretudo das classes subalternas, atinjam graus mais altos de escolaridade e, conseqüentemente, de profissionalização. Esse estudo descritivo buscou analisar a relação existente entre a gravidez, a escolaridade, a profissionalização e a socialização das adolescentes. A análise dos dados foi feita com os agrupamentos: grávidas ou mães. Foram entrevistadas, por meio de um roteiro estruturado, cinquenta adolescentes grávidas e trinta adolescentes mães. Foram utilizados oito roteiros diferenciados, conforme a condição da adolescente: estudante, estudante e trabalhadora, não-estudante e não-trabalhadora; não-estudante e trabalhadora. Os resultados evidenciaram que a gravidez na adolescência constitui um fator obstaculizador da continuidade dos estudos de grande parte das adolescentes das classes subalternas. Das adolescentes grávidas

---



entrevistadas, 52 por cento haviam abandonado os estudos, 69,3 por cento em razão de fatores decorrentes da gravidez. Entre as mães, o percentual de abandono foi de 60 por cento, 83,3 por cento em virtude da gravidez. Entretanto, o estudo ressaltou também que, a par da ocorrência de uma gravidez nessa fase da vida, outros fatores emergem como empecilhos para a continuidade dos estudos: a necessidade de trabalhar, o desestímulo com a instituição escolar que não se apresenta suficientemente atraente para muitas adolescentes, as precárias condições de vida, dentre outros. Enfim, a gravidez pareceu apresentar-se para muitas adolescentes como uma forma de consolidar o afastamento que já vinha sendo traçado no decorrer de sua vida escolar. Contudo, a escola continuava colocando-se como uma das poucas alternativas às quais poderiam recorrer para conquista de melhores condições de vida para elas e para os filhos, daí a insistência de muitas em afirmar que desejavam voltar à escola.

---

19. PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. **Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental**: um diagnóstico. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2001. Orientador: RODINI, Elaine Sbroggio de Oliveira

O presente estudo teve como foco principal a aplicação da proposta de Orientação Sexual expressa pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o 3o e 4o ciclos do Ensino Fundamental, e a atuação do professor em relação à mesma. Foi realizado através da aplicação de um questionário a 90 professores, lotados em 14 escolas pertencentes à rede pública e particular de ensino da cidade de Bauru - SP, e investigou como está sendo realizado o trabalho sugerido pelo documento do MEC nessas escolas. Os resultados obtidos mostraram algumas dificuldades vivenciadas por esses professores em relação à aplicabilidade da proposta oficial, e a partir dessas, procurou-se estabelecer algumas reflexões que pudessem servir como ponto de partida em busca de possíveis soluções para a superação das mesmas.

---

20. SANTOS, Terezinha Marli dos. **Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). Univ. Reg. do Noroeste do Est. do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí, 2001. Orientador: PANSERA-DE-ARAUJO, Maria Cristina

A presente pesquisa partiu da minha observação, como professora de Biologia do Ensino Médio, de que o bom desempenho nas avaliações bimestrais quantitativas dos meus alunos, indicando terem compreendido os conceitos científicos da Reprodução Humana e dos Métodos Contraceptivos,

---

contrastava com o fato de, no espaço extra-escolar, muitos ficarem grávidos sem qualquer planejamento. Alguns deles não relacionavam a possibilidade de gravidez com a sua maturidade sexual, demonstrando pouco entendimento do desenvolvimento biológico do seu organismo. Para compreender essa realidade, procurei estudar como os alunos externalizam os conceitos básicos da Reprodução Humana e se os relacionam ou não com aspectos afetivos de sua vida diária. Desse modo, ouvi oito jovens alunos cursantes da segunda série de duas escolas públicas estaduais, utilizando entrevistas orais semi-estruturadas, direcionadas por duas situações-problema sobre a ocorrência ou não de gravidez. Pela análise das falas, acompanhei a evolução dos conceitos relacionados nas situações-problema e a sua operacionalização por parte desses estudantes. Os resultados permitiram identificar dois grupos de entrevistados: 1) explicação inicial a partir do conhecimento cotidiano e, 2) explicação imediata ligada à construção científica produzida no meio escolar. Ao longo das entrevistas, os questionamentos auxiliaram os estudantes a relembrar entendimentos, constituindo-se num processo de mediação que, provavelmente, permitiu-lhes reconhecerem os aspectos científicos e sociais da gravidez. Acrescenta-se a isso a discussão sobre a importância do uso dos Métodos Contraceptivos, não somente para evitar a gravidez, mas também como medida preventiva das DSTs e Aids. Dessa forma, percebi que a racionalidade técnica imposta pelo sistema de ensino atual é frágil e só poderá ser superada pela mediação do professor, desde que a Biologia do Ensino Médio seja reestruturada. Os Métodos Contraceptivos e a morfofisiologia da Reprodução Humana precisam ser compreendidos a partir de sua interação biológica científica, a fim de que possam fazer parte da formação integral dos cidadãos e adaptadas ao seu contexto.

---

21. SOUZA, Laí Claudete de. **Gravidez na adolescência**: subsídios para uma proposta pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2001. Orientador: KUDE, Vera Maria Moreira

O presente trabalho teve por objetivo compreender o fenômeno da gravidez na adolescência. A investigação foi realizada com jovens da rede pública de Ensino Fundamental e Médio do interior do estado do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada é qualitativa, de cunho fenomenológico. Nesta perspectiva foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis jovens do sexo feminino, com idades entre quatorze e dezenove anos. Este instrumento propiciou a coleta de informações de forma a desvelar o mundo vivido das participantes. A análise dos achados da pesquisa foi feita pelo método fenomenológico, proposto por Giorgi (2001). Através da análise foram desveladas as vivências, possibilitando a compreensão do fenômeno de modo a chegar às essências que constituem o mundo da vida das adolescentes. Os resultados indicam que a maior parte das jovens do estudo, apesar das dificuldades no início da gravidez, supera os momentos difíceis, conta com o apoio de familiares, amigas e colegas de escola e, muitas vezes, serve de

---

modelo para as mesmas. Mostram também a necessidade de a escola descobrir novos meios de incluir a Orientação Sexual de forma efetiva nos currículos como tema transversal de acordo com os Parâmetros Nacionais de Currículo, para a prevenção da gravidez precoce. A partir dessas constatações, há possibilidade de fundamentar uma necessária mudança na ação educativa, apontando para um novo projeto de ação político-pedagógico que contemple as preocupações, as necessidades e os sentimentos das adolescentes.

---

22. TONATTO, Suzinara. **Adolescência "corpo e alma"**: abordando um tema transversal na educação formal. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Orientador: MILNITSKY-SAPIRO, Clary

O tratamento de temas como corpo e sexualidade não é de inteira responsabilidade da escola, mas esta instituição deve estar envolvida com essas questões, uma vez que elas aparecem "transversalizadas" na cultura e na sociedade, permeando suas diferentes concepções. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo descrever e justificar a importância de inovações nas práticas de ensino-aprendizagem, que atentem para a questão da Orientação Sexual. Para isso, procuramos oferecer à instituição escolar formas significativamente contextualizadas e interdisciplinares de se trabalhar as questões acerca da sexualidade. As oficinas realizadas com adolescentes visavam a reflexão e discussão críticas de temas emergentes. As questões referentes à sexualidade contempladas nesse estudo foram analisadas a partir de um referencial teórico interdisciplinar, dada a complexidade e o caráter multifacetado das questões abordadas. Quanto aos aspectos legais e curriculares, procuramos fundamentar nossas idéias nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), proposto pelo Ministério da Educação em 1996. Esse estudo apresenta duas etapas de investigação: uma qualitativa (descrição etnográfica) e uma experimental (as oficinas). Participaram da pesquisa 25 alunos da 7ª série, de ambos os sexos, de uma escola de Porto Alegre, RS, Brasil. Os resultados mostraram as profundas reflexões e discussões dos adolescentes com relação aos temas abordados, permitindo a conclusão de que a escola é um ambiente muito importante no que diz respeito ao alcance de uma significativa e contextualizada educação sexual através de abordagens interdisciplinares e transversais.

---

2002

---

23. CARRADORE, Vânia Maria. **Adolescência, aids e educação escolar:** elementos para reflexão. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara, 2002. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Vivemos, atualmente, uma epidemia de Aids que vem crescendo ao longo dos anos. Sabe-se que os adolescentes representam um grupo de elevada vulnerabilidade frente ao HIV. Diante dessa problemática, os diversos profissionais que trabalham com prevenção buscam alternativas de ação, visando a atingir esse segmento populacional. Este estudo tem o objetivo de sistematizar um referencial teórico, com base em pesquisas e conhecimentos já existentes, de maneira a buscar elementos para reflexão sobre a questão da educação e prevenção à Aids entre adolescentes no contexto escolar. Tem por objetivo também, arregimentar conhecimentos que possam subsidiar e instrumentalizar os profissionais que atuam em prevenção, com adolescentes, especialmente no espaço escolar. Para tanto, traça considerações sobre a Aids, sobre o fenômeno da adolescência, sobre a sexualidade, sobre as relações de gênero e sobre a prevenção da Aids no contexto escolar. O estudo realizado aponta para o fato de que, cada vez mais, a Aids parece se tornar uma questão de educação escolar. Considera, então, que as atividades preventivas, nesse contexto, terão maior eficácia se inseridas em programas de Orientação Sexual que possibilitem aos adolescentes vivenciar um verdadeiro processo educativo nas questões relacionadas à sexualidade humana, às relações de gênero e à Aids. Propõe que tais programas sejam incluídos na grade curricular de todas as escolas públicas brasileiras, com uma hora-aula semanal a partir da quinta série do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio, com professores devidamente habilitados para tal. Nessa perspectiva considera-se de suma importância que os professores recebam formação inicial e continuada na temática, e que os poderes públicos tomem a si a responsabilidade de viabilizar tais propostas.

---

24. MELLO, Renata Cardillo Homem de. **Orientação sexual na adolescência:** primeiras reflexões. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. São Marcos, São Paulo, 2002. Orientador: COELHO FILHO, Joaquim Gonçalves

O estudo investiga como o tema "sexualidade" é abordado pelas escolas, duas públicas e duas particulares, bem como sua repercussão no desenvolvimento emocional do adolescente e no diálogo entre pais e filhos adolescentes. Os sujeitos são: 4 coordenadoras, 8 pais e 8 adolescentes de 7ª e 8ª séries, cuja faixa etária está entre 13 e 17 anos. A pesquisa apresenta três momentos

---

distintos. Primeiro: entrevista as coordenadoras e verifica como a escola acolhe o tema. Segundo: entrevista os pais e identifica o alcance do tema no diálogo entre pais e filhos. Terceiro: entrevista os adolescentes, visando compreender suas necessidades em relação à vivência da sexualidade a partir do referencial teórico winnicottiano. Observa que apenas uma escola particular aborda o tema sexualidade além dos aspectos fisiológicos, atuando como decodificadora e receptora das informações recebidas por fontes diversas. Identifica as dissonâncias existentes no diálogo entre pais e filhos, destacando a tensão vivenciada pelos filhos, tanto no ambiente escolar como familiar. Conclui que não existe uma proposta de orientação sexual voltada à reflexão da sexualidade. Destaca a importância da orientação sexual como um trabalho de acolhimento das ansiedades do adolescente, sugerindo a criação de um ambiente favorável para o emergir do espaço potencial, constituído pela realidade psíquica e pela realidade compartilhada.

---

25. PINTO, Enio Brito. **Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.** Dissertação (programa de pós graduação não consta na base). PUC, São Paulo, 2002. Orientador: SUNG, Jung Mo

Este estudo surgiu da necessidade de responder aos questionamentos sobre uma lacuna verificada nos estudos sobre a orientação sexual na escola no que se refere ao encontro deste trabalho com o ideário religioso. Para tanto, fez-se uma pesquisa em alguns dos mais importantes livros para adolescentes sobre a sexualidade a fim de verificar como eles lidam com a intersecção entre a religião e a sexualidade humana. Pesquisou-se a maneira como os autores se referem a religião e aos fenômenos pertinentes a moral religiosa ao tratar da sexualidade adolescente, procurando-se dar especial atenção as entrelinhas do discurso dos autores estudados

---

26. SANTOS, Vera Márcia Marques. **A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Orientador: SILVA, Maria Aparecida Lemos

Este trabalho aborda a questão da violência e o abuso sexual contra crianças e adolescente. Nas entrevistas com educadores do ensino fundamental de escolas públicas, que são os sujeitos desta pesquisa, observou-se defasagem em sua formação, no que se refere à necessidade de atendimento escolar, ou seja, para perceber e orientar a população escolar vitimizada. Na fala desses educadores percebeu-se a fragilidade quando, no cotidiano da escola, encontram-se diante de situações em que urge a necessidade de uma tomada de posição no que se refere à temática em questão. Foi lendo, refletindo, escrevendo, participando de grupos da comunidade de Florianópolis/SC, local

---

da realização da pesquisa que caminhei. Assim, foi se caracterizando a Pesquisa Participante. E nesse encaminhamento metodológico a ação-reflexão-ação é constante. Além dos educadores escolares, nessa abrangência forma envolvidos o Fórum Municipal pelo fim da Violência e Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes, as unidades escolares de que são oriundos os sujeitos bem como, pais e responsáveis destas crianças e adolescentes. São enfocados e discutidos os conceitos de violência, abuso sexual, incesto, vitimização - vitimação e, ainda mitos e verdades que historicamente tentam justificar atos de violência, abuso e exploração sexuais contra crianças e adolescentes. Em síntese, considera-se a necessidade de rever os currículos escolares e a formação do educador quanto a uma Educação Sexual de cunho emancipatório. Torna-se fundamental que esses educadores assumam o compromisso político-pedagógico como essência de sua prática. Assim o todo aqui relatado, apresenta três capítulos, em que buscamos subsídios que fundamentam esta pesquisa.

---

27. SILVA, Kátia Krepsky Valladares. **Sexualidade**: professor que cala nem sempre consente. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. Fluminense, Rio de Janeiro, 2002. Orientador: CHAVES, Iduina Edite Mont'Alverne Braun

Pesquisa qualitativa, cuja proposta foi investigar o cumprimento (ou não) do que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à orientação sexual nas escolas e seu tratamento de forma transversal. O objetivo principal foi avaliar "se" e como a sexualidade está sendo abordada em escolas da rede pública de ensino na região oceânica de Niterói/RJ, procurando: compreender a percepção que alunos e professores tinham da atual situação da orientação sexual; conhecer as formas como a escola, através de seus professores, tem lidado com a sexualidade humana; e como adolescentes da população escolar tem assimilado tais informações. Considera a sexualidade aspecto extremamente importante na formação global das pessoas, que não pode ser negada ou ignorada. Daí a relevância de se conhecer mais os mecanismos criados pela escola para lidar com a sexualidade dos adolescentes.

---

28. VACCARI, Vera Lucia. **Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero**: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). USP, São Paulo, 2002. Orientador: PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo

A promoção da saúde sexual está relacionada à promoção da equidade de gênero e dos direitos sexuais. Fazem parte dos atributos da Escola Promotora da Saúde e estão explícita ou implicitamente contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Orientação Sexual do Ministério da

Educação. Nesta pesquisa, buscou-se conhecer se (e como) atividades de promoção da saúde sexual são realizadas em escolas estaduais de São Paulo. Foram entrevistados 20 adolescentes (10 de cada gênero), estudantes do ensino médio e de curso profissionalizante. Foram construídos e analisados Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) sobre atributos dos gêneros. Representações sociais (RS) mais tradicionais de gênero apresentam-se ao lado de outras, mais contemporâneas, embora sem proposta de equidade. Não há diferenças significativas entre as RS das meninas e meninos, que igualmente parecem entender privilégios masculinos como direitos. Homossexuais masculinos são discriminados, por não se adequarem à RSD vigente quanto ao masculino. O espancamento de mulheres é em geral atribuído à bebida. Outras formas de violência contra os direitos da mulher passam quase despercebidas. De maneira geral, a construção da equidade de gênero (e da saúde sexual) parece não fazer parte das atividades das escolas freqüentadas pelas pessoas entrevistadas. Cursos de formação de professores(as) devem incorporar a promoção dos direitos sexuais, base da promoção da saúde sexual. Professores(as) devem ter acesso a bolsas de estudos e a salários que lhes permitam participar de cursos e eventos científicos na área, para poderem realizar mudanças. Só assim a escola poderá transformar-se em verdadeira Escola Promotora da Saúde (AU) [...]

---

2003

---

29. ALVES, Vera Lúcia Mayorca. **Escola, Literatura e Sexualidades**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Est. de Pelotas, Pelotas, 2003. Orientador: PEREIRA, Marcos Villela

Esta pesquisa tem como objetivo investigar quais questionamentos poderiam ser levantados pelos/as alunos/as sobre questões concernentes ao gênero e às sexualidades, bem como, quais as reflexões, avaliações e concepções surgiriam em discussões propostas a partir da leitura de textos da literatura brasileira. A metodologia empregada baseou-se em uma pesquisa-ação, realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rui Poester Peixoto, situada na periferia da cidade de Rio Grande. A pesquisadora, professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, realizou encontros extra-classe com vinte alunos/as de 8ª série do ensino fundamental. Os textos, fragmentos de obras de autores brasileiros, foram previamente lidos e trazidos para o debate. Trabalhou-se os seguintes textos: *Lucíola*, de José de Alencar; *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *O Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. O referencial teórico está sustentado por autores/as que debatem a questão do gênero e da sexualidade numa perspectiva pós-estruturalista, tais como: Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva, Debora Britzman, Michel

Foucault, Oscar Guasch, entre outros. As categorias teóricas levantadas foram: gênero, sexualidades, amor, desejo, currículo, leitura e literatura. Concluiu-se que a literatura como aporte para travar o debate sobre gênero e sexualidades é pertinente, porque ela possibilita que se quebre o silêncio em torno de questões quase sempre proibidas na escola

---

30. CORREA, Lisete Bertotto. **A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Orientador: RIBEIRO, Marlene

A investigação, inscrita no campo das ciências humanas, problematiza as categorias inclusão/exclusão no que refere ao contexto escolar. Estar incluído é apenas estar matriculado e freqüentar a escola? Mais do que estar no grupo é necessário o sentimento de pertença. Sem este, dificilmente o sujeito se sentirá integrado aos demais. Meu recorte de pesquisa vai focar a Exclusão Branda do Homossexual no Ambiente Escolar nos primeiros anos do século XXI, uma era de muitos direitos, especialmente em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, que já vinha há quatorze anos de uma experiência de administração política de esquerda, naquilo que diz e no modo como opera em relação à educação. Trazemos para as Universidades, as ruas e os parques da cidade o Fórum Mundial da Educação. Povoamos de juventude de todas as partes do mundo, a orla do Guaíba, do Gasômetro ao Portal do Sol no Parque da Harmonia. O mundo esteve em Porto Alegre em janeiro de 2003. Sem dúvida o discurso político neste momento é o da inclusão. É o contexto do "politicamente correto" que chegou até nós, "emergentes", como subproduto cultural dos países "emergidos". Meu objeto de pesquisa é o alcance da operacionalização dos temas transversais (temáticas formadoras de cidadania) referentes aos direitos humanos que deveriam perpassar por todas as matérias do ensino fundamental e do médio, no que se refere à livre orientação sexual. O discurso político das liberdades individuais, a mudança nos costumes, na legislação, a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - 2000) e os anos de construtivismo baseado na Epistemologia genética de Piaget (1976) e nas teorias de educação libertadora de Paulo Freire, modificaram, no espaço escolar o preconceito contra os jovens que preferem namorar ou "ficar" com pessoas do mesmo sexo?. Este estudo não tem como foco a identidade homossexual. Porém, será necessário atravessar alguns milênios e invadir o campo da História, da Sociologia, da Filosofia e da Antropologia, para entender porque a Modernidade, uma época de tantos direitos, mantém esse preconceito sobre a questão homossexual. Relacionar este entendimento com a concepção do sujeito "normal" e seus desviantes, a influência do Higienismo e a escola como instituição normatizadora constituem o campo teórico desta investigação. Trata-se de uma pesquisa de caráter histórico, que se serve de uma estratégia analítica inspirada nas proposições de poder/saber, subjetividade de Michel Foucault e

---



na obra filosófica de Gilles Deleuze, embora não exclusivamente, para a mediação das histórias de vida de homossexuais mais velhos fazendo o contraponto com a análise do contexto das escolas visitadas .

---

31. DAMIANI, Fernanda Eloisa. **Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003. Orientador: VIEIRA, Péricles Saremba

A constatação empírica da existência de um elevado número de adolescentes grávidas nas escolas de ensino médio da cidade de Passo Fundo - RS, o sofrimento decorrente dessa situação para elas mesmas, para os familiares, bem como para os professores cuja formação profissional parece insuficiente para capacitá-los a lidar com o "problema", desafiam a investigar o tema e a se construir alternativas de solução. A pesquisa, realizada com quinze adolescentes grávidas e dez docentes de cinco escolas públicas e uma escola particular da cidade de Passo Fundo, RS, investigou a prática pedagógica dos profissionais e suas competências para lidar com as questões relacionadas à gravidez na adolescência. Em razão de essa pesquisa levar em consideração a subjetividade, buscando compreender a percepção, as ações dos sujeitos envolvidos e as falas situadas no contexto de sua produção, os dados foram coletados por meio de entrevistas, gravações, seguindo o método "análise temática" anunciado por Minayo (1994). Realizou-se uma releitura das entrevistas produzidas, definindo a constituição do corpus da dissertação, passando-se, após, à fase de reexploração do material, com a especificação dos temas e interpretação dos mesmos. Identificou-se, após a pesquisa, que, além da família, o docente é tido como principal referência de orientação das adolescentes gestantes. Apesar disso, a maioria dos docentes revela dificuldades em termos de competências, para orientá-las em determinadas situações, anunciando a necessidade de adquirir e desenvolver maiores competências para o exercício da práxis pedagógica.

---

32. FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. **A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: ROHDEN, Fabiola; LEAL, Maria Cristina; BRAVO, Maria Ines Souza

Esta dissertação analisa o impacto que a vivência da sexualidade e suas implicações, principalmente, a gravidez na adolescência, tem para a escola. Trata-se de um estudo comparativo, de caráter exploratório, realizado em duas escolas da rede municipal localizadas em Jacarepaguá, no âmbito da 7ª Coordenadoria Regional de Educação. Tal estudo contextualiza as políticas

---

públicas de saúde e educação dirigidas aos adolescentes, destacando as práticas educativas direcionadas ao exercício da sexualidade e a saúde reprodutiva. O foco principal é o material qualitativo, oriundo de entrevistas semidirigidas realizadas com 46 escolares matriculados entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental, com idades de 11 a 17 anos; 21 professores, sendo que cinco estavam ocupando a função de direção e dois a coordenação pedagógica. Buscou-se interrogar esses sujeitos sociais acerca de como as questões ligadas à sexualidade e à gravidez na adolescência são tratadas no espaço escolar. O nosso referencial teórico-metodológico teve como base a análise da gravidez na adolescência como um dos reflexos da questão social diante das transformações societárias vigentes. Utilizou-se também os Parâmetros Curriculares Nacionais e a legislação em vigor que respalda as ações relacionadas à temática. O universo da pesquisa, ainda que restrito, traz à tona a orientação das ações desenvolvidas tendo como pressuposto fundamental a interpretação/rotulação da gravidez na adolescência como um problema social, homogeneizando uma categoria tão heterogênea.

---

33. FOSSA, Angela Marcia. **Educação sexual na escola**: um estudo junto a adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Metod. de Piracicaba, Piracicaba, 2003. Orientador: PAIVA, José Maria de

Este trabalho pretende conhecer como os adolescentes, alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do Município de Piracicaba, percebem a educação sexual na escola, e contribuir para a desmistificação do adolescente como "problema" e da sexualidade como "tabu". Inicialmente resgatamos os conceitos de adolescência, sexualidade e educação sexual. Apresentamos os depoimentos, obtidos de grupos focais de adolescentes, e analisamos com ênfase nos seguintes aspectos: sexualidade na adolescência, educação sexual e educação sexual na escola. A sexualidade aparece como uma característica importante na identidade adolescente. Os entrevistados reconhecem que há diferenças entre sexo e sexualidade e constatamos que eles trazem o desejo de romper com a discussão de sexualidade limitada e reduzida à genitalidade, à reprodução e ao medo de contrair as doenças sexualmente transmissíveis. Consideram a educação sexual na escola como a oportunidade de os adolescentes receberem informações e discutirem assuntos que geralmente não são tratados na família, tais como relacionamento, amor, namoro, prazer, homossexualismo, aborto, masturbação. Eles trazem muitas informações preconceituosas sobre sexualidade. A educação sexual na escola é descrita e lembrada como uma atividade ocasional, sem continuidade, motivada pelas perguntas dos alunos e interesse de alguns professores; parece estar ancorada numa visão biológico-reprodutiva, estando ausentes as reflexões de sexualidade como necessidade humana, modulada por valores subjetivos e individuais, de cunho religioso, cultural, histórico e social. Destacamos a importância do planejamento na educação sexual e da elaboração conjunta das atividades, da formação

---

continuada dos professores e da avaliação das intervenções com os alunos. A escola é uma mediadora privilegiada na discussão da sexualidade junto aos adolescentes, sem substituir a família, mas assumindo o seu papel na tarefa de educar para a vida, incluindo aspectos relacionados à afetividade, gênero, violência doméstica, exploração e abuso sexual, com a finalidade de desenvolver e fortalecer o senso crítico no cotidiano, resgatando a auto-estima e a capacidade de ação para transformação desta sociedade. A formação dos educadores abre espaço para incorporar a discussão da sexualidade, a compreensão desta como dimensão humana e instrumentaliza os educadores para trabalhar as concepções e as transformações da sexualidade ao longo da vida. A parceria com a família, com os serviços de saúde e outras instituições, é fonte potencial de contribuições para o trabalho de educação sexual na escola.

---

34. NEVES, Simone Rodrigues. **Avaliação em projetos de educação sexual**: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública. Dissertação (Mestrado em Saúde na Comunidade). USP, Ribeirão Preto, 2003. Orientador: VIEIRA, Elisabeth Meloni

Teve como objetivo a análise das avaliações existentes em dois projetos sócio-educativos relacionados a educação sexual para adolescentes da Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia, desde a sua implantação em 1989. O método adotado foi qualitativo, utilizando como estratégias de coleta de dados observações de trabalho em grupo com adolescentes, investigação de registro existentes na escola acerca dos projetos e entrevistas semi-estruturadas realizadas com adolescentes e coordenadoras. Utilizou-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 1977) com o uso de procedimentos sistemáticos de descrição de conteúdo das mensagens obtidas nas coletas de dados. As avaliações desses projetos consistem, na maioria das vezes, de avaliações orais frequentemente presentes nos grupos de adolescentes, valorizando a auto avaliação e avaliação do relacionamento interpessoal, e ainda, por observações cotidianamente realizadas pelas coordenadoras dos projetos. Os resultados obtidos evidenciam falhas na sistematização destas avaliações. Os participantes e coordenadoras dos projetos consideram que estes contribuem para a conscientização dos adolescentes frente a sua sexualidade e decisões da prática sexual, ajudam a superar preconceitos, a respeitar as diferenças e diversidades sexual e a formação da cidadania. Porém, as educadoras consideraram que as avaliações desses projetos são falhas devido à ausência de registro e sua sistematização.

---

---

35. NEVES, Sinara Mota. **Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS**: subsídios para uma prática educativa. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde). Univ. de Fortaleza, Fortaleza, 2003. Orientador: FARIAS, Francisca Lucélia Ribeiro de

Com o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS), torna-se urgente o trabalho da orientação sexual e prevenção das DST/AIDS, no espaço escolar, para que se efetive a socialização das informações aos grupos de adolescentes, contribuindo para obtenção de um desenvolvimento saudável. Para tanto, a pesquisa teve como objetivo investigar o conhecimento das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS por parte dos pais, alunos e professores de uma escola de Ensino Fundamental no Município de Fortaleza para subsidiar o desenvolvimento de uma intervenção educativa em saúde. Para esse fim, foram utilizados questionários constituídos de perguntas abertas e fechadas aplicadas a trinta alunos e vinte seis professores sobre o conhecimento pesquisado e realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco pais. A análise quantitativa dos dados foi realizada através do software SPSS e a qualitativa se apoiou nos pressupostos metodológicos para análise das relações de conteúdos difundidos por Bardin (1977), que conduz o processo de elaboração de categorias temáticas. A partir dos dados obtidos realizou-se oficinas educativas sobre adolescência, sexualidade, métodos contraceptivos e DST/AIDS. O estudo revelou que as oficinas favoreceram oportunidades de conhecimentos sobre DST/AIDS e propiciaram estímulos para organização de planos de trabalho junto à comunidade escolar.

---

36. PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. **Representação da gravidez e aborto na adolescência**: estudo de casos em São Luís do Maranhão. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2003. Orientador: FRANCA, Carlos Alberto Vidal

O presente estudo se enquadra dentro da problemática da adolescente, gravidez e aborto. A gravidez na adolescência está quase sempre ligada ao risco de aborto provocado, razão pela qual o estudo de casos em São Luís do Maranhão permite uma análise na questão gravidez - aborto. Entre os objetivos deste trabalho procura-se apresentar propostas que auxiliem na prevenção para diminuir o número de gravidez não desejada e aborto entre adolescentes. O fenômeno é abrangente e multidimensional, nele intervêm aspectos como o econômico, social, cultural, educacional, psicológico, de gênero e outros, que levam a sugerir que com adequada educação sexual pode-se diminuir a gravidez na adolescência. Adotou-se a metodologia de análise de conteúdo de entrevistas em profundidade com amostra de dez adolescentes grávidas selecionadas de escolas públicas e privadas. Algumas conclusões do estudo são: não há nas escolas de São Luís programas

---

específicos de orientação sexual. A maioria das adolescentes pesquisadas engravidou por não considerar oportuna a prevenção, a família da adolescente grávida geralmente não mantém diálogo sobre orientação sexual isso devido a tabus (choque de gerações), ou ausência causada pelo fator sobrevivência - características que não excluem as famílias de baixa renda cujos agravantes são: desestrutura familiar e problemas econômicos.

---

37. PROVENZI, Neila Ana. **Educação formal e gravidez não planejada na adolescência**: um estudo de base fenomenológica. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Porto Alegre, 2003. Orientador: KUDE, Vera Maria Moreira

O presente estudo procurou investigar quais são as repercussões de uma gravidez não planejada na vida da adolescente e como reflete no seu projeto de educação formal. Os objetivos foram investigar: as conseqüências e repercussões da gravidez na vida escolar, familiar e social da adolescente; como a orientação educacional percebe a relação que a adolescente grávida mantém com a vida escolar. Foram entrevistadas uma orientadora educacional e seis adolescentes, na faixa etária de 14 a 19 anos, de uma população de baixa renda, de uma escola estadual do interior do Rio Grande do Sul. Os dados foram analisados com um método de base fenomenológica. Os resultados indicam que: no início da gravidez a adolescente tem um pensamento mágico mas que com sua evolução ocorre uma mudança de comportamento, caracterizada por uma atitude mais madura e realista; a família é um ponto de apoio no enfrentamento das responsabilidades da maternidade; a valorização dos estudos manifesta-se na necessidade de permanecer na escola após o nascimento do bebê; o baixo nível de escolaridade do pai e da mãe dessas adolescentes aparentemente contribui para a ocorrência de gravidez na adolescência. Para as adolescentes e seus companheiros, a educação é a porta de entrada para um mundo mais amplo, que abrange alguns aspectos de que elas só têm conhecimento pelos meios de comunicação. Desse modo, a suposição inicial deste estudo de que, ao ficar grávida precocemente, a adolescente se evade da escola, não se manteve porque não foi uma constante em todas as entrevistadas uma vez que três meninas, dentre as seis participantes desta pesquisa, não abandonaram os estudos, pelo menos até o presente momento.

---

38. RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. **Menino-macho e menina-fêmea**: a socialização e a sexualidade infanto-juvenil em Itaparica-Ba. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2003. Orientador: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar

Esta dissertação focaliza o processo de socialização infanto-juvenil no que diz respeito às relações de gênero e exercício da sexualidade, a partir de uma perspectiva sócio-antropológica. O trabalho baseia-se em pesquisa de cunho

---

etnográfico, que teve como alvo grupos de crianças de ambos os sexos, dos 5 aos 14 anos, pertencentes a famílias de classes populares de uma comunidade situada numa ilha na Baía de Todos os Santos, Estado da Bahia. A pesquisa orientou-se para a observação do comportamento dos meninos e meninas tanto no âmbito doméstico-familiar e na escola quanto em espaços de lazer, tais como a praia e a praça, local onde as crianças brincam e interagem, geralmente longe da supervisão dos adultos. A investigação valeu-se, também, de entrevistas formais e informais com pais, outros parentes, professores e as próprias crianças, com o propósito de identificar normas, valores e práticas relativas às relações de gênero e construção da sexualidade no mundo infanto-infantil. O estudo mostrou que, apesar da forte influência da família e da escola na socialização primária, as crianças internalizam, reproduzem e reelaboram representações sobre as relações de gênero e conduta sexual adequada sobretudo com seus pares e, principalmente, de forma jocosa, no contexto de diferentes jogos e brincadeiras infantis. Isso garante que, a partir dos sete anos de idade, os grupos etários já se dividam por sexo, demarcando os comportamentos apropriados para "meninos-machos" e "meninas-fêmeas": enquanto eles se afirmam externalizando a sua sexualidade, elas são treinadas, desde cedo, a negá-la, mostrando-se sempre recatadas. O estudo analisa as representações e as práticas dos grupos observados nesse processo socializador, revelando como gênero e sexualidade são construídos socialmente, dependendo dos contextos em que se dão as diferentes interações sociais.

---

39. RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. **O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Pelotas, Pelotas, 2003. Orientador: GARCIA, Maria Manuela Alves

Este trabalho objetiva analisar as práticas e os discursos que, entre alunos e alunas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, levam à normalização das condutas de gênero e sexualidade, dando especial atenção aos traços de homofobia decorrentes de tais condutas, bem como a descoberta de quais são as sanções, se existem, às manifestações de sexualidade divergentes da heterossexualidade. O estudo realizou-se na Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, no Balneário do Cassino (Rio Grande - RS), com alunos e alunas de duas turmas de sexta série e duas de sétima série, no ano letivo de 2002. A metodologia aplicada para a coleta de dados foi a técnica da observação participante, complementada por oito entrevistas semi-estruturadas, com dez estudantes (meninos e meninas) representantes das quatro turmas, e por uma análise de documentos que consistiu na leitura dos cadernos de ocorrências da Escola. A partir do material coletado, foram selecionadas as seguintes categorias de análise que serviram de base teórica: gênero, sexualidade, homofobia e identidade. Como aporte teórico para a análise empreendida foram utilizados os estudos de Foucault; bem como de teóricos dos estudos

---

feministas e do gênero como Louro, Britzman, Scott, Weeks e Parker; além dos estudos sobre a masculinidade como os de Sabo e os estudos sobre a homossexualidade de Trevisan, Spencer, Gafo e Picazio. Os principais achados foram a normalização das condutas heterossexuais através de estratégias como a hierarquização dos gêneros e de uma vigilância constante sobre os corpos e suas posturas, além de um perigoso silêncio que se dá no currículo escolar a respeito das homo e bissexualidades.

---

40. ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. **Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.** Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: GOLDENBERG, Mirian

Este trabalho procura compreender como um conjunto de representações sociais sobre adolescência e sexualidade se consolidou em políticas públicas para a orientação da sexualidade nesta fase da vida e, ao mesmo tempo, como estas políticas públicas de caráter generalizante eram (re) apropriadas na singularidade de uma sala de aula. A partir do estudo de duas políticas públicas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e o "projeto aids e a escola", e de um projeto de orientação sexual realizado na Escola Municipal Orsina da Fonseca/Tijuca-RJ, pretendo contribuir para o desvelamento de aspectos das classificações sobre as fases da vida na sociedade brasileira, sobre as representações da masculinidade, feminilidade e homossexualidade, sobre os ritos necessários para a transição da infância à idade adulta, sobre as intrincadas relações de gênero presentes no cotidiano de docentes e discentes no cenário escolar, sobre o estado das relações de força entre as gerações e a consolidação das classificações coletivas em problemas sociais passíveis de recebimento de políticas públicas.

---

41. STUMPF, Débora Karine. **As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Orientador: SILVA, Tomaz Tadeu da

A partir da perspectiva pós-estruturalista e de uma aproximação entre o campo dos "Estudos Culturais" e algumas contribuições foucaultianas, este estudo analisa a revista Nova Escola, discutindo as representações de sexualidade veiculadas pela revista entre os anos de 1997 e 2001. O foco mais específico desta pesquisa está nas reportagens, sugestões, propostas e exemplos de como trabalhar a temática da sexualidade em sala de aula. Discuto essas "orientações", especialmente a partir da circulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A partir de uma análise cultural que coloca no seu centro a noção de poder, problematizo o modo como a sexualidade é

---

representada nos textos da revista. Em suma, interessou-me ver, nesta dissertação, como o currículo da revista produziu diferentes representações sobre a temática da sexualidade, de modo a reiterar a construção do sujeito heterossexual como sendo a norma.

---

42. WUO, Moacir. **Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.** Tese (Doutorado em Psicologia). PUC, Campinas, 2003. Orientador: GUZZO, Raquel Souza Lobo

Este estudo objetivou explorar as contextualizações e Representações Sociais de adolescentes do Ensino Médio sobre a AIDS e Programas de Prevenção à AIDS nas Escolas. Foram sujeitos 440 alunos de 1ª e 3ª séries do Ensino Médio de 10 Municípios do Estado de São Paulo. Utilizou-se de questionário com questões abertas e fechadas com dimensões do contexto familiar e social, situação de risco e Representações Sociais sobre a AIDS e Programas de Prevenção à AIDS nas Escolas. As respostas foram analisadas pela técnica de Análise de Conteúdo. Nos resultados das percepções dos adolescentes, alunos desfrutaram maiores liberdades no lazer, rotina de trabalho e estudos, relações com amigos, disponibilidade de dinheiro, consumo de álcool e experiências sexuais que alunas. Todos apresentaram poucas preocupações com a AIDS, admitem ter relações sexuais sem compromissos, 31 por cento indicaram ter tido relações sexuais, alunas apresentaram mais atividade sexual que os alunos, 58 por cento indicaram ter usado camisinha com maiores rejeições entre as alunas. Alunas da 1ª indicaram maior precocidade no início da vida sexual e consumo álcool. Nas Representações Sociais sobre AIDS, destacam-se aspectos biológicos-medicalizados com baixas referências à prevenção, distorções nos conhecimentos sobre transmissão e prevenção. A 3ª série manifestou maiores insatisfações e falta de interatividade nos Programas de Prevenção. Os adolescentes reproduzem as Representações Sociais de Professores sobre AIDS via atividades de prevenção nas escolas.

---

2004

---

43. ADOLPH, Cláudio Fernando. **A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: PRATA, Maria Regina dos Santos

A pesquisa investiga como a discussão da sexualidade na escola influencia a conduta e a produção da identidade sexual de alunos de 13 a 17 anos, a partir

---



da percepção destes. A intenção foi compreender de que modo a escola, como instância de formação educativa e de produção de identidades, participa da forma pela qual os adolescentes vivenciam sua sexualidade. Tomou-se como embasamento teórico autores como Foucault, (1977); Deleuze, (1992); Giddens, (2002); Lopes Louro, (2000), entre outros. Foram aplicados 84 questionários mistos com 11 perguntas a alunos de 7ª série de uma escola pública de São Gonçalo e de uma escola particular de Niterói. Foi feito um levantamento de percentagens e, nas justificativas das perguntas abertas, foi realizada uma análise categorial temática formando-se as seguintes categorias: "valorização das informações", "limitações da escola" e "diversidade de concepções". A primeira reflete a importância atribuída às informações recebidas, em particular as associadas à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez. A se refere às limitações para a transmissão de informações sobre a sexualidade na escola. A categoria "diversidade de concepções" indica como os alunos percebem as transformações ocorridas em relação à educação sexual, em comparação com a geração de seus avós e pais. Os resultados indicaram que a escola não é considerada como um lugar privilegiado na produção da identidade sexual dos adolescentes, uma vez que os meios de comunicação e a família são igualmente importantes. A naturalidade com a qual a temática da sexualidade é abordada pelos adolescentes parece refletir transformações na cultura representadas pela passagem de um modelo disciplinar rígido para a ausência de modelos rígidos e pela importância de se preservar dos riscos associados às práticas sexuais. A importância destes cuidados fez com que esta temática entrasse nas escolas, como parte das políticas que envolvem a prevenção e a saúde sexual para os adolescentes, tornando-os responsáveis pelos seus atos e por sua sexualidade.

---

44. ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. **Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Univ. Fed. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: SORJ, Bila

O estudo analisa a formação do discurso sobre sexualidade no rio de janeiro através das propostas formuladas pelo poder publico sobre educação sexual nas escolas considerando o fenômeno de publicização e especialização que vem marcando este debate são enfocados os agentes discursivos e suas posições relativas na dinâmica do "campo". Destacam-se entre esses agentes os especialistas de saúde ("sanitaristas") a educação as feministas e os "moralistas" sociais os especialistas da área da educação expressavam notadamente na década de 60 uma maior preocupação com o tema da educação sexual nas escolas, contudo nesta pesquisa demons s envolvendo temas como gravidez na adolescência doenças sexualmente transmissíveis e AIDS a realização de um estudo de caso de uma proposta governamental no rio de janeiro (projeto AIDS e a escola) permitiu abordar o campo discursivo sobre sexualidade de uma maneira mais dinâmica isto se faz necessário porque o

---

"campo" e uma estrutura instável, pois está submetido a diferentes contextos sociais e representações especialistas.

---

45. ANDRADE, Cristiane Pinto. **Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.** Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2004. Orientador: EL-HANI, Charbel Niño LOPES, Helena Theodoro

As pesquisas na área de educação têm sugerido que a educação sexual focada sobre a diversidade de orientações sexuais (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade) poderia ajudar a reduzir a incidência de problemas, tais como dificuldades de aprendizagem, isolamento e suicídio entre os adolescentes não-heterossexuais. Para que a diversidade de orientações sexuais possa ser abordada de modo apropriado no contexto escolar, é importante investigar se e como este tema é tratado em materiais didáticos, particularmente, nos livros didáticos, que desempenham um papel central na prática pedagógica. Além disso, livros paradidáticos de educação sexual também merecem atenção, em vista da possibilidade de que, por sua própria natureza, forneçam informação mais extensa e qualificada sobre o tema. Ao analisar materiais instrucionais, não somente a adequação conceitual dos mesmos deve ser examinada, mas também a linguagem empregada na apresentação das explicações, uma vez que ela pode reificar desigualdades e preconceitos ao tratar de temas como a diversidade de orientações sexuais. Aspectos epistemológicos também devem ser analisados em uma investigação sobre como livros didáticos e paradidáticos abordam o comportamento humano, em termos gerais, e, em particular, a orientação sexual. Trata-se, afinal, de um tema que envolve debates epistemológicos importantes, concernentes, por exemplo, à controvérsia natureza-cultura e ao determinismo, biológico ou ambiental. A pesquisa relatada nesta dissertação teve como objetivo central desta dissertação é investigar os tipos de explicações (determinista biológica, determinista ambiental, interacionista) sobre a diversidade de orientações sexuais que aparecem nos livros didáticos de Ciências e Biologia e paradidáticos de Educação Sexual dos ensinos Fundamental e Médio. A amostra estudada consistiu de 64 livros, sendo 20 livros didáticos de Ciências, 22 livros didáticos de Biologia e 22 livros paradidáticos de educação sexual. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um roteiro de análise documental e os dados foram submetidos a análise descritiva.. Os resultados obtidos no presente estudo indicaram que a diversidade de orientações sexuais não é abordada freqüentemente nos livros didáticos de Ciências e Biologia, sendo discutida com mais freqüência nos livros paradidáticos analisados. Explicações deterministas biológicas e ambientais foram dominantes na amostra analisada. Aspectos de história e filosofia das ciências estiveram ausentes em todos os livros investigados. Estes achados indicam a necessidade de repensar-se a abordagem da diversidade de orientações sexuais nos materiais didáticos e paradidáticos disponíveis para os ensinos Fundamental e Médio no Brasil.

---

---

46. BORGES, Dóris. **Adolescência e sexualidade na escola**: na fala de alunos e professores. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Univ. do Est. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: ASSMAN, Selvino José

Este trabalho dispõe-se discutir e também compreender alguns aspectos da construção social, histórica e ética da sexualidade no Ocidente; investigar a fala de alunos e professores no cotidiano escolar frente à questão sexualidade; buscar, baseado nos conceitos de algumas publicações de autores como César Aparecido Nunes, Isaura Guimarães, Luiz Carlos Osório, Maria José Garcia Werebe, Marilena Chauí, Merval Rosa, Sônia Maria Martins Melo e Tânia Zagury, assim como em documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais e Proposta Curricular de Santa Catarina; expor como a Educação Sexual vem se apresentando nas escolas pesquisadas. Para auxiliar na compreensão do tema, este estudo é complementado por pesquisa de campo, onde questionários foram respondidos por alunos de 8ª séries de ensino fundamental e 1ª séries de ensino médio, de escolas públicas e privadas de Criciúma (SC), bem como por professores também da rede pública e privada. Traz a opinião dos alunos e professores sobre o sexual dentro do contexto escolar, a busca de conhecimento de ambos sobre a sexualidade, pois em muitos casos o assunto é visto como algo do campo biológico-reprodutivista ou higienista. Também é focado neste trabalho o aspecto natural e positivo da sexualidade humana, com fornecimento de dados sobre a realidade escolar e familiar dos estudantes, com o intuito de discutir distorções em decorrência de desinformação, de medos e tabus; abordar o tema "sexo seguro" proveniente do surgimento e propagação da AIDS a partir da década de 80, e também de outras doenças sexualmente transmissíveis; a gravidez precoce, o namoro, e também o "ficar"; como trabalhar esses temas que exigem do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para tratar essas questões; descrever os preconceitos e os pudores que cercam o tema e a necessidade de superá-los; compreender como os adolescentes vivem sua sexualidade, o que pensam sobre ela, a relação entre esse viver e esse pensar; auxiliar a escola e a família, mostrando-lhes um quadro diagnóstico da situação sobre uma das principais questões que as preocupam e, assim, contribuir com os adolescentes a viverem de maneira emancipatória sua sexualidade. Percebi nas minhas leituras e nas atividades feitas com alunos e professores, que ainda hoje é complicado falar de sexualidade no dia-a-dia da escola. Permeia um certo pudor, assim como um sutil temor de se expor diante dos colegas de estudo (estudantes) e de trabalho (docentes). A pesquisa feita com os alunos mostra que as principais fontes de informação sobre Educação Sexual são os meios de comunicação, especialmente a televisão, quando se pressupõe desejável que a família e a escola fossem a base da informação nesse campo. No que tange à escola, professores denunciam, via respostas aos questionários, que encontram barreiras para conduzir o tema perante seus alunos, tais como medo, insegurança e falta de informação. Por último, pretendo contribuir para o

---

desenvolvimento de uma consciência crítica no meio em que atuo, possibilitando a reflexão, o redimensionamento de atitudes, a revisão de conceitos e valores, vislumbrando a possibilidade de que sejam desenvolvidas ações com responsabilidades e comprometimento com a evolução da qualidade de vida das pessoas que me cercam.

---

47. BRAGA, Denise da Silva. **A Sexualidade no currículo da escola fundamental** - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, Belo Horizonte, 2004. Orientador: VILELA, Rita Amelia Teixeira

Este estudo teve como objetivo investigar como se desenvolve o trabalho com as sexualidades na escola fundamental, a partir do "Projeto de Educação Afetivo-Social" incorporado ao currículo formal de uma escola da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Para contemplar este objetivo realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, particularizada em um estudo de caso. Além das observações, utilizamos estratégias como entrevistas semi-estruturadas, questionários fechados e conversas informais para a recolha de dados. A fundamentação teórica se fez durante todo o percurso da pesquisa através das leituras das obras no campo do currículo, das sexualidades e dos estudos sobre identidades, em especial pelo apoio teórico em Apple (1982); Carvalho (2003); Foucault(1997; 2002); Hall (2002) e Louro(1992; 1995; 2000;2001). Na escola pesquisada, foi possível demonstrar que a sexualidade permanece refém das dicotomias e maniqueísmos sob os quais se consolidaram os valores da nossa sociedade, que favorecem as concepções de norma e de desvio que pautaram o aprendizado e que se refletem nas formas como se ensina sobre as sexualidades. As ações, comportamentos, falas, atitudes e silêncios, dos quais se faz o cotidiano da escola Adélia Prado, demonstraram que a educação sexual tem servido muito mais para dissimular preconceitos do que para superá-los. O discurso da diferença é trabalhado, no contexto da escola, para a homogeneização a partir do igual, do normal, do bom, do privilegiado. Entretanto, o caráter do trabalho realizado não nos permitiu apresentar conclusões, mas os dados e as análises que desenvolvemos demonstram a precariedade com que a educação sexual tem chegado ao cotidiano das escolas e a necessidade de novos estudos sobre a questão.

---

48. BRITO, Ana Maria Mello da Silva. **A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual**. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação sexual é um tema transversal, logo, a discussão sobre sexualidade deve estar contida nas disciplinas do currículo escolar. Um dos maiores desafios enfrentados para

---

implantar com sucesso a discussão transversal sobre sexualidade nas escolas é o despreparo dos professores para lidar com o assunto. Todavia, a escola é um dos ambientes mais oportunos e adequados para orientação e informação dos adolescentes sobre a sexualidade. É o que buscamos explorar utilizando a obra de Chico Buarque de Holanda, como instrumento de apoio, o que foi facilitado por sua condição de autor contemporâneo da maioria dos professores e acessível ao público adolescente. Neste contexto, o presente estudo teve por objetivo analisar o emprego de músicas de Chico Buarque como facilitadoras do processo dialógico de discussão da sexualidade enquanto tema transversal, visando à introdução da educação sexual nos ensinamentos fundamental e médio. Foi realizada uma pesquisa quase-experimental envolvendo a participação de 64 alunos, dividida em três fases: aplicação dos questionários (pré-teste); aulas de educação sexual e dinâmica de grupo; nova aplicação dos questionários (pós-teste). Para análise dos dados obtidos, foram utilizadas ferramentas da estatística descritiva e técnicas de análise de conteúdo. A análise estatística revelou que, nas questões fechadas, foi observada mudança de opinião, demonstrando que o tratamento aplicado interferiu no desempenho dos alunos no pós-teste em relação aos aspectos avaliados. Observou-se no pós-teste ausência da categoria "não tenho opinião formada", evidência que o tratamento contribuiu de forma consistente para a reflexão sobre os temas abordados. Conclui-se que a música de Chico Buarque revelou-se um elemento facilitador da reflexão/discussão dos temas relativos à emoção e à sexualidade entre adolescentes.

---

49. CARDOSO, Elisete Furtado. **Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004. Orientador: GIORDANI, Estela Maris

Este trabalho expõe a pesquisa desenvolvida sobre as práticas pedagógicas de Orientação Sexual dos professores Multiplicadores do Ministério da Saúde que ministram aulas para alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental na cidade de Itajaí. Buscou-se perceber a prática da orientação sexual sob três dimensões. A primeira dimensão investiga a formação obtida pelo professor multiplicador e como percebe a mesma. A segunda investiga a prática da orientação sexual do professor ao ministrar as aulas. Por fim, a terceira dimensão investiga a prática de orientação sexual da escola. Para isso, foram entrevistados no ano de 2002, 22 professores multiplicadores formados pelo Ministério da Saúde. Para análise dos dados considerou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), Werebe (1998), Nunes (1997), Cabral (1995). Constatou-se que os professores possuem uma boa formação no que diz respeito a número de horas e temáticas, além da formação obtida pelo Ministério da Saúde. Percebem a necessidade de continuidade da formação pois, ainda não se sentem suficientemente preparados para realizar orientação sexual. Consideram que a orientação sexual é função da família e da escola,

mas essa não é tarefa muito fácil, alguns acreditam ter poucos conhecimentos sobre o assunto, outros se sentem envergonhados, outros acreditam que os alunos e a família não gostam que o tema seja abordado. E outros ainda, acreditam ter preparo para desenvolver o trabalho de orientação sexual na escola, mas há pouca frequência na prática pedagógica. Muito embora os PCNs respaldam a orientação sexual enquanto tema transversal no Projeto Educativo Escolar, muitas escolas, não contemplam programas de orientação sexual. Observou-se também que um número significativo de professores envolvidos na pesquisa, necessitam passar por um novo processo de capacitação e acompanhamento contínuo do trabalho a ser desenvolvido.

---

50. CORRÊA, Carmen Izaura Molina. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.** Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP, Marília, 2004. Orientador: BRAGA, Tania Moron Saes

Este estudo tem como objetivo identificar a presença de ações educativas voltadas à sexualidade em uma escola pública de uma pequena cidade do interior paulista e as sugestões apontadas pelos professores e alunos para a viabilização de ações voltadas à realidade escolar. Foram utilizados questionários e registros de ocorrências para a coleta de dados junto a professores e alunos. Os resultados indicaram que a abordagem dos assuntos relativos à educação sexual está condicionada ao currículo de matérias específicas e vinculada à figura do professor, sendo realizada de maneira assistemática e descontínua, distante das proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Utilizando-se o referencial da psicologia da saúde e os princípios da análise do comportamento, identificou-se a necessidade de programas de intervenção dirigidos primeiramente à capacitação de professores e, em seguida, à promoção da saúde de alunos, focando-se conteúdos e habilidades envolvidos no comportamento sexual saudável.

---

51. COUTINHO, Marta Maria Telles. **As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Cuiabá, 2004. Orientador: PAREDES, Eugenia Coelho

A investigação da qual se originou esta dissertação teve como objetivo identificar e analisar o conteúdo das representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser representações sociais da sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas. A análise está sustentada pela Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (1978). A amostra foi composta, inicialmente, por 65 sujeitos oriundos de seis escolas públicas municipais e estaduais de Cuiabá, Mato Grosso. Eles

---

participaram de sessões de grupos focais no ano de 2003, com o objetivo de levantar o universo nocional relativo ao que pensam os alunos sobre questões da sexualidade. Com base nos dados levantados, elaborou-se o roteiro de entrevistas semi-estruturadas, que fazem parte da segunda etapa da pesquisa. Entre novembro de 2003 e abril de 2004, foram entrevistados 49 sujeitos, sendo 32 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. O material verbal foi processado pelo software ALCESTE. Verificou-se que a instituição escolar encontra dificuldades para abordar o tema sexualidade, porém percebeu-se o reconhecimento da necessidade de trabalhar assuntos de interesse para os jovens, que os solicitam constantemente. Por essa razão, propostas foram feitas, visando melhorar as discussões. Procurou-se analisar a circulação das informações sobre sexualidade, com a identificação dos principais meios de comunicação: revistas femininas, pornográficas e programas televisivos. Evidenciaram-se também, diferentes posicionamentos frente ao tema, relacionados às diversidades de gênero, idade. Encontrou-se que as questões relativas à gênero influenciam suas manifestações sexuais psicológicas e físicas das expressões e vivências da sexualidade. Foi, ainda, analisada a interferência dos problemas familiares na vida dos alunos, e seu rebatimento nas questões do tema estudado, destacando-se a ausência dos pais na educação sexual dos filhos. A idade, dentro do ambiente educacional, cede espaço à qualificação dos estudantes por séries. Assim, os professores lidam com blocos de alunos cursando as quintas e sextas séries como sediados na fase das descobertas, enquanto os alunos de sétima e oitava séries estariam interessados pelo namoro e relações sexuais. Considerando os resultados, percebe-se que os professores atribuem aos adolescentes representações sociais da sexualidade do tipo hegemônico, enraizadas em padrões socialmente aceitos e circulantes. Palavras-chave: educação, representações sociais, sexualidade, professores, estudante.

---

52. COVA, Valter Forastieri. **Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais**. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Univ. Fed. da Bahia, Salvador, 2004. Orientador: EL-HANI, Charbel Nino

A orientação sexual consiste na atração sexual do indivíduo por um determinado gênero. O termo atração é entendido, neste contexto, em um sentido amplo, envolvendo também componentes cognitivos, como desejo e fantasias sexuais. Esta característica se apresenta de diversas formas. De maneira geral, pode-se denominar pessoas que se sentem atraídas pelo gênero oposto heterossexuais; pessoas atraídas pelo mesmo gênero, homossexuais; e pessoas atraídas por ambos os gêneros, bissexuais. Encontram-se, na literatura, recomendações de que os professores que trabalham com alunos adolescentes ou adultos abordem sistematicamente o tema variedade de orientações sexuais (Reiss 1997; Petrovic 1999; Jose 1999). Isso responderia à

---

frustração dos alunos não-heterossexuais, que não têm seus estilos de vida retratados nos debates escolares, daria referenciais de comportamento para estes alunos, incentivaria o respeito e a tolerância dos estudantes heterossexuais face às orientações não-heterossexuais, bem como os capacitaria para discutir questões sobre os direitos dos homossexuais, diante das quais futuros cidadãos devem estar preparados para opinar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) recomendam que, ao tratar de assuntos relacionados à sexualidade, o tópico orientação sexual seja incluído, sendo trabalhado de maneira informativa e de modo a não disseminar preconceitos. Porém, a orientação sexual é um tema polêmico, tanto no que diz respeito a questões morais, quanto no campo científico, no qual se encontra um grande número de controvérsias sobre os fatores envolvidos em seu desenvolvimento e suas inter-relações. Geralmente, cabe ao professor de Biologia abordar temas relacionados à sexualidade. Logo, para uma inclusão apropriada do tema diversidade de orientações sexuais no contexto escolar, é necessário avaliar as concepções de tais professores a seu respeito. Em vista dessa necessidade, realizamos uma enquête com professores de Biologia da rede pública estadual da cidade de Salvador, Estado da Bahia, para investigar seus julgamentos morais sobre a diversidade de orientações sexuais e suas visões sobre o desenvolvimento da orientação sexual. Os resultados obtidos permitiram constatar que poucos professores abordam a orientação sexual em suas aulas e a maioria não se considera capacitada para trabalhar com o tema. Porém, predominou na amostra estudada, o desejo de abordar o tema, o que mostra ser importante fornecer aos professores subsídios apropriados para esta abordagem. Muitos professores acreditam na idéia equivocada de que a orientação sexual seria, pura e simplesmente, uma opção, sem uma história na qual uma variedade de fatores pode tornar um indivíduo mais predisposto a apresentar uma orientação heterossexual ou não-heterossexual. Entre os professores estudados, predominaram julgamentos morais positivos sobre a homossexualidade, principalmente entre os mais jovens, sendo este um achado relevante no que concerne a um tratamento balanceado do tema nas salas de aula. Em relação ao desenvolvimento da orientação sexual, a maior parte dos professores estudados apresentou concepções influenciadas pelo reducionismo biológico. A crença no papel da variação dos hormônios sexuais no indivíduo adulto como fator responsável pelo desenvolvimento da orientação sexual foi mais freqüente, na amostra estudada, do que o reducionismo genético. Os modelos psicanalíticos que associam certas configurações familiares problemáticas à homossexualidade não foram freqüentes entre os professores investigados. Os resultados também apontaram que os professores estudados não estavam devidamente informados sobre as pesquisas científicas recentes sobre a orientação sexual. Os meios de comunicação de massa foram apontados como os veículos que mais fornecem informação sobre este tema, o que é motivo de preocupação, em vista das distorções freqüentemente encontradas na maneira como tais veículos tratam do assunto. Constatou-se a necessidade de dar acesso aos professores a idéias e evidências científicas mais atualizadas. Porém, dadas as controvérsias que envolvem a orientação sexual, mesmo dentro do campo científico, concluiu-se que é também

---



necessário propiciar ao professor uma melhor compreensão das dimensões históricas e filosóficas da atividade científica, tornando-o capaz de analisar criticamente os achados e as teorias científicas sobre este traço.

---

53. FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. **A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Sexologia). Univ. Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: LOPES, Helena Theodoro

O estudo realizado teve como objetivo principal verificar a utilização do livro paradidático como estímulo à reflexão dos alunos sobre a sua sexualidade, pelo professor de ensino médio das escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro. A proposta é estabelecer por que o professor de ensino médio não acredita na possibilidade de trabalhar o tema transversal sexualidade juntamente com o conteúdo de sua disciplina, como orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais e apresentar o livro paradidático como recurso a ser utilizado para este fim.. A estratégia adotada foi a da pesquisa de campo. Para tanto, foi organizada uma listagem com 65 livros cuja a temática é sexualidade, de 16 editoras contactadas na X Bienal do livro do Rio de Janeiro em 2003. Foram visitadas 300 escolas particulares, das diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro: sendo que apenas 130 participaram da pesquisa com um total de 786 professores. Constatou-se que o livro paradidático voltado para a sexualidade não é utilizado nas escolas particulares de ensino médio da Cidade do Rio de Janeiro.

---

54. FLORES, Aida Mair Prado. **Sexualidade:** representações de professores do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Maria, Santa Maria, 2004. Orientador: NAUJORKS, Maria Inês

Este estudo constitui-se em uma investigação com abordagem qualitativa, que busca, a partir do olhar dos professores de escolas públicas e particulares de ensino médio, investigar as representações sobre sexualidade que permeiam as instituições educativas na cidade de Santiago, RS, bem como identificar, categorizar e discutir as concepções, ações na prática docente e aspirações dos alunos envolvidos nesse ambiente social. As informações obtidas a partir das realidades foram discutidas através da teoria das Representações Sociais e como instrumentos de pesquisa foram utilizadas a entrevista semi-estruturada e a observação. A partir da utilização desses recursos, foram elencados conteúdos das entrevistas que nortearam a formação de categorias e a aproximação com representações sociais constituídas pelos grupos. Essas representações passaram, posteriormente, a constituir o foco das discussões, as quais foram fundamentadas pelo referencial teórico, cujas bases estão em autores como: Foucault (1992, 2001, 2002), Freud (1976) Saviani (2001), Nunes

---

(2001), Gomes (2002), Veiga (1997), Guimarães (1995), Stoll (1988). Kupfer (1989), Minayo (2000), entre outros. Este trabalho permitiu verificar as múltiplas idéias e imagens presentes em cada dimensão pesquisada. Segundo os posicionamentos e argumentações dos sujeitos, o tema foi evidenciado, oportunizando novas discussões e reestruturações dos currículos em prol da melhoria nas suas práticas docentes e, conseqüentemente de processo de formação humanizado. O estudo demonstrou que o tema sexualidade exerce influência sobre cada um dos integrantes de relações sociais, através de suas culturas, histórias de vida e políticas de um contexto, tornando-se, assim, um assunto bastante complexo. Assim, a sexualidade, como uma dimensão da condição humana, exige dos profissionais da área da educação um esforço para gerar situações que possam esclarecer dúvidas ou mesmo orientar a formação integral do educando. Nas entrevistas, os docentes evidenciam preocupação com o tema e reivindicam subsídios que lhes favoreçam esclarecimentos no trato com a sexualidade humana a fim de melhor trabalhar na prática docente. A maioria dos entrevistados relatam as dificuldades encontradas ao trabalhar o assunto, a ausência de conhecimentos recebidos na formação inicial e a inexistência de realização de projetos que permitam ao professor(a) desempenhar, de forma eficiente, o papel profissional e social. Em relação aos educandos, observa-se que há muitas dúvidas sobre sexualidade e dificuldade em falar sobre esse assunto com alguém que lhe dêem condições emocionais na busca de uma melhor aprendizagem e da construção do conhecimento. Segundo os entrevistados, as relações interpessoais são condicionantes para um bom desempenho docente e para a facilidade de aprendizado dos alunos(as). A pesquisa nos mostra que, pelo fato de abordar as representações sociais acerca da sexualidade, a subjetividade se revela tanto no professor(a) como no(a) aluno(a), materializando-se nas ações ou atitudes explícitas ou implícitas de ambos. Assim, acentua-se uma cumplicidade no sentido de auxiliar o desenvolvimento da sexualidade dos discentes, possibilita-lhes a formação de diferentes visões de mundo, ajuda-os na resolução de conflitos e permite uma reflexão maior que os conduz a posicionamentos mais seguros. Palavras-Chave: sexualidade, educação sexual, prática docente, representação social.

---

55. GARCIA, Antonio Miguel. **A orientação sexual na escola**: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2004. Orientador: ABREU, Mara Alice Fernandes de

A sexualidade tem sido considerada um atributo do ser humano, que se desenvolve dentro de seus aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. Com o propósito de se investigar como pensam os professores, alunos e genitores sobre a sexualidade humana e sobre o papel da escola na orientação sexual de seus alunos, foram aplicados questionários nesses três segmentos e realizadas entrevistas semi estruturadas com professores e alunos, junto ao

---

ensino fundamental de duas escolas públicas estaduais, uma no centro e outra da periferia pertencentes ao município de Bauru. Considerando-se o envolvimento da família no ambiente escolar, foram apontados aspectos, expressos pelos três segmentos investigados e pela literatura consultada, os quais devem ser considerados na elaboração de uma proposta de orientação sexual. Os resultados ressaltam, quando da elaboração de um programa de orientação sexual na escola, a necessidade de se proporcionar momentos de reflexão dos três segmentos envolvidos, em relação aos aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade humana, no sentido de proporcionar aos professores, a reconstrução de sua sexualidade colaborando em sua atuação como elemento de formação; aos jovens, as concepções e informações necessárias ao desenvolvimento sociocultural de sua sexualidade, possibilitando que os mesmos sejam capazes de elaborar sua própria conduta e descobrir suas capacidades e proporcionando aos pais a ampliação dos conhecimentos em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, constituindo-os elementos colaboradores para com a escola.

---

56. GIONGO, Ana Laura. **O Ficar e sua função na adolescência**: um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Orientador: SAPIRO, Clary Milnitsky

O "ficar" é um estilo de relação entre sexos adotado por adolescentes brasileiros desde a década de 80; caracteriza-se como uma relação momentânea, descartável, eminentemente física e que não implica compromisso de fidelidade. Este estudo tem por objetivo investigar as funções do "ficar" na adolescência, sendo que na presente pesquisa esta questão é estudada em um grupo de alunos de uma escola particular de classe média-alta da cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. O fenômeno é analisado a partir de aspectos relativos à constituição subjetiva na adolescência - fundamentos na abordagem psicanalítica lacaniana - e de aspectos histórico-culturais da construção de valores presentes na contemporaneidade. A pesquisa segue uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo, apresentando dois níveis de investigação. Primeiramente é apresentada a descrição do contexto onde o grupo de adolescentes se insere, narrando-se a história e a ideologia da escola, e a visão dos profissionais da instituição sobre os adolescentes e o "ficar". Estes dados foram obtidos através das observações participantes, notas de campo, análise de documentos e de textos, e entrevistas semi-estruturadas realizadas com 8 profissionais. No segundo nível de investigação utiliza-se o delineamento do estudo de casos múltiplos (Yin, 1993) para analisar o conteúdo dos relatos de 16 adolescentes, de ambos os sexos, coletados através de entrevistas semi-estruturadas. Das entrevistas emergiram temas e categorias que, associadas aos dados da descrição do contexto, levam à conclusão de que o "ficar" permite ao adolescente ser reconhecido e reconhecer-se ocupando uma posição sexuada. Conclui-se que este é um estilo de relação que surge

---

como uma resposta a demandas da cultura contemporânea, que impõem ao adolescente uma vivência precoce da sexualidade e os ideais de descartabilidade, superficialidade e ausência de compromisso.

---

57. MARIUZZO, Terezinha. **Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.** Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). UNESP, Bauru, 2004. Orientador: MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira

A sexualidade humana é de natureza sócio-histórica como qualquer atividade humana, da qual temos um conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da sua história. Apesar disso, ela é muitas vezes, ainda hoje, tratada apenas na sua dimensão biológica e/ou carregada de moralismo, tendo os dogmas religiosos grande interferência. Atualmente com as mudanças que estão ocorrendo no sistema econômico capitalista, com a globalização da economia e a implantação em nível mundial da política neoliberal, os problemas ligados à sexualidade humana, têm se intensificado e com isso, causando sofrimento naqueles que possuem formação inconsistente acerca do assunto. Entre os adolescentes tem aumentado a ocorrência das DST's, da AIDS e de gravidez não planejada. Diante dessa situação, tornou-se consenso entre pais e educadores que a escola é um espaço que pode e deve oferecer formação a respeito da temática. Visando saber se a escola está ocupando esse espaço e como o está fazendo, a presente pesquisa buscou através de entrevistas estruturadas com oito professores de escola pública estadual de ensino fundamental e médio, localizada em bairro periférico no município de Bauru/SP, levantar: as concepções dos professores sobre sexualidade; se abordam efetivamente o assunto e como o estão fazendo, em suas aulas; se o uso do Tema Transversal de Orientação Sexual ocorre e como o fazem; com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Tema Transversal em Orientação Sexual, se o trabalho dos professores em sala de aula mudou, e evidenciar as principais dificuldades dos professores na abordagem de temas sexuais. Os resultados que obtivemos, em síntese, foram que: quanto à concepção sobre sexualidade, a maioria dos professores tem dificuldades em falar sobre a temática e o pouco que falam é carregado de vergonha e moralismo, salvo exceção. A maioria aborda o assunto se os alunos perguntarem ou se for determinada pelos superiores, durante uma semana no ano, geralmente vinculando às doenças transmissíveis, salvo a professora de Ciências que insere o tema ao falar sobre reprodução humana e o professor de Psicologia que planeja a temática em sua disciplina; o estão fazendo de forma precária, fragmentada, moralista, com a presença marcante de conteúdos de senso comum. A maioria não conhece os PCN e o Tema Transversal em Orientação Sexual e não os implementam em suas aulas e o que mudou a partir deles é que os assuntos relativos à sexualidade devem ser abordados em suas aulas. A dificuldade maior apresentada, é a não-formação em sexualidade. Finalmente, considerando esses resultados, fizemos algumas sugestões, principalmente, no que se refere à formação do professor, deixando o tema

---

aberto para pesquisas subseqüentes congêneres.

---

58. NOVENA, Nádya Patrícia. **A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio**. Tese (Doutorado em Sociologia). Univ. Fed. de Pernambuco, Recife, 2004. Orientador: ALBUQUERQUE, Paulo Henrique Novaes Martins de.

O Objetivo central desta pesquisa foi analisar os dispositivos e as representações sociais da sexualidade presentes na organização escolar e suas referências para a produção de subjetividades. Para subsidiar teoricamente este estudo construímos uma sociologia da sexualidade a partir dos referências de Michel Foucault e da Sociologia Clínica, em particular de Eugene Enriquez. Os procedimentos metodológicos foram estabelecidos a partir de uma tipologia de instancias: institucional, organizacional e das práticas discursivas. Este estudo aponta para as seguintes considerações: a) a descon sideração das diferentes manifestações da sexualidade, como a homossexualidade e sua estigmatização por parte da organização escolar, gera situações que expressam formas de discriminação e de violência; b) de maneira articulada a este processo, observa-se o silenciamento acerca da sexualidade e de suas múltiplas possibilidades de expressão, revelando uma das operações mais ativamente envolvidas na produção das subjetividades na prática da organização escolar. A representação social da sexualidade na instancia institucional indica a sua multiplicidade, apontando diferentes formas de expressão como a homossexualidade; nas organizações escolares, expressa a sua fixação biologizante e naturalizada; e nos discursos dos adolescentes, são apreendidas como: ficar, virgindade, gravidez na adolescência e homossexualidade. Foram constituídos três grupos para análise: 1°. Composto de estudantes de 13 a 17 anos, de ambos os sexos, da escola pública estadual (a) e da rede privada (b) do Recife; 2°. Composto pela Direção e Professores destas escolas; 3°. Composto por profissionais que elaboraram o programa de educação sexual das escolas de PE. A apreensão das representações sociais foi feita a partir de técnicas qualitativas e a análise de conteúdo foi empregada como procedimento de análise.

---

59. OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. **Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Mato Grosso, Cuiabá, 2004. Orientador: PAREDES, Eugenia Coelho

Objetivou-se com a investigação que deu origem a esta dissertação, coletar e descrever o conteúdo das possíveis representações sociais de sexualidade junto a um grupo de pré-adolescentes e adolescentes, para, então, analisá-las sob o amparo da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici

---

(1978). A amostra foi composta de 813 sujeitos de ambos os sexos, na faixa etária de 11 a 15 anos, oriundos de 30 escolas públicas municipais e estaduais distribuídas em diversos bairros de Cuiabá, Mato Grosso. Os sujeitos da amostra responderam a um questionário, no ano de 2002, que foi analisado com o auxílio do software SPSS. No ano de 2003, foram entrevistados 37 indivíduos cujos discursos tornaram mais compreensíveis os resultados referentes ao questionário. Posteriormente, o material verbal processado pelo software ALCESTE auxiliou as análises. Três grandes eixos nortearam o estudo: a condição de produção e circulação das representações, como os sujeitos representam o ensino da sexualidade na escola, e o efeito dos saberes enquanto guia de ação. Percebeu-se que o tema é discutido entre os jovens que têm como interlocutores preferenciais os amigos e a própria mãe; e que é a televisão o maior veículo de informações sobre o assunto. Constatou-se também que as informações recebidas nem sempre são colocadas em prática. A escola tem feito tentativas para falar sobre sexualidade com os jovens nas discussões em aulas. No entanto, nas RS dos sujeitos o assunto ainda é envolvido pelos interditos e malditos, sendo apontado a vergonha como o elemento que mais dificulta as discussões com os professores, para ambas as partes. Além disso, a violência sexual, a AIDS e a gravidez precoce foram apontadas como motivo de medo e ansiedade para os sujeitos. Quanto aos temas virgindade, relação sexual antes do casamento, e homossexualidade, um grupo de sujeitos avaliou de forma negativa, enquanto que outro grupo está voltado para uma visão de sexualidade mais plástica, se apoiando em declarações como, cada pessoa sabe de si ou depende de cada um, ou ainda em expressões temporais como, hoje em dia e antigamente. Quanto à masturbação seus conhecimentos se baseiam em crenças. As RS de sexualidade se enquadram no tipo hegemônico, fruto dos modelos cristalizados pela sociedade, podendo identificar a existência de um movimento entre modelos tradicionais e a estruturação de novos, ainda não muito estruturados. Com base nos resultados, é possível afirmar que as RS de sexualidade estão associadas a doenças, principalmente à AIDS e ao uso de métodos contraceptivos. Palavras-chave: educação, representações sociais, sexualidade, adolescente e Ensino Fundamental.

---

60. QUINTANA, Eduardo. **A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. do Est. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientador: BAZILIO, Luiz Cavalieri

O objetivo deste estudo é recuperar, a partir das falas de seus atores (alunas adolescentes grávidas e professores/as), os questionamentos provocados pela tensão gerada pela gravidez na adolescência no interior da escola. A pesquisa, um estudo de caso em educação (abordagem etnográfica) buscou situar as determinações do fenômeno da gravidez na adolescência e suas representações no cotidiano da escola. Para realizar esta tarefa foram

---

entrevistados professores/as e alunas (grávidas e mães na adolescência) de uma escola da Rede Pública Estadual, situada na Zona Norte do município de Rio de Janeiro. Assim, a necessidade em delimitar o tema levou-me a conceber dois pontos essenciais para construção das categorias de análise: (i) identificar suas ações e práticas cotidianas com relação à gravidez na adolescência no interior da escola, os pontos de interseção e conflito; (ii) avaliar as visões de mundo da aluna adolescente acerca da gravidez e, a partir da sua existência, investigar como se constrói sua relação com a escola. A partir da análise das entrevistas, a pesquisa constata que escola buscou estruturar as noções de liberdade e responsabilidade, de cuidado com o corpo e com sua sexualidade, partindo do entendimento que suas escolhas terão conseqüências futuras, podendo ser boas ou más. Porém, essa atitude, ainda que correta, pode gerar uma falsa compreensão da existência de uma liberdade individual, que na verdade, só possuiria seu caráter universal a partir do momento em que ela seja entendida como uma liberdade coletiva. Assim, a escola ao acenar para aluna com essa possibilidade de escolha, tem que ter feito, de forma consciente, o seu trabalho de casa, que constitui no ato de transformar todo seu conjunto de relações cotidianas, da qual ela (escola) é o ponto central. No entender da pesquisa, a escola pesquisada ao dar visibilidade às alunas adolescentes grávidas, e a partir desse fato, pôr em prática propostas de acolhimento a estas alunas e seus filhos, caminha nesse sentido. Um sentido de dar dignidade e, principalmente, de afirmação dos direitos dessas alunas.

---

61. SILVA, Amélia Maria Rodrigues. **Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Univ. Fed. do Ceará, Fortaleza, 2004. Orientador: PONTES, Ligia Regina Sansigolo Kerr

Os achados deste estudo sugerem que programas de prevenção às DST/AIDS precisam ser desenvolvidos em todas as classes sociais de adolescentes, considerando as peculiaridades do comportamento sexual de cada nível. Ressalta-se, por final, três pontos: primeiro, a resistência das escolas particulares na abordagem sobre a sexualidade na adolescência que precisa ser repensada e inserida no contexto das atividades escolares, já que sua clientela apresentou os maiores indicadores de atividade sexual precoce. Segundo, a necessidade de inserção do debate sobre a desigualdade de gênero nas intervenções com adolescentes, onde a adolescente mostrou-se mais vulnerável (menor nível de conhecimento, menor percepção de risco, menor uso de preservativo sempre nas relações sexuais). Terceiro, a limitação deste estudo para apreender o significado de determinados resultados encontrados, o que sugere-se seja investigado na segunda etapa deste estudo, através de metodologia qualitativa: 1. Como os (as) adolescentes percebem o diálogo com seus pais sobre sexo e AIDS? 2. Qual a percepção dos (as) adolescentes sobre a religião e sua sexualidade? Qual o significado da prática religiosa em sua vida sexual? 3. Qual a percepção dos (as) adolescentes sobre

o que os (as) leva ao início de relações sexuais? 4. Como se caracteriza a relação dos (as) com a escola que frequenta? O que a (o) pensa sobre sua escola?

---

62. SIROMA, Valdir Shigueiro. **Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde). Univ. de Brasília, Brasília, 2004. Orientador: CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de.

No presente estudo foi realizado um levantamento junto às alunas adolescentes de escolas públicas e particulares do Município de Campo Grande-MS quanto ao grau de conhecimento sobre o uso de métodos contraceptivos, visando fornecer subsídios no sentido de contribuir com dados e informações para prevenir a gravidez não programada, abortos provocados e doenças sexualmente transmissíveis, em especial a Aids. Para obtenção dos dados, foi aplicado um questionário de auto-preenchimento a um total de 466 e 439 alunas, respectivamente das escolas públicas e particulares, que foram selecionadas, utilizando-se a técnica de amostragem probabilística por conglomerado. A amostragem das escolas foi feita por sorteio aleatório e de forma casual simples, considerando as 7 regiões urbanas da cidade de Campo Grande. Os resultados obtidos mostraram que 75,8 e 85,7 por cento das alunas adolescentes matriculadas, respectivamente, nas escolas públicas e particulares de Campo Grande-MS, revelaram ter conhecimento sobre métodos contraceptivos. Quanto ao uso de métodos contraceptivos, a proporção de alunas de escolas públicas e particulares, foi respectivamente de 26,4 e 24,6 por cento, mostrando que do total de alunas que utilizam contraceptivos, as de escolas públicas utilizavam com mais frequência a camisinha masculina (37,5 por cento) e as de escolas particulares, a pílula (33,3 por cento). Ao considerar o uso de medidas preventivas em relação a HIV/DST, quase a metade do total das alunas adolescentes estudadas revelou não utilizar medidas preventivas em relação a HIV/DST (com proporção de 46,7 e 40,1 por cento, respectivamente nas escolas públicas e particulares). Os resultados deste trabalho apontam a necessidade de investir em políticas e programas de planejamento familiar. É importante que sejam abordados rotineiramente temas de saúde sexual e reprodutiva nas escolas, com conteúdos especialmente voltados para as adolescentes, possibilitando que as mesmas tenham condições de se beneficiar do amplo conhecimento disponível na área.

---



---

63. VIANA, Francisco José Machado. **A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Tocoginecologia). UNICAMP, Campinas, 2004. Orientador: LATHAM, Aníbal Eusébio Faundes

O objetivo deste estudo foi avaliar fatores associados à prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais, Brasil. Sujeitos e Método. Foi realizado um estudo de corte transversal utilizando dados da linha de base da avaliação do programa de educação sexual chamado Educação Afetivo-Sexual: Um novo olhar (PEAS) promovido pelo Governo do estado de Minas Gerais. Estudou-se a associação entre sexo, idade, série e período de estudo, cor da pele, religião e importância dada à religião, educação da mãe, com prática sexual segura, definida pelo uso consistente de preservativo com parceiro casual ou fixo, e uso de métodos anticoncepcionais modernos. Estudou-se, também, a associação de qualquer exposição à educação sexual, promoção de protagonismo juvenil e participação de profissionais de saúde no ensino, com prática de sexo seguro. Para isso, utilizou-se análise bivariada e regressão logística. Resultados Responderam o questionário 5.448 estudantes, 2.110 meninos e 3.336 moças. Ser do sexo masculino ou ter o envolvimento de profissionais de saúde na escola estiveram positivamente associados com todos os indicadores de sexo seguro. Ter mãe com mais de oito anos de escolaridade esteve positivamente associado com uso de preservativo com parceiro fixo ou casual. Ser aluno do ensino médio (versus fundamental) ou ser mais velho associaram-se negativamente com uso consistente de preservativo com parceiro casual e fixo, respectivamente. Dar grande importância à religião ou ser evangélico estiveram negativamente associados com uso de anticoncepcionais modernos na última relação sexual. Conclusões Foi possível identificar alguns fatores que se mostraram associados à prática de sexo seguro por adolescentes, como a presença de profissionais de saúde na escola e a educação da mãe, assim como dar muita importância à religião esteve relacionada a um menor uso de métodos anticoncepcionais modernos. Esses fatores deveriam ser considerados no planejamento e execução de programas de prevenção de DST/AIDS e gravidez não desejada.

---

64. VIEIRA, Rosangela Steffen. **Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Univ. Fed. de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Orientador: FLEURI, Reinaldo Matias

Esta dissertação se insere na Linha de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais. É o resultado de um estudo sobre a juventude e sexualidade no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Por meio dela, identificou-se o que caracteriza o coletivo juvenil, como é seu cotidiano, o

que dizem sobre a sexualidade, observando as possíveis interfaces entre juventude, sexualidade e gênero. O universo empírico refere-se a jovens que participam do processo de escolarização, residentes em cinco assentamentos do MST, localizados em um mesmo município da região Sul do Brasil. Para alcançar o objetivo proposto utilizamos como estratégia metodológica a observação participante através de entrevistas individuais semi-estruturadas, privilegiando como lócus de investigação uma escola da região que atende as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio. Abordamos temas como cotidiano, família, rede de sociabilidade, iniciação afetivo-sexual e saúde sexual e reprodutiva, dentre outros. O estudo evidencia que a Juventude e a Sexualidade são construções sociais que não podem ser analisadas de forma dissociada do contexto no qual se inserem os sujeitos, bem como das suas percepções de gênero. Verificamos que o contexto rural e a inserção no MST atribuem a esses jovens especificidades tais como a relação com o trabalho e como o engajamento político. A pesquisa realizada também confirma a persistência de assimetrias de gênero que produzem distinções na forma como jovens homens e mulheres vivenciam sua condição juvenil e sua sexualidade.

## APÊNDICE C – Cultura organizacional escolar.

### Cultura na escola

---

01 - CARVALHO, Mauro Giffoni de. Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.

02 - FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social.

03 - FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido.

06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.

07- IOSSI, Marta Angélica. Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.

08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.

09 - MEDEIROS, Selma Zelandra. Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.

10 - NUNES, Maria José. A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.

11 - SILVA, Tânia Maria da. Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?

12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.

13 - DORNELLES, Susana de Almeida. Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.

- 14 - DUARTE, Josmar Barreto. Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.
- 15 - GIMENES, Valéria Cristina. A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.
- 16 - LOIOLA, Luis Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
- 17 - MATTOS, Miriam. Educação sexual na escola: intenções e concepções.
- 18- NEVES, Denise Carmen de Andrade. A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.
- 20 - SANTOS, Terezinha Marli dos. Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio.
- 21 - SOUZA, Laí Claudete de. Gravidez na adolescência: subsídios para uma proposta pedagógica.
- 23 - CARRADORE, Vânia Maria. Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão.
- 25 - PINTO, Enio Brito. Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.
- 26 - SANTOS, Vera Márcia Marques. A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.
- 28 - VACCARI, Vera Lucia. Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.
- 30 - CORREA, Lisete Bertotto. A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.
- 31 - DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.
- 33 - FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes.
- 36 - PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luís do Maranhão.

- 37 - PROVENZI, Neila Ana. Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica.
- 38 - RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Menino-macho e menina-fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba.
- 39 - RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.
- 42 - WUO, Moacir. Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.
- 45 - ANDRADE, Cristiane Pinto. Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.
- 46 - BORGES, Dóris. Adolescência e sexualidade na escola: na fala de alunos e professores.
- 49 - CARDOSO, Elisete Furtado. Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental.
- 51 - COUTINHO, Marta Maria Telles. As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.
- 52 - COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais.
- 54 - FLORES, Aida Mair Prado. Sexualidade: representações de professores do ensino médio.
- 56 - GIONGO, Ana Laura. O Ficar e sua função na adolescência - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre.
- 59 - OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais.
- 60 - QUINTANA, Eduardo. A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?
- 61 - SILVA, Amélia Maria Rodrigues. Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS.

62 - SIROMA, Valdir Shigueiro. Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS.

63 - VIANA, Francisco José Machado. A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais.

64 - VIEIRA, Rosangela Steffen. Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

#### Cultura da escola

---

24 - MELLO, Renata Cardillo Homem de. Orientação sexual na adolescência: primeiras reflexões.

27 - SILVA, Kátia Krepsky Valladares. Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.

32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.

35 - NEVES, Sinara Mota. Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS: subsídios para uma prática educativa.

43 - ADOLPH, Cláudio Fernando. A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.

47 - BRAGA, Denise da Silva. A Sexualidade no currículo da escola fundamental - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte.

50 - CORRÊA, Carmen Izaura Molina. Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.

55 - GARCIA, Antonio Miguel. A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.

57 - MARIUZZO, Terezinha. Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.

58 - NOVENA, Nádia Patrícia. A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.

## Cultura escolar

---

04 - GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.

05 - GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.

19 - PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.

22 - TONATTO, Suzinara. Adolescência "corpo e alma": abordando um tema transversal na educação formal.

29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.

34 - NEVES, Simone Rodrigues. Avaliação em projetos de educação sexual: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública.

40 - ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.

41 - STUMPF, Débora Karine. As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.

44 - ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

48 - BRITO, Ana Maria Mello da Silva. A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual.

53 - FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.

## APÊNDICE D – Abordagens da Educação Sexual.

Médico-biologista

---

- 02 - FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social.
- 04 - GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.
- 12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.
- 18 - NEVES, Denise Carmen de Andrade. A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.
- 20 - SANTOS, Terezinha Marli dos. Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio.
- 23 - CARRADORE, Vânia Maria. Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão.
- 32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.
- 35 - NEVES, Sinara Mota. Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS: subsídios para uma prática educativa.
- 36 - PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luís do Maranhão.
- 50 - CORRÊA, Carmen Izaura Molina. Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.



61 - SILVA, Amélia Maria Rodrigues. Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS.

62 - SIROMA, Valdir Shigueiro. Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS.

63 - VIANA, Francisco José Machado. A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais.

### Religiosa

---

25 - PINTO, Enio Brito. Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.

### Pedagógica

---

05 - GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.

06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.

07 - IOSSI, Marta Angélica. Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.

10 - NUNES, Maria José. A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.

21 - SOUZA, Laí Claudete de. Gravidez na adolescência: subsídios para uma proposta pedagógica.

24 - MELLO, Renata Cardillo Homem de. Orientação sexual na adolescência: primeiras reflexões.

28 - VACCARI, Vera Lucia. Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.

- 33 - FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes.
- 34 - NEVES, Simone Rodrigues. Avaliação em projetos de educação sexual: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública.
- 48 - BRITO, Ana Maria Mello da Silva. A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual.
- 54 - FLORES, Aida Mair Prado. Sexualidade: representações de professores do ensino médio.
- 55 - GARCIA, Antonio Miguel. A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.
- 60 - QUINTANA, Eduardo. A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?

#### Emancipatória

---

- 13 - DORNELLES, Susana de Almeida. Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.
- 16 - LOIOLA, Luis Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
- 26 - SANTOS, Vera Márcia Marques. A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.
- 46 - BORGES, Dóris. Adolescência e sexualidade na escola: na fala de alunos e professores.

#### Pós-estruturalista ou Queer

---

- 29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.
- 39 - RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.

41 - STUMPF, Débora Karine. As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.

47 - BRAGA, Denise da Silva. A Sexualidade no currículo da escola fundamental - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte.

Não identificada

---

01 - CARVALHO, Mauro Giffoni de. Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.

03 - FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido.

08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.

09 - MEDEIROS, Selma Zelandra. Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.

11 - SILVA, Tânia Maria da. Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?

14 - DUARTE, Josmar Barreto. Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.

15 - GIMENES, Valéria Cristina. A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.

17 - MATTOS, Miriam. Educação sexual na escola: intenções e concepções.

19 - PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.

22 - TONATTO, Suzinara. Adolescência "corpo e alma": abordando um tema transversal na educação formal.

- 27 - SILVA, Kátia Krepsky Valladares. Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.
- 30 - CORREA, Lisete Bertotto. A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.
- 31 - DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.
- 37 - PROVENZI, Neila Ana. Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica.
- 38 - RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Menino-macho e menina-fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba.
- 40 - ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.
- 42 - WUO, Moacir. Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.
- 43 - ADOLPH, Cláudio Fernando. A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.
- 44 - ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro.
- 45 - ANDRADE, Cristiane Pinto. Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.
- 49 - CARDOSO, Elisete Furtado. Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental.
- 51 - COUTINHO, Marta Maria Telles. As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.
- 52 - COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais.
- 53 - FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.

56 - GIONGO, Ana Laura. O Ficar e sua função na adolescência - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre.

57 - MARIUZZO, Terezinha. Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.

58 - NOVENA, Nádya Patrícia. A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.

59 - OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais.

64 - VIEIRA, Rosangela Steffen. Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

## APÊNDICE E – Eixos temáticos.

Políticas (públicas), currículo e discurso

---

- 09 - MEDEIROS, Selma Zelandra. Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.
- 19 - PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.
- 22 - TONATTO, Suzinara. Adolescência "corpo e alma": abordando um tema transversal na educação formal.
- 24- MELLO, Renata Cardillo Homem de. Orientação sexual na adolescência: primeiras reflexões.
- 25 - PINTO, Enio Brito. Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.
- 27 - SILVA, Kátia Krepsky Valladares. Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.
- 29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.
- 32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.
- 34 - NEVES, Simone Rodrigues. Avaliação em projetos de educação sexual: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública.
- 40 - ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.
- 41 - STUMPF, Débora Karine. As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.

44 - ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

48 - BRITO, Ana Maria Mello da Silva. A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual.

50 - CORRÊA, Carmen Izaura Molina. Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.

53 - FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.

#### Representações, concepções e práticas dos agentes escolares

---

03 - FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido.

06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.

07 - IOSSI, Marta Angélica. Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.

12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.

13 - DORNELLES, Susana de Almeida. Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.

15 - GIMENES, Valéria Cristina. A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.

17 - MATTOS, Miriam. Educação sexual na escola: intenções e concepções.

29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.

33 - FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes.

- 38 - RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Menino-macho e menina-fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba.
- 46 - BORGES, Dóris. Adolescência e sexualidade na escola: na fala de alunos e professores.
- 51 - COUTINHO, Marta Maria Telles. As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.
- 54 - FLORES, Aida Mair Prado. Sexualidade: representações de professores do ensino médio.
- 55 - GARCIA, Antonio Miguel. A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.
- 56 - GIONGO, Ana Laura. O Ficar e sua função na adolescência - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre.
- 58 - NOVENA, Nádia Patrícia. A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.
- 59 - OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais.
- 64 - VIEIRA, Rosangela Steffen. Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

#### Identidade e diversidade sexual

---

- 01 - CARVALHO, Mauro Giffoni de. Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.
- 16 - LOIOLA, Luis Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
- 30 - CORREA, Lisete Bertotto. A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.
- 43 - ADOLPH, Cláudio Fernando. A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.



45 - ANDRADE, Cristiane Pinto. Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.

47 - BRAGA, Denise da Silva. A Sexualidade no currículo da escola fundamental - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte.

52 - COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais.

### Formação docente

---

08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.

11 - SILVA, Tânia Maria da. Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?

14 - DUARTE, Josmar Barreto. Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.

26 - SANTOS, Vera Márcia Marques. A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

39 - RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.

49 - CARDOSO, Elisete Furtado. Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental.

57 - MARIUZZO, Terezinha. Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.

## Gravidez e saúde sexual/reprodutiva

---

- 02 - FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social.
- 04 - GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.
- 05 - GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.
- 06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.
- 08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.
- 10 - NUNES, Maria José. A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.
- 12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.
- 18 - NEVES, Denise Carmen de Andrade. A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.
- 20 - SANTOS, Terezinha Marli dos. Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio.
- 21 - SOUZA, Laí Claudete de. Gravidez na adolescência: subsídios para uma proposta pedagógica.
- 23 - CARRADORE, Vânia Maria. Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão.
- 28 - VACCARI, Vera Lucia. Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.
- 31 - DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.

32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.

35 - NEVES, Sinara Mota. Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS: subsídios para uma prática educativa.

36 - PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luís do Maranhão.

37 - PROVENZI, Neila Ana. Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica.

42 - WUO, Moacir. Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.

60 - QUINTANA, Eduardo. A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?

61 - SILVA, Amélia Maria Rodrigues. Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS.

62 - SIROMA, Valdir Shigueiro. Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS.

63 - VIANA, Francisco José Machado. A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais.

## APÊNDICE F – Conceituação de Educação e Orientação Sexual.

### Educação Sexual

---

01 - CARVALHO, Mauro Giffoni de. Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.

02 - FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social.

06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.

08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.

09 - MEDEIROS, Selma Zelandra. Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.

10 - NUNES, Maria José. A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.

17 - MATTOS, Miriam. Educação sexual na escola: intenções e concepções.

18 - NEVES, Denise Carmen de Andrade. A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.

26 - SANTOS, Vera Márcia Marques. A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

33 - FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes.

34 - NEVES, Simone Rodrigues. Avaliação em projetos de educação sexual: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública.

- 37 - PROVENZI, Neila Ana. Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica.
- 43 - ADOLPH, Cláudio Fernando. A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.
- 44 - ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro.
- 45 - ANDRADE, Cristiane Pinto. Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.
- 46 - BORGES, Dóris. Adolescência e sexualidade na escola: na fala de alunos e professores.
- 47 - BRAGA, Denise da Silva. A Sexualidade no currículo da escola fundamental - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte.
- 48 - BRITO, Ana Maria Mello da Silva. A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual.
- 50 - CORRÊA, Carmen Izaura Molina. Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.
- 53 - FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.
- 58 - NOVENA, Nádia Patrícia. A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.
- 60 - QUINTANA, Eduardo. A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?
- 62 - SIROMA, Valdir Shigueiro. Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS.
- 63 - VIANA, Francisco José Machado. A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais.

## Orientação Sexual

---

- 03 - FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido.
- 04 - GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.
- 07 - IOSSI, Marta Angélica. Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.
- 11 - SILVA, Tânia Maria da. Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?
- 15 - GIMENES, Valéria Cristina. A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.
- 19 - PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.
- 21 - SOUZA, Laí Claudete de. Gravidez na adolescência: subsídios para uma proposta pedagógica.
- 23 - CARRADORE, Vânia Maria. Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão.
- 24 - MELLO, Renata Cardillo Homem de. Orientação sexual na adolescência: primeiras reflexões.
- 25 - PINTO, Enio Brito. Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.
- 27 - SILVA, Kátia Krepsky Valladares. Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.
- 28 - VACCARI, Vera Lucia. Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.

- 30 - CORREA, Lisete Bertotto. A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.
- 32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.
- 35 - NEVES, Sinara Mota. Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS: subsídios para uma prática educativa.
- 40 - ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.
- 49 - CARDOSO, Elisete Furtado. Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental.
- 52 - COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais.
- 55 - GARCIA, Antonio Miguel. A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.
- 57 - MARIUZZO, Terezinha. Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.

#### Educação Sexual = Orientação Sexual

---

- 14 - DUARTE, Josmar Barreto. Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.
- 22 - TONATTO, Suzinara. Adolescência "corpo e alma": abordando um tema transversal na educação formal.
- 31 - DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.
- 36 - PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luís do Maranhão.

Não identificado

---

- 05 - GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.
- 12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.
- 13 - DORNELLES, Susana de Almeida. Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.
- 16 - LOIOLA, Luis Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
- 20 - SANTOS, Terezinha Marli dos. Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio.
- 29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.
- 38 - RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Menino-macho e menina-fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba.
- 39 - RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.
- 41 - STUMPF, Débora Karine. As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.
- 42 - WUO, Moacir. Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.
- 51 - COUTINHO, Marta Maria Telles. As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.
- 54 - FLORES, Aida Mair Prado. Sexualidade: representações de professores do ensino médio.
- 56 - GIONGO, Ana Laura. O Ficar e sua função na adolescência - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre.
- 59 - OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais.



61 - SILVA, Amélia Maria Rodrigues. Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS.

64 - VIEIRA, Rosangela Steffen. Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

## APÊNDICE G – Áreas do conhecimento.

### Educação

---

- 03 - FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido.
- 04 - GALLACHO, Jane Cruz. A Orientação sexual em um trabalho integrado de educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.
- 06 - GUIMARÃES, Ranilce Mascarenhas. A Educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência.
- 08 - MARTINS, João Carlos. A Educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar.
- 11 - SILVA, Tânia Maria da. Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?
- 12 - VELOSO, Maria Rosângela da Rocha. Preditores do "uso da camisinha" no âmbito escolar: uma aplicação da Teoria da Ação Racional.
- 13 - DORNELLES, Susana de Almeida. Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.
- 14 - DUARTE, Josmar Barreto. Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.
- 15 - GIMENES, Valéria Cristina. A Escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais.
- 16 - LOIOLA, Luis Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
- 17 - MATTOS, Miriam. Educação sexual na escola: intenções e concepções.

- 18 - NEVES, Denise Carmen de Andrade. A Relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da UFG.
- 19 - PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia. Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de orientação sexual no ensino fundamental: um diagnóstico.
- 20 - SANTOS, Terezinha Marli dos. Os Conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do ensino médio.
- 21 - SOUZA, Laí Claudete de. Gravidez na adolescência: subsídios para uma proposta pedagógica.
- 23 - CARRADORE, Vânia Maria. Adolescência, aids e educação escolar: elementos para reflexão.
- 26 - SANTOS, Vera Márcia Marques. A Formação do educador frente à violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes.
- 27 - SILVA, Kátia Krepsky Valladares. Sexualidade: professor que cala nem sempre consente.
- 29 - ALVES, Vera Lúcia Mayorca. Escola, Literatura e Sexualidades.
- 30 - CORREA, Lisete Bertotto. A Exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.
- 31 - DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.
- 33 - FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes.
- 35 - NEVES, Sinara Mota. Conhecimento de pais, alunos e professores sobre DST/AIDS: subsídios para uma prática educativa.
- 36 - PAUCAR, Lilian Mery Olivera de. Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luís do Maranhão.
- 37 - PROVENZI, Neila Ana. Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica.
- 39 - RODRIGUES, Fábio Rogério da Silva. O Currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do ensino fundamental.

- 41 - STUMPF, Débora Karine. As Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.
- 43 - ADOLPH, Cláudio Fernando. A Participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente.
- 46 - BORGES, Dóris. Adolescência e sexualidade na escola: na fala de alunos e professores.
- 47 - BRAGA, Denise da Silva. A Sexualidade no currículo da escola fundamental - travessões e reticências sobre a homossexualidade nos discursos e nas atividades em uma escola em Belo Horizonte.
- 49 - CARDOSO, Elisete Furtado. Práticas pedagógicas de orientação sexual de professores do ensino fundamental.
- 50 - CORRÊA, Carmen Izaura Molina. Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos.
- 51 - COUTINHO, Marta Maria Telles. As Representações sociais que professores apresentam acerca do que avaliam ser as representações sociais de sexualidade de alunos do ensino fundamental de escolas públicas.
- 54 - FLORES, Aida Mair Prado. Sexualidade: representações de professores do ensino médio.
- 55 - GARCIA, Antonio Miguel. A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.
- 57 - MARIUZZO, Terezinha. Formação de professores e orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada em nossas escolas.
- 59 - OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira. Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais.
- 60 - QUINTANA, Eduardo. A Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?
- 64 - VIEIRA, Rosangela Steffen. Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

## Psicologia

---

- 02 - FERREIRA, Mariza Spanghero. Gravidez na adolescência: uma construção social.
- 22 - TONATTO, Suzinara. Adolescência "corpo e alma": abordando um tema transversal na educação formal.
- 24 - MELLO, Renata Cardillo Homem de. Orientação sexual na adolescência: primeiras reflexões.
- 42 - WUO, Moacir. Aids na escola: os contextos e as representações sociais de estudantes de ensino médio.
- 56 - GIONGO, Ana Laura. O Ficar e sua função na adolescência - um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre.

## Saúde

---

- 05 - GAMA, Aurelice Pires. Avaliação do material pedagógico-educativo produzido pela Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde na prevenção das DST e AIDS.
- 07 - IOSSI, Marta Angélica. Aprender brincando: a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual.
- 10 - NUNES, Maria José. A Sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis para o adolescente.
- 28 - VACCARI, Vera Lucia. Saúde sexual, escolas promotoras de saúde e relações de gênero: representações de adolescentes sobre masculinidades e feminilidades.
- 34 - NEVES, Simone Rodrigues. Avaliação em projetos de educação sexual: um estudo sobre avaliações em projetos sócio-educativos desenvolvidos com adolescentes em uma escola pública.
- 61 - SILVA, Amélia Maria Rodrigues. Sexualidade na adolescência: implicações para a prevenção da infecção pelo HIV/AIDS.

62 - SIROMA, Valdir Shigueiro. Contribuição para o uso racional de contracepção pelas alunas adolescentes de Campo Grande/MS.

63 - VIANA, Francisco José Machado. A Prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais.

### Sexologia

---

48 - BRITO, Ana Maria Mello da Silva. A obra de Chico Buarque de Holanda como instrumento de apoio nas aulas de educação sexual.

53 - FIGUEIREDO, Maria Lúcia do Couto. A Educação sexual e a literatura paradidática para alunos do ensino médio de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro.

### Ciências Sociais e Serviço Social

---

32 - FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. A Gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de educação e saúde.

38 - RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Menino-macho e menina-fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica-Ba.

### Sociologia e Antropologia

---

40 - ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual.

44 - ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. Formação e estratégia de discursos sobre sexualidade nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

58 - NOVENA, Nádia Patrícia. A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.

## Ensino, Filosofia e História das Ciências

---

45 - ANDRADE, Cristiane Pinto. Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas em livros didáticos, paradidáticos de ciências e biologia.

52 - COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de biologia do ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais.

## Outras

---

01 - CARVALHO, Mauro Giffoni de. Educação, comunicação e sexualidade: a realidade engendrada na escola.

09 - MEDEIROS, Selma Zelandra. Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa.

25 - PINTO, Enio Brito. Orientação sexual na escola e religião: um encontro não confessado.

### APÊNDICE H – Quadro síntese das análises.

Cultura organ. escolar	Abordagem	Eixo temático	Conceito de Educ. / Orient. Sexual	Área do conhecimento	Nº de referência
Cultura escolar	Não identificada	Gravidez e saúde sexual/reprodutiva	Não identificado	Outros	01
Cultura da escola	Pós-estrut. e Queer	Formação docente	Educ. Sexual = Orient. Sexual	Ens., Filos. e Hist. Das ciências	02
Cultura na escola	Emancipatória	Identidade e diversidade sexual	Orientação Sexual	Sociologia e Antropologia	03
	Pedagógica	Represent., concep. e práticas	Educação Sexual	Ciências Sociais e Serviço Social	04
	Religiosa	Políticas, currículo e discursos		Sexologia	05
	Médico-Biologista			Saúde	06
				Psicologia	07
				Educação	







Outros																	
Ens., Filos. e Hist. Das ciências				x						x							
Sociologia e Antropologia			x												x		
Ciências Sociais e Serviço Social																	
Sexologia										x							
Saúde																	
Psicologia	x													x			
Educação		x		x	x			x	x	x			x	x	x		
Não identificado	x								x				x				
Educ. Sexual = Orient. Sexual																	
Orientação Sexual									x				x		x		
Educação Sexual		x	x	x	x	x		x		x					x		
Gravidez e saúde sexual/reprodutiva	x																
Formação docente										x					x		
Identidade e diversidade sexual			x		x					x							
Represent., concep. e práticas					x				x			x	x	x	x		
Políticas, currículo e discursos			x					x		x							
Não identificada	x	x	x	x					x					x	x	x	
Pós-estrut. e Queer																	
Emancipatória					x												
Pedagógica													x	x			
Religiosa																	
Médico-Biologista									x								
Cultura escolar																	
Cultura da escola			x														
Cultura na escola	x			x	x				x					x		x	
Nº de referência	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58

Outros							3
Ens., Filos. e Hist. Das ciências							2
Sociologia e Antropologia							3
Ciências Sociais e Serviço Social							2
Sexologia							2
Saúde			x	x	x		8
Psicologia							5
Educação	x	x				x	39
Não identificado	x		x			x	16
Educ. Sexual = Orient. Sexual							4
Orientação Sexual							20
Educação Sexual		x		x	x		24
Gravidez e saúde sexual/reprodutiva		x	x	x	x		22
Formação docente							7
Identidade e diversidade sexual							7
Represent., concep. e práticas	x					x	18
Políticas, currículo e discursos							15
Não identificada	x					x	29
Pós-estrut. e Queer							4
Emancipatória							4
Pedagógica		x					13
Religiosa							1
Médico-Biologista			x	x	x		13
Cultura escolar							11
Cultura da escola							10
Cultura na escola	x	x	x	x	x	x	43
Nº de referência	59	60	61	62	63	64	Total